

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA**

**INFLUÊNCIA DO SUBLINHADO
NA PRODUÇÃO DE
RESUMOS INFORMATIVOS**

por:

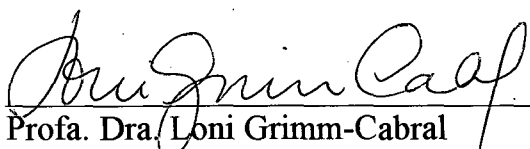
FÁBIO JOSÉ RAUEN

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Lingüística do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Letras.

**FLORIANÓPOLIS
1996**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do grau de Doutor em Letras/Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de agosto de 1996.

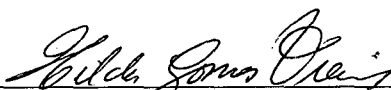


Profa. Dra. Loni Grimm-Cabral
Coordenadora do Curso de
Pós-Graduação em Letras/Linguística

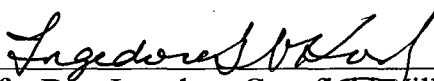


Profa. Dra. Hilda Gomes Vieira,
Orientadora

Banca Examinadora



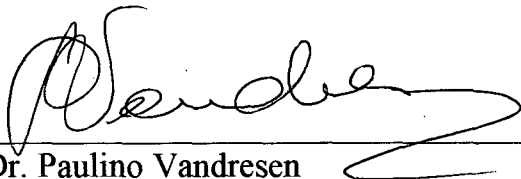
Profa. Dra. Hilda Gomes Vieira
Presidente



Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaca-Koch



Profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira



Prof. Dr. Paulino Vandresen



Prof. Dr. Pedro de Souza

Dedicatórias

Veridiane e

Bárbara

Este trabalho é de vocês

Agradecimentos

Os agradecimentos institucionais cabem:

ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da
Universidade Federal de Santa Catarina;
ao Campus de Mafra-SC da
Universidade do Contestado (em acompanhamento);
ao Programa PICD/ACAFE/CAPES

Os agradecimentos especiais se dirigem:

à Prof^a Dr^a Hilda Gomes Vieira,
pelo estímulo incansável e dedicada orientação;
à Prof^a Dr^a Maria Marta Furlanetto,
pela valorosa co-orientação;
à Prof^a Dr^a Loni Grimm Cabral,
pelo prestimoso apoio no início desta pesquisa;
às Prof^{as} e amigas
Luciene Claudete Espíndola,
Albertina Felisbino Vitoretti
e Dr^a Maria da Graça Albino,
pelo companheirismo e apoio;
A todos que direta ou indiretamente
auxiliaram na elaboração deste documento.

Sumário

LISTAS.....	ix
LISTA DE ESQUEMAS	ix
LISTA DE GRÁFICOS	ix
LISTA DE QUADROS	x
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE SÍMBOLOS.....	xii
RESUMO	xiv
ABSTRACT	xv
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	1
1.2 COLOCAÇÃO DO PROBLEMA	3
1.3 TAREFAS ESPECÍFICAS.....	4
1.3.1 Adequabilidade do sublinhamento	4
1.3.2 Estratégias de paraconstrução.....	4
1.3.3 Forma do sublinhamento	5
1.4 DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO DE TESE	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
2.1 TEXTUALIDADE	7
2.1.1 Documento e discurso.....	7
2.1.2 Coesão e coerência.....	11
2.1.3 As meta-estratégias.....	14
2.1.4 Objetividade do documento científico	15
2.1.5 Características do documento científico.....	16
2.1.6 Artigos de divulgação científica.....	17
2.2 SUBLINHADO E RESUMO	19
2.2.1 As marcas do leitor.....	19
2.2.2 O sublinhado	21
2.2.3 O esquema.....	22
2.2.4 O resumo	23
2.2.4.1 Características.....	23
2.2.4.2 Resumo: construção palimpsesta.....	23
2.2.4.3 Como elaborar um resumo informativo.....	26
2.2.4.3.1 Perspectiva tradicional.....	26
2.2.4.3.2 Perspectiva de PORTINE (1983).....	26

2.3 LEITURA.....	28
2.3.1 <i>Leitura e compreensão</i>	28
2.3.2 <i>Operações cognitivas e metacognitivas</i>	30
2.3.3 <i>Modelos cognitivos</i>	30
2.3.4 <i>Falhas de compreensão</i>	31
2.3.5 <i>Leitura e estudo</i>	33
2.3.6 <i>Compreensão e resumo</i>	33
2.3.7 <i>Redução semântica</i>	34
2.3.8 <i>Condições da tarefa</i>	36
3. OS ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO.....	39
3.1 ELEMENTOS DE TRABALHO.....	39
3.1.1 <i>Elementos de segmentação dos documentos</i>	39
3.1.2 <i>Critérios centrais de sublinhamento</i>	40
3.1.3 <i>Vínculos coesivos</i>	42
3.1.4 <i>Coesão lexical: itens lexicais chaves</i>	43
3.1.5 <i>Artigos de “Ciência Hoje”: padronização</i>	44
3.1.6 <i>Relações clausais</i>	46
3.1.7 <i>Modelo de Toulmin (1958)</i>	46
3.1.8 <i>Critério secundário: forma do sublinhamento</i>	47
3.2 O SUBLINHADO.....	47
3.2.1 <i>Os documentos de origem</i>	48
3.2.2 <i>Análise integral do documento 3: “AIDS”</i>	49
3.2.2.1 <i>Bloco 1: elementos circunstanciadores</i>	50
3.2.2.2 <i>Versão “A”: bloco 1</i>	55
3.2.2.3 <i>Bloco 2: perspectivas para a vacina anti-HIV/AIDS</i>	56
3.2.2.3.1 <i>Sub-bloco: patogenia do HIV/AIDS</i>	58
3.2.2.3.2 <i>Sub-bloco: variabilidade do vírus HIV</i>	65
3.2.2.3.3 <i>Sub-bloco: “resposta imune”</i>	60
3.2.2.3.4 <i>Sub-bloco: “teoria Salk”</i>	62
3.2.2.4 <i>Versão “A”: bloco 2</i>	66
3.2.2.5 <i>Versão “D”: sublinhamento inadequado</i>	69
3.2.2.6 <i>Padrão de distribuição das sentenças nas 4 versões</i>	71
3.2.2.7 <i>A forma do sublinhado</i>	72
3.2.2.7.1 <i>Sublinhamento lexical</i>	72
3.2.2.7.2 <i>Sublinhamento clausal</i>	73
4. METODOLOGIA.....	75
4.1 O EXPERIMENTO.....	75
4.1.1 <i>o “design” experimental</i>	75
4.1.2 <i>As informantes</i>	76
4.1.3 <i>Descrição do experimento</i>	77
4.1.4 <i>Análise do experimento</i>	78
4.1.4.1 <i>Nível de dificuldade dos textos</i>	78
4.1.4.2 <i>Tempo dispendido</i>	78
4.1.4.3 <i>Estratégias de elaboração dos resumos informativos</i>	79
4.1.4.4 <i>Compreensão dos artigos</i>	80
4.1.4.5 <i>Reações diante do sublinhado</i>	81
4.2 A ANÁLISE.....	82
4.2.1 <i>Emparelhamento das sentenças</i>	82
4.2.2 <i>As hipóteses de trabalho</i>	85
4.2.2.1 <i>Adequabilidade do sublinhado</i>	86
4.2.2.2 <i>Estratégias de paraconstrução</i>	87
4.2.2.3 <i>Forma do sublinhado</i>	87
5. ANÁLISE DOS DOCUMENTOS DE RESUMO.....	89
5.1 ANÁLISE INTEGRAL DE UM DOCUMENTO.....	89
5.1.1 <i>Apresentação do documento</i>	89
5.1.2 <i>Análise sentença a sentença</i>	90
5.1.3 <i>Análise argumentativo-organizacional</i>	99
5.1.4 <i>Análise geral</i>	103

5.2 RESUMOS A PARTIR DO ARTIGO “AIDS”	104
5.2.1 Informante 1, tarefa 3, versão “B”	104
5.2.2 Informante 2, tarefa 4, versão “B”	105
5.2.3 Informante 4, tarefa 2, versão “C”	106
5.2.4 Informante 5, tarefa 3, versão “D”	108
5.2.5 Comentário remissivo	109
5.3 RESUMOS A PARTIR DO ARTIGO “ESTRESSE”	110
5.3.1 Resumo a partir das sentenças centrais	110
5.3.2 Informante 2, tarefa 2, versão “A”	111
5.3.3 Informante 5, tarefa 1, versão “B”	113
5.3.4 Informante 1, tarefa 1, versão “C”	113
5.3.5 Informante 4, tarefa 4, versão “D”	114
5.3.6 Informante 3, tarefa 3, versão “D”	116
5.3.7 Comentário Remissivo	117
5.4 RESUMOS A PARTIR DO ARTIGO “SOLO”	117
5.4.1 Resumo a partir das sentenças centrais	117
5.4.2 Informante 1, tarefa 4, versão “A”	119
5.4.3 Informante 4, tarefa 3, versão “A”	120
5.4.4 Informante 3, tarefa 2, versão “B”	121
5.4.5 Informante 5, tarefa 2, versão “C”	122
5.4.6 Informante 2, tarefa 1, versão “D”	123
5.4.7 Comentário remissivo	124
5.5 RESUMOS A PARTIR DO ARTIGO “VOTO”	124
5.5.1 Resumo a partir das sentenças centrais	124
5.5.2 Informante 5, tarefa 4, versão “A”	126
5.5.3 Informante 4, tarefa 1, versão “B”	127
5.5.4 Informante 3, tarefa 4, versão “C”	128
5.5.5 Informante 2, tarefa 3, versão “C”	129
5.5.6 Informante 1, tarefa 2, versão “D”	130
5.5.7 Comentário remissivos	131
6. ANÁLISE GERAL	132
6.1 INFLUÊNCIA DO SUBLINHADO	132
6.1.1 Hipótese geral	132
6.1.2 Adequabilidade do sublinhado	134
6.2 ESTRATÉGIAS DE PARACONSTRUÇÃO	138
6.2.1 Análise geral	138
6.2.2 Exemplos de estratégias de paraconstrução	140
6.2.2.1 Citação	141
6.2.2.2 Cópia acrescida de apagamento(s)	141
6.2.2.3 Paráfrase simples	143
6.2.2.3.1 Alteração Lexical	143
6.2.2.3.2 Alteração sintática	146
6.2.2.4 Paráfrase complexa	150
6.2.2.5 Construção	151
6.2.2.6 Criação	152
6.3 INFLUÊNCIA DA FORMA DO SUBLINHADO	153
6.3.1 Sublinhado integral	154
6.3.2 Sublinhado clausal	154
6.3.3 Sublinhado lexical	156
7. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	159
7.1 A PESQUISA	159
7.2 OS RESULTADOS	165
7.2.1 Análise descritiva	165
7.2.2 As hipóteses	166
7.3 DISCUSSÃO	169

8. ANEXOS	173
8.1 "O ESTRESSE E AS DOENÇAS"	173
8.2 "ESTUDOS DO SOLO REVELAM ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS DA AMAZÔNIA"	176
8.3 "PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE VACINAS CONTRA A AIDS"	179
8.4 "ATRÁS DO VOTO"	183
8.5 DOCUMENTO DE TRANSCRIÇÃO DOS RESUMOS	187
8.6 TIPOS DE RESUMO	188
8.7 DOCUMENTO DE AVALIAÇÃO DO EXPERIMENTO	189
8.8 TABELAS DO EXPERIMENTO: SUBLINHADO	191
8.9 TABELAS DO EXPERIMENTO: ESTRATÉGIAS	194
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196

Listas

Lista de esquemas

ESQUEMA 2.1 - MOMENTOS DE ASSIMILAÇÃO DA TECNOLOGIA DE REIFICAÇÃO:	10
ESQUEMA 2.2 - DIAL DE CONSENSUALIDADE:	12
ESQUEMA 2.3 - DOCUMENTO DE ORIGEM (ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE “CIÊNCIA HOJE”):	25
ESQUEMA 2.4 - DOCUMENTO DE BASE (FOTOCÓPIA DOS ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE “CIÊNCIA HOJE ACRESCIDO DE SUBLINHAMENTO:	25
ESQUEMA 2.5 - DOCUMENTO DE RESUMO EM FUNÇÃO DO DOCUMENTO DE BASE:	25
ESQUEMA 3.1 - ORGANIZAÇÃO DE UMA ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE “CIÊNCIA HOJE”, CONFORME SILVEIRA (1990A):	45
ESQUEMA 3.2 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DAS SENTENÇAS 28-32:	54
ESQUEMA 3.3 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DO 2º BLOCO DE SENTENÇAS:	57
ESQUEMA 3.4 - EMPARELHAMENTO TÍTULO VS SENTENÇA [37]	57
ESQUEMA 3.5 - SUB-BLOCO “VARIABILIDADE DO VÍRUS HIV”	59
ESQUEMA 3.6 - SUB-BLOCO: “RESPOSTA IMUNE”:	61
ESQUEMA 3.7 - SUB-BLOCO: “TEORIA SALK”:	63
ESQUEMA 3.8 - VERSÃO “A”: BLOCO 2	66
ESQUEMA 4.1 - AS HIPÓTESES DE TRABALHO	85

Lista de gráficos

GRÁFICO 6.1 - PERCENTUAIS MÉDIOS DE UTILIZAÇÃO DE DADOS LINGÜÍSTICOS DAS SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS DOS DOCUMENTOS DE BASE NA ELABORAÇÃO DAS SENTENÇAS DE RESUMO CONFORME AS VERSÕES DE SUBLINHADO:	136
GRÁFICO 6.2 - PERCENTUAIS MÉDIOS DE UTILIZAÇÃO DE DADOS LINGÜÍSTICOS DAS SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS SUBLINHADAS E DE SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS NÃO-SUBLINHADAS DOS DOCUMENTOS DE BASE NA ELABORAÇÃO DAS SENTENÇAS DE RESUMO CONFORME AS VERSÕES DE:	137

Lista de quadros

QUADRO 2.1 - CARACTERÍSTICAS DOS DOCUMENTOS EXPOSITIVOS E ARGUMENTATIVOS CONFORME AS DIMENSÕES PRAGMÁTICA, ESQUEMÁTICA GLOBAL E LINGÜÍSTICA DE SUPERFÍCIE	17
QUADRO 2.2 - CARACTERÍSTICAS DOS 4 TIPOS DE RESUMO	24
QUADRO 2.3 - ESTRATÉGIAS E RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÕES A PARTIR DAS MACRO-ESTRATÉGIAS	36
QUADRO 3.1 - QUANTIDADE E PERCENTUAL DOS TIPOS DE SENTENÇAS CONFORME OS QUATRO ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE “CIÊNCIA HOJE” AMOSTRADOS PARA O EXPERIMENTO	48
QUADRO 3.2 - PADRÃO DE DISTRIBUIÇÃO DE SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS NAS QUATRO VERSÕES DE DOCUMENTOS DE BASE DOS QUATRO ARTIGOS DE “CIÊNCIA HOJE” AMOSTRADOS:	49
QUADRO 3.3 - QUANTIDADE DE SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS DOS QUATRO ARTIGOS DE “CIÊNCIA HOJE” CONFORME AS FORMAS DE SUBLINHAMENTO:	49
QUADRO 3.4 - ANÁLISE ARGUMENTATIVA DAS SENTENÇAS 10-12:	51
QUADRO 3.5 - ANÁLISE ARGUMENTATIVA DAS SENTENÇAS 13-14 E 16-17:	52
QUADRO 3.6 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DAS SENTENÇAS 33-36:	55
QUADRO 3.7 - DADO DO ARGUMENTO CENTRAL:	57
QUADRO 3.8 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DAS SENTENÇAS 38-39:	58
QUADRO 3.9 - DADO DE ENTRADA DO SUB-BLOCO “VARIABILIDADE DO VÍRUS HIV”	58
QUADRO 3.10 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DAS SENTENÇAS 41-43:	58
QUADRO 3.11 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DAS SENTENÇAS 44-52:	59
QUADRO 3.12 - CONCLUSÃO DO SUB-BLOCO “VARIABILIDADE DO VÍRUS HIV”:	60
QUADRO 3.13 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DAS SENTENÇAS 55-69:	61
QUADRO 3.14 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DAS SENTENÇAS DO ARGUMENTO DE SUPORTE DO DADO 2 DA CONCLUSÃO DO ARGUMENTO CENTRAL DO SUB-BLOCO DA “RESPOSTA IMUNE”:	62
QUADRO 3.15 - DADO DO SUB-BLOCO DA “TEORIA SALK”:	63
QUADRO 3.16 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DAS PREMISSAS DO SUB-BLOCO DA “TEORIA SALK, SENTENÇAS 71-77:	64
QUADRO 3.17 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DA CONCLUSÃO DO SUB-BLOCO DA “RESPOSTA IMUNE”, SENTENÇAS 78-81:	64
QUADRO 3.18 - ANÁLISE ARGUMENTATIVO-ORGANIZACIONAL DAS SENTENÇAS 82-91:	65
QUADRO 3.19 - CONCLUSÃO DO ARGUMENTO PRINCIPAL:	65
QUADRO 3.20 - PADRÃO DE DISTRIBUIÇÃO DAS SENTENÇAS NAS 4 VERSÕES DE SUBLINHAMENTO:	71
QUADRO 4.1 - PADRÃO DE DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS PARA AS INFORMANTES DE PESQUISA 76	
QUADRO 4.2 - TEMPO DISPENDIDO PELAS INFORMANTES EM CADA TAREFA:	79
QUADRO 4.3 - EXEMPLIFICAÇÃO DE EMPARELHAMENTO DE SENTENÇAS DE BASE E DE RESUMO	82
QUADRO 4.4 - GRADAÇÃO DA INFLUÊNCIA DO SUBLINHADO NA ELABORAÇÃO DOS DOCUMENTOS DE RESUMO EM FUNÇÃO DA RAZÃO OBTIDA ENTRE O PERCENTUAL DE UTILIZAÇÃO DE SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS SUBLINHADAS E NÃO-SUBLINHADAS:	86
QUADRO 5.1 - EMPARELHAMENTO 1:	91
QUADRO 5.2 - EMPARELHAMENTO 2:	91
QUADRO 5.3 - EMPARELHAMENTO 3:	92
QUADRO 5.4 - EMPARELHAMENTO 4:	93
QUADRO 5.5 - EMPARELHAMENTO 5:	93
QUADRO 5.6 - EMPARELHAMENTO 6:	94
QUADRO 5.7 - EMPARELHAMENTO 7:	94
QUADRO 5.8 - EMPARELHAMENTO 8:	94
QUADRO 5.9 - EMPARELHAMENTO 9:	95
QUADRO 5.10 - EMPARELHAMENTO 10:	95
QUADRO 5.11 - EMPARELHAMENTO 11:	95
QUADRO 5.12 - EMPARELHAMENTO 12:	96
QUADRO 5.13 - EMPARELHAMENTO 13:	96

QUADRO 5.14 - EMPARELHAMENTO 14:	97
QUADRO 5.15 - EMPARELHAMENTO 15:	97
QUADRO 5.16 - EMPARELHAMENTO 16:	97
QUADRO 5.17 - EMPARELHAMENTO 17:	98
QUADRO 5.18 - EMPARELHAMENTO 18:	98
QUADRO 5.19 - EMPARELHAMENTO 19:	99
QUADRO 5.20 - FREQUÊNCIA DE SENTENÇAS CENTRAIS SUBLINHADAS, INTERMEDIÁRIAS E PERIFÉRICAS NÃO-SUBLINHADAS NA VERSÃO “A” DO DOCUMENTO DE BASE “AIDS” E FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE UTILIZAÇÃO DAS REFERIDAS SENTENÇAS NO DOCUMENTO DE RESUMO DA INFORMANTE “3” EM SUA PRIMEIRA TAREFA:	103
QUADRO 5.21 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DAS ESTRATÉGIAS DE PARACONSTRUÇÃO UTILIZADAS PELA INFORMANTE “3” A PARTIR DA VERSÃO “A” DO DOCUMENTO DE BASE “AIDS”:	103

Lista de tabelas

TABELA 6.1 - CLASSIFICAÇÃO DA INFLUÊNCIA DO SUBLINHADO NA ESCOLHA DOS DADOS LINGÜÍSTICOS DAS SENTENÇAS DE BASE UTILIZADOS NA ELABORAÇÃO DAS SENTENÇAS DE RESUMO:	133
TABELA 6.2 - FREQUÊNCIA DAS SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS SUBLINHADAS, INTERMEDIÁRIAS E CENTRAIS E PERIFÉRICAS NÃO-SUBLINHADAS DOS DOCUMENTOS DE BASE E DOS DOCUMENTOS DE RESUMO; E, PERCENTUAL DE UTILIZAÇÃO DOS DADOS LINGÜÍSTICOS DAS SENTENÇAS DE BASE PELAS SENTENÇAS DE RESUMO:	133
TABELA 6.3 - FREQUÊNCIA DE TODAS AS CATEGORIAS DE SENTENÇAS NOS DOCUMENTOS DE BASE E NOS DOCUMENTOS DE RESUMO E PERCENTUAL DE UTILIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE SENTENÇAS DOS DOCUMENTOS DE BASE NOS DOCUMENTOS DE RESUMO:	134
TABELA 6.4 - MÉDIA DOS PERCENTUAIS DE UTILIZAÇÃO DE DADOS LINGÜÍSTICOS DAS SENTENÇAS CENTRAIS, INTERMEDIÁRIAS E PERIFÉRICAS DOS DOCUMENTOS DE BASE NA ELABORAÇÃO DAS SENTENÇAS DOS DOCUMENTOS DE RESUMO EM FUNÇÃO DAS VERSÕES DE SUBLINHADO:	135
TABELA 6.5 - RAZÕES OBTIDAS ENTRE OS PERCENTUAIS DE UTILIZAÇÃO DE SENTENÇAS CENTRAIS E DE SENTENÇAS PERIFÉRICAS DOS DOCUMENTOS DE BASE NA ELABORAÇÃO DOS DOCUMENTOS DE RESUMO, CONFORME AS VERSÕES DE SUBLINHADO, ACRESCIDAS DE CLASSIFICAÇÃO DE INFLUÊNCIA DA ‘ADEQUABILIDADE DAS SENTENÇAS’:	136
TABELA 6.6 - MÉDIA DOS PERCENTUAIS DE UTILIZAÇÃO DE DADOS LINGÜÍSTICOS DAS SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS SUBLINHADAS, INTERMEDIÁRIAS E CENTRAIS E PERIFÉRICAS NÃO-SUBLINHADAS DOS DOCUMENTOS DE BASE NA ELABORAÇÃO DAS SENTENÇAS DOS DOCUMENTOS DE RESUMO EM FUNÇÃO DAS VERSÕES DE SUBLINHADO:	137
TABELA 6.7 - RAZÕES OBTIDAS ENTRE OS PERCENTUAIS DE UTILIZAÇÃO DE SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS SUBLINHADAS E DE SENTENÇAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS NÃO-SUBLINHADAS DOS DOCUMENTOS DE BASE NA ELABORAÇÃO DOS DOCUMENTOS DE RESUMO, CONFORME AS VERSÕES DE SUBLINHADO, ACRESCIDAS DE CLASSIFICAÇÃO DE INFLUÊNCIA DO ‘SUBLINHADO DAS SENTENÇAS’:	137
TABELA 6.8 - FREQUÊNCIA DAS RELAÇÕES DE EMPARELHAMENTO ENTRE AS SENTENÇAS DE RESUMO E AS SENTENÇAS DE BASE EM FUNÇÃO DAS RELAÇÕES DE EXTENSÃO LINEAR ENTRE AS REFERIDAS SENTENÇAS:	139
TABELA 6.9 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE UTILIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE PARACONSTRUÇÃO NA ELABORAÇÃO DAS SENTENÇAS DE RESUMO:	140
TABELA 6.10 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL MÉDIO DE UTILIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE PARACONSTRUÇÃO AGRUPADAS NAS CATEGORIAS DE “CÓPIA ACRESCIDA OU NÃO DE APAGAMENTO(S) E/OU PARÁFRASE(S) SIMPLES E DE “PARÁFRASEAMENTO COMPLEXO (PARÁFRASE COMPLEXA E CONSTRUÇÃO”:	140
TABELA 6.11 - FREQUÊNCIA DAS CATEGORIAS DE “COMPRESSÃO”, “MANUTENÇÃO” E “EXPANSÃO” DA LINEARIDADE LINGÜÍSTICA DAS SENTENÇAS DE BASE UTILIZADAS PELAS SENTENÇAS DE RESUMO, CONFORME AS FORMAS DE SUBLINHADO, “INTEGRAL”, “CLAUSAL” E “LEXICAL”:	154

TABELA 6.12 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE SENTENÇAS PARACONSTRUÍDAS A PARTIR DA CONSIDERAÇÃO OU DESCONSIDERAÇÃO DE CONSTITUINTES NÃO-SUBLINHADOS DE SENTENÇAS COM SUBLINHADO CLAUSAL:	155
TABELA 6.13 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE SENTENÇAS PARACONSTRUÍDAS A PARTIR DO PREENCHIMENTO OU NÃO DAS LACUNAS INTERLEXICAIS NÃO-SUBLINHADAS DE SENTENÇAS COM SUBLINHADO LEXICAL:	156
TABELA 8.1 - DISTRIBUIÇÃO DAS CATEGORIAS DE SENTENÇAS NOS DOCUMENTOS DE BASE:	191
TABELA 8.2 - DISTRIBUIÇÃO DAS CATEGORIAS DE SENTENÇAS NOS DOCUMENTOS DE RESUMO:	192
TABELA 8.3 - PERCENTUAL DE UTILIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE SENTENÇAS DOS DOCUMENTOS DE BASE NA ELABORAÇÃO DOS DOCUMENTOS DE RESUMO:	193
TABELA 8.4 - FREQUÊNCIA DAS ESTRATÉGIAS DE PARACONSTRUÇÃO NOS DOCUMENTOS DE RESUMO:	194
TABELA 8.5 - PERCENTUAIS DAS ESTRATÉGIAS DE PARACONSTRUÇÃO NOS DOCUMENTOS DE RESUMO:	195

Lista de símbolos e abreviaturas

Capítulo 2

E = enunciador
A = auditório
Doc = Documento

Capítulo 3

Organização dos artigos de divulgação:

DDC = Discurso de Divulgação Científica
Su = Sumário
M = Manchete
TII = Texto Introdutório do Índice
TIA = Texto Introdutório do Artigo
RCN = Relato Científico Noticioso
E = Episódio
Cs = Comentários
As = Acontecimentos
Kõs/R = Consequências e Reações
AP = Acontecimento Principal
Ants = Antecedentes
Apr = Apresentação
C/E = Conflito/Enigma
R = Resolução
Circs = Circunstâncias
CT = Contexto
EP = Evento Prévio
H = História
Exps = Expectativas
Avs = Avaliações
Sugs = Sugestões
E/A = Eventos/Atos
RV = Reações Verbais

Modelo de Toulmin (1958) e Esquemas

A = Argumento
D = Dado

P = Premissa
 C = Conclusão
 d = dados de argumentos menores
 p = premissas de argumentos menores
 c = conclusão de argumentos menores
 M = Modalizador
 R = Refutação
 S = Suporte
 [número a, b, c] = parte a, b, c de uma sentença
 [número] = número da sentença
 \Downarrow = relações entre sentenças

capítulo 4

"+" = acrescenta-se
 => = por consequência
 R = Razão

capítulos 5, 6, 8

Tabelas

SN = Sintagma Nominal
 SAdv = Sintagma Adverbial
 SA = Sintagma Adjetivo
 Inf = Informante
 Tar = Tarefa
 Doc = Documento de Base
 Ver = Versão
 C = Sentenças Centrais
 I = Sentenças Intermediárias
 P = Sentenças Periféricas
 S = Sentenças Sublinhadas
 N = Sentenças Não-Sublinhadas
 CS = Sentenças Centrais Sublinhadas
 CN = Sentenças Centrais Não-Sublinhadas
 I = Sentenças Intermediárias
 PS = Periféricas Sublinhadas
 PN = Periféricas Não-Sublinhadas
 T = Totais

Resumo

O objetivo da presente tese foi verificar a influência do sublinhado na escolha de dados lingüísticos das sentenças de base na elaboração de sentenças de resumos informativos.

Para tanto, a partir de quatro artigos do periódico “Ciência Hoje”, cinco acadêmicas do curso de pedagogia do Campus de Mafra da Universidade do Contestado produziram, cada uma, quatro documentos de resumo em quatro noites subsequentes. As sentenças desses documentos foram então emparelhadas e as estratégias de “paraconstrução”, descritas.

O resultados demonstraram que: 1. o percentual de utilização das sentenças de base sublinhadas foi superior ao percentual de utilização das sentenças não-sublinhadas; porém, 2. o percentual de utilização das sentenças centrais sublinhadas foi superior ao percentual de utilização das sentenças periféricas sublinhadas; 3. os resumos foram influenciados pela linearidade lingüística dos documentos de base sendo paraconstruídos predominantemente por estratégias de cópia acrescida ou não de apagamento(s) e paráfrase(s) simples; e, 4. a forma do sublinhado (integral, clausal e lexical) interferiu nos procedimentos de paraconstrução das sentenças de base nas sentenças dos resumo.

Abstract

The aim of this thesis was to verify the influence that the underlined plays on the selection of the linguistic data of the support sentences on the elaboration of the summary sentences.

Following four articles of the periodic “Ciência Hoje”, five students from the course of Pedagogy from Universidade do Contestado produced four summaries in four subsequent meetings. The sentences of these documents were matched and the “paraconstruction strategies” were described.

The results demonstrates that: 1. the employment of the underlined sentences was superior from the not-underlined ones; but, 2. the underlined central sentences were more detached than the underlined marginal ones; 3. the summaries were biased by the linguistic linearity of the support documents and were “paraconstructed” predominantly by strategies of copying added or not by erasing(s) and paraphrasing(s); and, 4. the way the underlining happened, such as, integral, clausal and lexical, influenced on the “paraconstruction strategies” from the support sentences into summary sentences.

1. Introdução

1.1 Delimitação do tema

No decorrer de nossa vida acadêmica, somos levados constantemente a buscar o concurso de material bibliográfico já processado por outrem. A reprografia em xerox incrementou sobremaneira essa questão, ampliando-a além dos limites dos empréstimos em bibliotecas ou entre particulares.

É nesse contexto que surge a questão da limpeza dos documentos¹ uma vez que grande parte do material que se fotocopia mantém marcas identificadoras do processamento do usuário anterior (ou, mais problemático, vários usuários anteriores). Dessa forma, é comum obterem-se exemplares de bibliografias com múltiplas marcações, muitas vezes prejudicando a leitura da mancha tipografada.

Entre uma gama considerável de marcas, a sublinha tem papel relevante. Tal marcação consiste no destaque de excertos do documento por meio da aposição de uma linha subscrita. Por meio desse recurso, marcam-se desde palavras isoladas até parágrafos inteiros.

Há múltiplos propósitos com a sublinha. Pode-se dizer que essa estratégia está intimamente condicionada ao tipo de leitura requerida. Uma leitura que busque detalhes importantes sobre determinado tema elencará como relevante excertos textuais que poderiam ser desconsiderados numa leitura que visasse a outros objetivos.

Entretanto, é lugar comum, inclusive na bibliografia, que se sublinham as partes do documento que são mais importantes para a elaboração de uma condensação do original. Em outras palavras, há uma predileção por considerar a sublinha como estratégia de resumo. Desse modo, essas marcas, além de permitirem entrever o processamento do leitor, entrevêm suas estratégias de sintetização.

¹ O item lexical “documento” recobre a noção de texto enquanto materialidade física gráfica ou fonográfica.

Pressupondo um indivíduo que lê um documento com o intuito de resumi-lo, esse tipo de procedimento é evidente. Num primeiro momento ele destaca os excertos que considera relevantes (sublinhando ou não); mais adiante, ele considera esses destaques como meio facilitador das tarefas subseqüentes.

Pressupondo um leitor posterior de um material bibliográfico já sublinhado por outrem a questão é mais instigante. É sabido que nossas próprias leituras de um mesmo material são diferentes no decorrer de sucessivas interações. Nós questionamos nossos próprios destaques, uma vez que as leituras ulteriores, normalmente feitas com um “background” mais elaborado, consideram óbvias informações antes relevantes. No cerne da questão está o fato de que os processos de leitura dos indivíduos envolvidos na relação são irremediavelmente diferentes.

Um leitor proficiente, na qualidade de usuário ulterior do material bibliográfico previamente marcado, e com a tarefa de resumi-lo, uma vez que está consciente disso, não segue cegamente os excertos marcados. Mesmo que ele perceba a pertinência das marcas anteriores e as siga, esse processo não é isento de reflexão. Contudo, é comum ver-se, em especial entre acadêmicos de 3º grau, uma leitura aparentemente cega, tal como se o estudante, por comodidade ou mesmo falta de recursos maiores, levasse em conta, quase que exclusivamente, os excertos destacados². Parece haver uma espécie de “princípio mágico” de tal sorte que muitos acadêmicos nem sequer lêem o documento em sua plenitude, uma vez que acreditam aprioristicamente na adequabilidade do sublinhado.

Ora, uma das estratégias docentes mais usadas na graduação é justamente destinar documentos com conteúdos novos ou já conhecidos para uma série de eventos acadêmico-pedagógicos. Em inúmeras experiências pessoais, observei uma espécie de “faz de conta”, onde os alunos conseguiam se iludir (quando isso não era estratégico) que entendiam o conteúdo e os docentes conseguiam acreditar que determinadas paráfrases, sintetizações, etc. eram reveladoras de compreensão.

Tematizando especificamente os resumos produzidos em atividades acadêmicas, o ponto crítico, altamente preocupante e merecedor de investigação, é **“que espécie de resumos são produzidos?”**. Ou ainda, **“a produção de um resumo nestas condições implica ter havido uma interpretação adequada?”**.

É imperioso destacar que não se considera de todo má a presença das marcas do processamento anterior. É inegável que elas podem servir de baliza segura para a leitura posterior. Contudo, deve-se ressaltar que não há necessária correspondência de intenções, finalidades, conhecimentos prévios sobre o tema, proficiência nas estratégias de destaque, etc., entre o leitor atual e aquele(s) leitor(es) anterior(es) que deixou(aram) marcas no material em questão.

O presente trabalho procurou justamente analisar essa problemática. Dessa maneira, verificou-se a influência das sublinhas de um primeiro leitor em resumos que visaram à condensação do documento de base, elaborados por acadêmicas de 3º grau. Em outros termos, verificou-se como a presença do sublinhado viesou a leitura condicionando a escolha de determinados excertos dos documentos de base em detrimento de outros.

² Trabalho anterior (ver RAUEN et alii, 1993) já demonstrou que alunos de graduação do curso de Licenciatura Plena em Letras, a partir de um documento de psicologia, seguiram o sublinhado do documento de base. Entretanto, algumas questões metodológicas, entre as quais a densidade do sublinhado, ou seja a relação quantitativa entre excertos sublinhados e não-sublinhados, justificam uma pesquisa de maior amplitude.

1.2 Colocação do problema

O problema central pôde ser expresso como se segue:

“Como se configura a influência do sublinhado de um primeiro leitor, feito em fotocópias de artigos de divulgação científica publicados em “Ciência Hoje”, em resumos informativos elaborados por acadêmicas do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Ensino Superior de Mafra da Universidade do Contestado³?”

A sentença acima traduz as balizas mestras desta pesquisa. Trabalhou-se com documentos de base publicados pela Revista “Ciência Hoje”⁴ na qualidade de artigos de divulgação científica⁵. Escolhidos quatro documentos, destacaram-se sentenças por meio de sublinha (variável independente) a fim de se verificar a influência dessas marcas na seleção de dados lingüísticos das sentenças de base utilizados na elaboração das sentenças de resumo (variável dependente). Como tarefa, solicitou-se a graduandas do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus de Mafra da Universidade do Contestado um resumo informativo⁶, isto é, um resumo que condensasse as informações de base.

Pelo que se expôs, o **objetivo geral** deste trabalho consistiu em:

VERIFICAR a influência das sublinhas do material fotocopiado, a partir de artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje”, na seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base utilizados na elaboração das sentenças de resumos informativos produzidos por acadêmicas de Pedagogia.

A **hipótese** subjacente foi a de que, independentemente do conteúdo sublinhado:

“a seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base para a produção das sentenças dos resumos informativos seria influenciada pelas sublinhas do primeiro leitor, de tal sorte que dados lingüísticos das sentenças sublinhadas nos documentos de base seriam mais freqüentes nos documentos de resumo do que os dados lingüísticos das sentenças não-sublinhadas”⁷.

Constituiu-se tarefa deste trabalho, portanto, a análise das sentenças dos documentos de base que foram utilizadas na elaboração das sentenças dos resumos informativos. Por meio desta análise, pôde-se observar como e em que grau as sublinhas exerceram influência.

³ Instituição em processo de acompanhamento pelo Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina.

⁴ Periódico publicado pela SBPC, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

⁵ Sobre a definição de Artigo de Divulgação Científica ver SILVEIRA (1990a).

⁶ Sobre a definição de resumo informativo, veja-se GARCIA (1983: 402).

⁷ Minha experiência docente demonstra que alunos de 2º e 3º graus utilizam sobremaneira estratégias de cópia-apagamento quando estão diante da tarefa de resumir. Muitos deles revelam não refletir o que lêem, utilizando-se da estratégia de destacar as sentenças iniciais e finais de parágrafos como “princípio apriorístico”.

1.3 Tarefas específicas

Em nível de aprofundamento da questão central, elegi três tarefas específicas, a saber, a adequabilidade do sublinhado, as estratégias de paraconstrução⁸ e a forma do sublinhado. Veja-se abaixo cada uma dessas questões.

1.3.1 Adequabilidade do sublinhado

Colocados os objetivos gerais, sofisticou-se a idéia inicial questionando se os dados lingüísticos das sentenças centrais dos documentos de base, uma vez sublinhados, seriam mais freqüentes nos resumos informativos comparados aos dados lingüísticos de sentenças periféricas, igualmente sublinhados⁹. Desse modo obtiveram-se como primeiros objetivos específicos:

APRESENTAR parâmetros para a seleção de sentenças centrais e periféricas de um artigo de divulgação científica de “Ciência Hoje”; e,

ANALISAR a moderação da variável ‘adequabilidade das sentenças sublinhadas’ na seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base na elaboração das sentenças dos documentos de resumo.

Entre vários autores estudados, em especial HOEY (1983, 1991) e van DIJK (1979, 1983, 1986), observou-se que a questão da adequabilidade de um resumo continua delicada e sem resposta satisfatória. Constatou-se consensual que há múltiplos resumos adequados para um documento. Isso posto, uma das tarefas da presente pesquisa foi a de apresentar alguns critérios de destaque de sentenças de um documento de base.

No que se refere ao tema, RAUEN et alii (1993) constataram estatisticamente uma relação entre a adequabilidade do sublinhado e a seleção de proposições do documento de base (entendidas naquela pesquisa como cláusulas). Julgou-se plausível a repetição desse viés neste trabalho.

Logo, como primeira hipótese específica, elencou-se que:

“a variável ‘adequabilidade do sublinhado’ moderaria a seleção dos dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base, de tal forma que os dados lingüísticos das sentenças centrais sublinhadas seriam mais freqüentes nos resumos informativos do que os dados lingüísticos das sentenças periféricas sublinhadas”¹⁰.

1.3.2 Estratégias de paraconstrução

Outro alvo de interesse foram as estratégias de paraconstrução presentes nos documentos de resumo. Isso posto, constituíram-se esforços desta pesquisa:

ESTABELECER parâmetros para descrição da paraconstrução das sentenças dos documentos de base em sentenças dos documentos de resumo.

⁸ Estratégia de paraconstrução recobre a idéia de construção de um documento a partir da interpretação de outro.

⁹ Cumpre-se destacar que a noção de periferia não implica a idéia de sobre, “aquilo que não faz falta”. As sentenças periféricas cumprem função de aprofundamento, de burilamento das informações essenciais do documento.

¹⁰ A operacionalização dessa hipótese se deu a partir da análise estatística dos dados lingüísticos das sentenças do documento de base utilizados nas sentenças dos documentos de resumo.

ANALISAR estratégias de paraconstrução presentes nos resumos informativos.

Em função do tipo de tarefa, uma vez que se permitiu a presença do documento de base, e a produção textual requerida, que se configurou como resumo informativo, esperou-se que se privilegiassem estratégias nas quais a configuração das sentenças de base fossem significativamente relevantes para a paraconstrução das sentenças dos resumos. KLEIMAN (1989: 75-90) já tem alertado para a influência significativa da presença do documento de base nas estratégias de sintetização¹¹.

Isso posto, considerou-se plausível neste experimento a repetição desse fenômeno, de tal sorte que se elencou como segunda hipótese específica que:

“Em função da tarefa (documento de base presente) e da característica intrinsecamente seletional das sublinhas (semelhante à estratégia de cópia-apagamento de van DIJK, 1979) as estratégias de paraconstrução organizadas a partir de procedimentos de cópia acrescidos ou não de apagamento(s) e/ou paráfrase(s) simples seriam mais frequentes do que as estratégias de parafraseamento complexo (paráfrase complexa e construção)”¹².

1.3.3 Forma do sublinhado

Além da escolha de quais sentenças seriam sublinhadas, optei por marcá-las de forma diferenciada, de tal sorte que se sublinhou em determinados casos, itens lexicais, em outros cláusulas e, em outros, as sentenças inteiras. Com isso objetivou-se.

ANALISAR a moderação da variável ‘forma de sublinhado’ (sentença integral, cláusula(s) de sentença ou itens lexicais de sentença) nas estratégias de paraconstrução.

A presença do documento de base no decorrer da tarefa, privilegia estratégias diretamente relacionadas com a configuração das sentenças de base. Contudo, o sublinhado de cláusula(s) pode implicar o deletamento das sobras; e, o sublinhado de itens lexicais isolados, implicar o preenchimento das lacunas interlexicais, criando-se novas relações ou restabelecendo conexões presentes no documento de base.

Dessa forma, configurou-se como terceira hipótese específica que:

“A forma do sublinhado influenciaria as estratégias de paraconstrução, de tal modo que:

1. Sentenças sublinhadas integralmente sofreriam processos de compressão, em especial por cópia acrescida de apagamento(s) e/ou paráfrases;
2. Sentenças com sublinhado clausal sofreriam processos de cópia dos excertos sublinhados e apagamento dos excertos não-sublinhados;
3. Sentenças sublinhadas lexicalmente sofreriam processos de preenchimento das lacunas interlexicais não-sublinhadas, de tal sorte que, tomando-se em conta os elementos sublinhados, ocorreria uma expansão (aumento de elementos lingüísticos)”.

¹¹ Ver também MARQUETTI et alii (1991) e PEITRUKA et alii (1991).

¹² O plano de prova para esta hipótese foi obtido com base na análise qualitativa das sentenças envolvidas a partir dos parâmetros da tipologia de paraconstrução elaborada mais adiante.

1.4 Descrição do documento de tese

A presente tese, enquanto documento, foi organizada em mais seis capítulos.

No próximo capítulo, de número dois, apresento reflexões teóricas sobre temas atinentes ao experimento, tricotomizando a atenção em questões basilares: a *textualidade*; *sublinhado* e *resumos*; e a *leitura*.

No capítulo três, apresentam-se os critérios de seleção das sentenças centrais e periféricas, bem como os de sublinhamento clausal e lexical, exemplificando as ações encetadas em um dos quatro artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje” amostrados.

O capítulo quatro, por sua vez, foi dicotomizado em duas seções principais. Na primeira apresentam-se dados relativos ao experimento propriamente dito, ou seja: o “design” do experimento; as informantes amostradas; os procedimentos de execução; e, por fim, uma análise das tarefas, feita em conjunto com as acadêmicas pesquisadas. Na segunda seção são apresentados os critérios de análise. Num primeiro momento descrevem-se os procedimentos de emparelhamento das sentenças e apresentam-se os tipos de estratégias de paraconstrução. Num segundo momento, descrevem-se as hipóteses operacionais e seus respectivos planos de prova.

O capítulo seguinte foi destinado a apresentar uma análise descritiva dos vinte documentos de resumo elaborados no experimento. A primeira seção se destina à análise mais detalhada de um dos resumos. As quatro seções seguintes descrevem os demais resumos agrupados conforme os artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje” que lhes serviram de base para a tarefa.

No capítulo seis, dividido em três seções principais, minha preocupação foi apresentar a análise dos dados obtidos tendo como critério as hipóteses operacionais. A primeira seção apresenta dados sobre a influência do “sublinhado” na elaboração dos resumos, assim como da influência da variável “adequabilidade do sublinhado” nessa mesma tarefa. A segunda apresenta análise geral e exemplos de estratégias de paraconstrução. Por fim, na terceira seção, analisa-se a influência da variável “forma do sublinhado” nas paraconstruções das sentenças sublinhadas integral, clausal e lexicalmente.

No sétimo e último capítulo, igualmente dividido em três seções, tecem-se as conclusões e recomendações finais da pesquisa. Na primeira seção faz-se uma revisão dos pontos principais dos capítulos iniciais do trabalho. Na seção seguinte, enfeixam-se as principais conclusões advindas das análises dos dados. Por fim, na terceira seção, recomendam-se aplicações dos resultados no ensino e sugerem-se novos empreendimentos de pesquisa.

2. Referencial Teórico

“Façamos uma brincadeira séria. Imaginemos que o leitor é um caçula esperto, ávido de atender seus desejos. Que o [documento] é um pai autoritário, carrancudo e fechado, aquele a quem cabe decidir. Que o contexto é a mãe pressurosa quase sempre sonegando reprimendas às travessuras do petiz. Que o [co-documento] é o altivo irmão mais velho, vez por outra também querendo mandar. Pelo que podemos ver, o tipo de ‘família’ que encontramos no resumo não é muito diferente disso. Afinal, as relações que se criam no [documento] são também relações humanas. E é da harmonia ou desarmonia no seio dessa “família de condições de leitura do sujeito que nasce a concórdia ou discórdia interpretativa” (Margarethe S. Elias, 1984, acrescida de minhas adaptações entre colchetes).

Este capítulo visou a revisar aspectos teóricos basilares da pesquisa. Ele está dividido em três seções principais. Na primeira, o destaque foi dado sobre a questão da **textualidade**: diferenciação entre texto e discurso; diferenciação entre coesão e coerência; as meta-estratégias a partir de CHAROLLES (1978); objetividade e caracterização do documento científico; e, por fim, a caracterização de artigo de divulgação científica. Na seção subsequente, perspectivei a questão do **sublinhado** e a questão do **resumo**: as múltiplas marcas de leitura; a sublinha em particular; a definição de esquema e de resumo. Por fim, minha atenção foi dirigida às questões relativas à **leitura**: interpretação e compreensão; modelos cognitivos; falhas de compreensão; leitura e estudo; compreensão e resumo; redução semântica; e, por fim, sobre as condições da tarefa.

2.1 Textualidade

2.1.1 Documento e discurso

Uma questão que ainda provoca polêmicas em lingüística é a diferenciação entre texto e discurso. Numa tentativa de distingui-los, façamos uma analogia com o programa de edição de textos “Microsoft Word”.

Neste programa, os textos são salvados como documentos do “word” e recebem, logo após o nome de identificação, a expressão “.doc”, forma como o programa interpreta ser o arquivo um documento de textos.

Por outro lado, há uma árvore de arquivos denominadas de “.dot”, cuja função é salvar modelos de documentos. Isso posto, o usuário pode abrir um novo arquivo optando por qualquer dos modelos de documentos acessíveis. Em outras palavras, eu posso abrir um documento e optar pelo modelo de “carta comercial” ou mesmo “tese acadêmica”.

Qual a consequência dessas opções? Todo o documento em questão passa a ser subordinado aos padrões estabelecidos pelo modelo. Assim, tipo e tamanho de fonte, estilos de edição, uso de determinadas correções automáticas, entre outros, são predeterminados pelo programador do modelo “.dot”.

Todavia, essa predeterminação não engessa o usuário. Ele pode, de acordo com suas convicções, alterar o modelo, buscando novos efeitos, que podem ser permanentes, isto é, partes fixas do modelo, ou opcionais, usados em pontos específicos do documento, como neste parágrafo. Ressalte-se que o modelo “.dot” não implica uma estrutura inflexível, mas um conjunto de padrões de edição que podem ser, na medida das necessidades, ou mesmo por questões estéticas, alterados.

Acionado um modelo de documento “.dot”, cabe ao usuário construir o documento “.doc”, acrescentando os dados que devem ser circunscritos nessa unidade de arquivo. Isso posto, um documento “.doc” equivale à soma dos “dados arquivados” com o modelo “.dot” escolhido. Ou, “.doc” = “dados” + “.dot”.

Voltemos, então, à questão central. Os usuários buscam de todas as maneiras produzir sentido. Essa produção necessita, invariavelmente, de um suporte físico. É justamente nesta perspectiva que quero diferenciar texto “.doc” de discurso. Assim, proponho **texto como objetivação material de discurso**.

Já em CORACINI (1991: 189), texto é o “resultado concreto, material, sensível (visível, no caso do documento escrito, e audível, no caso do documento oral) de operações que se realizam nos sujeitos enunciadoreis, responsáveis até certo ponto pela produção do sentido, tanto em nível de expressão, quanto em nível de compreensão”. O discurso, por sua vez, configura-se num contexto mais amplo que perspectiva a “visão global do ato comunicativo, que relaciona enunciadoreis-enunciatório, documento produzido às condições de produção e a tudo o que possa interferir no ato enunciativo (ideologia do enunciadoreis e do enunciatório, influências sociais, por exemplo)”.

O texto constitui-se num conjunto limitado de unidades concretas e distintivas que se seguem num eixo sintagmático. A essa perspectiva que vê o **texto** como **registro**, chamo de “**documento**”, por analogia aos arquivos “.doc”.

No sentido acima, é só com o advento de processos de gravação dos sons que se pode falar propriamente em texto oral, enquanto documento. Observe-se uma fita cassete que registrou uma palestra acadêmica. Colocada sobre um balcão qualquer, ela, por si mesma, nada representa. Contudo, pressupomos que a fita contém dados discursivos de uma palestra de um profissional, numa dada conjuntura sócio-histórica, limitada por inúmeras condições de produção, etc.. Todavia, apenas quando reproduzirmos a fita é que teremos acesso aos dados e os traduziremos em um novo discurso, invariavelmente diferente em certo grau do discurso de entrada. Trata-se do que eu denominarei de “**paradiscurso**”.

Quero definir como “paradiscurso” o produto da transformação dos dados concretos do documento em variáveis discursivas, na mente do enunciatório. O prefixo “para” procura destacar que o discurso construído pelo enunciatório a partir da materialidade

lingüística se dará em diferentes níveis de paralelismo com o discurso do enunciador, não se configurando como mera reconstrução. Isso posto, toda leitura ou audição é uma “paraconstrução”.

No exemplo em tela, cada enunciado constitui-se num conjunto de dados fonográficos que tem por função a materialização da enunciação discursiva¹. Uma vez que racionalizamos que a fita cassete contém dados discursivos da palestra, é plausível conceber que esse conjunto de enunciados configure-se como carregado de uma energia potencial, à semelhança da energia estática, reconhecida pela física. Para que retorne ao “continuum” comunicativo é necessário que seja excitado, cinematizado, por sujeitos enunciadoreis. Isso posto, **texto “.doc” é possibilidade de paradiscurso**.

A analogia com a escrita é óbvia. Por excelência, o registro escrito tem a função de cristalizar o documento, na medida em que é potencialmente discurso, ou seja, delimitá-lo materialmente². O discurso-evento torna-se em discurso-objeto (documento). O processo configura-se como produto.

Todavia, tal fenômeno não é isento de conseqüências. Em várias oportunidades, para provar o efeito do letramento, peço a alunos de graduação que observem um item lexical qualquer no quadro-negro, solicitando que eles o façam atentamente sem, no entanto, lê-lo. Invariavelmente obtenho como resposta a perplexidade da platéia, dado que ela considera o “ver-sem-ler” como uma tarefa impossível. Produziu-se o que eu chamaria, parafraseando OLSON (1977), de “tecnologia da reificação”.

Contudo, não foi essa a única iniciação. Fenômeno similar já ocorreu quando se instalou a linguagem. Observe-se que nossa percepção de mundo está irremediavelmente condicionada aos recursos disponíveis pela linguagem humana. A linguagem oral se interpõe como um filtro de forma que o que percebemos passa pelo seu crivo. Daí a dificuldade de nos concebermos num pré-estádio de espelho lacaniano³.

Junto com uma série de elementos lingüísticos, somos banhados por uma série de modelos de construção de nossos dizeres que circunscrevem a nossa fala. Falamos conforme o grupo fala. Em paralelo, os mais privilegiados recebem “inputs” do registro escrito, em especial a oralização de histórias infantis.

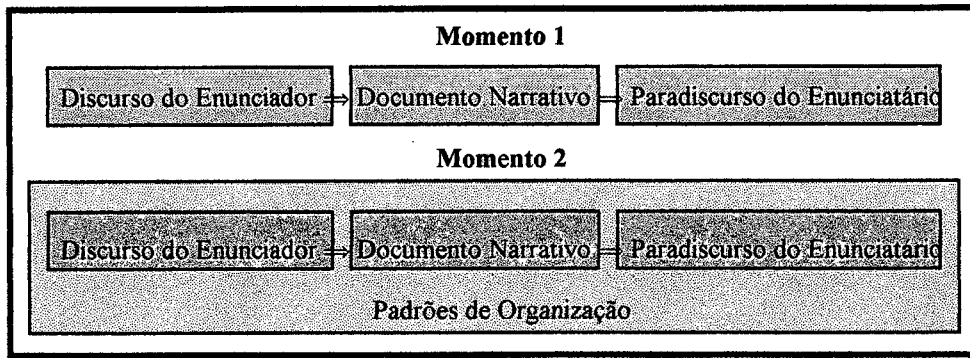
Quando os adultos lêem seguidas narrativas, eles não estão apenas cinematizando aqueles documentos, mas sobretudo retroalimentando uma tecnologia daquilo que se configura como uma “narrativa”. Em outros termos, sua reiteração fixa padrões de organização de sentenças que, no caso, foram culturalmente canonizados. O documento é uma narração porque ele o é independentemente das circunstâncias enunciativas⁴. Observe-se o esquema a seguir:

¹ Segundo GUIMARÃES (1990: 81), enunciação é o processo de transformação da língua em discurso, processo que supõe a interação entre interlocutores; enunciado é o elemento resultante do ato de enunciação.

² A rigor, a escrita cristaliza o discurso e os padrões textuais. Neste sentido, teria sido melhor dizer que a escrita cristaliza o documento. Todavia, no parágrafo em tela quero apenas destacar a faceta discursiva do documento, sem desconsiderar a contraparte dos padrões organizacionais, igualmente relevante.

³ Veja-se DOR (1989).

⁴ OLSON (1977: 257-281) faz excelente descrição histórica dessa evolução. 2. Aceita-se subjacentemente que a filogênese reflete-se na ontogênese.

Esquema 2.1 - Momentos de assimilação da tecnologia de reificação:

Isso posto, busquei em HOEY (1991) uma definição do que entendo como contraparte cognitiva de texto, similar aos arquivos de tipo “.dot” do programa “word”, isto é, **um conjunto de padrões de organização de sentenças**⁵ que faz parte do nosso arsenal de memória e que pode ser mobilizado pelo discurso, na mesma medida em que usamos padrões sintáticos, itens lexicais, entre outros. Destaque-se que os padrões não se limitam às conexões intersentenciais, mas a todo o conjunto de fenômenos coesivos e de coerência influenciados por esses padrões de organização.

Formações ideológicas induzem-nos a formações discursivas que “se travestem” em padrões textuais dos mais variados naipes. Esses padrões, culturalmente flexíveis, podem virtualmente ser cristalizados, isto é, engessados dentro de uma conjuntura sócio-histórica, a ponto de serem considerados estruturais⁶.

O usuário que constrói o documento lança mão de padrões textuais disponíveis em sua memória. O usuário que paraconstrói o documento, virtualmente, percebe os padrões escolhido e pode, dessa forma, processar as informações de modo mais produtivo. Ressalte-se que não falo de autores e intérpretes empíricos, mas de personagens mobilizados por esses indivíduos empíricos.

É nesse sentido que redimensiono a questão posta por ECO (1993) para quem “entre a intenção do autor e o propósito do intérprete existe a intenção do texto” enquanto documento. Dizer que o documento possui intenção é fazer uso de uma prosopopéia. O documento é um objeto assim como as pistas fonográficas de uma fita cassete também o são. Essa afirmação implica dizer que uma armadilha para caça tem a intenção de matar um animal, ou que um aparelho de microondas tem a intenção de cozinhar. Isso é confundir o “processo” com o “produto”. A intencionalidade não é intrínseca ao objeto, mas intrínseca aos usuários. Ou seja, somente pela “paraconstrução” é que há uma revitalização do discurso inserto no documento.

Todavia, não se pode negar que tais objetos servem para ‘x’ ou ‘y’ função, ou seja, que há um dial de consensualidade. Não se coloca uma armadilha na porta de uma residência (espera-se), tanto quanto não se leva um alimento ao microondas para congelá-lo. Isso posto, há determinadas idiosincrasias pertinentes que fazem de um microondas ou de uma armadilha serem o que são.

⁵ Essa perspectiva será denominada de padrões textuais ou padrões organizacionais,

⁶ 1. Assume-se aqui a noção de que a palavra estrutura implica prescritividade de modelos; a palavra padrão, por seu turno, é entendida como mais flexível e dependente das condições de produção dos discursos. 2. Veja-se distinção similar em HOEY (1991: 29-30, 76-99, 126)

ECO (1993) pretende se referir a essa área de consensualidade quando diz que há “intenção do texto”. Desse modo, não se estabeleceria uma espécie de “tirania” do paraconstrutor, para quem tudo é possível e nada obsta à interpretação ilimitada. Isso em mente, proponho que, antes de possuir intenção, o documento carrega marcas intencionais de seus organizadores. Essas marcas “estão” no documento, mas não “são” do documento.

Uma vez que toda leitura gera um “paradiscorso”, como então conceber uma análise textual? A meu ver, trata-se de um esforço válido de detecção de padrões de cristalização do discurso em documento. Ou melhor, como o texto “.doc” registra o modo como o discurso se amolda aos padrões textuais “.dot”. Configura-se numa tarefa de abstração idealística dos processos discursivos, irremediavelmente presentes durante a leitura, em prol de uma perspectiva reificatória. Ou seja, o pesquisador, na tentativa de renunciar a seu papel de paraconstrução discursiva, na qualidade de leitor, procura abster-se, colocar-se em plano secundário, em troca de instrumentos ideologicamente objetivos de perspectivação do documento⁷. Em outras palavras, é admitir que se pode escandir os enunciados do documento, detectando os mecanismos de estatização do discurso.

A noção de paraconstrução tem substancial relevância neste trabalho. O documento de origem é resultado material de processos discursivos de produção. Ao ser sublinhado por um ou vários leitores virtuais, ele adquire materializações de novos processamentos irremediavelmente presos a mecanismos discursivos. Neste caso, trata-se de um novo documento. Quando o leitor-resumidor o processa, constitui-se em novo paraconstrutor, tanto em função de acrescentar novas marcas ao documento de base, quanto em função de produzir um novo constructo material, o documento de resumo.

Isso posto, o documento de resumo possui, pelo menos, três formações autorais: a) a dos autores do documento original, ou seja, dos artigos de divulgação científica publicados em “Ciência Hoje”; b) a do pesquisador que por meio de recursos de ordem textual sublinhou o documento original e criou o documento de base para elaboração de resumos, simulando leitor(es) anterior(es) virtual(is); e, c) a do leitor-resumidor que, embora tenha-se colocado idealisticamente em segundo plano, uma vez que foi solicitado a elaborar um resumo informativo, é autor das opções pelas informações destacadas. Há, portanto, um verdadeiro concerto polifônico. Pesquisar a influência do sublinhado é pesquisar a influência do(s) co-autor(es) segundos desta cadeia.

A noção de análise textual, por seu turno, configurou-se na tentativa de explicação documental dos mecanismos de sumarização e de moderação do sublinhado nessa tarefa. Procurei evidências documentais do processamento discursivo dos sujeitos resumidores. Ou seja, como esse processamento cristalizou-se na linearidade lingüística desses documentos paraconstruídos.

2.1.2 Coesão e coerência

A análise textual-discursiva⁸ só poderá ser completa na proporção que observe três aspectos: o formal, o semântico-conceitual e o pragmático⁹.

1. O **aspecto formal** concerne aos mecanismos que relacionam signos entre si e que constroem o eixo sintagmático dos enunciados. São, portanto, de ordem sintática, numa

⁷ 1. A noção de objetividade é assumidamente condicionada ao contexto sócio-histórico da comunidade científica vigente. 2. Sobre o tema veja-se CORACINI (1991)

⁸ Textual-discursivo equivale à soma do discurso com os padrões organizacionais subjacentes à construção dos documentos.

⁹ Confirmam-se COSTA VAL (1991: 5) e LOPES (s.d.: 17-8).

perspectiva que extrapola os domínios das sentenças ou cláusulas. Trata-se dos mecanismos de coesão textual.

2. O **aspecto semântico-conceitual** diz respeito aos processos de atribuição significativa. Esses mecanismos são acionados por dois inputs: a) o documental, na medida em que emergem da materialidade lingüística do discurso; e, b) o cognitivo, na medida em que vários constructos conceptuais são convocados para a compreensão dos enunciados. Esses mecanismos organizam o que chamarei de coerência semântico-conceitual.

3. Os **aspectos pragmáticos** congregam mecanismos de cunho informacional e comunicativo dentro do jogo de ação funcional da linguagem. Eles permitem relacionar o signo com seus usuários e fazem com que o discurso faça sentido como ato de fala. Os principais componentes pragmáticos, a partir de BEAUGRANDE & DRESSLER, são: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade. Chamarei esses mecanismos de coerência pragmática.

Cumpre-se acrescentar aqui a noção de “consensualidade”. Para mim, o que podemos perceber da realidade circundante são impressões. Advogo a idéia de que não percebemos a realidade, mas o que interpretamos ser a realidade. Assim, qualquer interpretação é subjetiva, inclusive a interpretação de cunho científico.

Neste contexto, a noção de objetividade deve ser reinterpretada como função da “consensualidade”. Ora, sabidamente a interpretação de um poema parnasiano é mais consensual do que a interpretação de um poema simbolista. Isso posto, proponho a “objetividade” como extremo objetivo de um dial de consensualidade. Observe-se o esquema abaixo.

Esquema 2.2 - Dial de consensualidade:

+ consensualidade
“objetividade”



- consensualidade
“subjetividade”

Uma asserção científica tal como “uma molécula de água é composta por dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio” é objetiva se e tão somente se, numa dada conjuntura científica sócio-historicamente determinável, for um dado consensual. Todo esforço humano de criação de métodos e de metodologias de perspectivação da realidade, inclusive o incremento do apelo às máquinas, nada mais é do que uma tentativa de debrear a subjetividade, ou melhor, de criar um corpo de asserções consensuais.

KUHN, em sua tese das revoluções paradigmáticas das ciências, já alerta para a dependência que a objetividade tem para com os paradigmas vigentes. Creio que a falibilidade científica é suficiente para que percebamos a objetividade como um ideal humano. Essa digressão tem o objetivo de repensarmos a língua como sistema e reordenarmos sua configuração a partir de padrões de organização. Ora, um padrão não é um a estrutura, na medida em que pressupõe a flexibilização de si mesmo. Uma estrutura é algo inflexível. Penso não somente o uso da língua, mas a própria língua enquanto padrões.

Ora, esses padrões flexíveis podem sofrer processos centrípedos de estandartização. Em outras palavras, podem se tornar consensualmente estáveis. Assim, padrões de estabilização convertem o “continuum” sonoro, em sons aproveitáveis para as línguas. Da mesma forma, padrões de articulação dos fonemas criam os morfemas que, por sua vez, estabelecem os itens lexicais e assim as cláusulas, as sentenças, os documentos. Em outras palavras, padrões sentenciais “.dot” geram documentos sentenciais “.doc” (as

sentenças) e assim por diante. Isso em mente, uma gramática equivaleria a uma descrição desses padrões de organização.

Contudo, ao lado dessa força de agregação, há uma força centrífuga de desagregação, de instabilização. Uma plêiade de recursos de estilo está sempre disponível para instabilizar qualquer nível de configuração linguística¹⁰. Em “A fluidez significativa: estudo de um caso”¹¹, eu já alertava para a dificuldade de se interpretar um documento jornalístico, dada a polissemia de determinados itens lexicais que iam mudando de sentido à medida que o processamento do documento avançava.

HOEY (1991) pondera que embora sejam infinitas as possibilidades combinatórias entre as sentenças, podemos isolar alguns padrões de relações¹². Uma vez que reconheço que esses padrões subjazem formas de organização estudadas sob o rótulo de coesão, posso apresentar que há padrões coesivos estáveis. Logo, proponho a **coesão** como **propriedade dos padrões de organização textuais** e, desse modo, passível de maior objetivação.

Proponho a **coerência** como **contrapartida dos enunciatários**, dado que sua consideração é obtida a partir da paraconstrução, posição similar à de HOEY (1991: 12)¹³. Dessa forma, a coerência é uma propriedade do discurso paraconstruído pelo enunciatário a partir das pistas documentais, inclusive os padrões de organização depreensíveis.

Embora os mecanismos de coesão sejam importantes para a eficácia textual-discursiva de um documento, eles não são nem necessários, nem suficientes para que isso ocorra. GUIMARÃES (1990: 47-50), por exemplo, distingue dois padrões organizacionais (ela os chama de estruturas): compacto e difuso. No primeiro, o esquema de paraconstrução do leitor tende a reproduzir o padrão organizacional original do documento, porque o autor fornece pistas de organização linear claras. No segundo, há formas de deslocamentos e inversões “fora dos padrões normais” (eu diria estabilizados) de organização das sentenças. No primeiro, a coesão possui papel relevante, permitindo uma leitura facilitada. No segundo, a compreensão textual fica condicionada a “tipos específicos de envolvimento entre leitor e documento”.

Se a coesão facilita a leitura e, por decorrência, o julgamento do documento como coerente, por que isso ocorre? A resposta, acredito, tem a ver com o poder reificatório dos padrões coesivos. Segundo OLSON (1977: 166), a linguagem escrita, uma vez que não possui recursos de compartilhamento contextual, convenções paralingüísticas ou prosódicas, acabou por criar mecanismos que possibilitassem a compreensão mesmo em contextos diferentes daqueles de produção. Ora, o reconhecimento desses padrões deve fazer parte do arsenal cognitivo e portanto deve explicar por que documentos coesos são de mais fácil processamento.

¹⁰ Paradoxalmente, os recursos de estilo descritos pela literatura, em última instância, são “uma plêiade de padrões de instabilização estáveis”.

¹¹ Veja-se RAUEN (1992: 121-131).

¹² Ressalte-se que há uma diferença básica entre o modelo de HOEY (1991) e o modelo que exponho neste trabalho. O autor considera os níveis interacional, gramatical e fonológico como estruturais, no sentido que se constituem como “frames” dentro dos quais temos que operar, e os níveis textual e lexical como abertos à criatividade. Eu não assumo essa diferenciação, pois considero qualquer nível linguístico como aberto. Todavia, reconheço os níveis lexical e textual como aqueles mais propícios à criatividade.

¹³ O autor propõe coesão como “propriedade do texto” e coerência como “faceta de avaliação do texto pelo leitor”.

2.1.3 As meta-estratégias

Um documento apresenta um padrão coeso e seu discurso é coerente se se puder, tal como CHAROLLES (1978: 7-41)¹⁴, atribuir-lhe quatro requisitos: a repetição, a progressão, a não-contradição e a relação.

1. À **repetição (continuidade)** concernem todos os recursos que permitem a retomada dos elementos e que garantam a percepção do documento como uma unidade.

Em nível discursivo, essa meta-estratégia se consubstancia: a) na reiteração do conteúdo semântico-conceitual, permitindo entrever que se fala das mesmas coisas; e, b) na manutenção de pistas pragmáticas, permitindo entrever que se está num mesmo conjunto de macroatos de linguagem.

Em nível dos padrões textuais, manifesta-se por um número considerável de mecanismos tanto gramaticais quanto lexicais. Entre os mecanismos gramaticais destacam-se: as pro-formas (anafóricas), elipse, termos vicários, etc.. Entre os de ordem lexical citam-se: a reiteração, substituição ou associação¹⁵. A reiteração ocorre pela repetição lexical ou por processos de nominalização. A substituição ocorre por sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia e expressões nominais equivalentes. Por fim, a associação é um processo que permite relacionar itens lexicais diferentes dentro de um mesmo modelo cognitivo.

2. À **progressão**, por sua vez, referem-se os mecanismos que permitem o desenvolvimento textual-discursivo.

Em termos discursivos, essa meta-estratégia permite perceber: a) que o fluxo semântico avança pela aposição de conteúdos semânticos novos aos que já vinham sendo tratados numa relação de dado e novo; e, b) que o fluxo pragmático avança pela perspectivação de novos macroatos.

Em termos de padrões textuais, corresponde a todos os recursos que permitem essa progressão. Nesse rótulo, além de mecanismos seqüenciadores, especial destaque deve ser dado aos recursos identificadores de progressão temática.

3. A meta-estratégia da **não-contradição** postula que o documento não pode contradizer o mundo a que se refere, desrespeitando princípios de lógica elementares.

Em termos discursivos, a coerência se estabelece quando há uma compatibilidade entre o mundo presente no documento e aquele a que esse documento se refere. Mesmo mundos possíveis criados pela imaginação possuem determinados princípios de lógica que não podem ser violados. Em se tomando discursos científicos, consideramos incoerentes todas as informações que não se coadunam com a nossa percepção de mundo real.

Em termos dos padrões textuais, há uma série de mecanismos que permitem entrever relações de contradição, tais como a violação de tempo ou aspecto verbal, de aspectos modais, de atos ilocucionários, etc.. COSTA VAL (1991: 26) acrescenta a contradição léxico-semântica, quando se utilizam itens lexicais que não sejam compatíveis com a significação consensual.

4. A meta-estratégia da **relação (articulação)** tem a ver com o modo como as diferentes partes do discurso se relacionam umas com as outras.

¹⁴ Meta-estratégia é o termo que utilizo como paráfrase de metarregra, termo proposto por CHAROLLES (1978), uma vez que é mais compatível com a noção de estabilização/instabilização aqui defendida.

¹⁵ Confira-se COSTA VAL (1991: 6-7)

Discursivamente, a relação permite a articulação de fatos e conceitos no documento, como se organizam, que papéis e valores assumem.

Coesivamente, essas relações podem ser expressas por mecanismos de junção, articuladores lógicos e articuladores temporais. Porém, não é incomum que não haja manifestação de ordem linguística. Nessa meta-estratégia inclui as chamadas relações de cláusula de WINTER a partir de HOEY (1983), que serão aprofundadas mais adiante.

Em termos práticos, as meta-estratégias serviram para analisar tanto os documentos originais, para fins de escolha das sentenças sublinháveis, quanto para analisar os documentos de resumo derivados do experimento. Como bem ressalta COSTA VAL, acrescida de minhas adaptações entre colchetes, este trabalho entendeu que

“avaliar a coerência de um [documento] denotativo, escrito e formal, [é] verificar se, no plano lógico-semântico-cognitivo [e pragmático], ele tem continuidade e progressão, não se contradiz nem contradiz o mundo a que se refere e apresenta os fatos e conceitos a que alude relacionados de acordo com as relações geralmente reconhecidas entre eles no mundo referido no documento. Avaliar a coesão [é] verificar se os mecanismos linguísticos utilizados no [documento] servem à manifestação da continuidade, da progressão, da não contradição e da articulação”(1991: 29).

2.1.4 Objetividade do documento científico

Intuitivamente, consideramos científico todo discurso que veicula a descoberta e a exposição de saberes obtidos e que satisfaz os cânones da atividade científica. Não basta descobrir, mas é de fundamental importância comunicar as descobertas para o meio acadêmico.

Segundo TRUJILLO (1974: 8) “a ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades, dirigidas ao sistemático conhecimento, com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação”. Ora, para ser verificável é preciso que o conhecimento científico seja comunicável. Conforme LAKATOS & MARCONI (1988a: 33), isso ocorre à medida que:

“a) a sua linguagem [informe] a todos os seres humanos que tenham sido instruídos para entendê-la [...]; b) [seja formulada] de tal forma que os outros investigadores possam verificar seus dados e hipóteses (...); c) [seja considerada] propriedade de toda a humanidade”.

A satisfação desses requisitos implica uma escritura que se caracteriza pela clareza, precisão e objetividade. Desse modo, precisa ser elaborada de forma que a interpretação conforme-se numa região de alta consensualidade. Em outros termos, necessita-se de um escrito cuja significação esteja no documento. Trata-se do critério de reificação.

Para OLSON (1977: 162), com a invenção do alfabeto e depois da imprensa, criaram-se as condições para que uma forma diferente de linguagem fosse desenvolvida pelos ensaístas britânicos e formalizada posteriormente pelos positivistas, ou seja, a prosa ensaística, que convencionamos tratar como científica e que se constitui no ápice reificatório do documento. Esse desenvolvimento permitiu a transição da interação para o documento. A escrita, a partir de seu crescente caráter de explicitação, tornou-se capaz de ser uma representação não-ambígua e autônoma de pensamento.

Contudo, estudos de CORACINI (1991: 192), tematizando artigos científicos de tipo primário, chegaram a conclusões menos idealísticas. Para ela,

“o discurso científico primário é altamente argumentativo e revela sub-repticiamente [...] a subjetividade inerente à atividade pré-discursiva, à elaboração racional de teorias a às diferentes escolhas correspondentes aos diversos momentos que constituem o processo discursivo”.

Sou, desse modo, favorável à tese de que o documento científico, como resultado de operações discursivas, acrescido de padrões canonizados pela academia, traduz uma ilusão de objetividade. A sequência linear dos eventos, a tentativa de apagamento e de distanciamento do enunciador são fatores que permitem transparecer a reprodução objetiva e imparcial do experimento.

Parafraseando a autora, as formas canônicas dos padrões organizacionais usadas pelo discurso científico, camufladoras da origem enunciativa, nada mais são do que instrumentos válidos, socialmente aceitos (e impostos pela comunidade científica), de persuasão e, nessa medida, índices de subjetividade” (CORACINI, 1989: 356-7).

A reificação deve ser considerada, a meu ver, como variável dentro de um dial que comporta dois extremos, não-reificação e reificação absolutas, cujas existências têm caráter abstrato. Considerações de OLSON são idealísticas porque a língua serve para comunicar na medida em que deixa lacunas, isto é, não se pode dizer tudo, e o que se diz são recortes do sujeito enunciador. Entretanto, é inegável que a documentação científica se caracteriza por uma tentativa humana de otimizar a reificação discursiva. Documentos desse tipo permitem, portanto, que aspectos semântico-pragmáticos consensuais sejam destacados e aspectos não-consensuais sejam sublimados¹⁶.

Para esta pesquisa considere o documento científico como aquele que permite uma consideração mais neutra e objetiva do conteúdo semântico-pragmático veiculado pelo autor. A subjetividade somente foi considerada quando explícita no texto. Trabalhou-se com a premissa da manutenção dos padrões organizacionais do documento de base nos resumos informativos produzidos pelas alunas. Logo, tanto características objetivas, quanto subjetivas seriam reproduzidas.

2.1.5 Características do documento científico

Como vimos, o documento científico não só se caracteriza pela exposição objetiva de saberes, mas por nuances argumentativas subjacentes. KOCH & FÁVERO (1987) apresentam alguns critérios para tipos textuais, das quais aproveito os tipos expositivo e argumentativo para a caracterizar o documento científico, acrescentando algumas adaptações. As tipologias em destaque consideram três dimensões: pragmática, esquemática global e lingüística linear¹⁷.

1. A dimensão **pragmática** diz respeito aos macroatos que o documento realiza e aos seus diversos modos de atualização em situações comunicativas.

2. A dimensão **esquemática global** equivale aos modelos cognitivos, esquemas formais culturalmente adquiridos, ou padrões de organização textuais (cf. superestruturas de van DIJK).

3. A dimensão **lingüística linear** corresponde às marcas (sintático/semânticas) que são encontradas no documento e que facilitam ao alocutário o esforço de interpretação,

¹⁶ A noção de consensualidade é concebida como função da comunidade científica vigente. Logo, é sócio-historicamente determinada.

¹⁷ Adaptei para lingüística linear o que as autoras entendem por lingüística de superfície.

permitindo-lhe formular, a partir delas, hipóteses sobre o tipo de documento. Considerei aqui as marcas concretas que permitem escandir os padrões de organização em nível cognitivo.

Vejamos as características da exposição e da argumentação, com minhas adaptações.

Quadro 2.1 - Características dos documentos expositivos e argumentativos conforme as dimensões pragmática, esquemática global e lingüística linear:

Tipo Dimensão	Documento Expositivo	Documento Argumentativo
Dimensão Pragmática	macroato: asserção de conceitos. atitude comunicativa: fazer-saber.	macroato: convencer, persuadir. atitude comunicativa: fazer-crer, fazer-fazer.
Dimensão Esquemática Global	padrão expositivo: análise e/ou síntese de representações conceituais, ordenação lógica. categorias: a) generalização-especificação (via dedutiva); b) especificação-generalização (via indutiva); c) generalização-especificação-generalização (via dedutivo-indutiva).	padrão argumentativo: ordenação ideológica dos argumentos e contra-argumentos. categorias (Modelo de TOULMIN, 1958): Dado, Premissa, Conclusão, Modalizador, Refutador e Suporte.
Dimensão Lingüística Linear	marcas: conectores do tipo lógico, tempos verbais do mundo comentado, presença do interdiscurso, hipotaxe predominante.	marcas: modalizadores, verbos introdutórios de opinião, operadores argumentativos, metáforas temporais, recurso à autoridade, etc.

As próprias autoras já ponderam que a tipologia apresentada só se justifica em termos de dominância. Neste trabalho, pressupus que os documentos científicos seriam predominantemente argumentativo-expositivos. Observe-se que a exposição de idéias envolve, irremediavelmente, tomadas de posição, uma vez que nunca se apresenta o fato em si, mas como ele é concebido pelo autor do documento, numa dada conjuntura sócio-histórica.

As considerações acima foram de especial relevância para estabelecerem-se critérios para o sublinhado e, depois, de análise dos documentos de resumo. Como se verá na seção seguinte, também foram considerados aspectos narrativos.

2.1.6 Artigos de divulgação científica

O discurso científico pode ser encontrado numa infinidade de constructos reconhecidos pela sociedade. Proponho dividi-los em duas categorias: os de cunho primário e os de cunho secundário. Esse critério pode ser encontrado em LUZ et alii (1987: 22) quando os autores procuram definir tipos de fontes bibliográficas. Para eles: a) as fontes primárias são aquelas ditas originais ou inéditas, ou seja, resultado do trabalho direto do pesquisador; e, b) as fontes secundárias pressupõem a existência de um documento primário como fonte¹⁸.

¹⁸ Embora a progressão recursiva dos usos de fontes seja “ad infinitum” (fontes terciárias, quaternárias, ..., n), limitar-me-ei a classificá-las como de nível secundário.

Minha tese é a de que não existem documentos científicos primários, mas documentos científicos pseudo-primários. Em outras palavras, os critérios formais de objetivação científica matizam a descoberta de tal sorte que “o que se escreve é o que se deve escrever sobre aquilo que se descobriu”. Não se nega aqui que algo de novo se descobre e, portanto, seja de ordem primária, mas se nega que tudo o que se descobre e, principalmente, como se descobre, seja dito.

Segundo SILVEIRA (1990b) o discurso científico pode ser definido por dois discursos encaixados: 1) o da descoberta, que é conduzido pelo pesquisador, compreendendo uma narrativa como uma sucessão de fracassos e sucessos, até que se chegue ao “valor-saber”; e, b) o da pesquisa, que se instaura num momento posterior, constitui-se sua manifestação oral e escrita, e perspectiva “fazer o outro saber”¹⁹.

O discurso científico é um discurso de ação e tem como norte básico o verbo “fazer”. Dessa forma, a história da descoberta passa pela disjunção do saber, pela “aventura cognitiva” da descoberta e pela conjunção posterior a esse saber. No final desse processo, o sujeito “sabe”, está de posse do objeto-saber. Em função desse caráter narrativo, o discurso da descoberta pode ser definido pelas categorias da narração: apresentação, conflito-enigma, resolução (intriga), que podem vir seguidas de avaliação²⁰.

Ao ser necessário “fazer o outro saber”, instalam-se os padrões de organização textual da divulgação científica (expositivos e argumentativos, acrescente-se). Como ressalta CORACINI (1991: 85) há um discurso envolvente (que engloba e que enreda enunciador e enunciatário) que constituiria o todo discursivo e um documento envolvido (no sentido próprio da palavra). O discurso da divulgação científica engloba o discurso da descoberta. No segundo plano fica o relato da experiência realizada; no primeiro plano fica o relato social.

Ao se camuflar a origem enunciativa camuflam-se todos os aspectos não-autorizados e, nesse caso, todo o contexto, inclusive não-científico, da descoberta. É por isso então que se obtém a ilusão de imparcialidade, de objetividade e de rigor metodológico.

Pelo que se expôs, todo discurso científico é um discurso de divulgação científica, na medida em que pretende promover os enunciatários à condição de saber. É justamente a consideração desse enunciatário que pode ser norte para a distinção entre espécies de divulgação científica. Proponho subdividi-los em três categorias: de divulgação científica primária, de divulgação científica “*stricto sensu*” e de divulgação acadêmico-pedagógica.

1. O discurso de **divulgação científica primária** caracteriza-se por um enunciatário especialista, cujos conhecimentos na área do trabalho sejam similares e cuja disjunção do “objeto-saber” se dê aproximadamente naquilo que chamei de conteúdo primário. Nesse grupo de documentos, os enunciatários podem calcular a maioria dos elementos que se ocultam. Nesse rótulo podem-se elencar trabalhos como teses, dissertações, monografias, “papers”, artigos científicos, ensaios, etc..

2. O discurso de **divulgação científica “stricto sensu”**, por sua vez, caracteriza-se por um interlocutor “curioso, que embora esteja atento aos avanços da ciência, não se constitui como especialista” (SILVEIRA, 1990b). Nesse rótulo a disjunção se amplifica na medida em que uma série de pressupostos não existem no enunciatário. Dessa forma, o autor tem que calcular os conhecimentos do enunciatário e adequar o documento ao nível calculado.

¹⁹ As referências a discursos nesta seção pressupõem os padrões de organização pertinentes.

²⁰ Confira-se van DIJK (1979, 1983, 1986)

O discurso dos artigos de divulgação científica “*stricto sensu*” tem, além das características acima, a de ser uma espécie de furo de reportagem. A fim de atrair a atenção do leitor, o escritor transforma a sua descoberta em algo curioso, uma notícia. Em geral acrescentam-se documentos encaixados, gráficos, fotografias, ilustrações. Tais estratégias visam a permitir que os leitores elaborem inferências sobre o documento principal. Além disso, percebe-se que a linguagem é menos tensa, permitindo, muitas vezes, o uso de metáforas²¹. Além disso, costumam-se acrescentar sumários que, estrategicamente, correspondem à macro-organização do documento principal.

Subdivido esse tipo de documento em duas subcategorias. Na primeira, enquadro artigos do tipo encontrado em “Ciência Hoje” da SBPC. Na segunda, enquadro artigos do tipo encontrado em “Superinteressante” e “Globo Ciência”. No primeiro caso, calcula-se um enunciatório em nível acadêmico, conhecedor de determinados padrões de organização dos documentos científicos. No segundo, calcula-se um enunciatório com conhecimento menos privilegiado.

3. Por fim, o **discurso de divulgação acadêmico-pedagógica** caracteriza-se por calcular um interlocutor completamente disjuncto do saber. Desse modo, o documento assume as características didáticas típicas da escola. Nesse caso, enquadram-se livros para ensino, apostilamentos, etc.. É evidente que um material universitário pressupõe conhecimentos prévios maiores do que um material de 1º grau. Contudo, o que o caracteriza é justamente enquadrar o interlocutor como aquele que “não-sabe”.

Cumpra-se ressaltar que as diferenciações elencadas, igualmente, têm carácter de predominância. Um documento primário, tomado em seu todo, em função de imposições da academia, precisa explicitar uma série de conhecimentos prévios, possibilitando momentos de divulgação estrita ou momentos didatizantes. Não se excluem informações inéditas nem na divulgação estrita nem na didatização.

O que tentei aqui é perspectivar esses constructos a partir do enunciatório virtual (ou leitor-modelo, na terminologia de ECO (1984)). No caso específico desta pesquisa, tematizei artigos de divulgação científica “*stricto sensu*”, publicados pelo periódico “Ciência Hoje”, mais próximos do discurso de divulgação primária, dado que calculam um enunciatório com conhecimentos prévios mais elaborados.

Uma das tarefas subjacentes a esta pesquisa foi a de verificar se a dependência do documento de base faria com que os elementos do discurso da descoberta fossem postos em segundo plano, em favor do discurso da divulgação, reproduzindo a linearidade linguística do documento e, portanto, comprovando o enredamento aludido por SILVEIRA (1990b).

2.2 Sublinhado e resumo

2.2.1 As marcas do leitor

Por que sublinhamos documentos? Em várias situações acadêmicas temos de ser capazes de localizar prontamente determinadas informações. Contudo, a releitura integral de documentos é um procedimento que consome significativa parcela de tempo. Portanto, atividades que reduzam a quantidade de informação a ser reprocessada são constantemente necessárias e, sobretudo, úteis.

²¹ Trabalho anterior (RAUEN, 1994:111-30) demonstrou que esse procedimento foi particularmente freqüente nos periódicos “Globo Ciência” e “Superinteressante”.

Além disso, há pelo menos cinco razões para essa estratégia:

1. sublinhar e/ou marcar obriga-nos a esquadriñar o documento com a meta de identificar as informações mais relevantes, mantendo-nos atentos ao processamento.
2. a atividade mantém-nos em atividade física durante o processamento, o que auxilia a focalização da concentração naquilo que se está lendo.
3. a tarefa mantém-nos em estado de contínua ponderação e avaliação, dado o seu caráter seletivo.
4. o trabalho de sublinhar e/ou marcar ajuda-nos a perscrutar a organização dos fatos e das idéias veiculadas, além de suas conexões e interrelações.
5. nossa capacidade de apreensão é avaliada, visto que dificuldades de marcação e/ou de sublinhado revelam nossas dificuldades de interpretação.

Várias são as marcas de leitura possíveis em um documento. Formalmente podem ser textuais, construções gráficas complexas (esquemas, gráficos, ilustrações, fluxogramas, quadros, tabelas, etc.), marcas simples (“*”, sublinhas, etc.) ou até mesmo rabiscos e/ou desenhos sem aparente nexos com o documento²².

Proponho, no entanto, agrupá-las em três espécies conforme a sua função no documento: as marcas de supressão, de substituição e de anotação.

1. As **marcas de anotação** são lembretes deixados pelo leitor que permitem antever a sua relação com o documento. Elas cumprem uma série de finalidades, entre as quais: destacar materiais bibliográficos evocados ou relacionados; demonstrar posicionamentos críticos frente ao documento; fazer lembretes de ações a partir do documento; marcar palavras desconhecidas; marcar traduções; etc..

Nesse agrupamento, inclui marcadores de margem tais como: “ex” (exemplos ou exercícios); “def” (definições); “*” (passagens mais significativas); “?” ou “??” (passagens duvidosas ou confusas); “!” (admiração); “!?” ou “?! ” (para passagens estranhas); “interessante” (passagens interessantes); “1”, “2”, ... (elementos de enumeração); entre outros.

2. As **marcas de substituição** têm como característica principal o trabalho com a linearidade lingüística de forma a se criarem documentos ou formas gráficas complexas em paralelo que podem funcionar como redutores das sentenças do documento trabalhado, ou como paráfrase.

A **substituição por paráfrase**, em geral, consiste em documentos paralelos ou formas gráficas complexas colocados à margem da mancha tipografada²³. Nesses constructos observamos um esforço de tradução da linearidade lingüística em termos próximos da mundivivência do leitor.

A **substituição por redução** consiste nas regras mais altas de sintetização, em especial a construção. Nesse contexto, o leitor produz seqüências que buscam a sintetização do que foi exposto no documento de base. Esse procedimento não pode ser confundido com a mera transcrição de palavras-chave do documento para a margem, porque envolve uma processamento mais elaborado.

²² Estou elencando marcas pertinentes ao processamento efetivo do documento. Em muitos materiais encontrei marcações tais como desenhos, figuras, rabiscos, etc. que, embora relevantes para um estudo psicológico das atitudes do leitor frente ao documento, não fazem parte do escopo desta pesquisa.

²³ As formas gráficas complexas são paráfrases ou reduções porque o leitor tenta processar o documento de base numa construção gráfica que lhe permita simplificar as informações.

3. As **marcas de supressão**, por seu turno, consistem no destaque de determinadas partes da linearidade lingüística e, por conseqüência, a exclusão das demais. Desse modo, elas agem em função da estratégia de supressão (van DIJK, 1986) de forma a incitar a consideração ou cópia de determinados excertos e a desconsideração ou apagamento de excertos não destacados.

Nesse grupo incluo: a) toda uma série de sinais convencionados pelo leitor e usados na margem do documento; b) cópias de partes do documento à margem (palavras-chave, cláusulas de sentenças, etc.); c) a sublinha, que age nas entrelinhas da mancha tipográfica, por meio de linha(s) contínua(s) ou segmentada(s) subscritas aos trechos sob destaque²⁴; e, d) pinturas sobre o excerto por canetas “luminosas”²⁵.

Considerações feitas, a **sublinha** pode ser definida como “**formalmente caracterizada pela aposição de linha(s) subscrita(s) à linearidade lingüística de um documento e funcionalmente caracterizada pela supressão de excertos não destacados**”.

Da consideração de todas essas marcas depreende-se que o sublinhado não é estratégia única e/ou suficiente para as necessidades de processamento de documentos. O sublinhado muitas vezes não consegue indicar todas as relações de fatos e idéias, sendo freqüente a sua combinação com as demais marcas. Contudo, é inegável a importância dessa estratégia de marcação, e sua precedência diante das demais.

2.2.2 O sublinhado

O senso comum diz que o hábito de sublinhar caracteriza o bom leitor. Contudo, sublinhar tem seu valor apenas circunscrito num propósito formulado. O fundamental na estratégia de sublinhado é que ela pressupõe normas. É indiscutível que um sublinhado indiscriminado atrapalha mais do que ajuda²⁶.

A questão da eficiência do sublinhado passa por quatro critérios a serem observados: a) quantidade correta de informação; b) regularidade e consistência; c) precisão; e, d) fidelidade de conteúdo.

1. **Quantidade de Informação.** Não se deve sublinhar mais do que o espaço intervalar entre 1/4 e 1/3 de cada página. É claro que esse critério é dependente do tipo de material que se está lendo.

2. **Regularidade e Consistência.** Um critério seguro é determinar que tipos de informação se quer marcar, tais como: somente idéias centrais; idéias centrais e detalhes importantes; definições; novas terminologias; etc.. A literatura sugere ser possível combinações de linhas subscritas como sublinha dupla para idéias principais e simples para os detalhes. O fundamental é a regularidade das escolhas, ou seja, a sua manutenção durante todo o processamento do documento. Isso faz com que se obtenha segurança e não seja necessária a releitura do material.

3. **Precisão.** É fundamental que a informação sublinhada contenha a idéia principal do parágrafo ou excerto de forma precisa. Muitas vezes, a informação é mutilada porque se sublinhou imprecisamente.

²⁴ Essas linhas podem ser dos mais variados naipes, tais como: onduladas, ziguezagueadas, tracejadas, do tipo traço ponto, pontilhadas, duplas, etc..

²⁵ A rigor, são variantes de sublinhado.

²⁶ Os dados obtidos em várias seções que se seguem são provenientes da literatura da metodologia científica e de manuais de leitura e produção textuais. Nas circunstâncias em que julguei possível procurei apagar a modalização das informações a partir de imperativos e/ou verbos como “dever” e construções similares.

4. **Fidelidade.** o sublinhado deve refletir o conteúdo do excerto, de modo que a releitura e a revisão possam ser obtidas de forma facilitada. Ao se reler o sublinhado, deve ser possível compreender o documento de base. Se partes não estiverem claras nessa leitura, estarão mais confusas no futuro. A literatura propõe que o sublinhado deve permitir seguir o encadeamento de pensamento. Desse modo, não pode parecer uma lista de palavras não-conectadas.

Para otimizar o sublinhado sugere-se seguir os seguintes passos²⁷:

1. **Leitura prévia.** É considerado impróprio sublinhar na primeira leitura. Pondera-se ser fundamental a leitura prévia do excerto, para posteriormente sublinhá-lo, preferencialmente à lápis. Nessa fase é útil atentar-se para os títulos, uma vez que são, em geral, macroproposições do documento. A partir deles pode-se formular questões a serem respondidas pela leitura. SALOMON (1979: 84) pondera que é preciso examinar todo o excerto e formular questões sobre ele. A técnica de tentar responder a essas questões, por seu turno, não somente indica que partes sublinhar, mas também possibilita avaliar a compreensão do documento. Nesse estágio, completa o autor, é preferível não sublinhar mas fazer marcações marginais, tais como: “x”, “*”, etc..

2. **Sublinhado.** Depois que o excerto foi lido, é proveitoso voltar e sublinhar as partes que respondem as questões levantadas. Elas correspondem às partes das sentenças que expressam as idéias principais e os detalhes mais relevantes (fatos que explicam ou dão suporte à idéia central). A literatura sugere que sentenças inteiras não devam ser sublinhadas, mas apenas os constituintes essenciais. Nesse estágio, os sinais marginais são especialmente úteis.

3. **Realimentação.** O critério básico de realimentação é a reconstituição do excerto a partir das palavras sublinhadas. Conforme diz RUIZ (1991: 40), é fundamental “ler o sublinhado com a continuidade e plenitude do sentido de um telegrama”.

2.2.3 O esquema

O esquema é um tipo de padronização textual que se caracteriza pela explicitação da linha diretriz seguida pelo autor de um documento de base²⁸. Esse tipo de escrito pressupõe a subordinação de idéias, a seleção de fatos e argumentos. Sua funcionalidade está na capacidade de definição do tema, de hierarquização das partes componentes em função de uma linha-diretriz, permitindo ao usuário uma visão global do documento de origem.

Tanto RUIZ (1991: 43) quanto SALOMON (1979: 85) ponderam que a elaboração de um esquema obedece a determinadas regras. Eu as adaptei enfocando as respectivas habilidades pressupostas:

1. **Fidelidade ao documento.** Um esquema deve conter as idéias do autor, mesmo que o usuário elabore paráfrases do original. Dessa forma, não se pode conceber modelos fixos de esquemas e forçar o documento de base ao molde. O usuário deve ser capaz de se colocar em segundo plano e perspectivar o escrito objetivamente.

2. **Deteção do padrão de organização textual do autor.** O mérito do esquema é detectar como o autor organizou as idéias, escrutinando sua hierarquização.

3. **Construção topicalizada.** Um esquema não é um escrito de forma dissertativa, mas uma espécie de enumeração de tópicos documentais. Para que isso seja possível, o

²⁷ Para maiores detalhamentos, vejam-se RUIZ (1991: 39-41) e SALOMON (1979: 83-4).

²⁸ Para exemplificação de esquemas veja-se SALOMON (1979: 86-96).

usuário deve ser capaz de abstrair da linearidade linguística elementos constitutivos das sentenças. Logo, não se trata de cópias de excertos dos originais, mas sua transposição em forma topicalizada, implicando clareza, simplicidade e distribuição orgânica.

4. **Elaboração de padrões gráficos complexos:** um esquema pressupõe uma organização gráfica diferente dos padrões dissertativos completos. A organização em prosa dá lugar à organização em linhas descontínuas. Isso posto, o usuário deve estabelecer um sistema uniforme de construção gráfica e de simbologia (numeração progressiva, ícones, sistemas de chaves, colchetes, abreviaturas, etc.).

Portanto, a elaboração do esquema passa: a) pela detecção do padrão de organização textual do autor a partir de atentas leituras do original; b) pela hierarquização das idéias do autor, a partir de um padrão gráfico específico, de forma a adaptar a estilização em prosa para uma estilização em linhas descontínuas; e, c) pela constante realimentação do processo.

2.2.4 O resumo

2.2.4.1 Características

Em geral, as definições encontradas sobre o termo resumo²⁹ concebem-no como apresentação concisa, uma espécie de compressão do documento de base, freqüentemente seletiva, permitindo o destaque das informações mais relevantes³⁰.

Os resumos têm como finalidade: a) a difusão de informações contidas em livros, artigos ou qualquer outro documento; e, b) o auxílio ao estudante no que se refere aos seus estudos teóricos³¹. Segundo RUIZ (1991: 44), a utilidade do resumo está na captação, análise, relacionamento, fixação e integração daquilo que estamos estudando, facilitando sua evocação, reduzindo o tempo de reprocessamento e otimizando o desempenho cognitivo. É justamente esse tipo de resumo que tematizei na presente tese, um recurso de aprendizagem, um constructo documental auxiliar das atividades de estudo³².

Em seu aspecto formal, o resumo difere do esquema ou do sumário porque é formado por sentenças em sentido completo, encadeadas por padrões de coesão textual, escritas em linhas contínuas que formam parágrafos.

Conforme o documento ABNT/P-NB-88 são quatro as espécies de resumo³³: indicativo; informativo; informativo/indicativo; e, crítico ou recensão.

1. O **resumo indicativo ou descritivo** corresponde a uma narração do que o documento contém, excluindo dados quali- e quantitativos. Nesse caso, apresenta-se um

²⁹ Esse item lexical atualmente recobre os conceitos de “zusammenfassung” (al.); “sumario” (esp.); “résumé” (fr.); e, “summary” ou “abstract” (ing.).

³⁰ Segundo o documento ABNT/P-NB-87, resumo se distingue de sinopse por ser a última uma “apresentação concisa do [documento] de um artigo, obra ou [documento] que acompanha, devendo ser redigida pelo autor ou pelo editor” e a primeira, uma “apresentação concisa e freqüentemente seletiva do documento de um artigo, obra ou documento, pondo em relevo os elementos de maior interesse e importância, sendo freqüentemente redigida por outra pessoa que não o autor”. O documento ABNT/P-NB-88, em 1975, já alerta para o desuso do termo sinopse e caracteriza resumo como “apresentação concisa dos pontos relevantes de um [documento]”. Observe-se que essas definições têm em comum os pressupostos de concisão e relevância.

³¹ Veja-se FLÓRES et alii (1994: cap. V).

³² Excluam-se, nessa definição, resumos de difusão científica.

³³ Confira-se também GARCIA (1983: 402); LAKATOS & MARCONI (1988b: 67-72).

sumário narrativo dos excertos mais relevantes fazendo uso de frases curtas, cada uma correspondendo a determinado elemento do original. Uma vez que descreve apenas natureza, propósito e forma do documento de base, não dispensa sua leitura integral.

2. O **resumo informativo ou analítico** caracteriza-se pela condensação do conteúdo, o que permite dispensar-se a leitura do original. Esse tipo de resumo não contém comentários pessoais ou julgamentos de valor, da mesma maneira como não formula críticas. Caracteriza-se por ser seletivo e, diferente de enumeração de tópicos, é elaborado numa sequência corrente de frases concisas³⁴. Além disso, orienta-se dar preferência à forma impessoal.

3. O **resumo informativo-indicativo** constitui-se em mescla dos anteriores, dispensando a leitura de itens essenciais como tese e conclusões, mas não a leitura dos demais; e,

4. O **resumo crítico ou recensão**³⁵, normalmente redigido por especialistas, constitui-se em uma análise interpretativa do documento, criticando seus diferentes elementos constitutivos.

Veja-se minha síntese no quadro a seguir:

Quadro 2.2 - Características dos 4 tipos de resumo:

Tipos	Questões	Há uma síntese do conteúdo?	O resumo dispensa a leitura do original?	Faz-se uma análise crítica?
indicativo		Não	Não	Não
informativo		Sim	Sim	Não
informativo-indicativo		Sim/Não	Sim/Não	Não
crítico ou recensão		Sim	Sim	Sim

Este trabalho enfoca a produção de resumos informativos, que podem ser caracterizados pela: 1) síntese do conteúdo do documento de base; 2) dispensa da leitura do referido documento; e, 3) ausência de análise crítica. Ou, como define SERAFINI (1986: 147) “um documento que reelabora o escrito de partida reduzindo-lhe o comprimento, em que o autor se mantém em segundo plano e se esforça por ser de qualquer modo objectivo, no esforço de criar uma síntese coerente e compreensível do documento de partida”.

2.2.4.2 Resumo: construção palimpsesta

Como já foi dito, todo processamento de documento é uma paraconstrução do discurso do enunciador. Ora, o resumo, dadas as suas características intrínsecas, é manifestação material privilegiada dessa paraconstrução. Todavia, isso não ocorre de forma tão inocente.

Aproveitando-me da interpretação do fluxo de construção de um resumo dada por PORTINE (1983:118), observe-se como tal tarefa pode ser interpretada neste trabalho em particular.

A pesquisa se inicia pelo artigo de divulgação científica de “Ciência Hoje”. Chamo este documento de Doc₁. Ora, um artigo está vinculado a um enunciador específico

³⁴ LAKATOS & MARCONI (1988b: 69) ressaltam que esse escrito deve colocar entre aspas toda transcrição do original. Nesta pesquisa, estive interessado também em verificar se isto ocorreria espontaneamente nos documentos de resumo.

³⁵ 1. SERAFINI (1986: 146) classifica esses escritos como comentários pois “revelam sobretudo o juízo que quem escreve formula em relação ao documento a resumir, são breves ensaios críticos”. 2. Muitos autores usam o termo resenha crítica para este fim.

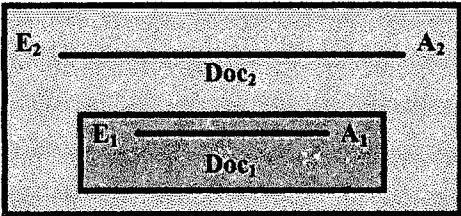
E₁, um pesquisador, e a um auditório específico A₁, leitores não-especialistas, mas com alguns pré-requisitos mais elaborados³⁶. Observe-se o esquema a seguir.

Esquema 2.3 - Documento de origem (artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje”):



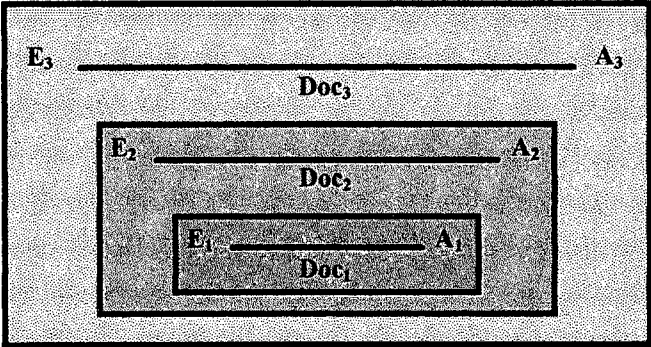
Quando acrescento sublinhas de um leitor virtual, passo a compor o documento de base para a posterior tarefa de resumo. Isso posto, um novo enunciador E₂ entra em jogo, isto é, o leitor anterior virtual, que perspectiva a si mesmo como auditório A₂. Desse modo, não estamos mais diante de Doc₁, mas de Doc₂, dado que o sublinhado se torna parte constitutiva da materialidade lingüística. Assim, Doc₂ inclui Doc₁. Observe-se a formalização.

Esquema 2.4 - Documento de base (fotocópia dos artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje acrescido de sublinhas):



Quando as informantes de pesquisa E₃ constroem os documentos de resumo Doc₃, igualmente perspectivam um auditório A₃ específico, ou seja, o pesquisador. Dessa forma, novamente, há condições específicas para a construção do novo documento. O interessante é que essa construção é palimpsesta, isto é, produto de multicamadas que se somam e tornam mais complexas a perspectivação do documento. Observe-se o esquema.

Esquema 2.5 - Documento de resumo em função do documento de base:



³⁶ 1. Uso o termo auditório como variante de enunciatário, uma vez que é o termo usado por PORTINE e entrevê a noção de coletividade, típica da produção escrita. 2. Retome-se a seção sobre o discurso de divulgação científica para detalhes, se necessário.

2.2.4.3 Como elaborar um resumo informativo

2.2.4.3.1 Perspectiva tradicional

A tarefa de resumir³⁷ pressupõe algumas habilidades básicas, que se esperam de um universitário, no que diz respeito ao domínio da linguagem, quais sejam³⁸:

- 1) compreensão da leitura de um documento;
- 2) percepção da hierarquia das informações e dos argumentos; e,
- 3) domínio da língua formal (especialmente dos padrões textuais, acrescente-se).

A elaboração do resumo passa pelos seguintes passos:

1. Utilização das técnicas de sublinhado e/ou de esquematização.

2. Identificação da padronização textual. Nesse estágio, perscruta-se o documento na procura de sua organização, ou seja, o plano geral e seu desenvolvimento. Segundo SALOMON (1979: 97) “a técnica mais importante na elaboração do resumo é apontar as idéias mais importantes enquanto se lê”. É depois desses destaques, como por exemplo, anotação de palavras-chave, que se pode fazer o esboço do resumo. Isso posto, não é produtivo resumir antes de se ter tirado notas do conteúdo. A revisão dessas notas é que se constituirá como guia para a elaboração do documento-resumo. Logo, “não é uma maneira correta nem produtiva ir resumindo à medida que se lê” (id. *ibid.*: 97).

3. Elaboração do documento-resumo. Um resumo bem construído pressupõe determinados padrões de organização: a) respeito à ordem dos fatos apresentados no original; b) uso de frases curtas e diretas, sempre com o propósito de ser conciso e claro, portanto, compreensível; c) preferência para construções impessoais; d) não-utilização de expressões como: o autor disse, o autor falou, segundo o autor, este livro/o artigo ou documento; e) seletividade e não mera repetição sintetizada de todas as idéias do autor; f) consideração das palavras sublinhadas e das anotações à margem do documento; g) referência completa do documento de base antes ou depois do resumo; h) transcrição do documento, quando absolutamente necessária, com aspas e referência completa à fonte; e, i) correspondência, em geral, a 1/3 do original.

4. realimentação do processo. A tarefa de resumir subjaz constante preocupação de comparação entre os dois documentos envolvidos (original e resumo). Por outro lado, questões de organização textual do resumo impõem coesão e coerência internas, permitindo ser compreensível por si mesmo. Daí ser importante, por exemplo, o hábito de leitura de resumos de difusão científica para internalização de padrões culturalmente estáveis.

2.2.4.3.2 Perspectiva de PORTINE (1983)

PORTINE (1983 : 116) afirma que a paráfrase conduz ao resumo que, por sua vez, é definido como “l’articulation de morceaux de texte paraphrasés”. Isso posto, pressupõe-se o uso constante de parafraseamentos, nos quais há um “dizer-em-lugar-de” e, desse modo, uma interpretação, no sentido peirceano do termo.

³⁷ 1. Essa subseção pressupõe a leitura de SALOMON (1979); LAKATOS & MARCONI (1988b); RUIZ (1991); FLÔRES et alii (1994); UFPR (1995). 2. Apenas elementos citados referenciam a fonte

³⁸ A Universidade Federal do Paraná, em documento que dispõe sobre as mudanças na prova de redação para o Vestibular 1996, inclui essas habilidades como básicas para o ingresso do estudante no ensino superior, incluindo a possibilidade de se requisitar dos vestibulandos a elaboração de resumos de documento.

Ora, não pode ser esquecido que, neste trabalho, o resumo não é construído pelo mesmo sujeito do documento de origem. Logo, a objetividade pretendida na própria definição de resumo informativo é idealística. PORTINE (1983 :117) acrescenta que

“la prétendue objectivité repose sur un mirage: la conception du langage comme outil, au même titre qu’un marteau; or le langage est une composante de l’individu humain, pas le marteau”.

O autor, então, apresenta algumas demandas que devem ser evitadas na prática escolar: 1) separação do principal e do secundário; 2) pesquisa das ‘idéias’ principais; 3) leitura atenta e lenta do texto; e, 4) divisão do documento em partes para resumo de cada uma dessas partes.

PORTINE, acrescido de minhas adaptações, propõe a seguinte sequência de ações pedagógicas como uma “*démarche possible*”:

1. Considerar as condições de produção;
 2. Pesquisar o “auditório” do documento, ou seja, a que enunciatários-modelo o documento foi construído;
 3. Cercar os excertos que permitem “paraconstruir” os argumentos;
 4. Parafrasear os excertos e “paraconstruir” os argumentos em função do novo auditório;
 5. Elaborar um documento com ajuda das condições de produção, de seus atores e das paráfrases dos argumentos;
 6. Com a ajuda do documento de base, monitorar a “paraconstrução do resumo”;
- e,
7. Apagar as marcas mais evidentes do “enunciador” do “documento de resumo”.

A diferença básica das duas abordagens é a ênfase dada por PORTINE aos elementos discursivos presentes nos documentos a serem resumidos. O “paraconstrutor” deve levar em conta enunciadores e enunciatários, as condições de produção tanto do documento de base como do documento de resumo.

Além disso, a paráfrase é enfatizada na segunda abordagem. A primeira abordagem apenas sugere serem impróprias cópias de excertos dos documentos. Quando feitas, elas deveriam ser marcadas pelas aspas duplas.

Nesta pesquisa, pretendi demonstrar que o sublinhado, como estratégia de destaque de determinados excertos, poderia ser utilizado na perspectiva proposta por PORTINE, dado que uma de suas funções seria justamente cercar os argumentos dos artigos de “Ciência Hoje”. Não obstante, tal estratégia continua sendo similar à de cópia/apagamento proposta por van DIJK (1979, 1986).

Ressalto que nos documentos de base sublinhados em sentenças centrais, a cópia das sentenças destacadas já o resume, a tal ponto que apenas algumas alterações lineares são requisitadas para considerá-la como um documento coeso e coerente. Mesmo assim, os documentos de resumo deveriam ser produzidos a partir de parafraseamentos, evitando a cópia dos excertos sob consideração.

Contudo, pressuponho que as alunas elaborarão documentos de resumo com excessiva dependência dos documentos de base, de tal sorte que estratégias à base de cópia seriam muito utilizadas. Um apanhado dos motivos é considerado no final deste capítulo, onde teço comentários sobre as condições da tarefa.

2.3 Leitura

2.3.1 Leitura e compreensão

Como define BARBOSA (1991), ler é uma atividade ideovisual complexa de cunho pessoal e secreto. Isso implica afirmar que a leitura tanto depende do que está diante quanto do que está atrás dos olhos. Assim,

“the receivers combine the information extracted from the written material with the specialized knowledge activated during this process (i.e. linguistic systems and correspondent rules and encyclopedic knowledge) in order to comprehend, interpret and internalize structured new information and/or to experience aesthetic pleasure” (SCLAR-CABRAL, s.d.: 97).

Há, portanto, duas fontes de informações necessárias para a leitura.

“Uma fornecida pelo autor (registros gráficos sobre uma página), que chamamos de informação visual. É a informação que desaparece quando desligamos a luz ou afastamos o documento. A outra fonte de informação encontra-se no cérebro do leitor, que fornece informações não-visuais, disponíveis e presentes mesmo quando os olhos estão fechados ou a luz se apaga. São dois tipos de informação, com suportes distintos e recíprocos. O leitor pode lançar mão predominantemente de um ou de outro tipo. Quanto mais utiliza uma informação não-visual, das que tem disponíveis em sua estrutura cognitiva, menos ele necessita da informação visual, a que está na página impressa” (BARBOSA, 1991: 116).

Isso posto, inseri este trabalho dentro do modelo interativo-compensatório.

1. Enquanto **modelo interativo**, a compreensão é o resultado de interações simultâneas entre os conhecimentos: de características do nível da letra, de grupos de letras, de nível lexical, sintático, semântico e pragmático.

2. Enquanto **modelo compensatório**, pressupõe a necessidade de os leitores ativarem seus esquemas para relacionarem as idéias do documento com as idéias de seu próprio conhecimento. Este modelo, portanto, pressupõe que existam “pontes” entre o novo e o conhecido para que a interpretação seja possível.

Dessa forma, o leitor lança mãos de duas estratégias quando necessita processar um material: a estratégia ascendente e a estratégia descendente.

1. a estratégia **ascendente** (botton-up ou de-baixo-para-cima) “é um processo letra-a-letra que começa com os estímulos impressos e sobe para os estágios mais elevados (de ordem sintática e semântica)” (TAVARES, s.d.: 58). Há, desse modo, dependência da linearidade lingüística.

2. a estratégia **descendente** (top-down ou de-cima-para-baixo) faz um trajeto inverso, ou seja, começa pela mobilização dos conhecimentos internalizados e daí parte-se para a decodificação da palavra, ou seja, do conhecimento de mundo para a palavra. Esta estratégia permite entender a leitura como um jogo psicolingüístico de adivinhações que começa com hipóteses e predições que devem ser verificadas no material impresso.

STANOVICH (1980: 63) destaca as vantagens de um modelo interativo-compensatório. Para ele,

“os modelos de interação em leitura parecem prover uma percepção intelectual mais precisa da performance em leitura do que os modelos estritamente conceptuais (top-down) ou de deciframento (botton-up). Quando se combinam assumindo o processo

compensatório (onde o déficit em qualquer processo resultará em maior dependência de outras fontes de conhecimento, sem consideração do nível na hierarquia dos processos), modelos de interação provêm uma melhor enumeração dos dados existentes sobre o uso, por bons e maus leitores, da estrutura ortográfica e do contexto da oração. Desse modo, na hipótese de que o assunto seja pouco familiar ao leitor, a leitura se torna lenta. Essa lentidão, uma vez que o leitor tem de buscar no documento que está lendo grande número de dados, dificulta a compreensão. Essa dificuldade é resultante da sobrecarga de informações visuais a que é submetida a memória de trabalho. Logo, o déficit de dados não-visuais implica sua compensação em dados visuais oriundos do documento e uma opção maior pela estratégia ascendente” [tradução do pesquisador].

Uma vez conhecido o assunto, o leitor lançará mão da estratégia descendente, visto que é possível antecipar-se ao documento, adivinhá-lo. Assim, um princípio de otimização da leitura é a maximização do uso de informações não visuais de cunho cognitivo. Tal maximização permitiria compensar, por exemplo, documentos carentes de pistas lingüísticas e, portanto, de difícil processamento ascendente.

Mas o que é compreensão? KLEIMAN (1989) a define como “esforço para recriar o sentido do documento”. Uma vez que adoto a noção de “paraconstrução”, atrevo-me a dizer que a autora fala de “interpretação”. Tomo **“interpretação”** como o **“esforço de colocar um signo em lugar de outro signo”**. Um mesmo signo em mentes diferentes é um signo diferente, dado que promove associações diferentes, visto que é inserto em “backgrounds” diferentes. Assim, mesmo o “repetir” não é “igualar”.

Esse esforço de interpretação passa pela significação, entendida como referencial semântico, abarca a organização dessa significação (La BERGE & SAMUELS, 1974: 319) e vai além, isto é, paraconstrói dizeres ocultos. Logo, interpretação não é uma competência apenas semântica, mas sobretudo pragmática.

Toda interpretação é possível, e nisso discordo de ECO (1993). Contudo, insisto que precisamos acrescer nosso arsenal de análise com a noção de “consensualidade”. O consenso é fruto das conjunturas sócio-históricas vigentes. Assim, há interpretações consensualizadas e interpretações não-consensualizadas. Todavia, toda consensualidade é uma ilusão e, como ilusão, é fluida, falível. Percebemos o mundo de forma sacádica, ou seja, como movimento e parada. O que acreditamos é na parada, o que é real é o movimento.

Essa incursão dialética serve para circunscrever o que entendo por **“compreensão”**, ou seja, **“toda interpretação consensualizada numa dada conjuntura de construção ou paraconstrução de um documento”**. Na perspectiva do enunciatário engloba suas expectativas do que seria essa consensualidade.

Digo que um indivíduo compreendeu, quando ele demonstra documentalmente que teria internalizado uma interpretação autorizada pelo consenso. Na escola isso é particularmente terrível: o aluno compreendeu quando demonstra ter internalizado a interpretação autorizada pelo professor. Digo que compreendi quando calculo que a minha interpretação se encaixa nas expectativas do enunciador.

Este trabalho não foge à regra. Falarei de falha de compreensão toda vez que um informante demonstrar pelo documento de resumo que sua interpretação ultrapassa os limites do bom senso que, na medida do possível, foi definido por critérios consensualmente objetivos dentro de uma dada abordagem acadêmica.

Contudo, só terei acesso às suas falhas, e pouco saberei sobre seus acertos. Trata-se de um drama similar à abordagem popperiana de ciência, segundo a qual só temos condições de dizer que uma tese foi corroborada, mas nunca que foi confirmada. Ao repetir construções do documento de base, ao apagá-las, ou mesmo parafraseá-las, infelizmente, as

informantes só me oferecerão pistas do que teriam compreendido. Essas pistas serão tão mais convincentes quanto mais elas demonstrarem parafraseamentos mais complexos e abrangentes. Mesmo assim, não confirmam minha interpretação desses desempenhos.

2.3.2 Operações cognitivas e metacognitivas

No esforço de compreensão, configuram-se operações regulares que permitem abordar a linearidade linguística. Essas operações podem ser classificadas em cognitivas e metacognitivas.

1. As operações **cognitivas** são estratégias de cunho inconsciente que permitem alcançar os objetivos propostos para a tarefa. Elas se apóiam basicamente no conhecimento: a) das regras gramaticais internalizadas (de naípe sintático e semântico); e, b) do conhecimento lexicológico. Estas estratégias, portanto, são inacessíveis, uma vez que é impossível trazê-las ao nível de consciência sem descaracterizá-las.

2. As estratégias **metacognitivas** são operações de cunho consciente e que são encetadas com um objetivo subjacente. Isso posto, é possível a verbalização da ação. GRIMM-CABRAL (s.d.: 68) a partir de BAKER & BROWN (1984) inclui nesse rótulo as seguintes habilidades: a) estabelecer propósito (compreender exigências explícitas e implícitas da tarefa); b) identificar aspectos importantes da mensagem; c) focalizar a atenção para o conteúdo principal; d) monitorar a atividade de verificação se a leitura compreensiva está acontecendo; e) exercer autoquestionamento; f) adotar atitudes corretivas quando ocorrerem falhas de compreensão.

Vários autores ressaltam que a acessibilidade aos processos de leitura só pode se dar por meios indiretos. A rigor, mesmo a verbalização dos procedimentos metacognitivos implica um artifício que simula o processamento real. Este trabalho observou as atitudes dos alunas durante a tarefa de elaboração de um resumo informativo com vistas a perceber alguns procedimentos mais evidentes do trato com a escrita sob essas condições. A compreensão, por sua vez, foi inferida a partir da produção dos documentos de resumo, o que implicou aceitar a tese de que esse constructo documental pode revelar níveis de compreensão do documento.

2.3.3 Modelos cognitivos

Como vimos, a compreensão do documento escrito é função da interação entre a informação prévia armazenada pelo leitor, organizada dentro de uma configuração de representação mental, com a informação “nova” apresentada no documento (BARTH, s.d.: 85). O conhecimento prévio, por seu turno, é armazenado por meio de modelos cognitivos globais que são “blocos completos de conhecimentos relativos a conceitos intensamente utilizados na interação” (FÁVERO, 1991: 92). Esses blocos têm a função de organizar o nosso conhecimento de mundo em conjuntos integrados.

Segundo CARREL & EISTERHOLD (1983), um documento não carrega significação por si mesmo. Os leitores trabalham com esquemas relevantes na memória e tiram sentido do documento. Para ANDERSON & PEARSON (1984) só se compreende um documento quando uma “casa mental” é mobilizada para comportar uma informação nova advinda do documento. Ou, como diz TOMICH (s.d: 18) “quando é apto a achar lugar em seus esquemas para ajustar a nova informação”.

Há dois tipos básicos de conhecimentos armazenados: o declarativo e o procedimental (WINOGRAD, 1976; MILLER & JOHNSON-LAIRD, 1976).

1. O **conhecimento declarativo** é aquele dado pelas sentenças e suas proposições que organizam os conhecimentos a respeito de situações, eventos, e fatos do mundo real e entre as quais se estabelecem relações do tipo lógico como as de generalização, especificação, causalidade, etc.. É armazenado na memória semântica.

2. O **conhecimento procedimental** é o dado pelos fatos ou convicções num determinado formato, para um uso determinado. Seu armazenamento se dá na memória episódica.

Com base nos pressupostos acima, configuram-se vários tipos de modelos cognitivos (FÁVERO, 1990: 62-8).

1. **Conceitos**: “constelação de conhecimentos armazenados, na memória semântica e na memória episódica, em unidades consistentes, porém não monolíticas e estanques”.

2. **Frames**: “contém o conhecimento comum sobre um conceito primário e estabelecem que elementos, em princípio, fazem parte de um todo, mas não estabelecem entre eles uma ordem ou sequência (lógica ou temporal)”.

3. **Esquemas**: “os elementos estão ordenados numa progressão, de modo que se podem estabelecer hipóteses sobre o que será mencionado ou feito a seguir”.

4. **Planos**: “modelos de comportamentos deliberados exibidos pelas pessoas, podendo abranger vários propósitos superpostos”.

5. **Scripts**: “planos estabilizados, utilizados ou invocados com muita frequência para especificar os papéis dos participantes e as ações deles esperadas”.

6. **Cenários**: “o domínio estendido da referência”.

7. **Superestruturas**: “permitem descrever tipos de documentos”³⁹.

Os vários modelos acima interagem com as pistas deixadas pela linearidade lingüística. Meu interesse particular se dará pela manifestação nos documentos de resumo do conhecimento superestrutural. Parafraseando BARTH (s.d.: 88), a estratégia de considerar a organização textual através da ativação de esquemas textuais tem sido vista não apenas como elemento facilitador do ato de reter informações de um documento, mas também como um elemento relevante no ato de interpretar um documento.

Nessa pesquisa, busquei evidências dessa utilização, não me limitando a conceber a reprodução organizacional do documento de base como indício de compreensão, mas sobretudo, tentando captar a subjacência dessa utilização em organizações textuais diferenciadas daquela usada pelo autor do documento de origem.

2.3.4 Falhas de compreensão

No processo de leitura é possível que ocorram falhas de compreensão tanto advindas de fatores internos, ligados ao leitor, quanto advindas de fatores externos, ligados ao documento e ao contexto maior⁴⁰. A rigor, duas classes de problemas - aplicação ineficiente

³⁹ As superestruturas serão objeto de análise mais aprofundada no capítulo subsequente.

⁴⁰ No primeiro grupo, fatores internos, comportam-se: “capacidade visual, conhecimento do código lingüístico, do código escrito, do assunto, da experiência com o documento, estabilidade física e emocional, memória, atenção e motivação”; no segundo grupo, fatores externos, elencam-se a “estrutura do documento, a sua legibilidade, fatores ambientais” (GRIMM-CABRAL, 1988: 83). 2. Para LAKATOS & MARCONI (1992: 20), as falhas decorrem de atitudes que devem ser evitadas, tais como dispersão do espírito, inconstância, passividade, excessivo espírito crítico, preguiça e até deslealdade.

de regras e estratégias; e, conhecimento prévio deficitário - geram, conforme BAKER & BROWN (s.d: 356), três tipos básicos de falhas de compreensão⁴¹:

1. Os esquemas necessários à compreensão não estão disponíveis. Nesse caso, o leitor não possui conhecimento prévio suficiente que proporcione uma interpretação do documento.

2. Há um esquema disponível mas o autor não provê suficientes pistas para sugeri-lo. Nesse caso, o problema está centrado nas dificuldades do próprio documento.

3. O leitor aciona uma interpretação consistente do documento, mas essa interpretação não coincide com aquela intentada pelo autor. Em outros termos, o leitor interpreta o documento mas não compreende o autor, uma vez que forma uma representação mental diferente daquela pretendida pelo autor. Confesso que essa última possibilidade é insólita.

Dadas as características de minha pesquisa, a manifestação documental de falhas de compreensão é útil como instrumento de aferição da adequabilidade dos documentos paraconstruídos. Para este trabalho utilizei três pistas (AMARAL & ANTÔNIO, s.d.: 21-2): a extrapolação; a redução ou particularização indevida; e, a contradição.

1. A **extrapolação** ocorre quando o documento paraconstruído apresenta informações que não estão no documento de base. A extrapolação surge quando o leitor ultrapassa os limites consensuais de interpretação, em geral por meio de associações e criações acionadas pela imaginação e/ou memória. Constitui-se num exercício de criatividade inadequada. Esse problema tem origem: a) em associações evocativas; b) na busca de pressupostos discursivos; c) na busca de conclusões através de conexões interdiscursivas; etc.. O reconhecimento dessa falha implica a otimização da capacidade de interpretação objetiva dos documentos.

2. A **redução**, por sua vez, ocorre quando o indivíduo se prende em aspectos menos relevantes do documento de base, de tal sorte que sua paraconstrução é insuficiente para refletir o conjunto. Essa falha surge quando abordamos apenas uma parte (detalhe, aspecto) dissociando-a do documento de base. Configura-se no privilégio de um elemento (ou uma relação) que é verdadeiro mas não é suficiente diante do conjunto, ou então que se torna falso porque passa a ser descontextualizado. Trata-se de um fracionamento indevido cujo reconhecimento representa um salto qualitativo.

3. A **contradição** ocorre quando a paraconstrução apresenta sentidos contraditórios em relação ao conteúdo de base. Tal falha surge a partir da leitura desatenta, da não-percepção de algumas relações, da incompreensão de um raciocínio, do esquecimento de uma idéia, da perda de uma passagem no desenvolvimento do documento. A percepção desse tipo de falha, evidentemente, implica o desenvolvimento qualitativo da leitura, otimizando a fidelidade ao documento de base.

Embora perspetive as três falhas destacadas, este trabalho prestou especial atenção à redução ou particularização indevida, a fim de se observar se foi provocada por sentenças periféricas sublinhadas. Nesse caso, um fator externo, a marcação por sublinhas, será fator de causa de uma interpretação mal sucedida.

⁴¹ 1. Sobre esse assunto, ver também BARTH (s.d: 86); MEURER (1987: 9). 2. ELLER (1967) apud BAKER & BROWN (s.d: 356) inclui uma quarta falha quando se considera a leitura crítica, ou seja, o leitor interpreta o material de maneira desejada pelo autor, sem criticá-lo.

2.3.5 Leitura e estudo

Para SALVADOR (1970: 71-2) estudar implica: “a) um processo deliberado e conscientemente dirigido de aprender. Aprende-se, sobretudo, pela aplicação atenta e proposital de reflexão; b) um processo de apreensão, isto é, de percepção de significados; e, c) um processo de assimilação, de apropriação”.

A sumarização de documentos facilita diretamente o estudo. A construção de um sumário adequado para si serve como checagem do que se compreendeu e memorizou do material. Nos dizeres de BAKER & BROWN (s.d.: 374) o resumo é um “método sofisticado de teste de nosso nível de compreensão e retenção e, desse modo, de nosso preparo para um teste”. As autoras inclusive apontam que há algumas evidências de que é mais fácil estudar a partir de um sumário do que a partir de um documento original e que o treinamento de regras de redução semântica incrementa a compreensão de documentos.

A tarefa solicitada às alunas foi a elaboração de um resumo informativo do documento, excluindo, desse modo, a crítica. Logo, incursionou-se no campo da leitura de estudo (HARLOW, 1980: 113-4)⁴², o que implicaria a “absorção mais completa do conteúdo e de todos os significados, devendo-se ler, reler, utilizar dicionário e fazer resumos”. Uma leitura crítica subjaz à formação de pontos de vista sobre o documento.

É evidente que uma leitura proficiente não descarta a reflexão crítica. Ela sempre é um recorte pragmático e está inserida numa complexa rede de interações. Contudo, um resumo informativo pressupõe a abstenção do autor segundo em prol de uma visão objetiva do documento de base. Assim, um resumo informativo deveria apresentar documentalmente que o leitor detinha as seguintes habilidades (MORRIS SANDERS & BROOM apud SALVADOR, 1970: 72).

1. **Apreensão** (transposição ou memorização) “é a capacidade de apreender, de captar e de recordar os conteúdos básicos encontrados num documento”.
2. **Entendimento** “(intus-ire: ir dentro) é a capacidade de penetrar nos conteúdos apreendidos, descobrindo o seu significado”.
3. **Análise** “é a capacidade de dividir o assunto no maior número possível de parcelas que forem necessárias para compreendê-lo”.
4. **Síntese** “é a capacidade de colocar em ordem os pensamentos, começando pelos mais simples”

Na elaboração de um resumo informativo, a aplicação (associação ou transferência a outros contextos); os julgamentos de valor; e, a criatividade, habilidades que completam a caracterização de uma boa leitura reflexiva, ultrapassam as demandas da tarefa. Isso implica que os objetivos estabelecidos pelo leitor resumidor (uma estratégia metacognitiva) não foram adequados, revelando problemas no trato objetivo de documentos. Nesses casos, configurar-se-iam falhas de extrapolação.

2.3.6 Compreensão e resumo

A produção de resumos adequados, em especial assumindo-se o modelo de compreensão de van DIJK & KINTSCH (1983), é função direta da capacidade de compreensão de documentos. Para esses autores, a tarefa implica a habilidade de apreender a

⁴² Sobre tipologias de leitura, considerem-se: LAKATOS & MARCONI (1992: 16); BARBOSA (1991: 122); GERALDI (1987: 81-6); HARLOW (1980: 113-4); CERVO & BERVIAN (1978: 25-60); SALVADOR (1970: 70); MORAL (1955: 63-5).

macro-organização textual⁴³. Essa habilidade permite a determinação da relevância da informação de modo a se obter o tema ou o assunto do documento⁴⁴.

Mas o que é essa adequabilidade? Para BARROS & ROJO (1984), o sujeito constrói seu conjunto cognitivo a partir de variadas interações. Isso implica existirem diferenças entre os conjuntos cognitivos dos vários interlocutores de um documento e, portanto, variabilidade interpretativa na leitura. Contudo, algo desses conjuntos é compartilhado, permitindo interpretações comuns.

Isso posto, os resumos escritos por vários leitores guardam intra- e intertextualmente (com o documento-original) um conjunto comum de significados que se relacionam logicamente, que se determinam pragmaticamente e que evidenciam a interlocução com o autor. Isso ocorre a despeito de determinadas idiossincrasias, da aparente divergência diagnosticável. Trata-se do que eu já mencionei de “consensualidade”.

Logo, leitura adequada é leitura negociada, na qual

“nem só e todo significado pretendido pelo autor será recuperado, nem qualquer significado imposto pelo leitor, mas a intersecção entre o conjunto cognitivo do leitor e o conjunto conceitual e [configuracional] nuclear proposto pelo autor do [documento]” (id. *ibid.*: 59) (adaptação minha).

Uma das assunções que obtenho dessa seção é a de que a adequabilidade não implica a defesa de uma leitura única. Advogo que há leituras adequadas e, portanto, resumos adequados obtidos a partir dessas leituras. Assim, embora não se deva tornar o núcleo significativo comum exclusivo, não se pode negar sua existência em prol de uma postura anárquica.

No caso de um resumo informativo, espera-se que a variabilidade seja diminuída, uma vez que há todo um esforço de objetivação e, desse modo, de maximização dos aspectos de significação e de debreagem dos aspectos pragmáticos.

2.3.7 Redução semântica

A partir dos inputs de nossos sentidos, armazenamos informações em nossas memórias de curto, médio ou longo prazo. Dada a efemeridade da memória de curto prazo, a noção de macro-organização parece ser útil para que se organizem e se reduzam as informações.

Sabidamente, o input lingüístico se traduz em informação semântica, ou conceptual, tão rápido quanto se possa. É plausível que para cada cláusula se assinalem seqüências de proposições proporcionando informações elementais. Ora, é empírico saber-se que não nos recordamos de todos os detalhamentos da linearidade lingüística quando lemos ou escutamos (a menos que se decore). Desse modo, uma das tarefas do processamento lingüístico é a de reduzir e organizar grandes quantidades de informações.

⁴³ 1. Estrutura semântica global do documento. Reconstrução teórica do que costuma se chamar o tópico de um discurso, isto é, sua informação mais importante (GUIMARÃES, 1990: 81). 2. Configuração profunda do documento, é considerada como forma lógica ou estrutura subjacente do documento. Define a significação do documento “como um todo” (FÁVERO, 1991: 91-2).

⁴⁴ Resumo se distingue de paráfrase justamente por distinguir as idéias centrais de um documento das idéias secundárias, perceber os núcleos dos significados do documento, “enxugando-o” e assim obtendo uma síntese, o apanhado geral que torna clara a compreensão do que foi lido. Parafrasear é fundamentalmente reescrever “traduzir” com palavras de cunho pessoal as passagens julgadas assimiladas, avaliadas ou discutidas.

Parafraseando van DIJK (1979, 1986) macro-organizações semânticas⁴⁵ são a reconstrução teórica de noções como “tema” ou “assunto” de um discurso. Neste caso, não nos reportamos ao sentido das sentenças olhadas individualmente, mas sim ao discurso ou excertos desse discurso como um todo.

Van DIJK defende que a passagem da linearidade lingüística a um nível mais alto se dê por intermédio de regras de projeção semântica, ou macro-estratégias⁴⁶. Dessa forma, se um dado discurso é coerente em sua superfície, em se aplicando regras que projetem em níveis mais altos seu conteúdo semântico, ele será globalmente coerente. Ou, nos seus termos, “sólo si nos es posible construir una macroestructura para un discurso, puede decirse que ese discurso es coherente globalmente” (1986: 45).

A função das macro-estratégias é a de transformar a informação semântica, reduzindo uma seqüência de proposições a poucas, ou mesmo a uma única. Tal redução é necessária para que possamos compreender, armazenar ou reproduzir discursos.

Cumprem essa função três macro-estratégias:

1. A **supressão** consiste na eliminação de itens lexicais ou sintagmas maiores quando não são necessários à compreensão do documento. Em outras palavras, suprimem-se elementos que não sejam pressupostos das seqüências seguintes. A estratégia empregada é a de cópia com apagamento, ou seja, manutenção dos elementos necessários à continuidade do documento com apagamento de pormenores desnecessários.

2. A **generalização**, por sua vez, consiste na substituição de elementos lingüísticos por outros mais gerais que os incluam. Nesse caso, a estratégia é a substituição por um elemento hiperonímico.

3. A **construção**, enfim, pressupõe a criação de proposições, de sorte que esse constructo substitua elementos do documento de base. O “substituendum” deve então denotar o mesmo feito que a totalidade do “substituens”.

Além dessas macro-estratégias SERAFINI (1986: 149) elenca uma quarta, denominada de seleção. Para a autora a **seleção** ocorre quando se é possível suprimir todos os elementos óbvios em determinados contextos, isto é, elementos que são facilmente recuperáveis pela mundivivência do usuário.

Como se pode observar, as regras de supressão e de seleção operam através de apagamento de informações; as de generalização e de construção exigem do usuário a habilidade de criação de elementos substituidores. Por outro lado, enquanto a supressão e a generalização não permitem a recuperação dos elementos envolvidos na redução semântica, uma vez que não se pode aplicá-las ao revés, as regras de seleção e de construção, por seus turnos, uma vez que operam com a mundivivência do informante, permitem entrever parte desses elementos.

A partir dessas considerações, é possível construir o quadro a seguir:

⁴⁵ “Macro-organização” reflete mais adequadamente as configurações semânticas do que o termo “macroestrutura”.

⁴⁶ Usarei “estratégia” ou “macroestratégia” em substituição a “regra” e “macrorregra”, por permitirem uma apreciação mais coerente com a noção de padronização aqui defendida.

Quadro 2.3 - Estratégias e recuperação de informações a partir das macro-estratégias:

Tipo	Estratégia de Apagamento	Estratégia de Substituição	Informação Não Recuperável	Informação Parcialmente Recuperável
Supressão	x		x	
Seleção	x			x
Generalização		x	x	
Construção		x		x

Van DIJK recomenda que a ordenação das regras se dê da construção para a generalização, passando pela supressão⁴⁷. Sua proposta é substancialmente condicionada a fatores pragmáticos, uma vez que parte de critérios do usuário, ou seja, dos seus interesses, conhecimentos, desejos, normas e valores. Primeiro, faz-se necessário detectar o tipo de episódio; depois, suprimem-se os pormenores óbvios; enfim, pode-se fazer a generalização.

Proponho aqui uma segunda seqüência, partindo-se das regras de apagamento e chegando-se às de substituição. Para mim, é possível pensar-se numa tecnologia que inicie sua trajetória pela supressão de elementos do documento até que se possa chegar a construções mais complexas. Tais procedimentos simulariam a trajetória proposta por BROWN & DAY (1983), para quem há uma progressão em termos de degraus de intervenção cognitiva para aplicar cada regra.

As regras mais fáceis, as de apagamento, requerem apenas que se omitam informações do documento. Mas a de mais dificuldade, a regra de invenção (construção), requer que se supra uma sinopse em suas próprias palavras, isto é, que se adicione informação, antes que se apague, selecione, ou manipule sentenças já dadas. Esses processos de invenção são a essência da boa sumarização⁴⁸. Eles são usados com facilidade pelos experts e com maior dificuldade pelos leitores novatos.

Esperou-se que as alunas, dadas as demandas da tarefa, fossem sobremaneira influenciadas pela linearidade lingüística. Como se verá, além disso, a presença do documento de base no decorrer da tarefa foi variável co-partícipe desse fenômeno.

2.3.8 Condições da tarefa

Pesquisa empírica de KLEIMAN (1989: 77), ao questionar tese da relação maturidade e hierarquia das regras de redução semântica, proposta por BROWN & DAY (1983)⁴⁹, concluiu que a presença do documento de base no decorrer da tarefa favorecia “o seguimento da ordem seqüencial, atomista das informações nele contidas, não sendo então uma manifestação de imaturidade na aquisição de regras de redução semântica, mas apenas uma manifestação de um maior grau de dependência do objeto, cujo acesso era permitido durante a tarefa”⁵⁰.

⁴⁷ 1. Ressalve-se que o autor se reporta essencialmente a documentos narrativos onde a noção de episódio é relevante. 2. Veja-se van DIJK (1992: 99-121).

⁴⁸ Dai ver-se com ressalva que as informantes produziram um resumo como um conjunto de parafraseamentos, tal como propõe PORTINE (1983).

⁴⁹ Segundo as autoras as regras de apagamento (neste documento, supressão e seleção) já são aplicadas por crianças da 5a série. A regra de supraordenação (generalização) seria dominada no início do 2º grau. As regras de seleção, que implica determinar a sentença-tópico (que contém a(s) macroproposição(ões)) e de invenção (nesta pesquisa, construção) só teriam pleno domínio na Universidade.

⁵⁰ 1. MARQUETTI et alii (1991: 132-8), repetindo o experimento com alunas da 3a série do 2o grau do curso de magistério, chegaram a resultados semelhantes aos de KLEIMAN. 2. PEITRUKA et alii (1991: 139-146),

Seu trabalho, envolvendo alunos de 8ª série do 1º grau, demonstrou que a tarefa feita sem a presença do documento de base permite uma consideração mais global do documento. Desse modo, os resumos tendem a ser mais coesos, uma vez que as ligações são feitas intradocumentalmente. Por seu turno, resumos feitos com consulta, tendem a depender da linearidade do documento de base, de modo que os elos coesivos e de coerência acabam se dando de forma interdocumental (documento de base versus documento de resumo).

Portanto, a presença do objeto induz a uma seleção seqüencial das sentenças, viesando a percepção de níveis mais elevados de organização textual. Nesse caso, tendo em vista que alguma informação é mantida para processamento, as exigências de memória se limitam às da memória de trabalho. KLEIMAN (1989: 85) acrescenta:

“esse material lingüístico, uma vez processado, desapareceria porque o fator tarefa faz parte constitutiva da maneira como o sujeito seleciona, processa e organiza essa informação. A relação que o leitor estabelece com o objeto presente durante a tarefa de resumo, pareceria ser apenas uma relação mecanicista, diferente qualitativamente da relação estabelecida pelo leitor do grupo experimental, não como um objeto meramente formal, mas com um objeto significativo. Seria essa relação a que determina as diferentes estratégias, e não o fator maturacional, como propõem Brown e Day, já que crianças de 8ª série demonstraram domínio das regras de seleção e invenção de sentença tópico, indo além delas na medida que elas constroem um tópico discursivo através da combinação de parágrafos”.

KLEIMAN (1989: 75) vê a tarefa de resumir um documento como uma competência discursiva do leitor-resumidor, uma vez que o sucesso do uso de regras de redução semântica depende de sua capacidade de avaliação das configurações globais do documento. Logo, é uma atividade que vai além do domínio das estratégias de estudo e da manifestação da compreensão documental, como já vimos.

Em nível universitário, espera-se que o leitor já esteja maduro o suficiente para que o documento paraconstruído seja uma manifestação confiável de sua compreensão. Sua caracterização se dá pela procura de generalizações cuja base se dá a partir de idéias abstratas e de processos avaliativos nos quais pesam a percepção de mundo do leitor versus a contrapercepção das demais pessoas. Nos dizeres de KOPFSTEIN (1984: 121)⁸, “this stage is characterized by a search for generalizations based on abstract ideas and an evaluative process which weighs the reader’s perceptions of the world against the perceptions of others”.

Portanto, teoricamente, leitores de nível superior, como os de minha amostragem, já dominam as regras mais elevadas e poderiam se colocar mais distantes da linearidade lingüística.

Contudo, há pelo menos quatro contra-argumentos em prol da moderação da tarefa e, por consequência, do documento de base:

1. Atividades que congracem leitura e escrita de uma forma praxiológica, um fazer com sentido real evidente, são praticamente anuladas no ensino de redação de 1º e 2º graus em favor de um estilo único, qual seja, a redação de vestibular⁵¹.

retirando o documento de base, chegaram a conclusão de que não houve evolução significativa na utilização de regras de redução entre alunos de 2o e 3o graus, reforçando a tese da moderação do tipo de atividade.

⁵¹ 1. A Universidade Federal do Paraná expediu às escolas de 2º grau, documento no qual se condena essa prática, deixando em segundo plano o domínio da linguagem. “Ao longo dos anos, o bem intencionado modelo clássico de redação escolar - redigir um texto dissertativo sobre um tema, apresentado com ou sem documento de base - acabou por gerar uma espécie de ‘gênero de linguagem’, de uso exclusivo para fins escolares, redigido na esmagadora maioria dos casos segundo um molde padronizado”. 2. Veja-se UFPR (1995: 1 ss)

2. Trabalhos escolares geralmente implicam cópias de materiais bibliográficos, sem qualquer respeito à fonte.

3. Há uma postura tarefaira na escola, que continua no nível superior. Fazer um resumo para fins de satisfação de uma exigência acadêmica não implica ter-se compreendido o documento de base. Uma vez que resumos elaborados pelas regras inferiores da hierarquia de redução semântica são aceitos sem questionamentos pelos docentes (quando e se os lêem), é possível, a partir da internalização dessa regra do jogo didático-acadêmico, obter sucesso sem méritos.

4. A própria proposição da tarefa impõe às informantes que organizem um resumo informativo do documento de base a partir de um assunto não-diretamente relacionado à pedagogia “*stricto sensu*”. Essas condições implicam fidelidade ao documento de base, fazendo com que a preservação da linearidade documental seja uma estratégia de autodefesa por parte do estudante⁵².

Por outro lado, tanto ELIAS (1984: 188), quanto SOUZA e SILVA (1985) ponderam que o trabalho com assuntos próximos, mas não-específicos, implica uma confiança maior na configuração semântica do documento.

BARROS & ROJO (1984: 56) chegam a conclusões semelhantes, quando trabalham com resumos de 6 (seis) leitores proficientes em nível de mestrado. Dizem as autoras:

A inexistência nos resumos de dados, além dos expresso no texto, e o baixo número de inferências, assim como o predomínio da estratégia de cópia-apagamento, são outras características que nos levam a concordar com Kleiman (1984) em sua afirmação de que o tipo de tarefa e não o fator maturacional, como querem Brown e Day (1983), é que pode explicar determinados aspectos da elaboração de resumos, uma vez que os leitores aqui considerados são leitores maduros, no mesmo sentido dado por Brown e Day”

Isso posto, espera-se que essas constatações se repitam neste trabalho em particular.

⁵² A elaboração de um resumo informativo, como já foi visto no capítulo antecedente, não implica estratégias de cópia e de apagamento, ou de paráfrase do documento de base. Se o informante assim o faz, é porque não possui conhecimentos mais aprofundados sobre o que é um resumo informativo e sobre o que é resumir de uma maneira mais ampla.

3. Os Artigos de Divulgação

3.1 Elementos de trabalho

3.1.1 Elementos de segmentação dos documentos

Segundo HOEY (1991), os documentos são antes organizados que estruturados¹. Como já se discutiu, o conceito de estrutura matiza-se por um caráter de inviolabilidade. Enquanto uma estrutura pressupõe a prescritividade de modelos, a organização textual trabalha com padrões culturalmente flexíveis². Se por um lado, novos padrões constantemente são produzidos, o que inviabilizaria um inventário exaustivo, outros cristalizam-se, constituindo-se padrões culturalmente canônicos numa dada sociedade³. Portanto, as descrições estruturais devem ser reinterpretadas como padrões de organização populares⁴.

Desse modo, falantes e escritores proporcionam, e ouvintes e leitores percebem padrões de organização no documento. Embora não existam limites para o número de possíveis padrões de organização, as relações sob as quais eles são elaborados devem ser finitas. Portanto, é possível admitir, em função dessas premissas, que essas relações pertençam ao arsenal cognitivo humano, colaborando para a interpretação.

Em outros termos, proponho que a noção de padronização possa substituir a noção de estruturas cognitivas, uma vez que as últimas correspondem apenas à cristalização

¹ HOEY (1991: 26 ss) pondera que a procura por uma estrutura textual é sintoma de um fenômeno de deslocamento conceitual, consistindo na utilização de um termo familiar como metáfora para a descrição de uma situação nova. No caso, refere-se ao uso do referencial da frase como explicação do universo textual.

² Essa postura evitaria os inconvenientes da explosão de modelos e/ou consideração de exceções, invariavelmente presentes numa postura estrutural.

³ Vejam-se as superestruturas de van DIJK (1980, 1983, 1986, 1992).

⁴ A noção de padronização matizará todas as considerações deste trabalho de um caráter organizacional, evitando problemas de engessamento causados por propostas estruturais.

de padrões a partir da reiteração contínua. Antes de estruturas, devemos dirigir a nossa atenção às relações que permitem que se construam padrões de organização.

HOEY, invertendo a tendência de se transpor os constructos conceptuais da frase para o documento, propõe uma metaforização a partir de um referencial maior. Para ele, o documento se define como uma coleção de documentos construída a partir de determinados padrões de organização. "Texts are made up of interrelated but separate packages of information - sentences - just as collection of texts might be" (1991: 31). Isso posto, tal como documentos se relacionam uns com os outros, sentenças igualmente se relacionam⁵.

Neste trabalho, o conceito de **sentença** abarcou:

1. **Aspecto gráfico.** Divisão ortográfica que se inicia com caractere maiúsculo e que termina com pontuação final - ".", "?", "!" e "..."⁶.

2. **Aspecto sintático-gramatical.** Domínio da sentença "S", raiz da representação arbórea no modelo padrão da gramática gerativa⁷, podendo ser absoluta, composta ou complexa conforme a organização de suas cláusulas constituintes⁸.

3. **Aspecto textual-cognitivo.** Elemento constitutivo da organização textual contendo um pacote separado e interrelacionado de informação, embora incompleto e em miniatura (cf. HOEY, 1991: 35).

A meu ver, a escolha pela sentença como elemento de segmentação⁹ tem pelo menos duas vantagens. Em primeiro lugar, elimina imprecisões comuns aos cortes de cláusulas¹⁰, por ser uma unidade gráfica evidente. Em segundo lugar, permite uma consideração menos complexa do que as proposições atomísticas consideradas em van DIJK (1992), dado que, por definição, sentença é um conjunto de proposições.

3.1.2 Critérios centrais para o sublinhado

Como já se disse, uma das variáveis moderadoras deste trabalho é a noção de adequabilidade. Uma vez que se trata de um conceito pouco consensual, procurei cercar-me de critérios objetivos de destaque de determinados elementos dos documento em detrimento de outros.

O primeiro suporte para este trabalho é a natureza intrínseca do sublinhado, ou melhor, **trata-se de uma estratégia de cópia com apagamentos**. O que o leitor faz, nada mais é do que priorizar determinadas seqüências do documento (cópia) e não priorizar outras seqüências (apagamento).

Observando-se que o elemento de segmentação é a sentença, fundamento minha tese na constatação de HOEY (1991) para quem é possível produzirem-se resumos de

⁵ Para uma visão mais detalhada, inclusive exemplificação, veja-se HOEY (1991: 31-2).

⁶ Confira-se HOEY (1983: 15).

⁷ 1. Confira-se LOBATO (1986: 111). 2. Corresponde à noção de período da gramática tradicional.

⁸ 1. Cláusula é a construção gramatical correspondente: 1) aos domínios dos sintagmas imediatamente derivados da sentença radical; 2) às sentenças constituintes de uma composição; 3) às sentenças dominadas por sintagmas nominais, adjetivais ou adverbiais (cf. LOBATO, 1986: 111 ss). 2. Corresponde à noção de oração na gramática tradicional. 3. Veja-se também a definição de HOEY (1983: 15).

⁹ Todo trabalho com os documento originais e paraconstruídos pressupuseram a sentença como elemento de segmentação.

¹⁰ Veja-se, por exemplo, RAUEN et alii (1993).

documentos expositivos¹¹ a partir da consideração/desconsideração de determinadas sentenças, tomadas em sua totalidade.

Para ele, sentenças que possuem três ou mais vínculos entre seus itens lexicais são conectadas entre si. A análise contrastiva de todas as sentenças de um documento, umas com as outras, permite descrever quantitativamente essas conexões, tanto com as sentenças anteriores, quanto com as sentenças posteriores. Tendo em mente essa tecnologia, tornam-se possíveis resumos a partir de sentenças de alta conectividade (centrais); a partir da desconsideração de sentenças de baixa conectividade (periféricas); a partir da consideração de determinada sentença central com suas pares. Além disso, é possível determinar sentenças de abertura e de encerramento de tópicos¹².

Neste trabalho, configurei como critério central para o sublinhado o destaque de sentenças consideradas centrais, de tal sorte que se obtivesse a partir da leitura seqüenciada das sentenças destacadas um resumo informativo do documento original - critério da realimentação de RUIZ (1991: 40). Em outras palavras, as sentenças destacadas como centrais colocadas umas atrás às outras, deveriam constituir um resumo informativo do artigo de divulgação, sem maior esforço adaptativo. A esse conjunto de sentenças chamei de versão "A".

Para que isso fosse possível, as quatro meta-estratégias obtidas a partir da interpretação das metarregras de CHAROLLES (1978) foram aplicadas tanto intra- quanto interdocumentalmente. Dessa forma, tomada a versão "A", ou tomada a relação documento original e versão "A", não poderiam ser feridas as meta-estratégias de repetição (ou continuidade), progressão, não-contradição e relação (ou articulação).

Neste esforço foram adotados os seguintes critérios auxiliares:

1. **Vínculos coesivos**, levantados por HOEY (1991), com vistas a escolha de sentenças conectadas quando em confronto com sentenças não-conectadas, garantindo a manutenção da meta-estratégia da repetição ou continuidade.

2. Determinação das **ilhas de confiança lexical** propostas por CAVALCANTI (1984), como critério de determinação de blocos de sentenças comuns e/ou escolha de sentenças conectadas candidatas ao sublinhado.

3. **Padronização textual** dos artigos de divulgação científica de "Ciência Hoje" proposta por SILVEIRA (1990a), como critério de garantia da manutenção da padronização dos artigos, de forma a elencarem-se as categorias mais relevantes.

4. **Relações clausais** de WINTER (1971) a partir de HOEY (1983), a fim de se delimitarem critérios de relação ou articulação entre sentenças destacadas.

5. O **padrão argumentativo** proposto por TOULMIN (1958) para fins de observação da padronização argumentativa subjacente ao discurso de divulgação científica.

Obtidas as sentenças centrais, estabeleci critérios de eliminação de sentenças. O objetivo dessa tarefa foi o de eliminar as sentenças não-essenciais para a interpretação do documento. Neste caso, o número de sentenças eliminadas deveria ser igual ao número de

¹¹ Reitere-se que esta pesquisa considera o documento científico como argumentativo-expositivo.

¹² Estudando vários artigos de divulgação científica de "Ciência Hoje", percebi que a maioria contém entre 60 e 100 sentenças. Esse número permite que a densidade para o sublinhado fique em torno do que a literatura traz como razoável, isto é, entre 25%, ou seja, $\frac{1}{4}$ das sentenças do documento de origem, e $\frac{1}{3}$, ou seja, 33,3% dessas sentenças (FLÔRES et alii, 1994). Ilustrativamente, dado um documento de 96 sentenças, o critério quantitativo permite destacar entre 24 ($\frac{1}{4}$) e 32 ($\frac{1}{3}$) sentenças.

sentenças centrais destacadas. O documento de base obtido pela aposição de sublinhas em sentenças periféricas foi denominado de versão “D”.

Excluí do sublinhado todas as sentenças consideradas como intermediárias¹³. Neste rótulo elenquei aquelas sentenças que não se comportavam nem como centrais, nem como periféricas. Veja-se que não estou interessado em leituras direcionadas. Nesse caso, destacar-se-iam sentenças de tal forma que se poderiam produzir determinados vieses interpretativos. Meu interesse era estabelecer garantias de que as sentenças periféricas e centrais fossem periféricas e centrais.

Isso posto, não há qualquer preocupação em advogar que os destaques produzidos sejam os únicos e, desse modo, perfeitos. Isso é defender a monossemia, é negar a multiplicidade de leituras. Ressalte-se que o que chamo de sublinhado adequado apenas implica considerá-lo como pertinente para a elaboração de um resumo informativo.

Escolhidas as sentenças centrais e periféricas, pude organizar quatro versões para cada documento original, denominadas pelas letras “A”, “B”, “C” e “D”. Dessa forma, garantiu-se uma gradação da adequabilidade do sublinhado.

1. No documento de base que eu chamei de versão “A”, todas as sentenças que receberam sublinha(s) eram centrais. Um documento do tipo “A”, constituiu-se qualitativamente de uma sequência de sentenças que, sem esforço adaptativo maior, já resume o documento original e, quantitativamente, compreende um número múltiplo de três, entre 1/4 e 1/3 da quantidade total de sentenças do documento original.

2. No documento que chamei de versão “B”, 2/3 das sentenças sublinhadas eram centrais e 1/3 das sentenças eram periféricas.

3. No documento que chamei de versão “C”, 1/3 das sentenças sublinhadas eram centrais e 2/3 das sentenças eram periféricas.

4. Por fim, no documento que chamei de versão “D”, todas as sentenças sublinhadas eram periféricas.

3.1.3 Vínculos coesivos

A proposta de HOEY (1991) ressalta os elos criados entre sentenças por relações tanto lexicais, como não-lexicais. O que caracteriza um vínculo é que este permite ambientação para que o produtor adicione algo de novo, indo além da informação já veiculada. Essa função é coerente com a meta-estratégia da repetição.

Antes de apresentá-los, ressalte-se que é o segundo elemento aquele que tem de estar ligado ao primeiro (relação anafórica) para se constituir como vínculo. Dessa forma, o segundo elemento deve ter referência semelhante à referência do primeiro.

Para HOEY (1983, 1991), os elos podem ser formados por¹⁴:

1. **Repetição lexical simples.** Ocorre quando um item lexical, já presente numa sentença anterior do documento, é repetido noutra sentença de forma integral, ou com alterações plenamente explicáveis pelos paradigmas gramaticais. Exemplificando, “homem” vs. “homem”, “homem” vs. “homens”, “ser” vs. “foi”, etc.. Excluem-se desse rótulo: a) a

¹³ A inclusão dessas sentenças seria polêmica e inviabilizaria a objetividade da variável. Em situações extremas, duas sentenças poderiam ser colocadas como centrais, assim como duas poderiam ser entendidas como periféricas e o pesquisador obrigou-se por escolher uma. Não envolver a sobra dessas opções evita a polemização.

¹⁴ HOEY (1991: 58-69) organiza quatro fluxogramas para orientar a delimitação dos vínculos.

repetição accidental como, “O estudo desenvolve a razão” vs. “Por esta razão, devemos estudar”¹⁵ e, b) determinantes, preposições, auxiliares, negativos, coordenativos e subordinativos, conjunções, submodificadores e as partículas.

2. Repetição lexical complexa. Ocorre em duas situações: a) dois itens lexicais compartilham morfemas idênticos, mas não são idênticos formalmente; e, b) os dois itens são idênticos, mas de classificação gramatical diferente. Em ambos os casos é possível parafrasear um item de modo que essa paráfrase contenha o outro. Exemplificando, “Ele tinha dançado demais” vs. “A dança começou à tardinha”, onde “dança” (substantivo) equivale à atividade na qual alguém “dança” (verbo).

3. Paráfrase simples. Ocorre quando um item pode substituir outro dentro de um contexto sem perder ou ganhar especificidade e com mudança de significação não-discernível. Aproximadamente, recobre a noção de sinonímia. Pode ser parcial ou mútua. Na paráfrase mútua, a substituição tem mão dupla (e.g. “A bomba produziu estragos” vs. “A greve causou problemas”). Na paráfrase parcial, o elemento “B” substitui o elemento “A”, mas a recíproca não ocorre (e.g. “homem jovem” vs. “livro novo”).

4. Paráfrase complexa. Surge quando dois itens lexicais são definidos de modo que um deles inclua o outro, embora não compartilhem morfema lexical. Nesse rótulo incluem-se: a) a antonímia (e.g. “quente” vs. “frio”), que o autor prefere considerar como paráfrase simples (1991: 64); b) casos nos quais o item em destaque é repetição complexa de um primeiro (e.g. “escrito” vs. “escritor”) e também uma paráfrase simples (ou mesmo antonímia) de um terceiro (e.g. “escritor” vs. “autor”), implica que o segundo e o terceiro item lexical estão em situação de paráfrase complexa (e.g. “escrito” vs. “autor”). Observe-se:

Se “escrito” está em repetição complexa com “escritor”,

Se “escritor” está em paráfrase simples com “autor”,

Então “escrito” está em paráfrase complexa com “autor”;

e, c) casos semelhantes ao visto acima, mas com os elementos cognitivamente calculados.

5. Co-referente. Ocorre quando não há relação lexical evidente (e.g. “César Augusto” vs. “O imperador romano”)¹⁶.

6. Repetição hiponímica. O segundo termo é menor do que o primeiro (e.g. “cientistas” vs. “biólogos”)¹⁷.

7. Substituição. Incluem-se nesse rótulo todas as espécies de substituição por formas (FÁVERO, 1991: 58). Exemplificando, “José caiu” vs. “Ele estava nervoso”.

8. Elipse. Classe de substituição na qual o primeiro item é substituído por Ø (“zero”). A título de exemplo, “José saiu” vs. “Ø Estava nervoso”.

3.1.4 Coesão lexical: itens lexicais chaves

A noção de que há palavras, frases, parágrafos chaves nos documentos é freqüentemente encontrada na bibliografia¹⁸. Observe-se:

¹⁵ 1. O próprio autor já demonstra certa preocupação com questões ligadas à polissemia (HOEY, 1991: 53-4). 2. GRIMM-CABRAL (1994) discute problemas causados pela metáfora na determinação dos vínculos.

¹⁶ Ressalte-se que este tipo de elo é de difícil automação, uma vez que necessita do conhecimento enciclopédico (declarativo) do leitor para que possa ser calculado.

¹⁷ O autor pondera que a relação inversa (e.g. “biólogos” vs. “cientistas”) é discutível porque pode não possuir o segundo elemento a mesma referência do primeiro (“cientistas” equivale a “só os biólogos?”) (HOEY, 1991: 70).

A capacidade de escolher se desenvolve pelos seguintes exercícios: a) escolher as idéias através das palavras que as exprimem; b) numa frase, a idéia expressa é condensada em algumas palavras-chaves; c) num parágrafo, a idéia principal é freqüentemente resumida numa frase-mestra; d) numa exposição, a sucessão das idéias principais se manifesta por parágrafos-chave” (SALVADOR, 1970: 75).

A partir desse contexto, outro critério de adequabilidade é a consideração de itens lexicais chaves, proposta por CAVALCANTI (1984) a partir dos fios condutores semânticos de COLLERSON (1973-4: 25) para quem “em qualquer documento, certas palavras são relacionadas semanticamente umas as outras”, podendo-se dizer que “elas formam um fio condutor que percorre todo o documento ou parte dele”. Num dado documento, itens lexicais chaves formam o que LESSER & ERMAN (1977) chamam de ilhas de confiança lexical. As ilhas de confiança são pontos de referência ou âncoras identificáveis no documento.

Esses itens formam fios condutores semânticos que percorrem todo o documento ou parte dele e são básicos para o estabelecimento do conteúdo proposicional. Eles são encabeçados por itens lexicais chaves e compostos por iterativos e associativos¹⁹. Itens lexicais chaves centralizam informação que tem relações pragmáticas indiretas na interação leitor-documento.

Trata-se portanto de um conceito semântico e pragmático. “É semântico porque é baseado na saliência indicada pela coesão léxico-gramatical e informativa do documento. É pragmático por que se refere às ‘expressões indexicais’” (CICOUREL, 1974)²⁰, cuja saliência é negociada em confronto com a relevância-leitor em direção à criação de coerência na interação leitor-documento. Em outras palavras, um item lexical chave é um elemento saliente entre os demais e com o qual o leitor resolve interagir, por ser contextualmente relevante.

Assim, certos itens lexicais são selecionados pelo leitor como ilhas de confiança discursiva. Esses itens formam fios condutores semântico-pragmáticos e são básicos para o estabelecimento do conteúdo proposicional e para a atribuição da força ilocucionária. Tais fios são formados por itens contextualmente relevantes que podem ser relacionados semanticamente, pragmaticamente ou semântico-pragmaticamente como itens lexicais chaves.

3.1.5 Artigos de “Ciência Hoje”: padronização

MEYER & RICE (s.d. apud BARROS & ROJO, 1984) defendem que os “bons leitores” recuperam o tipo de configuração textual²¹, quer esta esteja implícita ou explicitamente marcada, enquanto leitores menos proficientes encontram dificuldades no primeiro caso, apresentando resumos com organização diferente da do documento de base. Isso posto, padrões de organização canonizados podem ser úteis para o trabalho a que me proponho.

O conceito de superestrutura foi apresentado por van DIJK e corresponde a uma espécie de sintaxe textual socialmente organizada. Para ele “superestructura es la forma global de un discurso que delinea la ordenación global del discurso y las relaciones (jerarquicas)

¹⁸ Consultem-se SOARES & NASCIMENTO (1978) e GARCIA (1983) a título de exemplo.

¹⁹ Segundo CAVALCANTI (1984: 174-5) itens associativos são combinações lexicais que ocorrem em pares ou cadeias e que não têm necessariamente identidade referencial; itens iterativos representam a repetição com identidade referencial dos itens lexicais chaves dos documentos.

²⁰ “Expressões indexicais” são índices de experiências passadas e presentes que exigem a atribuição de significado que vai além daqueles dados pelo dicionário (CAVALCANTI, 1984: 172).

²¹ O autor usa o termo estrutura.

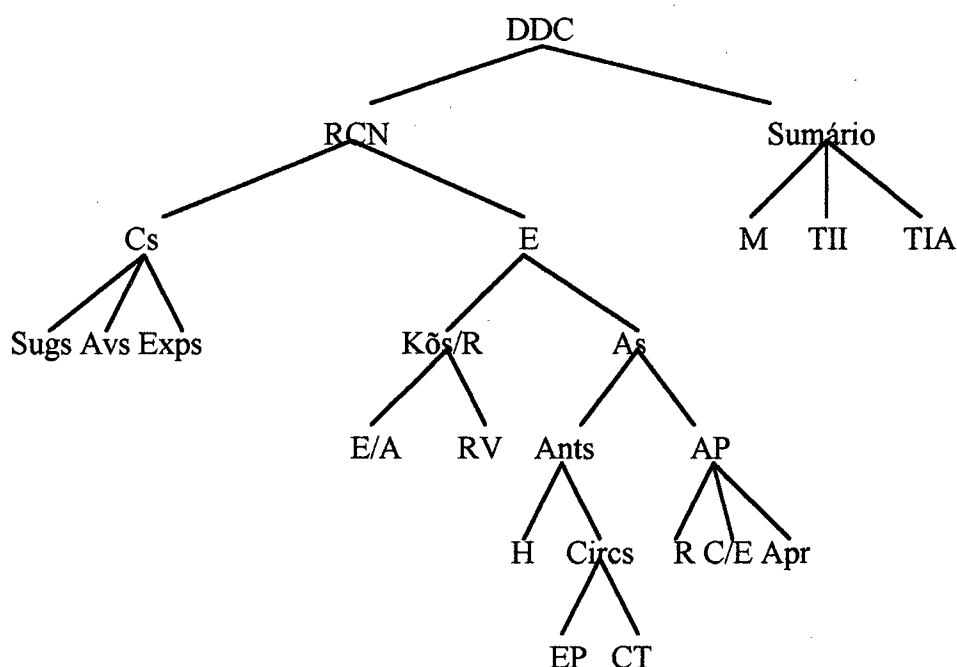
de sus respectivos fragmentos” (1986: 53). Ela corresponde ao modo particular como determinada cultura organiza espécies de documentos.

As categorias organizacionais impõem restrições ao conteúdo semântico e pragmático de um documento. Esse esquema dispõe as seqüências de sentenças e indica para elas funções específicas.

Ao contrário de CORACINI (1985: 38) para quem a vulgarização científica apresentaria uma organização imprevisível, SILVEIRA (1990a) apresenta um esquema de organização de um artigo de “Ciência Hoje”²², que transcrevo a seguir:

“As categorias mais superordenadas são as da notícia: sumário (Su) e relato científico-noticioso (RCN). O sumário compreende a manchete (M), o texto introdutório do índice (TII) e o texto introdutório do artigo (TIA). O RCN compreende o episódio (E) e os comentários (Cs). O (E) superordena os acontecimentos (As) e as conseqüências/reações (Kôs/Rs); os (As) hierarquizam o acontecimento principal (AP) e os antecedentes (Ants); o acontecimento principal é a pesquisa realizada que é formalizada pelas categorias da história, o discurso envolvido: apresentação (Apr), conflito-enigma (C/E) e resolução (R); já os (Ants) que são as causas que originam a pesquisa, compreendem as circunstâncias (Circs), que se diferenciam em contexto (CT), ou seja, acontecimentos antecedentes à pesquisa mas que ainda são atuais e eventos prévios (EP), antecedentes passados em relação à pesquisa realizada; os (Ants) compreendem, também, a história (H) que organiza as categorias da intriga, narrativas de sucesso e/ou fracasso para os sujeitos-informantes da pesquisa. Os comentários (C) se definem por expectativas futuras do cientista (Exps), avaliações (Avs) e sugestões (Sugs); As [Kôs/Rs], por fim, são de tempo posterior aos acontecimentos e resultam deles, diferenciando-se em eventos/atos (E/A) e reações verbais (RV)” [p. 3-4] (complementos meus, entre colchetes, ao original incompleto).

Esquema 3.1 - Organização de uma artigo de divulgação científica de “Ciência Hoje”, conforme SILVEIRA (1990a):



²² A autora trabalha com a noção de superestrutura.

A classificação acima cumpriu um duplo propósito. Por um lado, dispôs uma terminologia para tratar determinadas partes dos artigos amostrados. Por outro lado, constituiu-se em tecnologia auxiliar para o destaque de sentenças centrais e periféricas.

3.1.6 Relações clausais

A definição de relação de cláusula foi proposta por WINTER em 1971 e corresponde ao processo cognitivo de interpretação ou de produção de uma sentença ou grupo delas, a partir das sentenças adjacentes. "Clause relation is the cognitive process whereby we interpret the meaning of a sentence or group of sentences in the light of this adjoining sentence or group of sentences"; "clause relation is also the cognitive process whereby the choices we make from grammar, lexis and intonation in the creation of a sentence or group of sentences are made in the light of its adjoining sentence or group of sentences" (citado por HOEY, 1983: 18-9). O trabalho do analista consiste em determinar os padrões de relação clausal de forma a eliciar a organização do documento.

Embora existam infinitas combinações, as relações de cláusulas se dividem em duas principais categorias: seqüência lógica e parceria (ou combinação).

1. Nas relações **lógicas** uma série de combinações podem ser encetadas permitindo o avanço do discurso, tais como as de causa e consequência ou as de instrumento e ação.

2. Nas relações de **parceria** operam mecanismos de repetição. Neste tipo de relação interagem estratégias de compatibilidade e de contraste. As relações de parceria são largamente usadas em padrões geral-particular, em especial as de generalização-exemplo e as de previsão-detahes.

Uma das formas de se eliciar as relações é a transformação do monólogo em diálogo. Nesse caso, cria-se um interlocutor virtual que interage com o fluxo informacional do documento. Este interlocutor tem a função de questionar ou de solicitar maiores detalhamentos. A análise que completa este capítulo contém farta exemplificação desses procedimentos.

As relações clausais foram proficuas na determinação dos padrões organizacionais de todos os documentos estudados. Como critério auxiliar, permitiu-me sublinhar as sentenças centrais e analisar intra- e interdocumentalmente os documentos pesquisados. As relações de emparelhamento serviram de norte para a análise contrastiva das sentenças paraconstruídas e de base.

3.1.7 Modelo de Toulmin (1958)

Uma vez que concordo com CORACINI (1991: 190) para quem o documento de divulgação científica é altamente argumentativo, um quinto critério utilizado foi o das categorias componenciais do argumento de TOULMIN (1958).

Para esse autor, todo argumento é composto por três partes básicas: dado, premissa e conclusão.

1. **Dado (D):** "o ponto de partida do argumento, constituído por afirmações de fatos, citações de autoridade ou afirmações previamente estabelecidas por argumentos anteriores";

2. **Premissa (P):** "afirmação que justifica o uso dos dados como base para a conclusão e que autoriza o salto mental envolvido na passagem dos dados para a conclusão";

3. **Conclusão (C):** “afirmação, em geral de natureza controvertida, para a qual se busca a adesão de outros e que pode servir como dado ou premissa de um outro argumento”.

Outros três elementos completam o modelo: modalizador, refutação e suporte.

1. **Modalizador (M):** “sua função é expressar o grau de força com que é tomada a conclusão”;

2. **Refutação (R):** “sua função é estabelecer as condições sob as quais a conclusão não será válida, antecipando uma possível objeção a ela”.

3. **Suporte (S):** “sua função é fornecer mais provas para a aceitação dos dados e/ou premissa e que pode ser constituída por uma afirmação simples ou por um argumento inteiro”.

Uma das vantagens do modelo é a possibilidade de um argumento ter outro argumento como suporte de uma de suas partes e que a conclusão possa passar a dado ou premissa de um outro argumento. Assim, um documento argumentativo frequentemente será constituído de argumentos de vários níveis, isto é, haverá um argumento de nível 1, correspondente a uma macro-configuração mais global e genérica, que sintetiza todo o raciocínio desenvolvido, e argumentos de nível 2, 3, ..., n encaixados uns aos outros.

Pode-se supor, em nível teórico, que a aplicação cíclica de estratégias que reduzam os argumentos se dê de forma a apagar ou integrar primeiro argumentos de nível 3, depois de nível 2 e, finalmente, de nível 1. Tais não foram os resultados de BARROS & ROJO (1984: 51), visto que não se revelaram processos homogêneos e mecânicos como este. Contudo, em vez de anárquicos, pôde-se entrever alguns processos comuns. Uma de minhas tarefas foi verificar quais os procedimentos das informantes ao resumir os artigos propostos.

3.1.8 Critério secundário: forma do sublinhado

Nem sempre sublinhamos sentenças de forma integral. Ora fazemos isso, ora destacamos itens lexicais específicos, ora cláusulas constitutivas. Tendo isso em mente, sublinhei as sentenças nas três formas aludidas, buscando simular um sublinhado virtualmente real.

O que se espera dessa variável?

1. Que em sentenças sublinhadas integralmente exista um processo de compressão, principalmente por cópia acrescida de apagamentos e/ou paráfrases;

2. Que em sentenças submetidas a sublinhado clausal, haja processos de cópias dos excertos sublinhados e apagamento dos elementos não-sublinhados;

3. Que em sentenças sublinhadas lexicalmente haja um processo de preenchimento das lacunas não-sublinhadas, de tal sorte que, em se tomando o conjunto de itens lexicais sublinhados haja um acréscimo de elementos lingüísticos.

3.2 O sublinhado

As considerações da seção anterior visaram a explicitar os parâmetros de transformação dos artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje” em documentos de base para a posterior tarefa de elaboração dos resumos informativos. Nesta seção, meu objetivo é apresentar os artigos amostrados; como se procedeu a referida transformação; e, por fim, descrever minuciosamente o trabalho no documento “Perspectivas para o desenvolvimento de vacinas contra a AIDS”.

3.2.1 Os documentos de origem

O primeiro passo foi coletar fascículos do periódico “Ciência Hoje”, publicados em 1993 e 1994, cujos temas não fossem específicos ao campo da pedagogia, nem contivessem fórmulas complexas, de modo a dificultar o processamento. Paralelamente, cuidei para que os artigos não contivessem menos de 60 e mais de 100 sentenças.

Isso posto, aleatoriamente escolhi quatro artigos:

- 1. O estresse e as doenças²³, artigo de Leoni Villano Bonamin (USP).
- 2. Estudos do solo revelam alterações climáticas da Amazônia²⁴, de autoria de Yves Lucas, François Soubiès, Armand Chauvel e Thierry Desjardins (INPA-Orston).
- 3. Perspectivas para o desenvolvimento de vacinas contra a AIDS²⁵, artigo de Mauro Schechter (UFRJ).
- 4. Atrás do voto²⁶, de Karina Kuschnir (PUC-RJ).

Escolhidos os documentos, o próximo passo foi destacar as sentenças centrais e periféricas, a partir dos critérios para o sublinhado discutidos anteriormente.

Observe-se no quadro 3.1 a seguir que, em se tomando por exemplo o documento 1: “Estresse”, 24 sentenças foram destacadas como centrais e outras 24 como periféricas. Logo, 32 sentenças foram consideradas como intermediárias e não receberam sublinhado algum. Isso equivale a 30%, 30% e 40%, respectivamente.

Quadro 3.1 - Quantidade e percentual dos tipos de sentenças conforme os quatro artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje” amostrados para o experimento

Documento	Documento 1		Documento 2		Documento 3		Documento 4	
	Estresse		Solo		AIDS		Voto	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Centrais	24	30,00	18	27,27	30	32,60	27	31,76
Intermediárias	32	40,00	30	45,46	32	34,80	31	36,48
Periféricas	24	30,00	18	27,27	30	32,60	27	31,76
Total	80	100,00	66	100,00	92	100,00	85	100,00

Posteriormente foram montadas as versões mistas, isto é, “B” e “C”.

No quadro 3.2, observando o artigo “Estresse”, verificaremos que a versão “A” apresenta 24 sentenças centrais sublinhadas e nenhuma sentença periférica; a versão “B” apresenta 16 sentenças centrais e 8 sentenças periféricas sublinhadas; a versão “C” apresenta 8 sentenças centrais e 16 sentenças periféricas sublinhadas; e, por fim, a versão “D” apresenta 24 sentenças periféricas sublinhadas e nenhuma sentença central.

²³ BONAMIN, Leoni V.. O estresse e as doenças. *Ciência Hoje*, 17 (99), 25-30, abril de 1994.
²⁴ LUCAS, Y.; SOUBIÈS, F.; CHAUVEL, A.; DESJARDINS, T.. Estudos do solo revelam alterações climáticas da Amazônia. *Ciência Hoje*, 16 (93), 36-39, agosto de 1993.
²⁵ SCHECHTER, Mauro. Perspectivas para o desenvolvimento de vacinas contra a AIDS. *Ciência Hoje*, 18 (101), 54-7, julho de 1994.
²⁶ KUSCHNIR, Karina. Atrás do voto. *Ciência Hoje*, 17 (99), 18-23, abril de 1994.

Quadro 3.2 - Padrão de distribuição de sentenças centrais e periféricas sublinhadas nas quatro versões de documentos de base dos quatro artigos de “Ciência Hoje” amostrados:

Documento Versão	Documento 1		Documento 2		Documento 3		Documento 4	
	Estresse		Solo		AIDS		Voto	
	Central	Periférica	Central	Periférica	Central	Periférica	Central	Periférica
A	24	0	18	0	30	0	27	0
B	16	8	12	6	20	10	18	9
C	8	16	6	12	10	20	9	18
D	0	24	0	18	0	30	0	27

Finalmente, escolheram-se as sentenças que receberiam sublinhado lexical e clausal.

No quadro 3.3, observando-se ainda mais uma vez o documento “Estresse”, 10 sentenças (5 centrais e 5 periféricas) foram sublinhadas em cláusula(s) específica(s) e 10 sentenças (5 centrais e 5 periféricas) foram sublinhadas em itens lexicais específicos. As demais 14 sentenças foram sublinhadas de forma integral.

Quadro 3.3 - Quantidade de sentenças centrais e periféricas dos quatro artigos de “Ciência Hoje” conforme as formas de sublinhado:

Documento Forma do sublinhado	Documento 1		Documento 2		Documento 3		Documento 4	
	Estresse		Solo		AIDS		Voto	
	Central	Periférica	Central	Periférica	Central	Periférica	Central	Periférica
Integral	14	14	10	10	18	18	17	17
Lexical	5	5	4	4	6	6	5	5
Clausal	5	5	4	4	6	6	5	5
Total	24	24	18	18	30	30	27	27

Uma vez cumpridas as fases descritas acima, fotocopiei os artigos em destaque e, com auxílio de colaboradores, sublinhei as sentenças envolvidas. Os documentos, já sublinhados, foram então novamente fotocopiados. São essas fotocópias as que foram fornecidas às informantes de pesquisa durante o experimento.

Acompanhemos a atividade em um dos documentos escolhidos.

3.2.2 Análise integral do documento 3: “AIDS”

Esta seção tem por objetivo apresentar a análise integral do documento “**Perspectivas para o desenvolvimento de vacinas contra a AIDS**” de Mauro Schechter. Dessa forma, espero ser possível observar os procedimentos encetados para o destaque das sentenças centrais e periféricas. Cumpre-se frisar que a análise realizada nos três documentos restantes, salvaguardadas algumas idiossincrasias, é réplica do que se expõe sobre esse documento em particular²⁷.

Para efeitos de apresentação da análise, dividi o documento de base em dois blocos principais, apoiando-me na padronização de SILVEIRA (1990a). No primeiro, apresentam-se elementos circunstanciadores do problema central, ou seja, o desenvolvimento de uma vacina anti-HIV/AIDS. No segundo bloco, elencam-se os principais percalços para esse desenvolvimento, além de perspectivar-se a “teoria Salk” como possível solução para o problema.

²⁷ A fim de que se possa observar o trabalho de destaque das sentenças centrais, transcrevi os quatro documentos com as sentenças das versões “A” negritadas e sublinhadas.

Uma vez obtidas as sentenças centrais, apresento a escolha das sentenças periféricas, passo necessário para a elaboração das versões mistas “B” e “C”.

Finalmente, encerro a seção apresentando os resultados da ação do critério segundo o qual algumas sentenças foram sublinhadas integralmente, outras a partir de cláusula(s) específica(s) e outras a partir de itens lexicais isolados.

3.2.2.1 Bloco 1: elementos circunstanciadores

As 36 sentenças iniciais do artigo, comportam-se com o que SILVEIRA (1990a) chama de “contexto”. Para ela, constituem esse rótulo os “acontecimentos antecedentes à pesquisa mas que ainda são atuais”. O contexto faz parte das circunstâncias que, por sua vez, fazem parte dos antecedentes, ou seja, as causas que originam a pesquisa principal. No caso do documento em destaque, correspondem às causas que justificam a importância das pesquisas em prol do desenvolvimento de vacinas anti-HIV/AIDS.

As nove sentenças iniciais desse primeiro bloco têm a função de fornecer um panorama histórico-quantitativo sobre a doença e sobre as perspectivas epidemiológicas. As duas primeiras sentenças respondem a pergunta “Como foi descoberta a AIDS?”; as sentenças restantes, além de ressaltarem o problema da subnotificação de casos oficiais, sentenças [4] e [5], apresentam um panorama da situação atual do desenvolvimento da doença e projeções para o ano 2000, tanto para o planeta, considerado no seu todo, [3], [6] e [7], quanto para o Brasil em particular, [8] e [9].

Observe-se o excerto:

Como foi a descoberta da AIDS?

Em 1981, o Center for Disease Control and Prevention (CDC) dos Estados Unidos registrou os primeiros casos de uma nova e fatal doença, que se tornou conhecida como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS).[1]

Quem eram as vítimas?

Suas vítimas, a maioria homossexuais previamente saudáveis, faleciam de infecções e neoplasias raras que, até então, só acometiam pessoas nascidas com certas deficiências imunológicas ou pacientes cujo sistema imune havia sido enfraquecido pelo uso de agentes imunossupressores.[2]

Forneça dados epidemiológicos:

No final de 1993, mais de 1,5 milhão de casos, ocorridos em mais de 150 países, já haviam sido oficialmente notificados à Organização Mundial de Saúde (OMS).[3]

Compatibilidade: dados epidemiológicos

Contraste: notificação vs. não-notificação

Tal número subestima a real extensão dessa pandemia (epidemia generalizada), já que considerável proporção de casos não é notificada, especialmente em países em desenvolvimento, carentes de infra-estrutura adequada para diagnóstico e vigilância epidemiológica.[4]

Compatibilidade: subnotificação de casos

Contraste: países em desenvolvimento vs. Países desenvolvidos - EUA

Mesmo em países desenvolvidos parece ser substancial a subnotificação, e alguns peritos estimam que, nos EUA, até 30% dos casos não são notificados.[5]

Compatibilidade: dados epidemiológicos

Contraste: 1993 vs. 1992

Em 1992, a OMS estimava que mais de 2 milhões de casos de AIDS já haviam ocorrido no mundo e que mais de 13 milhões de pessoas encontravam-se infectadas pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o agente etiológico da AIDS.[6]

Compatibilidade: dados epidemiológicos mundiais

Contraste: 1992 vs. 2000

Nessa mesma época, a OMS estimava que até o ano 2000, 30 milhões de adultos e de 5 a 10 milhões de crianças estarão infectados pelo HIV, e terão ocorrido 12 a 18 milhões de casos de AIDS sendo 4 a 8 milhões em crianças.[7]

Compatibilidade: dados epidemiológicos
Contraste: mundo (1992) vs. Brasil (1993)

No Brasil, até o final de 1993, cerca de 45 mil casos já foram oficialmente notificados ao Ministério da Saúde, calculando-se a subnotificação em até 50%. [8]

Compatibilidade: dados epidemiológicos no Brasil
Contraste: 1993 vs. 2000

Há estimativas que indicam que até o ano 2000 alguns milhões de brasileiros estarão infectados pelo HIV.[9]

Da sentença [10] à sentença [17], o tópico do artigo muda e perspectiva o agente da patologia, a saber, o vírus HIV, item lexical que se constitui em ilha de confiança durante o excerto. Além disso, observe-se que as três primeiras sentenças, [10], [11] e [12], comportam-se como argumento fechado nos moldes de TOULMIN (1958).

Quadro 3.4 - Análise argumentativa das sentenças 10-12:

Dado	Veja-se	O HIV pertence à subfamília dos lentivírus dos retrovírus humanos.[10]
Premissa	Ora	Como todos os retrovírus, tem material genético composto de ácido ribonucleico (ARN), e caracteriza-se pela presença de uma enzima denominada Transcriptase Reversa, que permite a transcrição do ARN viral em ácido desoxirribonucleico (ADN).[11]
Conclusão	Então	Tal cópia de ADN é, então, capaz de integrar-se ao genoma da célula hospedeira, passando a fazer parte de seu patrimônio genético.[12]

Entre as sentenças acima, destaquei como central apenas a primeira, dado seu caráter introdutório e dada a necessidade do vírus HIV ser apresentado, uma vez que o agente etiológico da doença deve ser considerado em um artigo que busca perspectivas para o desenvolvimento de vacinas contra essa doença. As duas restantes, visto que se comportam como explicações adicionais, foram classificadas como intermediárias.

Caracterizado o vírus, o autor procurará responder que tipo de células são afetadas por ele e, dessa forma, como se dá a infecção celular. Isso ocorre nas sentenças [13], [14] e [15]:

Que tipo de células são afetadas pelo HIV?

O HIV infecta principalmente, porém não exclusivamente, células que apresentam a molécula CD4+ em sua superfície (principalmente linfócitos t4-Helper e macrófagos).[13]

Explique melhor o que é molécula CD4+:

Essa molécula, que normalmente participa como estrutura estabilizadora do contato entre células do sistema imune no processo de apresentação de antígenos, age como receptor do vírus, mediando a invasão celular.[14]

Observe-se esse detalhe:

Existem mecanismos CD4-independentes de invasão celular por HIV, que, provavelmente, têm papel mais relevante na infecção de macrófagos e de outras células que não linfócitos.[15]

Como se pode ver pelas relações acima, a sentença [13] tem estatuto diferenciado das demais que se comportam como coadjuvantes, [14] explicitando melhor a células CD4+ e [15] ponderando sobre os mecanismos CD4-independentes. Isso posto, tão somente a primeira foi elencada como central. A segunda foi considerada intermediária e a terceira, periférica.

As sentenças subsequentes [16] e [17] procuram responder “qual a consequência da invasão celular pelo vírus HIV”.

Consequências da invasão celular:

A consequência final da infecção pelo HIV é uma contínua e previsível deterioração do sistema imune, caracterizada pela diminuição progressiva dos linfócitos CD4+, que de início compromete principalmente a imunidade celular.[16]

Compatibilidade: consequências da invasão celular

Contraste: anterioridade vs. posterioridade

A AIDS é uma manifestação tardia do processo[17]

O autor apresenta claramente que a primeira consequência da infecção pelo HIV é a deterioração do sistema imune, comprometendo o paciente em nível celular até um ponto no qual a AIDS se manifesta. Cumpre-se frisar que as sentenças [16] e [17] podem ser consideradas como centrais, visto que funcionam como conclusão de um argumento subjacente cuja base se inicia em [13] e cuja premissa é expressa por [14]. Observe-se:

Quadro 3.5 - Análise argumentativa das sentenças 13-14 e 16-17:

Dado	Veja-se	O HIV infecta principalmente porém não exclusivamente, células que apresentam a molécula CD4+ em sua superfície (principalmente linfócitos t4-Helper e macrófagos).[13]
Premissa	Ora	Essa molécula, que normalmente participa como estrutura estabilizadora do contato entre células do sistema imune no processo de apresentação de antígenos, age como receptor do vírus, mediando a invasão celular.[14]
Conclusão	Então	A consequência final da infecção pelo HIV é uma contínua e previsível deterioração do sistema imune, caracterizada pela diminuição progressiva dos linfócitos CD4+, que de início compromete principalmente a imunidade celular.[16] Compatibilidade: consequências da invasão celular Contraste: anterioridade vs. posterioridade A AIDS é uma manifestação tardia do processo[17]

Um pouco mais adiante, vê-se que a relação [17], “o caráter tardio de manifestação da AIDS”, com [18], a “definição de AIDS”, é mediada pelo subtítulo “O que é AIDS?”, que explicita a relação clausal.

A AIDS é uma manifestação tardia do processo[17]

O que é AIDS?/Defina AIDS:

A AIDS é definida como sendo um estágio avançado de infecção pelo HIV, caracterizado pela ocorrência de infecções oportunistas (assim chamadas porque, em geral, só ocorrem em pacientes imunodeprimidos) e/ou por determinadas neoplasias.[18]

A definição de AIDS [18], dada a sua indiscutível relevância para o artigo é considerada como central. Além do mais, ela inclui a proposição de que é um “estágio avançado de infecção pelo HIV”, implicando assim, “manifestação tardia do processo”, encontrada em [17]. Em outras palavras, o conjunto de proposições componenciais de [18] contém o conjunto componencial de proposições de [17], ([18]c[17]). Tal construção permitiu-me recaracterizar a sentença [17] como intermediária.

Retomemos a sentença [18] em conjunto com as sentenças que integram os dois primeiros parágrafos da segunda seção do artigo:

A AIDS é definida como sendo um estágio avançado de infecção pelo HIV, caracterizado pela ocorrência de infecções oportunistas (assim chamadas porque, em geral, só ocorrem em pacientes imunodeprimidos) e/ou por determinadas neoplasias.[18]

Explique melhor:/Como assim?

Assim, o seu diagnóstico fica restrito aos pacientes cuja imunodepressão ocasionada pela infecção do HIV já tenha atingido determinado limiar, tornando-os susceptíveis a doenças que normalmente não ocorrem em indivíduos imunocompetentes.[19]

Caracterize melhor esse limiar:/Que limiar?

Infecções oportunistas só ocorrem a partir de determinado grau de imunodeficiência, o que geralmente corresponde a contagem de linfócitos CD4+ menores que 200 células/mm³ (o valor normal situa-se entre 700 e 1000).[20]

Forneça dados reais:

Como regra geral, pode-se afirmar que raríssimos pacientes atingem tal limiar nos primeiros dois anos após a infecção.[21]

Compatibilidade: limiar**Contraste: dois primeiros anos vs. terceiro ano em diante**

A partir do terceiro, aproximadamente 4% dos pacientes ao ano atingirão contagens inferiores a 200 linfócitos CD4+/mm³. [22]

Compatibilidade: limiar**Contraste: primeiros casos vs. média dos casos**

Estudos demonstraram que, sem tratamento, são necessários 10 anos, em média, para que esse limiar seja atingido, a contar do momento da infecção.[23]

A sentença [19] tem a função de explicar com minúcias a definição obtida pela sentença [18]. As sentenças subseqüentes comportam-se como detalhamentos, desenvolvendo o item lexical chave “limiar”, que aqui se comporta como ilha de confiança lexical (CAVALCANTI, 1984). O item limiar corresponde ao limite mínimo de linfócitos CD4+ para que o paciente infectado ainda seja considerado imunocompetente e, por conseqüência, não-aidético.

Isso posto, as sentenças [19] e [20] comportam-se como intermediárias, sendo coadjuvantes de [18]. As sentenças [21], [22] e [23] comportam-se como detalhes, ilustrando com exemplos reais a evolução da imunodepressão, a partir do léxico de chamada “limiar”.

Vejamos agora as quatro sentenças subseqüentes:

Cite tratamentos para o HIV/AIDS:

A terapêutica antiretroviral (como o AZT, por exemplo) iniciada no momento correto é capaz de retardar consideravelmente a progressão da imunodeficiência.[24]

Compatibilidade: tratamentos**Contraste: objetivos dos tratamentos (AZT vs quimioprofilaxia)**

Já o emprego de quimioprofilaxia consegue impedir o desenvolvimento da infecções oportunistas mais comuns, como por pneumonia por P. Carinii.[25]

Compatibilidade: tratamentos**Contraste: dissociação vs associação dos tratamentos**

Assim, a associação dessas duas formas de tratamento (antiretroviral e quimioprofilaxia) permite retardar por vários anos o desenvolvimento de AIDS nos indivíduos infectados pelo HIV.[26]

Explicitação do pressuposto da diferença diagnóstica**Contraste: diferença diagnóstica (infecção pelo HIV vs AIDS)**

Dessa forma, é essencial diferenciar-se AIDS de infecção pelo HIV por serem diagnósticos com enorme diferença prognóstica.[27]

Nesse excerto, o autor aborda os tratamentos, tanto para os pacientes diagnosticados pelo vírus HIV, quanto para os pacientes que desenvolveram AIDS. A sentença [24] versa sobre a terapêutica antiretroveral e a sentença [25] sobre a quimioprofilaxia. A sentença [26] engloba-as, permitindo ambientação para [27], onde se alerta para a diferença entre AIDS e infecção pelo HIV, uma vez que “são diagnósticos com enorme diferença prognóstica”.

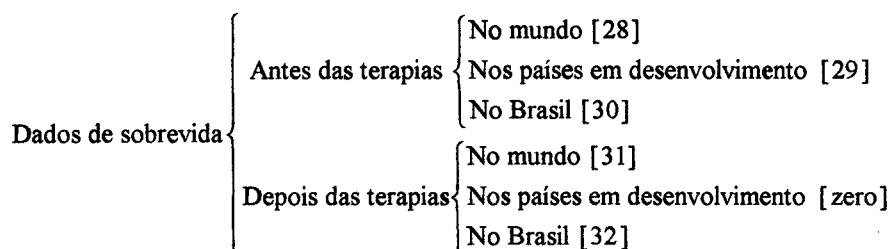
Dada a importância das terapias, elenquei como centrais as duas primeiras sentenças, [24] e [25], embora reconhecendo a pertinência tanto de [26], quanto de [27]. Nesse caso em particular, poder-se-ia ter optado por destacar as duas últimas e ignorar as primeiras. Desse modo, [26] e [27] foram consideradas como intermediárias e não foram envolvidas no sublinhado.

As cinco sentenças subseqüentes comportam-se como detalhamentos de [24] e [25], dicotomizadas em dados obtidos antes e depois das medidas terapêuticas. Dentro desses agrupamentos, o autor trabalha com a noção de delimitação espacial, começando por aspectos

mundiais, passando pelos países em desenvolvimento e chegando ao Brasil, no primeiro caso; e, do mundo para o país, no segundo caso.

Observe-se o esquema do excerto.

Esquema 3.2 - Análise argumentativo-organizacional²⁸ das sentenças 28-32:



Eis o bloco de sentenças em tela:

Forneça dados terapêuticos:

Antes do advento das medicações antiretrovirais e do uso rotineiro de quimioprofilaxia para infecções oportunistas, 50% dos pacientes com AIDS nos Estados Unidos e na Europa morriam após 11 meses do diagnóstico e 100%, após 18 meses. [28]

Compatibilidade: antes do AZT/quimioprofilaxia

Contraste: mundo vs países em desenvolvimento

Em países em desenvolvimento a sobrevivência era ainda menor. [29]

Compatibilidade: antes do AZT/quimioprofilaxia

Contraste: países em desenvolvimento vs Brasil

No Brasil, no período 1982-1989, ela era estimada em aproximadamente 6 meses. [30]

Compatibilidade: dados terapêuticos

Contraste: antes vs depois do AZT/quimioprofilaxia

Após o advento daqueles tipos de tratamento, houve aumento significativo da sobrevivência após o diagnóstico da AIDS, e hoje, nos países desenvolvidos, a sobrevivência média fica em torno de 3 anos. [31]

Compatibilidade: depois do AZT/quimioprofilaxia

Contraste: mundo vs Brasil

Estudo realizado no Rio de Janeiro mostrou que no caso de AIDS diagnosticados em 1989-90, a sobrevivência dos pacientes, muitos dos quais beneficiados pelo uso de antiretrovirais, foi de aproximadamente 22 meses. [32]

A próxima seção do artigo versa sobre a transmissão virótica. Ela tem a função de criar ambientação para a segunda parte do documento, a saber, a questão das vacinas propriamente ditas. Vejam-se as sentenças da seção no quadro da página seguinte:

Dentre as sentenças em tela, [33] “formas de transmissão” e [34] “intervenções para a contenção da epidemia” constituem-se como centrais. As sentenças [35] e [36] merecem observações mais acuradas.

Teoricamente, o autor deveria considerar as três formas de contágio. Entretanto, já em [34] nada se diz a respeito da contenção de contágio por via materna (gestação, amamentação e parto). A sentença [35] apenas versa sobre os resultados dos programas de contenção do contágio via transfusão de sangue, e a sentença [36] sobre os resultados obtidos no campo do contágio por via sexual. Ora, nada se diz a respeito dos usuários de drogas injetáveis e sobre resultados obtidos no campo do compartilhamento de seringas e agulhas. Isso posto, pondera-se em favor da consideração de ambas como intermediárias.

²⁸ Por este termo quero indicar a combinação de elementos dos vários critérios utilizados na análise de cada conjunto de sentenças, em especial, o modelo argumentativo de TOULMIN (1958) e as relações clausais de HOEY (1983).

Quadro 3.6 - Análise argumentativo-organizacional das sentenças 33-36:

Dado	Veja-se	Existem apenas três vias de transmissão do HIV: (1) via sexual bidirecional, isto é, da mulher para o homem e do homem para a mulher, nas relações heterossexuais, e do parceiro ativo para o passivo ou do passivo para o ativo, em relações homossexuais; (2) através de sangue (ou seus produtos) contaminado; (3) da mulher para o seu filho (durante a gestação, no trabalho de parto ou pela amamentação). [33]
Premissa	Ora	Desse modo, conter o avanço da epidemia parece depender de intervenções simples: sexo seguro (isto é, com preservativo, método extremamente eficaz na prevenção da transmissão), fiscalização do sangue (ou derivados) usado em transfusões, e limitação do compartilhamento de seringas e agulhas entre usuários de drogas injetáveis. [34]
Conclusão	Então	Nos países desenvolvidos, bem como em vários países em desenvolvimento (incluindo os principais centros urbanos no Brasil), a instalação de programas de triagem dos doadores e do sangue doado foi capaz de, praticamente, interromper a transmissão do HIV por essa via. [35] Compatibilidade: resultados Contraste: positivos vs negativos Tendo em vista que, em termos mundiais, 90% das novas infecções se dão pela via sexual (a vasta maioria por contato heterossexual) a falta de sucesso da maioria dos programas que visavam modificar comportamentos sexuais, a exemplo de tantas outras campanhas educacionais, fez com que o desenvolvimento de uma vacina se tornasse a única esperança de se conter o avanço da epidemia de HIV/AIDS. [36]

Minha opção, no entanto, foi considerar a sentença [36] como central, dado que:

1. Ao se colocar que “90% das novas infecções se dão pela via sexual (a vasta maioria por contato heterossexual)” e ponderar-se que este fato implica “falta de sucesso dos programas que visavam [a] modificar comportamento sexuais”, estabelece-se como óbvia que a intervenção, considerada como “simples” em [34], não se confirma na prática desse modo.
2. A sentença [36] permite entrever a importância da vacina dentro desse contexto, implicando a descrença do autor em tentativas de conscientização de massas. Para ele, a vacina é a “única esperança de se conter o avanço da epidemia HIV/AIDS”.
3. A sentença [36] possibilita observar a relevância das seções posteriores, constituindo-se como justificativa suficiente para os esforços de obtenção de uma vacina.

3.2.2.2 Versão “A”: bloco 1

Conforme frisei, o destaque de sentenças centrais deve estar comprometido com dois pré-requisitos. Em primeiro lugar, deve constituir um resumo informativo e, como tal, ser capaz de dispensar a leitura do original. Em segundo lugar, deve ser capaz de se configurar como um documento, ou seja, por si mesmo, de responder aos quesitos de coesão e coerência tanto intra- quanto interdocumentalmente.

Veja-se agora a sequência de sentenças destacadas do bloco 1.

Agente etiológico da AIDS:

O HIV pertence à subfamília dos lentivírus dos retrovírus humanos. [10]

Alvo de infecção do vírus HIV:

O HIV infecta principalmente, porém não exclusivamente, células que apresentam a molécula CD4+ em sua superfície (principalmente linfócitos t4-Helper e macrófagos). [13]

Consequências da infecção:

A consequência final da infecção pelo HIV é uma contínua e previsível deterioração do sistema imune, caracterizada pela diminuição progressiva dos linfócitos CD4+, que de início compromete principalmente a imunidade celular. [16]

Compatibilidade: consequências da infecção

Contraste: anterioridade vs posterioridade

Defina AIDS:

A AIDS é definida como sendo um estágio avançado de infecção pelo HIV, caracterizado pela ocorrência de infecções oportunistas (assim chamadas porque, em geral, só ocorrem em pacientes imunodeprimidos) e/ou por determinadas neoplasias.[18]

Cite tratamentos:

A terapêutica antiretroviral (como o AZT, por exemplo) iniciada no momento correto é capaz de retardar consideravelmente a progressão da imunodeficiência.[24]

Compatibilidade: tratamentos

Contraste: HIV vs AIDS como alvos do tratamento

Já o emprego de quimioprofilaxia consegue impedir o desenvolvimento da infecções oportunistas mais comuns, como por pneumonia por P. Carinii.[25]

Quais são as formas de contágio?

Existem apenas três vias de transmissão do HIV: (1) via sexual bidirecional, isto é, da mulher para o homem e do homem para a mulher, nas relações heterossexuais, e do parceiro ativo para o passivo ou do passivo para o ativo, em relações homossexuais; (2) através de sangue (ou seus produtos) contaminado; (3) da mulher para o seu filho (durante a gestação, no trabalho de parto ou pela amamentação).[33]

Dado vs Premissas

Desse modo, conter o avanço da epidemia parece depender de intervenções simples: sexo seguro (isto é, com preservativo, método extremamente eficaz na prevenção da transmissão), fiscalização do sangue (ou derivados) usado em transfusões, e limitação do compartilhamento de seringas e agulhas entre usuários de drogas injetáveis.[34]

Premissa vs Conclusão Adversativa

Tendo em vista que, em termos mundiais, 90% das novas infecções se dão pela via sexual (a vasta maioria por contato heterossexual) a falta de sucesso da maioria dos programas que visavam modificar comportamentos sexuais, a exemplo de tantas outras campanhas educacionais, fez com que o desenvolvimento de uma vacina se tornasse a única esperança de se conter o avanço da epidemia de HIV/AIDS.[36]

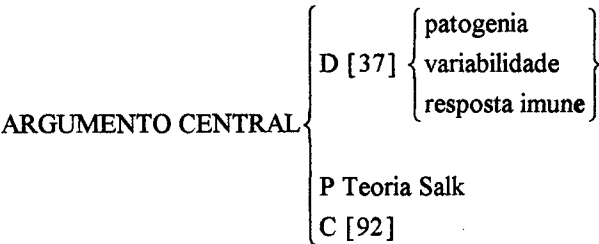
Como se pode perceber, os tópicos centrais desenvolvidos pelo bloco foram contemplados nesse conjunto de sentenças. Tal como no documento de origem, a sequência tematiza: a) o vírus HIV, definindo-o, apresentando as células afetadas, descrevendo a consequência de sua presença no organismo humano, a deterioração do sistema imune e, mais tarde, a AIDS; b) a AIDS, definindo-a; c) os tratamentos para a infecção pelo HIV e para a AIDS; d) as formas de contágio e de prevenção; e, e) a necessidade do desenvolvimento de vacinas, haja vista o insucesso das campanhas em nível de prevenção da transmissão virótica pela via sexual.

A leitura do excerto, acrescenta-se, corrobora a hipótese de que é possível o destaque de sentenças integrais do documento para que, sem esforço adaptativo maior, organizem-se resumos do documento de origem. A análise coesiva, feita nos moldes de HOEY (1991), permitiu-me observar a alta conectividade do conjunto das sentenças destacadas. Além disso, é possível destacar o item lexical “HIV”, como ilha de confiança lexical, dominando o excerto.

3.2.2.3 Bloco 2: “perspectivas para a vacina anti-HIV/AIDS”

A segunda parte do artigo configurou-se como um argumento complexo, isto é, um argumento com vários outros argumentos encaixados. A análise argumentativo-organizacional permitiu-me formalizá-lo conforme o seguinte esquema.

Esquema 3.3 - Análise argumentativo-organizacional do 2º bloco de sentenças:



Vejamos a sentença inicial do argumento.

Quadro 3.7 - Dado do argumento central:

DADO DO ARGUMENTO CENTRAL
Possivelmente, os principais obstáculos teóricos ao desenvolvimento de uma vacina repousam na falta de conhecimento preciso da patogenia da infecção pelo HIV, na grande variabilidade do vírus e do fato de não se saber que tipo de resposta imune é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV.[37]

A sentença [37] tem um papel capital para o artigo.

1. Ela conduz o andamento das sentenças subseqüentes, dado que antecipa três obstáculos para o desenvolvimento de vacinas. Esses obstáculos, como se verá mais adiante, são todos detalhados, fazendo com que a organização dos dados do argumento central seja formalizada num padrão de “Previsão-detalhes”.

2. Ela está em consonância com o título do artigo. Observe-se:

“PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE VACINAS CONTRA A AIDS”

Coesão Lexical

Possivelmente, os principais obstáculos teóricos ao desenvolvimento de uma vacina repousam na falta de conhecimento preciso da patogenia da infecção pelo HIV, na grande variabilidade do vírus e do fato de não se saber que tipo de resposta imune é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV.[37]

Tomadas as duas sentenças, a partir de adaptações de HOEY (1991: cap. 7), obtém-se que há uma relação de equivalência entre “perspectivas” do título e os “obstáculos” de [37]; uma repetição lexical simples de “desenvolvimento” e de “vacina”; e uma implicação, dado que “vacina” em [37] só pode se referenciar à “vacina contra a AIDS”.

Esquema 3.4 - Emparelhamento título vs sentença [37]

Título		Sentença [37]
PERSPECTIVAS	equivale	3 obstáculos: falta de conhecimento preciso da patogenia de infecção pelo HIV; grande variabilidade do vírus; resposta imune capaz de proteger contra a infecção pelo HIV.
DESENVOLVIMENTO	=	desenvolvimento
VACINAS	=	vacina
AIDS	implica	[AIDS]

3. Ela antecipa três itens lexicais chaves, a saber, “patogenia”, “variabilidade” e “resposta imune”, que representam nortes seguros para a divisão das sentenças subseqüentes em três sub-blocos.

3.2.2.3.1 Sub-bloco: “patogenia do HIV/AIDS”

Eis o primeiro sub-bloco, que se refere à “falta de conhecimento preciso da patogenia da doença”:

Inúmeras evidências indicam que o HIV é, por si só, capaz de causar a AIDS, através de mecanismos diretos e indiretos.[38]
Embora existam demonstrações in vivo e/ou in vitro da existência desses vários mecanismos, ainda não foi possível determinar com precisão a importância relativa de cada um deles.[39]

As duas sentenças, [38] e [39], compreendem o desenvolvimento do primeiro item lexical-chave. Elas foram consideradas como centrais, dado que sua exclusão no resumo implicaria falha de particularização indevida.

Observe-se ainda que a organização dessas informações, com alguma adaptação, funciona como argumento nos padrões de TOULMIN (1958).

Quadro 3.8 - Análise argumentativo-organizacional das sentenças 38-39:

Dado	Veja-se	Inúmeras evidências indicam que o HIV é, por si só, capaz de causar a AIDS, através de mecanismos diretos e indiretos. [38]
Premissa	Ora	[...] exist{e}m demonstrações in vivo e/ou in vitro da existência desses vários mecanismos, [39a]
Conclusão	Contudo	ainda não foi possível determinar com precisão a importância relativa de cada um deles. [39b]

3.2.2.3.2 Sub-bloco: “variabilidade do vírus HIV”

Em contraste com a simplicidade de expansão da “patogenia de infecção” a “variabilidade do vírus” recebeu um tratamento mais apurado. Veja-se o esquema adiante.

O início desse argumento complexo corresponde à sentença [40], que funciona como dado de entrada.

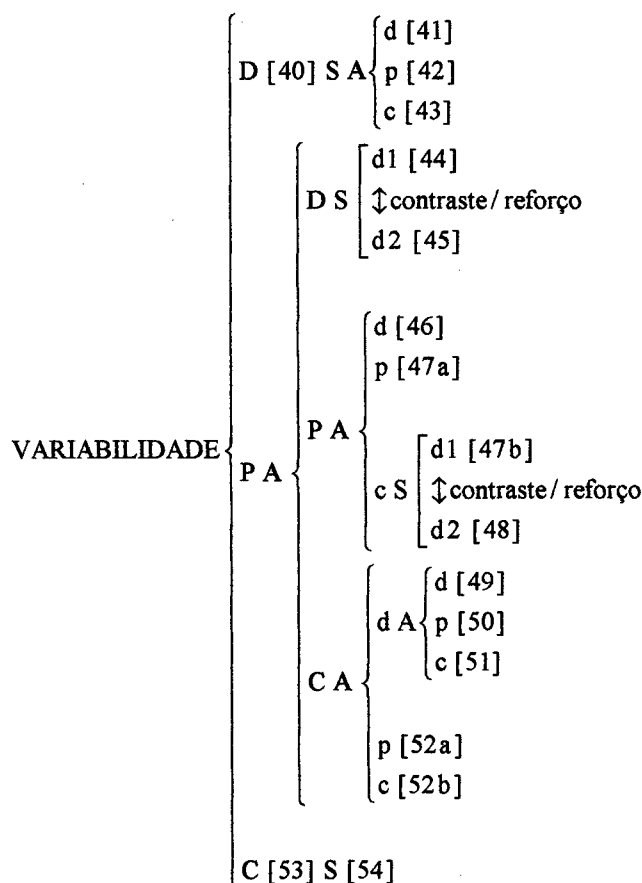
Quadro 3.9 - Dado de entrada do sub-bloco “variabilidade do vírus HIV”

Dado de entrada do sub-bloco “variabilidade do vírus HIV”	
A variabilidade do HIV talvez seja o obstáculo que maior destaque recebeu até o momento. [40]	

Logo a seguir, tem-se como suporte as sentenças [41], [42] e [43], devidamente organizadas como novo argumento. Veja-se o quadro pertinente.

Quadro 3.10 - Análise argumentativo-organizacional das sentenças 41-43:

Dado	Veja-se	Como regra geral, a eficiência de uma vacina antiviral é em grande parte dependente de sua capacidade de induzir a produção de anticorpos neutralizantes, isto é, anticorpos que eliminam o vírus antes de ele ser capaz de infectar as células. [41]
Premissa	Ora	No caso do HIV, os principais anticorpos neutralizantes são dirigidos a uma região altamente variável da glicoproteína de superfície do vírus, denominada alça V3. [42]
Conclusão	Então	Em estudos in vitro, os anticorpos neutralizantes têm atividade quase restrita à cepa que os induziu, isto é, são incapazes de neutralizar o vírus de cepas divergentes, sugerindo que uma vacina produzida a partir de uma determinada cepa (por exemplo uma cepa norte-americana) poderia ser ineficaz contra outra diferente (por exemplo, uma cepa brasileira). [43]

Esquema 3.5 - Sub-bloco: “variabilidade do vírus HIV”

O argumento acima serve de ambientação para a exposição adversativa subsequente, na qual o autor pondera que a indução de anticorpos é questionável. Desse modo, a premissa se contrapõe aos dados de entrada, sugerindo outra alternativa para a busca de uma vacina anti-HIV/AIDS. Observe-se, no quadro 3.11, que essa constatação é explicitada pelo conectivo “No entanto”.

A conclusão do tópico “variabilidade” é formalizada a partir das sentenças [53] e [54], organizadas a partir do padrão de compatibilidade.

Quadro 3.11 - Conclusão do sub-bloco “variabilidade do vírus HIV”:

Conclusão do sub-bloco “variabilidade do vírus HIV”
<p>Dessa forma, a variabilidade do HIV deixaria de ser um grande obstáculo, porque as partes da molécula contra a qual são dirigidos os anticorpos ou a imunidade celular (os determinantes antigênicos) são bem menos variáveis e capazes de induzir respostas de maior amplitude. [53]</p> <p style="text-align: center;">Compatibilidade/Reforço</p> <p>À diferença dos anticorpos neutralizantes, a imunidade celular não tem atividade restrita apenas contra a cepa que os induziu. [54]</p>

Quadro 3.12 - Análise argumentativo-organizacional das sentenças 44-52:

Dado	Veja-se	<p>No entanto, existem poucas evidências de que anticorpos sejam realmente essenciais para a eficácia de uma vacina anti-HIV/AIDS. [44]</p> <p>Contraste/Reforço</p> <p>Pelo contrário, muitos investigadores acreditam que a indução desse tipo de anticorpos seja de pouca importância. [45]</p>
Premissa	Ora	<p>Veja-se</p> <p>Essa dúvida decorre do fato de não se saber se uma vacina, para ser eficaz, necessita induzir imunidade estéril, isto é, que seja capaz de destruir o vírus na porta de entrada, antes que ocorra a infecção das células. [46]</p> <p>Ora:</p> <p>Se esse tipo de imunidade for realmente essencial para evitar o desenvolvimento de AIDS, [47a]</p> <p>Portanto:</p> <p>então a presença de anticorpos nas mucosas e de anticorpos neutralizantes no sangue é essencial. [47b]</p> <p>Contraste/Reforço</p> <p>Caso contrário, a presença de imunidade celular seria mais relevante. [48]</p>
Conclusão	Então	<p>VEJA-SE:</p> <p>ARGUMENTO</p> <p>Veja-se:</p> <p>Tomando por base modelos de outras infecções para as quais existem vacinas eficazes como, por exemplo, poliomelite, sarampo ou raiva, é bastante provável que a imunidade estéril não seja essencial. [49]</p> <p>Ora:</p> <p>Nessas e em outras viroses para as quais existem vacinas, embora os vírus penetrem o organismo e invadam as células, a doença não se desenvolve. [50]</p> <p>Portanto:</p> <p>Em outras palavras, embora a vacinação não seja capaz de evitar a infecção (isto é, não induz imunidade estéril), ela é capaz de evitar o adoecimento. [51]</p> <p>ORA:</p> <p>Se o mesmo for verdade em relação ao HIV, [52a]</p> <p>PORTANTO:</p> <p>então a indução de anticorpos neutralizantes torna-se de menor importância, e a imunidade celular assume um papel de maior destaque. [52]</p>

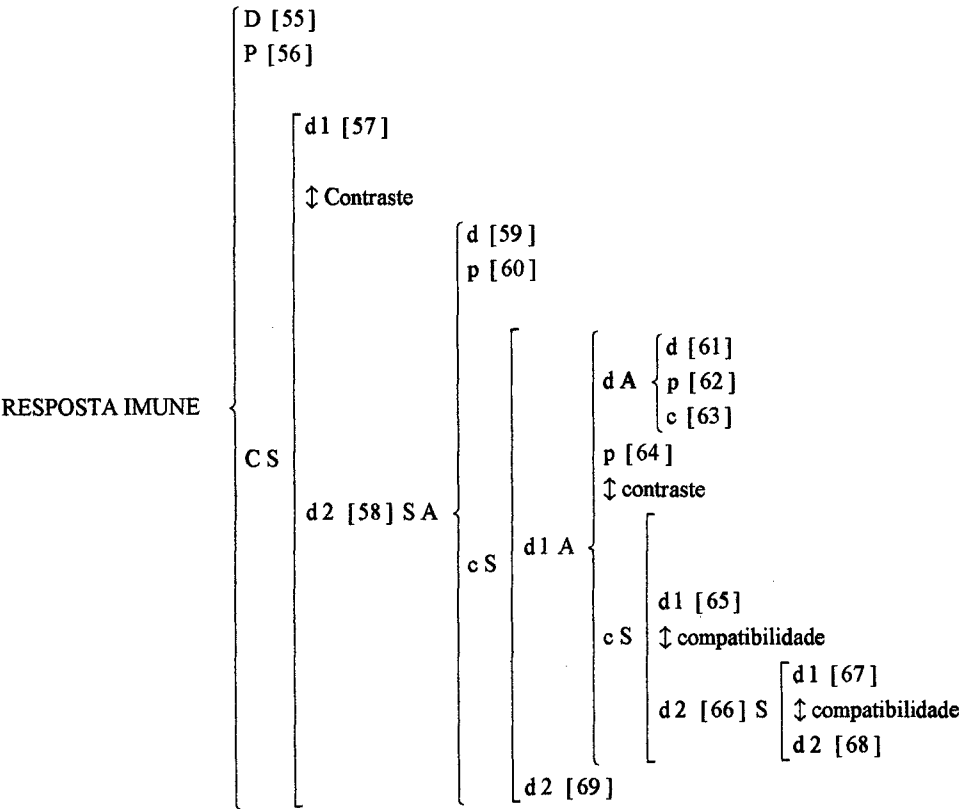
Para efeitos de sublinhado, destaquei como centrais as seguintes sentenças:

1. [41], uma vez que funciona como dado de entrada do argumento norteador do sub-bloco;
2. [44], [46], [49] e [52], que funcionam como premissas do argumento do sub-bloco (dado; premissa; e, dado e premissa/conclusão da conclusão, respectivamente); e, por fim,
3. [53], visto que se trata da conclusão do argumento principal.

3.2.2.3.3 Sub-bloco: “resposta imune”

O bloco seguinte versa sobre a questão da resposta imune requerida do paciente para a eficácia da vacina. O esquema do sub-bloco pode ser visto a seguir.

Esquema 3.6 - Sub-bloco: “resposta imune”:



Vejamos a análise argumentativo-organizacional do sub-bloco em tela.

Quadro 3.13 - Análise argumentativo-organizacional das sentenças 55-69:

Dado	Veja-se	Quanto ao tipo de resposta imune capaz de proteger contra a infecção pelo HIV, sabe-se que os indivíduos soropositivos (infectados pelo vírus) produzem anticorpos neutralizantes, células citotóxicas e todos os demais componentes para imunidade antiviral efetiva.[55]
Premissa	Ora	No entanto, ainda assim, parecem ser incapazes de erradicar a infecção.[56]
Conclusão	Então	<p>A aparente incapacidade de erradicar a infecção, associada à falta de um modelo natural ou experimental de cura da infecção pelo HIV, por muitos anos fez com que a possibilidade do desenvolvimento de uma vacina fosse encarada com ceticismo por muitos.[57]</p> <p>Contraste: ceticismo vs não-ceticismo</p> <p>No entanto, avanços recentes no campo da imunologia, bem como a demonstração da existência de pessoas que estiveram expostas ao HIV, mas não se infectaram, começam a reverter esse quadro pessimista.[58]</p> <p>Dê exemplo de avanço:</p> <p>Argumento de Suporte</p>

A análise atenta da questão do “tipo de resposta imune”, em relação à “teoria Salk”, objeto do estudo subsequente, permitiu-me inferir que a primeira constitui-se como ambientador da segunda. Desse modo, justifica-se a necessidade de explicitação de muitas das informações apresentadas nesse sub-bloco.

Paradoxalmente, as informações colocadas no argumento central desse conjunto de sentenças, [55], [56] e [57], são periféricas para a discussão posterior. Sob pressão do teto máximo, 1/3 da quantidade de sentenças do original, elenquei cinco sentenças como centrais: [61], [63], [64], [65] e [66].

Quadro 3.14 - Análise argumentativo-organizacional das sentenças do argumento de suporte do dado 2 da conclusão do argumento central do sub-bloco da “resposta imune”:

Dado	Veja-se	A resposta imune, grosso modo, pode ser dividida em dois tipos: celular e humoral (isto é: através de anticorpos). [59]
Premissa	Ora	Em ambas, os linfócitos CD4+ exercem papel central. [60]
Conclusão	Dado 1	<p>VEJA-SE Argumento Veja-se</p> <p>Há poucos anos foi demonstrado que em camundongos existem duas diferentes subpopulações de linfócitos CD4+, denominadas de T_{H1} e T_{H2}. [61]</p> <p>Ora:</p> <p>Essas subpopulações se diferenciam pelas citocinas que secretam em respostas a estímulos antigênicos. [62]</p> <p>Portanto:</p> <p>A primeira (T_{H1}) está principalmente envolvida na imunidade celular, enquanto que a segunda (T_{H2}), na resposta humoral. [63]</p> <p>ORA:</p> <p>Não se conhecem com precisão os fatores que determinam o desenvolvimento de uma resposta predominantemente T_{H1} ou T_{H2}. [64]</p> <p>NO ENTANTO dado 1</p> <p>Sabe-se, no entanto, que a forma de apresentação dos antígenos, sua dose, sua via, sua porta de entrada no organismo e sua constituição bioquímica são importantes. [65]</p> <p>Compatibilidade dado 2</p> <p>Sabe-se também que em qualquer tipo de resposta imune há o predomínio de um outro tipo de resposta, e ainda que o aumento de T_{H1} leva à diminuição de T_{H2} e vice-versa. [66]</p> <p>Compatibilidade/Reforço</p> <p>Em outras palavras, face a um agente infeccioso, o organismo seria obrigado a optar por ter uma resposta de um tipo ou de outro. [67]</p> <p>Compatibilidade: predomínio da resposta Contraste: manipulação da resposta</p> <p>Além disso, fatores que levem a diminuição de um tipo de resposta indiretamente aumentariam o outro tipo. [68]</p>
	Dado 2	Apenas em 1992-3 demonstrou-se a existência de respostas imunológicas semelhantes em seres humanos. [69]

As duas primeiras, [61] e [63], foram escolhidas porque:

- a) traduzem as subpopulações de linfócitos CD4+ necessárias para a interpretação dos dados subseqüentes, além de permitir a implicitação do dado do argumento de suporte, sentença [59]; e,
- b) implicitam a premissa, sentença [60], segundo a qual esses linfócitos têm papel central.

As três últimas, [64], [65] e [66], correspondem à premissa e aos dois dados principais da conclusão desse argumento de suporte. Ressalte-se que não destaquei os suportes desses dados, [67] e [68], tanto quanto as proposições da sentença [69], uma vez que são implícitáveis pelas informações inclusas no sub-bloco da “teoria Salk”.

3.2.2.3.4 Sub-bloco: “teoria Salk”

Uma vez trabalhados os dados do argumento principal, passei a perspectivar a teoria Salk, como proposta de solução para a questão da descoberta da vacina anti-HIV/AIDS. Tal análise, possibilitou construir-se o esquema da página que se segue.

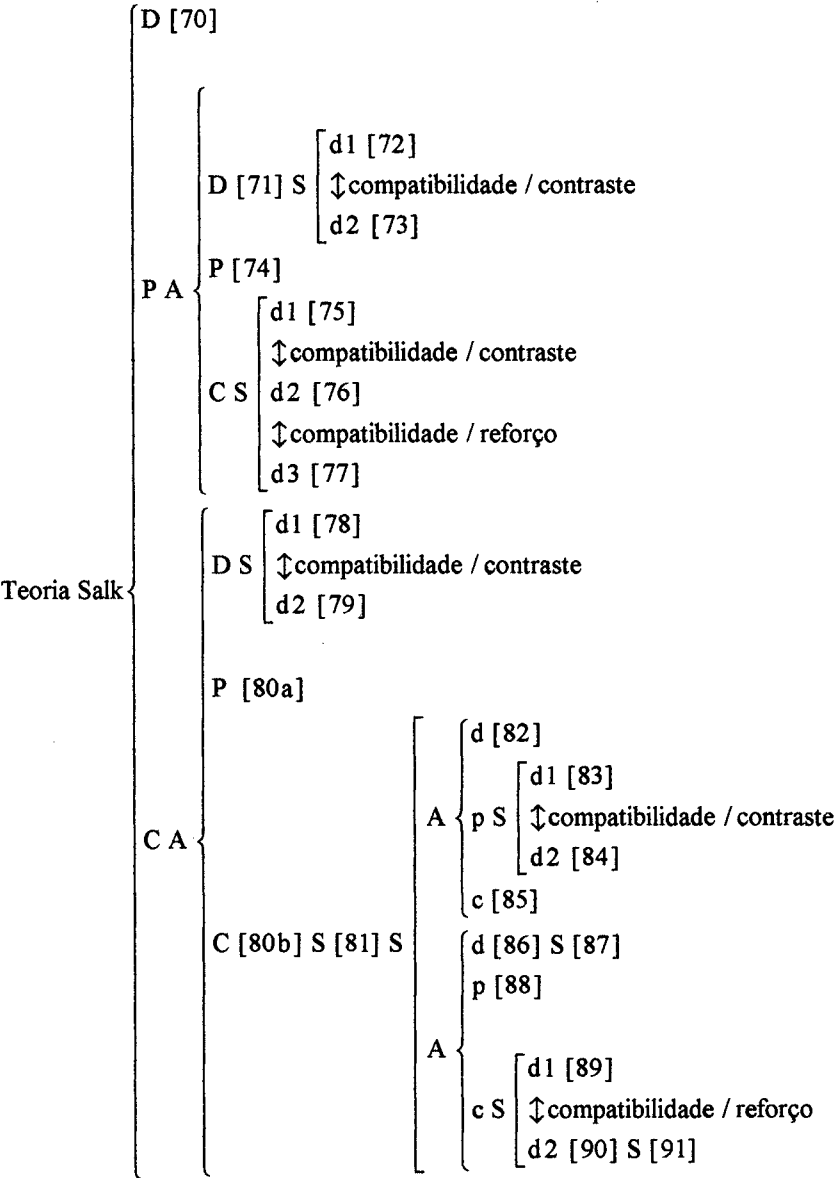
Neste bloco, a sentença [70] tem a função de apresentar o dado de entrada.

Quadro 3.15 - Dado do sub-bloco da “teoria Salk”:

Dado do sub-bloco da “teoria Salk”:	
Há mais ou menos três anos, o médico norte-americano Jonas Salk, descobridor da vacina contra a poliomielite, sugeriu que uma vacina anti-HIV/AIDS só seria eficaz se utilizasse vírus atenuados.[70]	

A premissa desse argumento se reescreve com outro argumento complexo, onde o autor apresenta resultados obtidos a partir da leishmaniose, que nesse caso constitui-se como item lexical chave. Observe-se a análise.

Esquema 3.7 - Sub-bloco: “teoria Salk”:



Quadro 3.16 - Análise argumentativo-organizacional das premissas do sub-bloco da “teoria Salk, sentenças 71-77:

Dado	Veja-se	<p>A teoria Salk baseia-se na observação de que, em várias infecções por patógenos intracelulares (como por exemplo, <i>M. tuberculosis</i> ou <i>Leishmania</i> spp.), o desfecho final (doença ou cura) dependerá do tipo de resposta imune (celular ou humoral) desencadeada pelo hospedeiro.[71]</p> <p>Dê mais detalhes:</p> <p>Em modelos experimentais, cepas de camundongos com resposta predominantemente celular (T_{H1}) são imunes à leishmaniose.[72]</p> <p>Compatibilidade: camundongos</p> <p>Contraste: resposta imune</p> <p>Já as cepas com resposta predominantemente humoral (T_{H2}) desenvolvem a leishmaniose rapidamente fatal.[73]</p>
Premissa	Ora	A manipulação dessas respostas é capaz de alterar radicalmente o desfecho da infecção.[74]
Conclusão	Então	<p>Camundongos com resposta T_{H1} (imunes, portanto) quando manipulados para terem resposta T_{H2} tornam-se altamente susceptíveis à leishmaniose.[75]</p> <p>Compatibilidade: camundongos</p> <p>Contraste: resposta imune</p> <p>Já os camundongos com resposta do tipo T_{H2} (susceptíveis) quando manipulados para terem resposta do tipo T_{H1} tornam-se altamente resistentes à leishmaniose.[76]</p> <p>Compatibilidade/Reforço</p> <p>Além disso, camundongos susceptíveis à infecção por <i>Leishmania</i> se vacinados com doses repetidas e subimunogênicas de <i>Leishmania</i>, desenvolvem resposta do tipo T_{H1} (celular, sem produção de anticorpos anti-<i>Leishmania</i>) e tornam-se resistentes à infecção por esse parasita.[77]</p>

A conclusão do sub-bloco também pode ser reescrita por outro argumento.

Quadro 3.17 - Análise argumentativo-organizacional da conclusão do sub-bloco da “resposta imune”, sentenças 78-81:

Dado	Veja-se	<p>Observações desse tipo levaram Salk a sugerir que indivíduos com resposta do tipo T_{H2} (isto é, predominantemente humoral, com produção de anticorpos) seriam incapazes de controlar a infecção pelo HIV e desenvolveriam AIDS.[78]</p> <p>Compatibilidade: resposta imune</p> <p>Contraste: tipo de resposta imune</p> <p>Já os indivíduos com resposta do tipo T_{H1} (isto é, predominantemente celular, que não produzem anticorpos anti-HIV) seriam capazes de se curar da infecção.[79]</p>
Premissa	Ora	Se isso for verdade,[80a]
Conclusão	Então	<p>a estratégia correta de vacinação seria o emprego de repetidas inoculações de doses diminutas, sub-imunogênicas, de vírus atenuado, de forma a induzir uma resposta T_{H1} e não T_{H2}. [80b]</p> <p>Compatibilidade/Reforço</p> <p>Dois tipos de observações aparentemente corroboram a teoria Salk. [81]</p> <p>Observações</p>

As observações podem ser vistas no quadro a seguir.

Embora não pertença a esse sub-bloco em particular, uma vez que se constitui como conclusão do argumento principal do bloco maior e do artigo como um todo, a sentença [92] tem a propriedade de resumir as conclusões do argumento do sub-bloco em tela. Isso é possível porque a sentença contém explicitamente itens lexicais chaves para a interpretação dos dois últimos sub-blocos. “Avanços da imunologia” recupera toda a discussão da descoberta das subpopulações linfócitas; “evidências de pessoas com resistência ao vírus” recupera as sentenças [82], [83], [84] e [85], permitindo deletá-las; “sucessos em vacinas anti-SIV”, por fim, recupera as sentenças [86], [87], [88], [89], [90] e [91], permitindo a mesma providência.

Quadro 3.18 - Análise argumentativo-organizacional das sentenças 82-91:

	<p>OBSERVAÇÃO 1</p> <p>Veja-se:</p> <p>Existem na literatura especializada inúmeros relatos de pessoas com fortes evidências epidemiológicas de exposição ao HIV (por exemplo, homossexuais com repetidas práticas de alto risco, usuários de drogas endovenosas e filhos de mães soropositivas) que não se infectaram.[82]</p> <p>Ora:</p> <p>Em um número significativo desses indivíduos foi possível demonstrar que possuíam resposta T_{H1} específica anti-HIV, embora não produzissem, in vivo ou in vitro, anticorpos anti-HIV.[83]</p> <p>Compatibilidade: resposta imune</p> <p>Contraste: tipo de resposta vs ADN/ARN</p> <p>Em muitos deles também demonstrou-se a presença de ADN viral integrado às suas células, embora não houvesse produção de ARN viral.[84]</p> <p>Portanto:</p> <p>O conjunto dessas observações indica que esses indivíduos estiveram expostos ao vírus, desenvolveram uma resposta do tipo T_{H1}, mas não do tipo T_{H2} (humoral) e foram capazes de se curar da infecção.[85]</p> <p>OBSERVAÇÃO 2</p> <p>Veja-se:</p> <p>O outro tipo de observação que aparentemente corrobora a teoria Salk decorre de experimentos de vacinação de primatas com o vírus da AIDS de símios (SIV).[86]</p> <p>Suporte:</p> <p>A infecção pelo SIV provoca em algumas espécies de primatas quadro semelhante à AIDS, sendo fatal em relativamente curto espaço de tempo.[87]</p> <p>Ora:</p> <p>Em um experimento, SIV 'atenuados' por engenharia genética - isto é, que tiveram o gene Nef retirado - foram injetados em primatas.[88]</p> <p>Portanto:</p> <p>Por serem defeituosos, tais vírus provocaram apenas uma infecção auto-limitada.[89]</p> <p>Contraste</p> <p>No entanto, os primatas pré-infectados com esses vírus atenuados tornaram-se imunes à infecção com SIV, seja por via venosa ou retal.[90]</p> <p>Compatibilidade/Reforço</p> <p>Em outras palavras, a vacinação com um vírus atenuado por engenharia genética foi capaz de proteger primatas de infecção pelo vírus da AIDS de símios.[91]</p>
--	--

Veja-se a sentença em destaque.

Quadro 3.19 - Conclusão do argumento principal:

<p>Conclusão do argumento principal</p> <p>Os recentes avanços da imunologia, as evidências de existirem pessoas resistentes à infecção pelo HIV e os sucessos obtidos em estudos iniciais de vacinas anti-SIV indicam que o desenvolvimento de uma vacina anti-HIV-AIDS é um objetivo que poderá ser atingido.[92]</p>
--

Tomando-se por base a análise do sub-bloco da teoria Salk, acrescido da sentença [92], elenquei como centrais as seguintes sentenças:

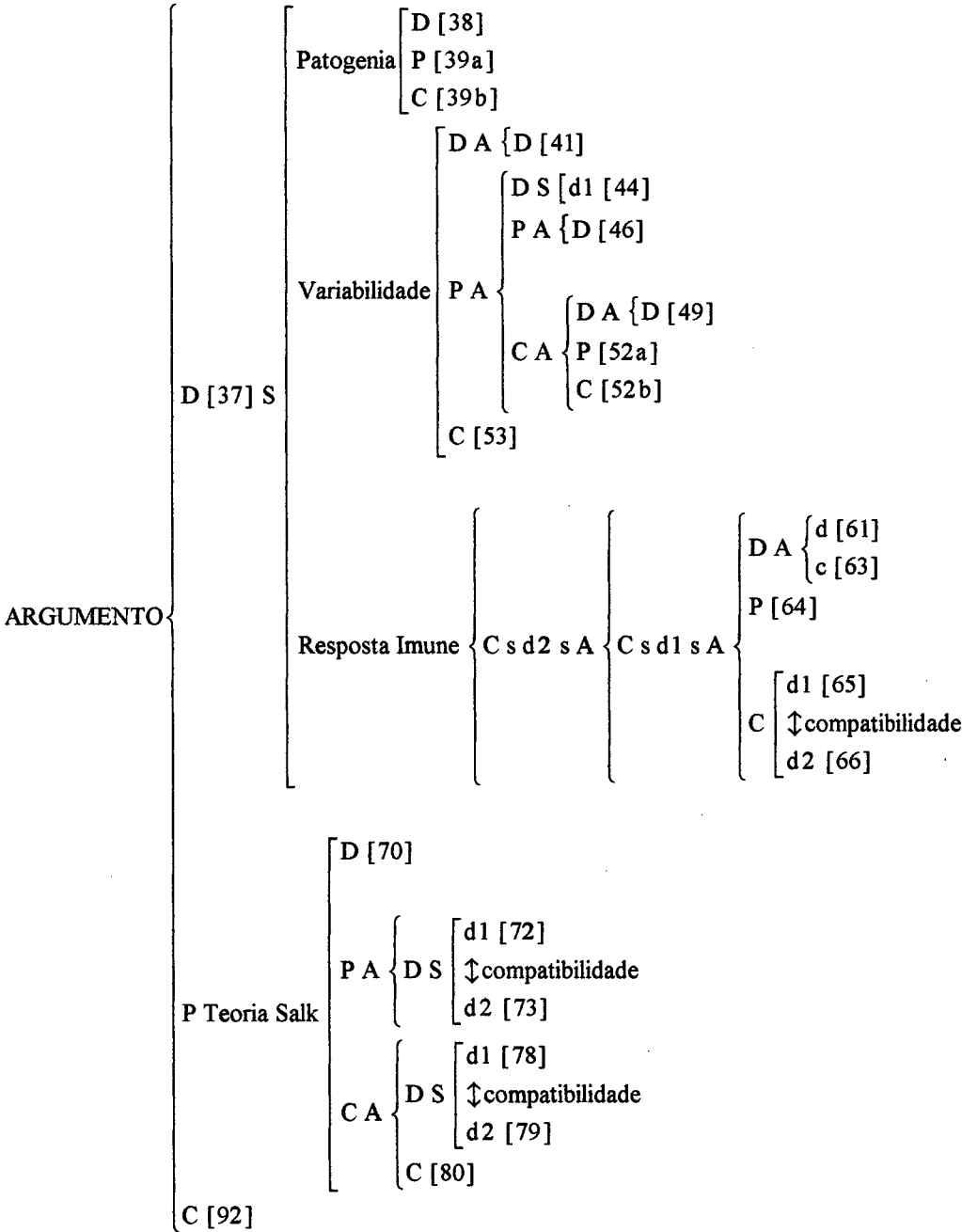
1. [70], tendo em vista seu caráter de início de tópico;
2. [72] e [73] que, embora sejam detalhamentos de [71], acabam por merecer maior atenção porque retomem itens lexicais importantes para o desenvolvimento do artigo, a saber, T_{H1} e T_{H2};
3. [78] e [79], dada a sua complementaridade, e em função da primeira ser conectada com as informações antecedentes via “Observações desse tipo levaram [...]”;
4. [80], visto que se comporta como dado essencial de conclusão;

5. [92], dado que além de ser constitutiva do argumento principal de todo o bloco maior, recupera dois resultados que aparentemente corroboram a teoria Salk, a “existência de pessoas resistentes à infecção” e “sucessos de vacinas anti-SIV em símios”, assuntos recobertos desde a sentença [81] até a sentença [91].

3.2.2.4 Versão “A”: bloco 2

Vejamos o conjunto das sentenças sublinhadas do 2º bloco. Veja-se o esquema.

Esquema 3.8 - Versão “A”: bloco 2



Nesse esquema é possível observar que todos os sub-blocos foram contemplados pelos destaques. No dado do argumento central, minha preocupação foi a de considerar cada item lexical chave que constitui a “previsão” da sentença [37].

Desse modo, o sublinhado contemplou a “patogenia da infecção pelo HIV” (sentenças [38] e [39]); a “variabilidade do vírus” (sentenças [41], [44], [46], [49], [52] e [53]); e a “resposta imunológica requerida contra o vírus” (sentenças [61], [63], [64], [65] e [66]).

Mais adiante, considero a “teoria Salk” como premissa que dá suporte à conclusão de que “a vacina anti-HIV/AIDS é um objetivo que poderá ser atingido”, sentença [92]. Nesse sub-bloco de sentenças, foram destacadas as de número [70], [72], [73], [78], [79] e [80].

Garantidas essas considerações, o documento de resumo, construído a partir da consideração dessas sentenças é fiel à organização argumentativo-organizacional do documento de origem. Além disso, as 21 sentenças destacadas necessitam, sem maior esforço adaptativo, de constituir um documento coeso e coerente.

Isso posto, transcrevi as sentenças em questão, a fim de que se possa observar tanto a organização argumentativa do documento de resumo, quanto a sua consistência enquanto documento independente.

DADO DO ARGUMENTO CENTRAL

Possivelmente, os principais obstáculos teóricos ao desenvolvimento de uma vacina repousam na falta de conhecimento preciso da patogenia da infecção pelo HIV, na grande variabilidade do vírus e do fato de não se saber que tipo de resposta imune é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV. [37]

Suportes:

Dado 1: “patogenia da infecção”

Inúmeras evidências indicam que o HIV é, por si só, capaz de causar a AIDS, através de mecanismos diretos e indiretos. [38]

Embora existam demonstrações in vivo e/ou in vitro da existência desses vários mecanismos, [39a]

ainda não foi possível determinar com precisão a importância relativa de cada um deles. [39b]

Dado 2: “variabilidade do vírus”

Como regra geral, a eficiência de uma vacina antiviral é em grande parte dependente de sua capacidade de induzir a produção de anticorpos neutralizantes, isto é, anticorpos que eliminam o vírus antes de ele ser capaz de infectar as células. [41]

No entanto, existem poucas evidências de que anticorpos sejam realmente essenciais para a eficácia de uma vacina anti-HIV/AIDS. [44]

Essa dúvida decorre do fato de não se saber se uma vacina, para ser eficaz, necessita induzir imunidade estéril, isto é, que seja capaz de destruir o vírus na porta de entrada, antes que ocorra a infecção das células. [46]

Tomando por base modelos de outras infecções para as quais existem vacinas eficazes como, por exemplo, poliomelite, sarampo ou raiva, é bastante provável que a imunidade estéril não seja essencial. [49]

Se o mesmo for verdade em relação ao HIV, [52a]

então a indução de anticorpos neutralizantes torna-se de menor importância, e a imunidade celular assume um papel de maior destaque. [52b]

Dessa forma, a variabilidade do HIV deixaria de ser um grande obstáculo, porque as partes da molécula contra a qual são dirigidos os anticorpos ou a imunidade celular (os determinantes antigênicos) são bem menos variáveis e capazes de induzir respostas de maior amplitude. [53]

Dado 3: “resposta imune”

Há poucos anos foi demonstrado que em camundongos existem duas diferentes subpopulações de linfócitos CD4+, denominadas de T_{H1} e T_{H2} . [61]

A primeira (T_{H1}) está principalmente envolvida na imunidade celular, enquanto que a segunda (T_{H2}), na resposta humoral. [63]

Não se conhecem com precisão os fatores que determinam o desenvolvimento de uma resposta predominantemente T_{H1} ou T_{H2} . [64]

Sabe-se, no entanto, que a forma de apresentação dos antígenos, sua dose, sua via, sua porta de entrada no organismo e sua constituição bioquímica são importantes. [65]

Sabe-se também que em qualquer tipo de resposta imune há o predomínio de um outro tipo de resposta, e ainda que o aumento de T_{H1} leva à diminuição de T_{H2} e vice-versa. [66]

PREMISSA DO ARGUMENTO CENTRAL

Há mais ou menos três anos, o médico norte-americano Jonas Salk, descobridor da vacina contra a poliomielite, sugeriu que uma vacina anti-HIV/AIDS só seria eficaz se utilizasse vírus atenuados. [70]

Em modelos experimentais, cepas de camundongos com resposta predominantemente celular (T_{H1}) são imunes à leishmaniose. [72]

Já as cepas com resposta predominantemente humoral (T_{H2}) desenvolvem a leishmaniose rapidamente fatal. [73]

Observações desse tipo levaram Salk a sugerir que indivíduos com resposta do tipo T_{H2} (isto é, predominantemente humoral, com produção de anticorpos) seriam incapazes de controlar a infecção pelo HIV e desenvolveriam AIDS. [78]

Já os indivíduos com resposta do tipo T_{H1} (isto é, predominantemente celular, que não produzem anticorpos anti-HIV) seriam capazes de se curar da infecção. [79]

Se isso for verdade, a estratégia correta de vacinação seria o emprego de repetidas inoculações de doses diminutas, sub-imunogênicas, de vírus atenuado, de forma a induzir uma resposta T_{H1} e não T_{H2} . [80]

CONCLUSÃO DO ARGUMENTO CENTRAL

Os recentes avanços da imunologia, as evidências de existirem pessoas resistentes à infecção pelo HIV e os sucessos obtidos em estudos iniciais de vacinas anti-SIV indicam que o desenvolvimento de uma vacina anti-HIV-AIDS é um objetivo que poderá ser atingido. [92]

Como já se disse, a sentença [37] antecipa três itens lexicais que norteiam a apresentação dos problemas das pesquisas em prol do desenvolvimento de vacinas anti-HIV/AIDS. O primeiro, “patogenia de infecção”, é recuperado nas sentenças [38] e [39] parafraseado por “mecanismos”, o que garante a meta-estratégia de repetição. A meta-estratégia de articulação se dá por operadores explícitos, “embora/ainda não” [39] que colocam a conclusão do argumento numa direção oposta à orientação da premissa.

A conexão formal entre “variabilidade do vírus” de [37], com o conjunto de sentenças que desenvolvem o tema só vai se dar pela sentença [53]. As demais cumprem a função de ambientar a conclusão segundo a qual a “imunidade celular”, uma vez que atinge áreas menos variáveis e permite respostas de maior amplitude, faz com que a “variabilidade [deixe] de ser um obstáculo”.

O setor superordenado pela “variabilidade do vírus” possui itens lexicais que o tornam coeso, tais como, “anticorpos”, “vacina”, “vírus”, “HIV”, “neutralizantes”, “células”, “celular”, “imunidade”, “estéril”, entre outros. A análise de coesão lexical (HOEY, 1991) permite, além disso, considerar o excerto como de alta conectividade.

Embora o conjunto de sentenças que concernem à resposta imune só contemplem um setor do argumento como um todo, a sua presença no contexto maior de sentenças se justifica. As sentenças em tela permitem que sejam apresentadas as duas subpopulações de linfócitos necessárias para a apreciação da teoria Salk. Não é por menos que a meta-estratégia da repetição seja obtida por T_{H1} e T_{H2} , ausentes apenas na sentença [65], e que se constituem em itens lexicais chaves no excerto.

Esses itens ultrapassam o domínio da ilha de confiança lexical “resposta imune” e reaparecem nas sentenças [72], [73], [78], [79] e [80] como fundamentais para a construção

da tese proposta por Salk, para quem a vacina deveria produzir uma resposta imune T_{H1} e não T_{H2} .

Esse último setor em particular bem revela o caráter argumentativo do artigo. A sentença [70] propõe o dado de entrada do argumento cujos pontos de apoio se consubstanciam a partir da consideração de pesquisas com leishmaniose em ratos, sentenças [72] e [73]. As respostas imunes obtidas nessas circunstâncias servem de base para o salto indutivo proposto pelas sentenças [78], [79] e [80].

A sentença [92], por sua vez, tem função de encerramento evidente.

O mais importante, a partir do que foi considerado, é que o excerto não precisa ser adaptado para se constituir em documento de resumo com características de compressão das informações do documento de base. A mera leitura das sentenças destacadas, uma atrás das outras, permite-nos dispensar a leitura do original.

3.2.2.5 Versão “D”: sublinhado inadequado

A análise das sentenças centrais permitiu-me montar um documento de resumo com 30 sentenças do documento original. A tarefa subsequente foi a de destacar igual número de sentenças periféricas, a fim de montar-se a versão “D”.

Dado que já são conhecidas as estratégias de destaque das sentenças centrais, faz-se mister ressaltar que o destaque das sentenças periféricas ocorreu num processo de contramão, isto é, procurei as sentenças que se configurassem como acessórias.

Basicamente, comporta-se como acessória toda informação que não seja pré-requisito para a compreensão de novos dados, isto é, que possa ser retirada do documento sem que as informações restantes sejam prejudicadas.

Cumpra-se dizer que a consideração dessas sentenças implica vieses de interpretação, dado que o informante destaca dados tangenciais do documento de origem e, provavelmente, deixa de destacar dados mais centrais.

Transcreve-se a seguir o resultado da análise levada a efeito.

Bloco 1: dados sobre a epidemia

1. Em 1981, o Center for Disease Control and Prevention (CDC) dos Estados Unidos registrou os primeiros casos de uma nova e fatal doença, que se tornou conhecida como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS).[1]
2. Suas vítimas, a maioria homossexuais previamente saudáveis, faleciam de infecções e neoplasias raras que, até então, só acometiam pessoas nascidas com certas deficiências imunológicas ou pacientes cujo sistema imune havia sido enfraquecido pelo uso de agentes imunossupressores.[2]
3. No final de 1993, mais de 1,5 milhão de casos, ocorridos em mais de 150 países, já haviam sido oficialmente notificados à Organização Mundial de Saúde (OMS).[3]
4. Tal número subestima a real extensão dessa pandemia (epidemia generalizada), já que considerável proporção de casos não é notificada, especialmente em países em desenvolvimento, carentes de infra-estrutura adequada para diagnóstico e vigilância epidemiológica.[4]
5. Mesmo em países desenvolvidos parece ser substancial a subnotificação, e alguns peritos estimam que, nos EUA, até 30% dos casos não são notificados.[5]
6. Em 1992, a OMS estimava que mais de 2 milhões de casos de AIDS já haviam ocorrido no mundo e que mais de 13 milhões de pessoas encontravam-se infectadas pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o agente etiológico da AIDS.[6]

7. Nessa mesma época, a OMS estimava que até o ano 2000, 30 milhões de adultos e de 5 a 10 milhões de crianças estarão infectados pelo HIV, e terão ocorrido 12 a 18 milhões de casos de AIDS sendo 4 a 8 milhões em crianças.[7]

8. No Brasil, até o final de 1993, cerca de 45 mil casos já foram oficialmente notificados ao Ministério da Saúde, calculando-se a subnotificação em até 50%.[8]

9. Há estimativas que indicam que até o ano 2000 alguns milhões de brasileiros estarão infectados pelo HIV.[9]

Bloco 2: detalhes sobre o contágio

10. Existem mecanismos CD4-independentes de invasão celular por HIV, que, provavelmente, têm papel mais relevante na infecção de macrófagos e de outras células que não linfócitos.[15]

Bloco 3: limiar da imunodepressão

11. Como regra geral, pode-se afirmar que raríssimos pacientes atingem tal limiar nos primeiros dois anos após a infecção[21].

12. A partir do terceiro, aproximadamente 4% dos pacientes ao ano atingirão contagens inferiores a 200 linfócitos CD4+/mm³. [22]

13. Estudos demonstraram que, sem tratamento, são necessários 10 anos, em média, para que esse limiar seja atingido, a contar do momento da infecção.[23]

Bloco 4: relação antes vs depois AZT/Quimioprofilaxia

14. Antes do advento das medicações antiretrovirais e do uso rotineiro de quimioprofilaxia para infecções oportunistas, 50% dos pacientes com AIDS nos Estados Unidos e na Europa morriam após 11 meses do diagnóstico e 100%, após 18 meses.[28]

15. Em países em desenvolvimento a sobrevida era ainda menor.[29]

16. No Brasil, no período 1982-1989, ela era estimada em aproximadamente 6 meses.[30]

17. Após o advento daqueles tipos de tratamento, houve aumento significativo da sobrevida após o diagnóstico da AIDS, e hoje, nos países desenvolvidos, a sobrevida média fica em torno de 3 anos.[31]

18. Estudo realizado no Rio de Janeiro mostrou que no caso de AIDS diagnosticados em 1989-90, a sobrevida dos pacientes, muitos dos quais beneficiados pelo uso de antiretrovirais, foi de aproximadamente 22 meses.[32]

Bloco 5: área atingida por anticorpos neutralizantes

19. No caso do HIV, os principais anticorpos neutralizantes são dirigidos a uma região altamente variável da glicoproteína de superfície do vírus, denominada alça V3.[42]

20. Em estudos in vitro, os anticorpos neutralizantes têm atividade quase restrita à cepa que os induziu, isto é, são incapazes de neutralizar o vírus de cepas divergentes, sugerindo que uma vacina produzida a partir de uma determinada cepa (por exemplo uma cepa norte-americana) poderia ser ineficaz contra outra diferente (por exemplo, uma cepa brasileira).[43]

Bloco 6: reação imunológica

21. Quanto ao tipo de resposta imune capaz de proteger contra a infecção pelo HIV, sabe-se que os indivíduos soropositivos (infectados pelo vírus) produzem anticorpos neutralizantes, células citotóxicas e todos os demais componentes para imunidade antiviral efetiva.[55]

22. No entanto, ainda assim, parecem ser incapazes de erradicar a infecção.[56]

23. A aparente incapacidade de erradicar a infecção, associada à falta de um modelo natural ou experimental de cura da infecção pelo HIV, por muitos anos fez com que a possibilidade do desenvolvimento de uma vacina fosse encarada com ceticismo por muitos.[57]

24. No entanto, avanços recentes no campo da imunologia, bem como a demonstração da existência de pessoas que estiveram expostas ao HIV, mas não se infectaram, começam a reverter esse quadro pessimista.[58]

Bloco 7: subpopulações de linfócitos

25. Essas subpopulações se diferenciam pelas citocinas que secretam em respostas a estímulos antigênicos.[62]

26. Apenas em 1992-3 demonstrou-se a existência de respostas imunológicas semelhantes em seres humanos.[69]

Bloco 8: dados de reação imunológica

27. Em muitos deles também demonstrou-se a presença de ADN viral integrado às suas células, embora não houvesse produção de ARN viral.[84]

Bloco 9: experimento anti-SIV

28. Em um experimento, SIV 'atenuados' por engenharia genética - isto é, que tiveram o gene Nef retirado - foram injetados em primatas.[88]

29. Por serem defeituosos, tais vírus provocaram apenas uma infecção auto-limitada.[89]

30. No entanto, os primatas pré-infectados com esses vírus atenuados tornaram-se imunes à infecção com SIV, seja por via venosa ou retal.[90]

Uma vez conhecidas as sentenças centrais e periféricas, montei as quatro versões de documentos de base.

3.2.2.6 Padrão de distribuição das sentenças sublinhadas nas 4 versões

O padrão de distribuição das sentenças do artigo “AIDS” pode ser visto a seguir.

Quadro 3.20 - Padrão de distribuição das sentenças nas 4 versões de sublinhado:

A	B	C	D
		1	1
			2
		3	3
			4
			5
		6	6
		7	7
		8	8
		9	9
10			
13			
			15
16			
18	18	18	
		21	21
		22	22
		23	23
24	24		
25	25		
	28	28	28
	29	29	29
	30	30	30
	31	31	31

A	B	C	D
	32	32	32
33	33	33	
34	34	34	
36	36		
37	37	37	
38			
39			
41	41		
	42	42	42
		43	43
44			
46			
49	49		
52	52		
53	53		
	55	55	55
	56	56	56
	57	57	57
	58	58	58
61	61		
			62

A	B	C	D
63	63		
64			
65			
66			
			69
70	70	70	
72	72	72	
73	73	73	
78	78	78	
79	79	79	
80	80	80	
			84
			88
			89
			90
92	92		
130	130	130	130

Esse quadro permite-me demonstrar que a versão “B”, isto é, aquela que contém 2/3 de sentenças centrais sublinhadas e 1/3 periféricas sublinhadas, possui 20 sentenças

oriundas da versão “A” e 10 sentenças da versão “D”. Por outro lado, a versão “C”, que contém 1/3 de sentenças centrais sublinhadas e 2/3 periféricas sublinhadas, possui 10 sentenças oriundas da versão “A” e 20 sentenças da versão “D”.

Essas duas versões, como já se disse, compartilham a adequabilidade do sublinhado com os vieses discutidos a partir das sentenças periféricas. Nelas, em particular, observei até que ponto o sublinhado em elementos essenciais e periféricos, uma vez misturados, induzem a escolha de dados para a elaboração dos documentos de resumo.

3.2.2.7 A forma do sublinhado

Nesta subseção em particular, tenho por objetivo apresentar as sentenças centrais e periféricas marcadas por sublinhado clausal ou lexical. Neste documento, escolhi 20% das sentenças destacadas, ou seja, 6 sentenças, para sublinhar itens lexicais específicos; e outros 20% para sublinhar cláusula(s) específica(s).

3.2.2.7.1 Sublinhado lexical

Vejamos como foi sublinhada a sentença central [33] do artigo:

Existem apenas três vias de transmissão do HIV: (1) via sexual bidirecional, isto é, da mulher para o homem e do homem para a mulher, nas relações heterossexuais, e do parceiro ativo para o passivo ou do passivo para o ativo, em relações homossexuais; (2) através de sangue (ou seus produtos) contaminado; (3) da mulher para o seu filho (durante a gestação, no trabalho de parto ou pela amamentação).[33]

Neste tipo de sublinhado, os itens lexicais em questão são elementos constituintes menores do que a cláusula, isto é, não se constituem uma cláusula completa tomados uns atrás os outros. No caso em tela, sublinhei o sintagma nominal sujeito da cláusula “três vias de transmissão do HIV”, e os itens lexicais chaves do aposto enumerativo, a saber: “via sexual bidirecional”; “através do sangue contaminado”; e, “da mulher para o seu filho”.

Observe-se agora o trabalho na sentença periférica [8].

No Brasil, até o final de 1993, cerca de 45 mil casos já foram oficialmente notificados ao Ministério da Saúde, calculando-se a subnotificação em até 50%.[8]

Nesse caso, destaquei apenas três dados da sentença: a delimitação locativa, “Brasil”; a delimitação temporal, “1993”; e, o quantitativo de casos, “45 mil casos”

Vejam-se as dez sentenças restantes.

Sentenças Centrais

1. O HIV infecta principalmente porém não exclusivamente, células que apresentam a molécula CD4 em sua superfície (principalmente linfócitos t4-Helper e macrófagos).[13]
2. A AIDS é definida como sendo um estágio avançado de infecção pelo HIV, caracterizado pela ocorrência de infecções oportunistas (assim chamadas porque, em geral, só ocorrem em pacientes imunodeprimidos) e/ou por determinadas neoplasias. [18]
3. Desse modo, conter o avanço da epidemia parece depender de intervenções simples: sexo seguro (isto é, com preservativo, método extremamente eficaz na prevenção da transmissão), fiscalização do sangue (ou derivados) usado em transfusões, e limitação do compartilhamento de seringas e agulhas entre usuários de drogas injetáveis. [34]
4. Possivelmente, os principais obstáculos teóricos ao desenvolvimento de uma vacina repousam na falta de conhecimento preciso da patogenia da infecção pelo HIV, na

grande variabilidade do vírus e do fato de não se saber que tipo de resposta imune é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV.[37]

5. A primeira (T_{H1}) está principalmente envolvida na imunidade celular, enquanto que a segunda (T_{H2}), na resposta humoral. [63]

Sentenças Periféricas

1. Em 1981, o Center for Disease Control and Prevention (CDC) dos Estados Unidos registrou os primeiros casos de uma nova e fatal doença, que se tornou conhecida como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS). [1]

2. Suas vítimas, a maioria homossexuais previamente saudáveis, faleciam de infecções e neoplasias raras que, até então, só acometiam pessoas nascidas com certas deficiências imunológicas ou pacientes cujo sistema imune havia sido enfraquecido pelo uso de agentes imunossupressores. [2]

3. No Brasil, no período 1982-1989, ela era estimada em aproximadamente 6 meses. [30]

4. Estudo realizado no Rio de Janeiro mostrou que no caso de AIDS diagnosticados em 1989-90, a sobrevida dos pacientes, muitos dos quais beneficiados pelo uso de antiretrovirais, foi de aproximadamente 22 meses. [32]

5. Quanto ao tipo de resposta imune capaz de proteger contra a infecção pelo HIV, sabe-se que os indivíduos soropositivos (infectados pelo vírus) produzem anticorpos neutralizantes, células citotóxicas e todos os demais componentes para imunidade antiviral efetiva. [55]

3.2.2.7.2 Sublinhado clausal

O sublinhado clausal trabalha com partes das sentenças que constituem cláusula completa, deixando sem destaque elementos acessórios.

Observe-se o caso da sentença central [79].

Já os indivíduos com resposta do tipo T_{H1} (isto é, predominantemente celular, que não produzem anticorpos anti-HIV) seriam capazes de se curar da infecção. [79]

Como se pode ver, as informações colocadas entre parênteses, que funcionam como aposto, são excluídas do sublinhado. As informações sublinhadas, por seu turno, formam uma cláusula completa, a saber, “Já os indivíduos com resposta T_{H1} seriam capazes de se curar da infecção”.

Vejamos outro caso, a sentença periférica [4].

Tal número subestima a real extensão dessa pandemia (epidemia generalizada), já que considerável proporção de casos não é notificada, especialmente em países em desenvolvimento, carentes de infra-estrutura adequada para diagnóstico e vigilância epidemiológica. [4]

A sentença [4], tomada em seus elementos sublinhados, forma uma cláusula complexa, constituída de uma cláusula superordenada e de uma cláusula adverbial causal, “Tal número subestima a real extensão dessa pandemia, já que considerável proporção de casos não é notificada”. Estão excluídos do sublinhado as informações entre parênteses, que comportam um aposto explicativo; e as informações locativas.

Vejam-se as dez sentenças restantes:

Sentenças centrais

1. A terapêutica antiretroviral (como o AZT, por exemplo) iniciada no momento correto é capaz de retardar consideravelmente a progressão da imunodeficiência. [24]

2. Tendo em vista que, em termos mundiais, 90% das novas infecções se dão pela via sexual (a vasta maioria por contato heterossexual) a falta de sucesso da maioria dos programas que visavam modificar comportamentos sexuais, a exemplo de tantas

outras campanhas educacionais, fez com que o desenvolvimento de uma vacina se tornasse a única esperança de se conter o avanço da epidemia de HIV/AIDS.[36]

3. Tomando por base modelos de outras infecções para as quais existem vacinas eficazes como, por exemplo, poliomelite, sarampo ou raiva, é bastante provável que a imunidade estéril não seja essencial. [49]

4. Há mais ou menos três anos, o médico norte-americano Jonas Salk, descobridor da vacina contra a poliomelite, sugeriu que uma vacina anti-HIV/AIDS só seria eficaz se utilizasse vírus atenuados.[70]

5. Observações desse tipo levaram Salk a sugerir que indivíduos com resposta do tipo T_H2 (isto é, predominantemente humoral, com produção de anticorpos) seriam incapazes de controlar a infecção pelo HIV e desenvolveriam AIDS.[78]

Sentenças Periféricas

1. Mesmo em países desenvolvidos parece ser substancial a subnotificação, e alguns peritos estimam que, nos EUA, até 30% dos casos não são notificados.[5]

2. Em 1992, a OMS estimava que mais de 2 milhões de casos de AIDS já haviam ocorrido no mundo e que mais de 13 milhões de pessoas encontravam-se infectadas pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o agente etiológico da AIDS.[6]

3. No caso do HIV, os principais anticorpos neutralizantes são dirigidos a uma região altamente variável da glicoproteína de superfície do vírus, denominada alça V3.[42]

4. Em estudos in vitro, os anticorpos neutralizantes têm atividade quase restrita à cepa que os induziu, isto é, são incapazes de neutralizar o vírus de cepas divergentes, sugerindo que uma vacina produzida a partir de uma determinada cepa (por exemplo uma cepa norte-americana) poderia ser ineficaz contra outra diferente (por exemplo, uma cepa brasileira).[43]

5. Em um experimento, SIV 'atenuados' por engenharia genética - isto é, que tiveram o gene Nef retirado - foram injetados em primatas.[88]

Uma vez apresentado o trabalho de organização dos documentos de base passemos à consideração dos aspectos de realização do experimento.

4. Metodologia

Este capítulo foi dividido em duas seções principais. Na primeira apresenta-se o experimento, destacando-se o “design” experimental, as informantes, a descrição da execução e a avaliação realizada em conjunto com as informantes na quarta noite. Na segunda seção a atenção se volta aos parâmetros de análise, dicotomizados em tratamento dos dados e descrição das hipóteses operacionais.

4.1 O experimento

4.1.1 O “design” experimental

O “design” experimental deste trabalho teve por cuidado básico fazer com que cada informante processasse os quatro artigos de divulgação amostrados e tivesse contato com cada uma das configurações de sublinhado trabalhadas.

Uma fonte de preocupação foi a de evitar que a sequência dos documentos de base ou mesmo a sequência de tipos de configurações de sublinhado pudessem condicionar a produção dos resumos. Desse modo, tornou-se imperioso distribuir documentos e configurações de maneira diferenciada para cada informante.

Como o experimento deveria ocorrer em dias diferentes, estabeleci que não se apresentariam nem configuração, nem documento de base igual em cada tarefa. Contudo, esse duplo critério manifestou-se impossível com quatro informantes, fazendo-se necessária a presença de um quinto elemento para montar o padrão de distribuição. Mesmo assim, fui forçado a permitir que um documento de base e uma espécie de configuração se repetissem em cada noite.

O resultado da aplicação desses critérios pode ser visto no quadro da página seguinte.

Observe-se que o “design” apresentado conseguiu preservar os seguintes balizamentos:

- 1) Cada informante processou os quatro textos;

Quadro 4.1 - Padrão de distribuição de tarefas para as informantes de pesquisa

<i>Tarefa Informante</i>	<i>TAREFA 1 1ª noite</i>	<i>TAREFA 2 2ª noite</i>	<i>TAREFA 3 3ª noite</i>	<i>TAREFA 4 4ª noite</i>
Informante 1	ESTRESSE Versão "C"	VOTO Versão "D"	AIDS Versão "B"	SOLO Versão "A"
Informante 2	SOLO Versão "D"	ESTRESSE Versão "A"	VOTO Versão "C"	AIDS Versão "B"
Informante 3	AIDS Versão "A"	SOLO Versão "B"	ESTRESSE Versão "D"	VOTO Versão "C"
Informante 4	VOTO Versão "B"	AIDS Versão "C"	SOLO Versão "A"	ESTRESSE Versão "D"
Informante 5	ESTRESSE Versão "B"	SOLO Versão "C"	AIDS Versão "D"	VOTO Versão "A"

Legenda:

- Versão "A" Documento sublinhado apenas em sentenças centrais;
 Versão "B" Documento em que 2/3 das sublinhas foram feitas em sentenças centrais e 1/3 das sublinhas foi feita em sentenças periféricas;
 Versão "C" Documento em que 1/3 das sublinhas foi feita em sentenças centrais e 2/3 das sublinhas foram feitas em sentenças periféricas;
 Versão "D" Documento sublinhado apenas em sentenças periféricas.

- 2) As seqüências de textos são diferentes para cada informante;
- 3) Cada informante processou todas as configurações;
- 4) Nenhuma seqüência de configurações foi repetida;
- 5) Somente um documento foi repetido por tarefa;
- 6) Somente uma configuração foi repetida por tarefa.

Dessa forma, busquei minimizar os efeitos de uma repetição de seqüências de documento ou de configuração fazendo com que várias ordenações, entre outras possíveis, fossem obtidas.

4.1.2 As informantes

Escolhi como informantes de pesquisa cinco acadêmicas da segunda fase do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, turma PED-1994, do Campus de Mafra-SC da Universidade do Contestado.

As alunas amostradas, com faixa etária entre 19 e 22 anos, são solteiras e residentes nas cidades de Mafra-SC e Rio Negro-PR, três e duas respectivamente¹. Quatro delas têm como formação de 2º grau o curso de Magistério e a quinta completou o curso de Técnico em Contabilidade. Em termos profissionais, duas trabalham no comércio local e as demais são professoras de pré-escolar e de 1ª a 4ª série do 1º grau em escolas das duas cidades².

A escolha das informantes baseou-se no critério de convite e voluntariado. Durante o segundo semestre letivo de 1994, tendo em vista minha avaliação como docente da

¹ O local de residência foi relevante na medida em que se fez necessário a presença das informantes no Campus em quatro noites seguidas. Desse modo, foram preteridos acadêmicos residentes fora da sede da Instituição de Ensino Superior, visto que seus deslocamentos ficariam sobremaneira mais complexos.

² O perfil das acadêmicas destacadas se conforma com a média dos alunos das Fundações Educacionais do Estado de Santa Catarina, em especial aquelas cujas sedes se encontram em cidades de pequeno porte, como é o caso do Campus de Mafra da Universidade do Contestado.

cadeira de Metodologia Científica, fiz contatos prévios convidando as acadêmicas para participar de um experimento sobre resumos de textos científicos. Cientes de que a pesquisa faria parte de minha tese doutoral, as cinco primeiras estudantes contactadas aceitaram participar.

4.1.3 Descrição do experimento

O experimento ocorreu entre os dias 12 e 15 de dezembro de 1994, em salas de aula do Campus de Mafra da Universidade do Contestado, durante a noite, a partir das 19 horas. As informantes se deslocaram ao Campus exclusivamente para realizar a pesquisa após suas jornadas normais de trabalho.

Para realizar as produções textuais, providenciei folhas de papel almaço para rascunho e elaborei um documento com 60 linhas numeradas, denominado **“documento de transcrição dos resumos feitos pelos informantes”**³.

Na primeira noite, antes de se iniciar o primeiro resumo, preocupei-me em explicitar o experimento de forma a destacar: a) que espécie de produção textual se fazia necessária; e, b) os objetivos virtuais da pesquisa⁴. Para tanto, elaborei o documento **“tipos de resumo”**⁵.

No que se refere ao tipo de produção esperada: a) diferenciei os quatro tipos de resumos elencados por GARCIA (1983: 402) a partir do documento ABNT/P-NB-88 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (indicativo, informativo, indicativo/informativo e crítico ou recensão); e, b) ressaltei que o tipo de resumo solicitado era o informativo, ou seja, uma **“condensação do conteúdo [...] dispensando a leitura do documento”**.

No que se refere aos objetivos virtuais da pesquisa, ressaltei que as informantes receberiam cópias em xerox dos exemplares dos professores de textos originais de **“Ciência Hoje”** tais e quais teriam sido utilizadas em cursos de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Dessa forma, a não-limpeza dos materiais era função da fidelidade a situações reais de sala de aula. Ou, como se explicitou no documento em tela, estariam as informantes diante de textos efetivamente apresentados aos alunos de graduação em cada um dos cursos onde foi coletado material a partir do periódico.

Além disso, destaquei um objetivo, igualmente virtual, qual seja, **“verificar como se configura o resumo de alunas do curso de pedagogia a partir de temas não-afins diretamente à sua especialização (‘stricto sensu’)?”**. Desse modo, as estudantes amostradas acreditaram que a pesquisa visava a analisar as estratégias de resumo que um aluno de graduação se utilizaria quando se deparasse com textos científicos não-especificamente diretos à sua especialização.

Com esses nortes, cada informante elaborou quatro resumos, em quatro noites subseqüentes, perfazendo no total 20 documentos.

Conforme o acordado, na quarta noite, após a produção dos resumos, fiz uma avaliação em conjunto, com base no **“documento de avaliação do experimento”**⁶. Naquela

³ A quantidade de linhas do documento de transcrição também se constitui variável do experimento, uma vez que cada informante precisaria conformar o seu documento de resumo dentro desse limite. Observe-se o exemplar de modelo anexado a esta tese (ver anexo 8.5).

⁴ Fez-se necessário desviar a atenção das informantes do real motivo da pesquisa, uma vez que, ao se saber a motivação do sublinhado, todo o experimento seria irremediavelmente viesado por esta variável.

⁵ O documento foi anexado à tese (ver anexo 8.6).

⁶ Veja-se o documento anexado (anexo 8.7).

oportunidade coloquei os reais objetivos da pesquisa; expliquei o “design” experimental; apresentei os quatro documentos de base utilizados; e, discuti os níveis de dificuldade de cada documento em particular. Além disso, questionei as estudantes sobre a compreensão dos textos; sobre as estratégias de resumo e as suas possíveis variações em função de cada documento de base; sobre suas reações diante do sublinhado; e, sobre a pertinência do experimento enquanto simulação de atividades vivenciadas por elas na escola.

Por fim, tendo em vista que as informantes foram levadas a crer num objetivo fictício, solicitei que, por escrito, declarassem estar cientes das metas do experimento e permitir o uso de seus resumos informativos para fins de elaboração da presente tese, salvaguardados seus anonimatos.

4.1.4 Análise do experimento

Durante a realização do experimento, busquei observar as estratégias metacognitivas encetadas pelas informantes e aspectos de auto-avaliação de seus desempenhos.

4.1.4.1 Nível de dificuldade dos textos

Solicitei às informantes, na quarta noite, para que numerassem de 1 a 4 os textos conforme o grau de dificuldade, de tal modo que o número menor fosse dado ao documento de mais fácil processamento. O resultado foi unânime em apontar o documento “Voto” e o documento “Estresse” como o mais fácil e o mais difícil, respectivamente. Em nível intermediário, ficaram o documento “Aids”, segundo em média, e o documento “Solo”, terceiro em média.

Essa reação é plenamente justificável, dado que os textos “Voto” e “Aids” versam sobre temas mais cotidianos. Além disso, aspectos de organização textuais favorecem uma apreensão mais fácil dos dados centrais. Os textos “Solo” e “Estresse”, além de perspectivarem temas mais complexos e distantes do universo de preocupação da pedagogia “stricto sensu”, possuem algumas nuances que dificultam o processamento, tais como a interdependência de tópicos.

4.1.4.2 Tempo dispendido

Um segundo dado de análise foi o tempo dispendido, em minutos, para a realização de cada tarefa em particular. No quadro da página seguinte podem-se verificar três dados temporais. O primeiro equivale ao tempo gasto pela informante para a elaboração de seu rascunho; o segundo demonstra o tempo gasto para a tarefa de “passar a limpo”; o terceiro, por sua vez, equivale à soma dos dois tempos anteriores⁷.

O tempo médio total para a realização da tarefa foi de 96,45 minutos, dos quais, 66,5 % destinados à elaboração dos rascunhos e 33,5 % destinados à tarefa de elaboração da versão definitiva. Como era de se esperar, as tarefas da primeira noite foram mais lentas, 115,8 minutos.

Em média, as informantes 1, 5, 3, 4 e 2 realizaram as 4 tarefas em 85,75; 88,5; 89,75; 106,5 e 111,75 minutos, respectivamente.

⁷ Observe-se que: 1) Os textos são apresentados pelo nome mais significativo de cada título, a saber, Estresse, Solo, Aids, e Voto; 2) As versões são representadas pelas letras “A”, “B”, “C” e “D”; e, 3) As informantes são representadas pelos números 1, 2, 3, 4 e 5.

O documento de maior lentidão de processamento foi o que versa sobre o “Estresse”, 104,2 minutos, seguido por “Aids”, “Solo” e “Voto”, 98,2; 92,6 e 90,8 minutos respectivamente. O resultado do primeiro documento é plenamente justificável dada a sua complexidade temática. O baixo tempo destinado ao documento “Solo” não pode ser explicado por suas características temáticas, teoricamente complexas, mas sim pela sua extensividade, apenas 66 sentenças. Os dois textos restantes, visto que tratavam de assuntos mais presentes no dia a dia, deveriam ser processados mais rapidamente que os demais, o que de fato aconteceu.

Por fim, os resultados obtidos em função das versões revelam que apenas a versão “B” (2/3 centrais por 1/3 periférica) ficou acima da média, 103,6 minutos. O dispêndio temporal para as demais versões, “A”, “C” e “D” ficou em média em 96 min, 94,4 min e 91,8 min respectivamente.

4.1.4.3 Estratégias de elaboração dos resumos informativos

Um terceiro dado observado foram as estratégias de elaboração dos resumos informativos. Vejamos o desempenho de cada informante.

A informante 1, exceto durante a primeira tarefa onde fez uso de sublinha, procurou rascunhar o resumo à medida que ia lendo, isto é, durante a primeira leitura. Uma vez terminado o rascunho, ela leu o produto como um todo antes de passar a limpo.

A informante 2, na primeira noite, fez uma leitura integral do documento e só então, na segunda leitura, elaborou o rascunho. Nas demais noites, rascunhou durante o primeiro contacto com o documento.

Quadro 4.2- Tempo dispendido pelas informantes em cada tarefa:

Tarefa	Informante.	Documento	Versão	Tempo 1	Tempo 2	Total
1	1	Estresse	C	79	36	115
1	2	Solo	D	82	35	117
1	3	Aids	A	98	16	114
1	4	Voto	B	91	39	130
1	5	Estresse	B	77	26	103
2	1	Voto	D	40	20	60
2	2	Estresse	A	75	35	110
2	3	Solo	B	53	25	78
2	4	Aids	C	46	35	81
2	5	Solo	C	58	29	87
3	1	Aids	B	48	44	92
3	2	Voto	C	72	33	105
3	3	Estresse	D	52	31	83
3	4	Solo	A	60	45	105
3	5	Aids	D	55	34	89
4	1	Solo	A	48	28	76
4	2	Aids	B	77	38	115
4	3	Voto	C	57	27	84
4	4	Estresse	D	65	45	110
4	5	Voto	A	50	25	75

A informante 3, na primeira tarefa, sublinhou do documento de base e, paralelamente, escreveu na folha definitiva. Entretanto, uma vez que percebeu estar colocando informações desnecessárias, segundo seu entendimento do documento, solicitou nova folha e passou a usar o rascunho, fazendo sempre contrapontos entre o documento e seus apontamentos. Nas demais tarefas, a informante fez marcações no documento de base e

elaborou rascunhos, todos com linhas numeradas. Só então se lançava à elaboração da versão final.

A informante 4, por sua vez, fez uma leitura atenta do documento. Enquanto rascunhava era nítida, através de pistas faciais, a reflexão sobre cada sentença em particular. Interessante se faz destacar que ela não apenas usou o rascunho para a versão definitiva, mas voltou constantemente ao documento de base para aprimorar o seu escrito.

A informante 5, por fim, na primeira noite, procurou anotar tópicos mais relevantes durante a primeira leitura. Depois, elaborou rascunho e versão definitiva. Nas demais noites percebi a tentativa de elaborar o rascunho já na primeira leitura. Segundo seu depoimento, procurou usar expressões próprias em todos os resumos.

Em síntese, a estratégia de elaborar um rascunho no ato da primeira leitura foi a de maior preferência. Tal prática, condenada nos manuais de pesquisa e de redação, não permite uma reflexão maior do conteúdo e implica dependência maior da linearidade do documento e, por consequência, do sublinhado. Observe-se ainda que as estratégias mais acuradas, desenvolvidas por algumas informantes na primeira noite, dada a lentidão da tarefa, foram abandonadas nas noites subseqüentes, como revelam os dados temporais já expressos.

4.1.4.4 Compreensão dos artigos

Mais adiante, questionei as informantes sobre a compreensão dos artigos, o que me permitiu elaborar as seguintes conclusões:

1. O documento que tematiza o “Estresse” foi o que demonstrou maiores dificuldades de compreensão. Observem-se os depoimentos abaixo:

“[...] O que embaralhou foi a parte das experiências com camundongos” (inf. 2);

“[...] Houve partes bastante confusas e complexas” (inf. 3).

O documento em pauta apresenta uma série de experimentos com camundongos, que comprovam a tese segundo a qual há uma íntima relação entre os sistemas imune e nervoso. Tais experimentos exigem uma leitura atenta, em especial para delimitar os limites e as relações entre as experiências apresentadas. A auto-análise das informantes é indício de que elas elaboraram resumos sem o devido entendimento do documento de base.

2. Do documento “Solo” obtiveram-se depoimentos mais instigantes. Vejam-se:

“Em determinadas partes adquiri compreensão” (inf. 1);

“Em primeira parte não. Claro que certas informações são entendidas e aprendidas” (inf. 4);

“Achava que sim [que tinha compreendido]. Depois de nossa conversa percebi que não” (inf. 5).

Tanto quanto o documento anterior, “Solo” tematiza áreas do conhecimento estranhas ao universo de preocupações de minhas informantes. Trata-se de um documento onde conhecimentos geológicos, paleológicos, climáticos, geográficos e químicos são de grande relevância. Os dados de reflexão das informantes revelam que elas elaboraram resumos sem terem compreendido o documento em sua plenitude.

3. Os textos “Voto” e “Aids”, como eu esperava, foram considerados unanimemente como compreendidos. Isso se explica pela proximidade dos assuntos e pelo modo como os autores conduzem o escrito.

4.1.4.5 Reações diante do sublinhado

Complementando a minha análise, questionei as informantes sobre suas reações diante do sublinhado. Neste caso em particular analisei os depoimentos conforme as versões apresentadas:

1. Versão “A”. Conforme o documento, as reações divergiram:

“Relativamente segura. O que estava sublinhado fazia parte do resumo (segundo a minha análise) (inf. 3: documento “Aids”);

“Percebi que estavam certas e até escrevi no rascunho que estavam certas com certeza” (inf. 5: documento “Voto”);

“Além de ser um assunto muito complexo e científico, o sublinhamento me deixou bastante insegura, pois eu não sabia praticamente nada do assunto e nem se as partes sublinhadas estavam certas⁸” (inf. 2: documento “Estresse”)

Novamente, percebi uma separação entre os artigos amostrados para a pesquisa. “Voto” e “Aids” demonstram ter sido assimilados mais adequadamente, fazendo com que as informantes atestem que as sublinhas estavam adequadas. No documento “Estresse”, mais complexo, a informante em pauta revela não ter certeza de suas opções, uma vez que o assunto lhe foge ao controle.

2. Versão “D”. Vejam-se os depoimentos das informantes diante do sublinhado inadequado:

“Houve condicionamentos em cima dos sublinhados, porém notei tópicos mais necessários fora dele e os complementei. Não baseei-me com os sublinhados. Realizei o trabalho através do texto” (inf. 1: documento “Voto”);

“Por conhecer um pouco o assunto deu para notar que algumas partes não eram relevantes das que estavam sublinhadas, pegando assim um pouco da idéia principal do texto” (inf. 2: documento “Solo”);

“Confusa. Tentei avaliar o que realmente tinha sentido e estava sublinhado e o que não era coerente ao resumo” (inf. 3: documento “Estresse”);

“Em dúvida se o que se encontrasse sublinhado seria o que realmente importava, ou melhor, seria o principal de cada texto e o correto, já que algumas partes se mostravam não tão importantes” (inf. 4: documento “Estresse”);

“Achei que as primeiras informações não eram relevantes, mas as coloquei porque estavam sublinhadas e achei que tirando-as ficaria pouca informação” (inf. 5: documento “Aids”).

De um modo geral, as informantes se sentiram inseguras diante do sublinhado. Tal resultado já demonstra que há uma competência mais apurada de avaliação do documento. Todavia, dois depoimentos são significativos. A informante 2 destaca ter conhecimento parcial dos temas apresentados em “Solo”. Segundo sua percepção, é esse conhecimento que lhe permite dizer que determinadas informações do documento de base não estão corretas. A informante 5, por seu turno, revela abertamente o conflito entre a percepção da inadequabilidade da informação com a necessidade de considerá-la em função da presença do sublinhado. Ela opta, mesmo contra a sua vontade inicial, por usar a informação em seu resumo porque “está sublinhad{a}”. Daí entender sua justificativa posterior “achei que tirando-as ficaria pouca informação”.

3. Versões Mistas. As informantes assim reagiram diante das versões “B” e “C”:

“O sublinhamento deu ênfase a muitas partes fundamentais do texto, mas foi resumido também partes fundamentais não sublinhadas” (inf. 2: documento “Aids B”);

⁸ É bom que se frise que neste depoimento a informante já sabia o objetivo da tarefa.

“Deu para ver nitidamente o que era importante ou não independentemente do sublinhamento” (inf. 2: “Voto C”);
 “Confusa. Havia coisas interessantes sublinhadas e fiquei na dúvida em relação ao ‘quê’ colocar” (inf. 3: “Solo B”);
 “Relativamente segura. Utilizei várias partes sublinhadas no meu resumo” (inf. 3: “Voto C”);
 “Um tanto quanto confusa. Até comentei para o professor que desviou minha atenção. Achei que as informações eram importantes para um cientista que as lesse” (inf. 5: documento “Estresse B”);

As informantes demonstraram reações diversificadas diante do sublinhado misto. A informante 5 pondera que as sublinhas talvez fossem interessantes “para um cientista que as lesse”. Isso bem demonstra que houve percepção da aparente inadequabilidade do sublinhado para efeitos de resumo informativo. A informante 2, tendo em mão o documento “Voto”, julga-o de fácil compressão, independentemente do sublinhado; com o documento “Aids”, menos confiante, afirma que partes não sublinhadas mereciam sublinhas. A informante 3, por sua vez, demonstrou-se confusa diante do documento “Solo”, mais complexo, e relativamente segura, diante do documento “Voto”, de mais fácil processamento.

A partir desses dados pude inferir que houve percepção de inadequabilidade. Meu trabalho foi observar até que ponto essa percepção se cristalizou na opção pelo destaque de sentenças centrais não-sublinhadas.

4.2 A análise

4.2.1 Emparelhamento das sentenças

Uma vez elaborados os documentos de resumo, minha primeira providência foi a de transcrevê-los em quadros, nos quais efetuei emparelhamentos entre as sentenças de resumo e as sentenças de base. A título de exemplo, veja-se o quadro 4.3 correspondente ao emparelhamento entre as sentenças [7] do documento de base 1: “Estresse”, versão “C”, com a sentença de resumo [4] paraconstruída pela informante nº 1 em sua 1ª tarefa.

Na primeira coluna, transcrevi a sentença do documento de base que foi paraconstruída pela sentença do documento de resumo. No caso em tela, trata-se de uma sentença que fora sublinhada de forma integral. Daí seus elementos estarem negritados.

Na segunda coluna, estabeleci as relações de paraconstrução, isto é, quais as estratégias de que a informante se utilizou para paraconstruir a sentença de base em sentença de resumo.

Por fim, na terceira coluna, transcrevi a sentença do documento de resumo.

Quadro 4.3 - Exemplificação de emparelhamento de sentenças de base e de resumo:

Documento de base: 7		Documento de resumo: 4
A partir desse fato,	apagamento	
ele conceituou o estresse	cópia/apagamento	Conceituou o estresse
como uma síndrome	cópia	como [] síndrome
geral de adaptação,	cópia/paráfrase substituição lexical	global de adaptação
ou seja, um conjunto de reações sistêmicas e não-específicas que surgem quando ocorre uma exposição do organismo a agentes agressores.	apagamento	

Para que se pudesse analisar a moderação do sublinhado na elaboração dos documentos de resumo, fez-se necessário organizar uma tipologia de comparação entre os dois documentos. Nesse particular, trabalhei com o conceito de sentença de HOEY (1983, 1991). Dessa forma, comparei sentenças de resumo paraconstruídas pelas informantes a partir das sentenças de base.

Nesta seção, pretendo explicitar os critérios de paraconstrução, buscando apoio em trabalhos de van DIJK (1979, 1983, 1986, 1992), KLEIMAN (1989), BROWN e DAY (1983), SERAFINI (1986) e, em especial, HOEY (1983, 1991).

Toda e qualquer estratégia de paraconstrução procura reduzir a linearidade lingüística do documento que serve de base. Elas são, em função do documento original, estratégias de sintetização. Porém, nem sempre, se observarmos critérios sentenciais, as sentenças paraconstruídas são menores do que as sentenças de base.

Isso posto, lancei como primeiro critério de avaliação a extensão linear das sentenças de resumo. Logo, há estratégias de **expansão**, de **manutenção** e de **compressão**, conforme ampliem, mantenham ou diminuam a extensão lingüística linear das sentenças do documento de base.

Por outro lado, não há qualquer motivo para que haja uma relação biunívoca entre sentenças de base e sentenças do documento de resumo. Isso em mente, estabeleci como **não-marcado** todo emparelhamento no qual uma sentença de base fosse paraconstruída por uma sentença de resumo.

Contudo, se para uma sentença do documento de base tivessem sido produzidas duas ou mais sentenças no documento de resumo, classifiquei a estratégia como **divisão sentencial**. Se, por outro lado, uma sentença do documento de resumo paraconstruísse duas ou mais sentenças do documento de base, a estratégia usada foi a de **aglutinação sentencial**⁹.

Entre as estratégias de paraconstrução propriamente ditas, duas foram consideradas básicas: estratégias de cópia e estratégias de paráfrase. As estratégias de **cópia** caracterizam-se como transcrição de qualquer extensividade de trechos das sentenças do documento de base e deveriam ser formalmente marcadas pelas aspas de citação textual. As estratégias de **paráfrase** consistem num amplo sistema de substituição.

Neste ponto, há de se acrescentar, embora não como estratégia, o **desvio**. Desvio abarca construções que não encontram nexos com os dados documentais, normalmente vinculadas à mundividência do informante, encontradas especialmente em trabalhos cuja consulta do documento de base seja vedada. Além disso, o desvio denota falha de extrapolação e/ou de contradição. Nesse rótulo, contudo, não se colocariam dados de criação estilística, se os nexos com o documento de base fossem passíveis de identificação.

1. Estratégias de Cópia

1.1 **Citação**. Estratégia de transcrição fiel da sentença de base, devendo ser, em tese, apresentada formalmente entre aspas e com referência à fonte.

1.2 **Cópia acrescida de apagamento(s)**. Estratégia pela qual suprimem-se elementos do documento. Desse modo, copiam-se determinados constituintes das sentenças e deletam-se os demais. Formalmente, os elementos copiados deveriam vir entre aspas e com referência à fonte.

Neste trabalho, contudo, não considereirei como apagamento a supressão de elementos gramaticais, tais como os artigos em particular.

⁹ Tanto a aglutinação, quanto a divisão podem ser expansivas, de manutenção ou de compressão sentencial.

2. Estratégias de "Paráfrase Simples"

2.1 Alteração Lexical. Nesse rótulo, proponho uma gama de estratégias centradas especificamente em itens lexicais. Destacam-se: expansão lexical, substituição lexical, redução lexical, generalização e transferência lexical.

2.1.1 Expansão Lexical. Processo no qual a sentença paraconstruída possui, numa relação lexical, um a um, maior quantidade de itens do que sua contraparte do documento de base. Neste procedimento, incluem-se os vários mecanismos de perífrases.

2.1.2 Substituição Lexical. Estratégia que permite alterar determinado(s) item(ns) lexical (is) da sentença de base.

2.1.3 Redução Lexical. Estratégia na qual o elemento substituidor reduz a quantidade de itens lexicais da sentença de base. Nesse rótulo incluo a substituição de perífrases por elementos isolados. Excluem-se, entretanto, mecanismos obtidos por deletamento de itens lexicais, mesmo que subentendam processos hiperonímicos ou de simplificação de perífrases.

2.1.4 Generalização. Estratégia que permite, por meio de um hiperonímico, substituir vários elementos da linearidade lingüística. Trata-se de uma estratégia especial de redução lexical.

2.1.5 Transferência Lexical. Neste rótulo, concebem-se vários mecanismos metonímicos, nos quais há uma relação de contigüidade entre os itens lexicais envolvidos na relação.

2.1.6 Transformação Discursiva. Alteração de ordem discursiva, em função do acréscimo ou supressão de dados lexicais.

2.2 Alteração Sintática. A ordem sintagmática pode sofrer alterações durante o processo de paraconstrução. Entre os mecanismos destacam-se: transformação de voz, transformação clausal, inversão sintagmática entre cláusulas, inversão sintagmática entre constituintes de cláusulas, conexões intersentenciais em sentenças paraconstruídas por aglutinação.

2.2.1 Transformação de Voz. Abarca, em especial, alterações entre voz ativa e passiva, quer analítica, quer sintética.

2.2.2 Transformação Clausal. Alteração da configuração clausal dentro da sentença, quer por meio de elaboração de uma cláusula a partir de um constituinte, quer por meio de deletamento de uma cláusula, por um constituinte menor.

2.2.3 Inversão sintagmática entre cláusulas. Compreende alterações de ordem sintagmática entre cláusulas da sentença com ou sem reflexo na configuração das conexões.

2.2.4 Inversão sintagmática entre constituintes de cláusulas. Compreende qualquer sorte de alterações sintagmáticas entre constituintes menores do que a cláusula.

2.2.5 Conexões intersentenciais em sentenças paraconstruídas por aglutinação. Abarca as alterações produzidas pela paraconstrução aglutinada de várias sentenças de base em uma única sentença de resumo, enfocando especificamente a questão das conexões intersentenciais.

3. Estratégias de "Parafraseamento Complexo"

3.1 Paráfrase complexa. Ocorre quando existir dentro de uma sentença facilmente delimitável, um conjunto complexo de parafraseamentos simples, de tal modo que a paráfrase prepondere sobre a estratégia de cópia.

3.2 Construção. Consiste numa sentença que procure abarcar o tópico do documento ou que substitua largos trechos do documento. Corresponde à macrorregra de construção de van DIJK (1986).

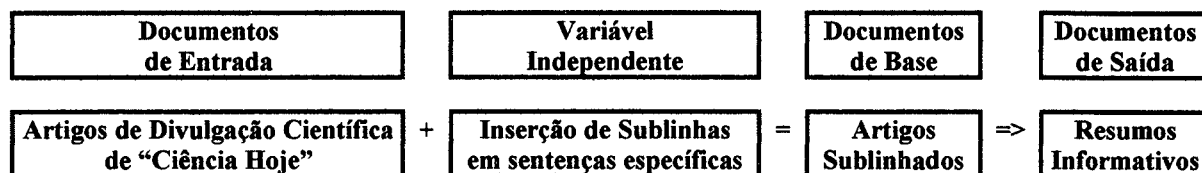
Feitos os emparelhamentos, elaborei uma análise quantitativa dos dados obtidos. Essa análise foi necessária para obterem-se as conclusões frente às hipóteses operacionais que são expostas logo a seguir.

4.2.2 As hipóteses de trabalho

Este trabalho se caracterizou como experimental, na medida que se elaborou um laboratório de produção de documentos. Por meio da inserção de uma variável independente, o sublinhado em sentenças específicas dos artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje” amostrados, organizaram-se os documentos que foram propostos como “de base” para a elaboração de resumos informativos.

Veja-se o esquema correspondente.

Esquema 4.1 - Inserção da Variável Independente:



Em função desse “design”, a hipótese subjacente foi a de que:

“a seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base para a produção das sentenças dos resumos informativos seria influenciada pelas sublinhas do primeiro leitor, de tal sorte que dados lingüísticos das sentenças sublinhadas nos documentos de base seriam mais freqüentes nos documentos de resumo do que os dados lingüísticos das sentenças não-sublinhadas”.

A hipótese acima foi operacionalizada da seguinte maneira. Conforme vimos no capítulo precedente, as sentenças dos artigos de divulgação foram tricotomizadas em centrais, intermediárias e periféricas. Desses agrupamentos, as sentenças intermediárias foram excluídas do sublinhado, ou melhor, consideradas não-sublinháveis. Conseqüentemente, as sentenças centrais e as sentenças periféricas foram classificadas como sublinháveis.

Tendo em mente a necessidade de neutralizar o efeito da ‘adequabilidade das sentenças sublinhadas’ na utilização dos dados lingüísticos para fins de elaboração dos resumos, destaquei por meio de sublinhas igual número de sentenças centrais e periféricas e, por conseqüência, igual número de sentenças centrais e periféricas não foram destacadas pelas sublinhas. Isto é, tomadas as sentenças sublinháveis (centrais e periféricas, portanto), verificaremos que elas foram destacadas numa razão exata de uma sentença sublinhada para cada uma das sentenças não-sublinhadas. Ou, matematicamente:

$$R = \frac{\text{Freqüência de Sentenças Centrais e Periféricas Sublinhadas}}{\text{Freqüência de Sentenças Centrais e Periféricas Não - Sublinhadas}} = 1$$

Em se considerando a razão de entrada, pôde-se estabelecer o seguinte parâmetro de aferição da relação entre a variável independente, o sublinhado, e a variável dependente, a escolha dos dados lingüísticos das sentenças de base para fins de elaboração dos resumos:

“Se o resultado da razão entre o percentual de utilização de dados lingüísticos de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e o percentual de utilização de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas, descartada a terceira casa decimal, for menor ou igual a 1,00 (um), então não haveria influência do sublinhado na elaboração dos documentos de resumo em questão.”

Todavia, se o resultado da razão de utilização for igual ou superior a 1,01, então haveria influência do sublinhado, admitindo-se a seguinte gradação.

Quadro 4.4 - Gradação da influência do sublinhado na elaboração dos documentos de resumo em função da razão obtida entre o percentual de utilização de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e não-sublinhadas:

Resultado da razão entre o percentual de utilização de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e não-sublinhadas	Classificação da Influência do sublinhado na elaboração dos documentos de resumo
Entre 0,01 e 1,00	Ausência de influência
Entre 1,01 e 1,25	Fraquíssima influência
Entre 1,26 e 1,50	Fraca influência
Entre 1,51 e 2,00	Média Influência
Entre 2,01 e 3,00	Forte influência
Mais de 3,01	Fortíssima influência

Como já se disse na introdução deste documento, acrescentei três tarefas específicas, a saber, a adequabilidade do sublinhado, as estratégias de paraconstrução e a forma do sublinhado. Para cada uma dessas tarefas foi elaborada uma hipótese específica

4.2.2.1 Adequabilidade do sublinhado

A distinção entre sentenças centrais, intermediárias e periféricas não cumpriu apenas a função de controlar a influência da variável ‘adequabilidade da sentença sublinhada’ na escolha dos dados lingüísticos das sentenças de base para a elaboração dos documentos de resumo. Resolvi destacá-la como variável moderadora da relação sublinhado versus resumo. Isso posto, estou interessado em verificar se a adequabilidade da sentença destacada implica um percentual de utilização maior.

Para tanto, elaborei a seguinte hipótese:

“a variável ‘adequabilidade do sublinhado’ modera a seleção dos dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base, de tal forma que os dados lingüísticos das sentenças centrais sublinhadas seriam mais freqüentes nos resumos informativos do que os dados lingüísticos das sentenças periféricas sublinhadas”.

Para efeitos de operacionalização dessa hipótese, a mesma metodologia foi empregada. A razão pode ser vista a seguir:

$$R = \frac{\text{Percentual de Utilização de Sentenças Centrais Sublinhadas}}{\text{Percentual de Utilização de Sentenças Periféricas Sublinhadas}}$$

Neste caso, igualmente, se o resultado apontar uma razão inferior ou igual a 1,00, descartando-se a terceira casa decimal, então não haveria moderação da variável ‘adequabilidade da sentença’, isto é, a pertinência da sentença sublinhada não influenciou a escolha dos dados lingüísticos para a elaboração dos documentos de resumo.

Todavia, se o resultado for igual ou superior a 1,01, então haveria influência, classificando-a conforme os critérios expostos no quadro 4.4.

4.2.2.2 Estratégias de Paraconstrução

A bibliografia, em especial KLEIMAN (1989), pondera que a presença do documento de base no decorrer da tarefa implica uma dependência maior da linearidade lingüística de base para efeitos de elaboração dos documentos de resumo. Ora, se isso se repete na presente pesquisa, é plausível antever que estratégias de cópia serão mais freqüentes do que estratégias de paráfrase complexa e de construção. Isso posto, hipotetizei que:

“Em função da tarefa (documento de base presente) e da característica intrinsecamente seletional das sublinhas (semelhante à estratégia de cópia-apagamento de van Dijk, 1979) as estratégias de paraconstrução organizadas a partir de procedimentos de cópia acrescidos ou não de apagamento(s) e/ou paráfrase(s) simples seriam mais freqüentes do que as estratégias de parafraseamento complexo e de construção”.

A operacionalização dessa hipótese se deu a partir da análise quantitativa das estratégias de paraconstrução detectadas nos documentos de resumo. A freqüência de cada estratégia foi dividida pela freqüência total das estratégias em cada documento de resumo em particular, isto é, estabelecendo-se o percentual da estratégia no conjunto de estratégias que compõem cada documento de resumo. Estabelecidas as médias dos percentuais nos 20 documentos de resumo, compararam-se os resultados, a partir da seguinte razão:

$$R = \frac{\text{Percentual de Utilização de Estratégias de Cópia acrescidas ou não de Apagamento(s) e/ou Paráfrases simples}}{\text{Percentual de Utilização de Estratégias de Parafraseamento Complexo (paráfrase complexa e construção)}}$$

Se a razão entre os percentuais médios de utilização de estratégias de cópia, acrescidas ou não de apagamento(s) e/ou paráfrase(s) simples e os percentuais de parafraseamentos complexos e construções fosse inferior ou igual a 1,00 então a hipótese não se corroboraria.

Entretanto, se a razão fosse igual ou superior a 1,01, a hipótese seria corroborada e se aplicariam os critérios expostos no quadro 4.4 para efeitos de gradação¹⁰.

4.2.2.3 Forma do sublinhado

Por fim, dado que o sublinhado nem sempre ocorre em sentenças inteiras, mas pode dar-se em cláusula(s) de sentenças ou mesmo em itens lexicais específicos de sentenças, resolvi destacar as sentenças dos documentos de base nas três formas aludidas. Contudo, aproveitei essa variável de controle como possível variável moderadora das estratégias de paraconstrução. Em outras palavras, gostaria de saber se a forma do sublinhado interferiu na escolha das estratégias utilizadas pelas informantes para paraconstruir os dados lingüísticos de base em construções de resumo.

A hipótese que levantei foi a seguinte:

“A forma do sublinhado influenciaria as estratégias de paraconstrução, de tal modo que:

1. Sentenças sublinhadas integralmente sofreriam processos de compressão, em especial por cópia acrescida de apagamentos e/ou paráfrases;

¹⁰ Sal guarde-se que, ao se aplicar os elementos do quadro 4.4, a título de exemplo, em vez de termos “forte” influência de uma variável sobre outra, temos “forte” evidência de que a hipótese se corroborou.

2. Sentenças com sublinhado clausal sofreriam processos de cópia dos excertos sublinhados e apagamento dos excertos não-sublinhados;

3. Sentenças sublinhadas lexicalmente sofreriam processos de preenchimento das lacunas interlexicais não-sublinhadas, de tal sorte que, tomando-se em conta os elementos sublinhados, ocorreria uma expansão (aumento de elementos lingüísticos)”.

O plano de prova para essa hipótese em particular se deu a partir da análise das sentenças de resumo que paraconstruíram dados de sentenças sublinhadas nas três formas em tela. O critério básico foi o de avaliar se a sentença cumpria ou não a estratégia exposta na hipótese. Feita essa análise, pôde-se quantificar os resultados e estabelecer, como nas hipóteses anteriores um cálculo de razão, nos moldes expostos a seguir:

$$R = \frac{\text{Frequência de dados de resumo que corroboram a hipótese}}{\text{Frequência das sentenças de resumo que não corroboram a hipótese}}$$

Em se tomando cada um dos estudos propostos pela hipótese, se a razão obtida fosse inferior ou igual a 1,00, descartada a terceira casa decimal, então o que se expõe no item da hipótese correspondente ao estudo não se corroboraria.

Todavia, se a razão fosse igual ou superior a 1,01, então o que se expõe no item em destaque se corroboraria e far-se-ia necessário aplicar os critérios expostos no quadro 4.4 para efeitos de classificação.

5. Análise dos Documentos de Resumo

Este capítulo foi dividido em cinco seções. Na primeira apresento a análise integral de um dos documentos de resumo. Nas demais quatro seções, apresento uma análise mais genérica dos dezenove documentos de resumo restantes, agrupados conforme os quatro Artigos de “Ciência Hoje” amostrados para este experimento.

5.1 Análise integral de um documento

5.1.1 Apresentação do documento

A fim de explicitar as ações relativas à análise dos dados, apresento a análise completa do documento de resumo elaborado pela informante 3 em sua primeira tarefa, cujo documento de base foi a versão “A” do artigo 3: “AIDS”.

O documento, composto por 20 sentenças, pode ser visualizado a seguir.

1. A Aids é um estágio avançado da infecção causada pelo HIV, caracterizado pelas infecções oportunistas e/ou por determinadas neoplasias.
2. As vias de transmissão do HIV são três: (1) via sexual bidirecional; (2) pelo sangue; (3) da mulher para seu filho (gestação, trabalho de parto ou amamentação).
3. A falta de sucesso da maioria dos programas que visavam modificar comportamentos sexuais, tornou o desenvolvimento de uma vacina, a única esperança contra o avanço da AIDS.
4. Entretanto, existem obstáculos que impedem o desenvolvimento dessa vacina.
5. Os principais, repousam na falta de conhecimento preciso da patogenia da infecção pelo HIV; na variabilidade do vírus e no fato de não se saber que tipo de resposta imune pode proteger contra a infecção pelo HIV.
6. Geralmente, a eficiência de uma vacina antiviral depende de sua capacidade de induzir a produção de anticorpos que eliminem o vírus antes de ele ser capaz de infectar as células.
7. No entanto existem poucas evidências de que os anticorpos sejam realmente essenciais para a eficácia de uma vacina anti HIV/AIDS.
8. Tomando por base outras infecções virais que têm vacinas eficazes é provável que a imunidade estéril não seja essencial.

9. Se o mesmo for verdade em relação ao HIV, a indução de anticorpos neutralizantes tem menor importância, e a imunidade celular assume papel de destaque.
10. Quanto ao tipo de resposta imune capaz de proteger contra o HIV, grosso modo pode ser dividida em celular e humoral (através de anticorpos).
11. Em ambas, os linfócitos CD4+ têm papel central.

A teoria de Salk

12. O médico norte-americano Jonas Salk, descobridor da vacina contra a poliomielite, sugeriu que uma vacina anti-HIV/AIDS só seria eficaz se usasse vírus atenuados.
13. Em modelos experimentais com cepas de camundongos com resposta predominantemente celular (T_{H1}) e outros de resposta humoral (T_{H2}) baseou-se sua teoria.
14. Salk, depois de suas observações, sugeriu que indivíduos com resposta do tipo T_{H2} seriam incapazes de controlar a infecção pelo HIV e teriam Aids.
15. Já aqueles com resposta do tipo T_{H1} seriam capazes de se curar.
16. Se isso for verdade a estratégia correta de vacinação seria o emprego de repetidas inoculações de doses diminutas sub-imunogênicas de vírus atenuado, de forma a induzir resposta T_{H1} e não T_{H2} .
17. Dois tipos de observações corroboram a teoria Salk:
18. a - Existem na literatura especializada vários relatos de realmente estiveram expostos ao vírus e desenvolveram uma resposta T_{H1} e se curaram da infecção.
19. b - A vacinação com um vírus atenuado por engenharia genética foi capaz de proteger primatas de infecção causada pelo vírus da AIDS em símios.
20. Os recentes avanços da imunologia, as evidências de existirem pessoas resistentes ao HIV e os sucessos em estudos iniciais de vacinas anti-SIV; indicam que o desenvolvimento de uma vacina anti HIV/AIDS, é um objetivo que poderá ser atingido.

5.1.2 Análise sentença a sentença

A primeira tarefa foi a de desenvolver uma análise sentença a sentença de modo a investigar as várias estratégias de paraconstrução. Cada emparelhamento é demonstrado por um quadro composto por três colunas. Na primeira transcrevem-se as sentenças de base paraconstruídas pela informante; na segunda, descrevem-se as estratégias de paraconstrução; e, na terceira coluna, transcrevem-se as sentenças paraconstruídas. Os elementos negritos são sublinhados no documento de base e os elementos em *itálico* correspondem a sentenças intermediárias.

Convém ressaltar que, em paralelo, teço comentários sobre a influência da “forma do sublinhado” nas paraconstruções em tela.

Vejamos o primeiro emparelhamento, quadro 5.1.

Como se pode ver, a estratégia básica foi a de copiar vários elementos da sentença de base e apagar os demais. A análise dos elementos apagados permitiu entrever as seguintes conclusões:

1. A exclusão de “definida como sendo” pode ser recuperada, uma vez que a sentença funciona como definição independentemente dessa explicitação. Tal estratégia configura-se como seleção (SERAFINI, 1986: 149).

2. A supressão de “ocorrência” faz com que a preposição “por” seja acrescida pelo determinante “as”, em vez de “a”, uma vez que a ponte se estabelece entre “caracterizada” e “infecções oportunistas”, e não entre “caracterizada” e “ocorrência”.

3. As cláusulas delimitadas entre os parênteses no documento de base, que funcionam como nota explicativa de “infecções oportunistas”, são suprimidas.

Além disso, é digno de nota o acréscimo lexical de “causada” na linha três do quadro. Trata-se de um procedimento inverso aos destacados acima, visto que é o documento de base, e não o documento de resumo, que implica o item lexical em tela.

Quadro 5.1- Emparelhamento 1:

Documento de Base: 18		Documento de Resumo: 1
[18] A AIDS é definida como sendo	cópia/apagamento	[1] A Aids é
um estágio avançado	cópia	um estágio avançado
de infecção pelo HIV,	cópia/paráfrase acréscimo lexical	da infecção causada pelo HIV,
caracterizado pela	cópia	caracterizado pela{s}
ocorrência de infecções oportunistas	cópia/apagamento paráfrase alteração sintática	infecções oportunistas
(assim chamadas porque, em geral, só ocorrem em pacientes imunodeprimidos)	apagamento	
e/ou por determinadas neoplasias	cópia	e/ou por determinadas neoplasias.

No que se refere à influência do sublinhado, observe-se que salvo o item “ocorrência”, todos os demais itens lexicais destacados pelas sublinhas estão presentes no resumo. A informante buscou completar as lacunas, transformando a sequência de itens lexicais de base numa construção sentencial. É por isso que as sequências “A”, “é” e “caracterizado pela” estão presentes na sentença paraconstruída.

O apagamento de dados entre parênteses entrevê uma variável co-partícipe do processo, qual seja, a separação de informações apositivas pela pontuação. Repare-se que as cláusulas entre parênteses não foram envolvidas na paraconstrução.

Analisemos agora a sentença nº 2.

Quadro 5.2- Emparelhamento 2:

Documento de Base: 33		Documento de Resumo: 2
[33] Existem apenas três vias de transmissão do HIV	alteração sintática	[2] As vias de transmissão do HIV são três:
(1) via sexual bidirecional ,	cópia	(1) via sexual bidirecional
isto é, da mulher para o homem e do homem para a mulher, nas relações heterossexuais, e do parceiro ativo para o passivo ou do passivo para o ativo, em relações homossexuais;	apagamento	
(2) através de sangue	cópia/paráfrase substituição lexical	(2) pelo sangue;
(ou seus produtos) contaminado ;	apagamento	
(3) da mulher para o seu filho	cópia	(3) da mulher para seu filho
(durante a gestação, no trabalho de parto ou pela amamentação).	cópia/apagamento	(gestação, trabalho de parto ou amamentação).

A estratégia básica dessa paraconstrução foi a de cópia, acrescida de apagamento e paráfrase. Na primeira linha é interessante observar a paráfrase construída pela informante. A rigor, há um deslocamento de “vias de transmissão do HIV” do sintagma nominal sujeito da sentença de base, em posição pós-verbal, para a posição canônica e a transformação do cardinal “três” numa construção à base de copulativo mais sintagma adjetival, ou melhor, “são três”. Tal transformação, permitiu apagar por seleção “Existem”. “Apenas”, por sua vez, foi apagado por supressão. Repare-se que nessa operação são mantidas e até valorizadas as informações sublinhadas.

A informante seleciona as informações de desenvolvem a “via sexual bidirecional”, dado que são recuperáveis em nível pragmático. Todavia, não considera implícitáveis as informações adicionais para a terceira via de transmissão, qual seja, “da mãe

para o seu filho”. Neste caso, ela cita os núcleos informacionais do aposto delimitado entre os parênteses. Tal estratégia, talvez, é motivada pela pouca atenção dada a essa via de transmissão pela sociedade, em especial pela mídia.

Pode-se acrescentar nesta análise o apagamento por supressão de “(ou seus produtos)” e por seleção de “contaminado”. Salvo as especificações da terceira via de contágio, as informações apositivas são novamente apagadas.

Passemos às considerações da sentença 3.

Quadro 5.3 - Emparelhamento 3:

Documento de Base: 36		Documento de Resumo: 3
[36] Tendo em vista que, em termos mundiais, 90% das novas infecções se dão pela via sexual	apagamento	
(a vasta maioria por contato heterossexual)	apagamento	
a falta de sucesso da maioria dos programas que visavam modificar comportamentos sexuais,	cópia	[3] A falta de sucesso da maioria dos programas que visavam modificar comportamentos sexuais
a exemplo de tantas outras campanhas educacionais,	apagamento	
fez com que o desenvolvimento de uma vacina se tornasse	cópia/paráfrase substituição lexical alteração sintagmática	tornou o desenvolvimento de uma vacina
a única esperança de se conter	cópia	a única esperança
	Paráfrase substituição lexical	contra
o avanço da epidemia de HIV/AIDS.	Cópia/paráfrase substituição lexical	o avanço da AIDS.

O ponto crítico dessa paraconstrução é o apagamento dos dados iniciais da sentença, que servem de motivação para que o autor considere as campanhas de conscientização um fracasso e, por consequência, a vacina como única esperança de reversão do quadro.

Nesta sentença há três paráfrases interessantes: 1) “fez com que se tornasse” por “tornou”, que envolveu alterações sintagmáticas; 2) “de se conter” por “contra”, envolvendo uma operação cognitiva na qual “conter” a doença implica ser “contra”; e, 3) “epidemia de HIV-AIDS” por “AIDS”, permitindo supor que a acadêmica toma os termos como sinônimos.

Repare-se que mais uma vez os elementos apositivos não-sublinhados são deletados.

Vejamos agora a análise das sentenças [4] e [5].

As sentenças [4] e [5] constituem o que eu chamei de “divisão sentencial”, uma vez que a informante construiu duas sentenças em lugar de um sentença do documento de base. No caso em tela, trata-se da sentença [37] cuja importância já destaquei no capítulo precedente.

Note-se que a informante reproduz os três obstáculos apontados pelo autor, não deixa de destacar as informações sublinhadas de forma lexical, mas desenvolve as lacunas em especial por meio de cópia dos elementos não-sublinhados.

A sentença [4] da informante torna-se desnecessária, dado que “obstáculos” complementando “principais” na sentença [5] já seria suficiente.

Quadro 5.4 - Emparelhamento 4:

Documento de base: 37		Documento de resumo: 4/5
[37] Possivelmente,	apagamento	
	paráfrase alteração discursiva	[4]Entretanto, existem
os principais obstáculos teóricos	cópia/apagamento	obstáculos
ao desenvolvimento de uma vacina	cópia/paráfrase pro-forma	que impedem o desenvolvimento dessa vacina
{!Os principais obstáculos teóricos}	cópia/apagamento	[5] Os principais,
repousam	cópia	repousam
na falta de conhecimento preciso da patogenia da infecção pelo HIV	cópia	na falta de conhecimento preciso da patogenia da infecção pelo HIV;
na grande variabilidade do vírus	cópia/apagamento	na variabilidade do vírus
e do fato de não se saber que tipo de resposta imune	cópia	e {n}o fato de não se saber que tipo de resposta imune
é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV.	cópia/paráfrase substituição lexical	pode proteger contra a infecção pelo HIV.

A supressão de “teóricos” em “os principais obstáculos teóricos” causa um desvio interpretativo, em função de ser uma generalização indevida. Além disso, a supressão de “Possivelmente” muda a carga argumentativa da sentença.

Passemos à sentença nº 6.

Quadro 5.5 - Emparelhamento 5:

Documento de base: 41		Documento de resumo: 6
[41] Como regra geral,	paráfrase substituição lexical	[6] Geralmente,
a eficiência de uma vacina antiviral	cópia	a eficiência de uma vacina antiviral
é em grande parte dependente	paráfrase substituição lexical	depende
de sua capacidade de induzir	cópia	de sua capacidade de induzir
a produção de anticorpos neutralizantes	cópia/apagamento	a produção de anticorpos
isto é	apagamento	
anticorpos que eliminam o vírus antes de ele ser capaz de infectar as células.	cópia/apagamento	que eliminem o vírus antes de ele ser capaz de infectar as células.

A paraconstrução desta sentença se dá por cópia-apagamento e paráfrase. Entre as paráfrases, observe-se que a informante tende a simplificar construções mais elaboradas, de tal sorte que ao parafrasear também apaga elementos do documento de base. Veja-se “Como regra geral” por “geralmente”; e, “é em grande parte dependente” por “depende”.

No esforço de compressão dos elementos linguísticos, há apagamentos que acabam por gerar alterações sintáticas. A supressão de “isto é”, possibilitou a supressão de “anticorpos” em “anticorpos que eliminam o vírus”. Isso posto, construiu-se uma ponte entre o SN sujeito e o pronome relativo [-Qu]. A adaptação do tempo e do modo verbal é consequência dessa transformação. Repare-se ainda que a acadêmica toma o apostro pelo SA “neutralizantes”.

Veja-se a sentença nº 7.

Este emparelhamento evidencia o primeiro caso de citação. A informante se limita a transcrever os elementos linguísticos de base sem qualquer alteração. Repare-se a ausência de aspas.

Quadro 5.6 - Emparelhamento 6:

Documento de base 44		Documento de resumo 7
[44] No entanto, existem poucas evidências de que anticorpos sejam realmente essenciais para a eficácia de uma vacina anti-HIV/AIDS.	cópia	[7] No entanto existem poucas evidências de que {os} anticorpos sejam realmente essenciais para a eficácia de uma vacina anti HIV/AIDS.

Passemos à sentença nº 8.

Quadro 5.7 - Emparelhamento 7:

documento de base 49		documento de resumo 8
[49] Tomando por base modelos de outras infecções	cópia/apagamento	[8] Tomando por base outras infecções
[*como, por exemplo, poliomelite, sarampo ou raiva,]	paráfrase generalização	virais
para as quais existem vacinas eficazes	cópia/paráfrase substituição lexical	que têm vacinas eficazes
[*]	alteração sintagmática	
é bastante provável que a imunidade estéril não seja essencial.	cópia/apagamento	é provável que a imunidade estéril não seja essencial.

A informante seleciona “modelos”, julgando desnecessário para a continuidade do seu documento. “Virais” como especificação de “infecções”, tem a função de generalizar a exemplificação dada no documento de base. Essa opção implicou o deslocamento da exemplificação.

A substituição de “Para os quais existem” por “que têm”, gera como consequência a transformação da função do pronome relativo [-Qu] de SAdv de finalidade para SN sujeito. Observe-se que a acadêmica usa o verbo “ter” como pro-forma verbal de “existir”.

Todos os elementos sublinhados foram considerados. As informações não-sublinhadas foram recobertas pela estratégia de generalização.

Analisemos a sentença nº 9.

Quadro 5.8 - Emparelhamento 8:

Documento de base 52		Documento de resumo 9
[52] Se o mesmo for verdade em relação ao HIV,	cópia	[9] Se o mesmo for verdade em relação ao HIV,
então	apagamento	
a indução de anticorpos neutralizantes	cópia	a indução de anticorpos neutralizantes
torna-se de menor importância,	cópia/paráfrase substituição lexical	tem menor importância
e a imunidade celular assume um papel de maior destaque.	cópia/apagamento	e a imunidade celular assume papel de destaque.

A seleção de “então” é possível graças a sua recuperabilidade a partir da organização sentencial. A paráfrase de “torna-se de” por “tem” implica a transformação do excerto seguinte de SA para SN com função objetiva. A supressão de “maior” no último excerto não traduz alteração significativa. Trata-se mais uma vez de uma paraconstrução com base na estratégia de cópia.

Vejam os a sentença nº 10.

Quadro 5.9 - Emparelhamento 9:

documento de base: 37 e 59		documento de resumo: 10
[37] [...] que tipo de resposta imune é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV. [59] <i>A resposta imune</i> <i>grosso modo, pode ser dividida</i> <i>em dois tipos: celular e humoral</i> <i>(isto é: através de anticorpos).</i>	cópia/apagamento paráfrase substituição lexical	[10] Quanto ao tipo de resposta imune capaz de proteger contra o HIV, grosso modo pode ser dividida em celular e humoral (através de anticorpos).

A sentença 10 revela o primeiro caso de aglutinação sentencial. A informante, em vez de evocar a sequência “A resposta imune” da sentença intermediária [59], evoca a construção da sentença [37], esta sublinhada e central. Uma vez encaixada essa construção, ela completa a paraconstrução com dados da sentença [59], por meio de estratégias de cópia e apagamento. Essa opção pode ser explicada como uma tentativa de se conseguir coesão com a sentença [5] do resumo, na qual são contemplados os dados de entrada do argumento norteador desse excerto. Daí a pertinência de “Quanto ao tipo de resposta imune [...]”. Além disso, há duas seleções, quais sejam, “isto é” e “dois tipos”.

Observe-se a análise da sentença 11.

Quadro 5.10 - Emparelhamento 10:

documento de base: 60		documento de resumo: 11
[60] <i>Em ambas, os linfócitos CD4+ exercem papel central.</i>	Cópia/paráfrase substituição lexical	[11] Em ambas, os linfócitos CD4+ têm papel central.

Exceto pela paráfrase por substituição lexical de “exercem” por “têm”, este emparelhamento se constituiria como citação. O detalhe é a paraconstrução de uma sentença intermediária e não sublinhada. A informante demonstra uma interpretação que sobrevaloriza os linfócitos CD4+.

Passemos à análise da sentença seguinte.

Quadro 5.11 - Emparelhamento 11:

Documento de base: 70		Documento de resumo: 12
[70] Há mais ou menos três anos, o médico norte-americano Jonas Salk, descobridor da vacina contra a poliomelite, sugeriu que uma vacina anti-HIV/AIDS só seria eficaz se utilizasse vírus atenuados.	apagamento cópia cópia cópia cópia/paráfrase substituição lexical	 [12] O médico norte-americano Jonas Salk, descobridor da vacina contra a poliomelite sugeriu que uma vacina anti-HIV/AIDS só seria eficaz se usasse vírus atenuados.

A informante limitou-se a apagar dados contextuais temporais “Há mais ou menos três anos” e a substituir o item lexical “utilizasse” por “usasse”. A estratégia básica foi a de cópia.

Observe que o apostro não-sublinhado foi considerado na paraconstrução, talvez pelo fato de ser uma explicitação do grau de importância acadêmica do autor em tela, procedimento muito recorrente em artigos de divulgação.

Veja-se agora a análise da sentença nº 13.

Quadro 5.12 - Emparelhamento 12:

Documento de base 72, 73 e 71		Documento de resumo 13
[72] Em modelos experimentais, cepas de camundongos com resposta predominantemente celular (T_{H1}) são imunes à leishmaniose.	cópia	[13] Em modelos experimentais com cepas de camundongos com resposta predominantemente celular (T_{H1})
	cópia/paráfrase acréscimo lexical	
[73] Já as cepas com resposta predominantemente humoral (T_{H2}) desenvolvem a leishmaniose rapidamente fatal.	apagamento	e outros de resposta humoral (T_{H2})
	paráfrase	
	apagamento	
[71] A teoria Salk baseia-se	paráfrase	baseou-se sua teoria.

As sentenças [72] e [73] explicitam as observações de SALK a partir do comportamento imune de camundongos diante da infecção por leishmaniose. Tais observações servem de base para a sua teoria sobre a vacina anti-HIV/AIDS.

Na paraconstrução, há uma aglutinação de três sentenças, das quais duas são sublinhadas. Todavia, ao organizá-la sintaticamente de forma não-canônica, obteve-se uma construção estranha. Vejamos uma possível paraconstrução “[Jonas Salk] baseou sua teoria em modelos experimentais com cepas de camundongos com resposta predominantemente celular (T_{H1}) e outros de resposta humoral (T_{H2})”.

Preocupante, entretanto, é o fato que a informante suprime “leishmaniose”, prejudicando todo o restante de seu documento. Reitere-se que os estudos com “leishmaniose” é que servem de suporte analógico para a hipótese de Salk sobre a vacina anti-HIV/AIDS.

“Baseou-se sua” é um caso típico de desatenção.

Vejamos agora a sentença nº 14.

Quadro 5.13 - Emparelhamento 13:

Documento de base 78		Documento de Resumo 14
[78] Observações desse tipo levaram Salk a sugerir	cópia/paráfrase alteração sintática	[14] Salk, depois de suas observações, sugeriu.
que indivíduos com resposta do tipo T_{H2}	cópia	que indivíduos com resposta do tipo T_{H2}
(isto é, predominantemente humoral, com produção de anticorpos)	apagamento	
seriam incapazes de controlar a infecção pelo HIV	cópia	seriam incapazes de controlar a infecção pelo HIV
e desenvolveriam AIDS.	cópia/paráfrase substituição lexical	e teriam Aids.

A questão básica dessa sentença é “**que observações?**”. A já referida supressão de leishmaniose na sentença antecedente impede que se responda essa indagação.

A paráfrase no primeiro excerto dessa sentença implicou alterações de ordem sintática com conseqüências de ordem semântica. No resumo observa-se uma cláusula absoluta na qual “Salk” comporta-se como SN sujeito de “sugerir” e “depois de suas observações” configura-se como dado intercalado. No original obtém-se que são as “observações” que levam o cientista a “sugerir”.

Acrescente-se que as informações delimitadas pelos parênteses, não-sublinhadas no documento de base, não foram consideradas pela informante.

Novamente, a acadêmica recorre ao verbo “ter” como pro-forma verbal. No caso em destaque, “teriam” substitui “desenvolveram”.

Passemos agora à análise da sentença nº 15.

Quadro 5.14 - Emparelhamento 14:

<i>Documento de base: 79</i>		<i>Documento de resumo: 15</i>
[79] Já os indivíduos com resposta do tipo T_{III}	cópia/paráfrase pro-forma	[15] Já aqueles com resposta do tipo T_{H1}
(isto é, predominantemente celular, que não produzem anticorpos anti-HIV)	apagamento	
seriam capazes de se curar da infecção.	cópia/apagamento	seriam capazes de se curar.

Nesta sentença observam-se as três estratégias básicas deste resumo, quais sejam: a cópia; o parafraseamento, “indivíduos” por “aqueles”; e, o apagamento, no caso, a seleção de “da infecção”.

Do mesmo modo que na sentença anterior, os dados entre parênteses, não-sublinhados, e de caráter apositivo, foram apagados no resumo.

Veja-se a análise da sentença nº 16:

Quadro 5.15 - Emparelhamento 15:

<i>Documento de base: 80</i>		<i>Documento de resumo: 16</i>
[80] Se isso for verdade, a estratégia correta de vacinação seria o emprego de repetidas inoculações de doses diminutas, sub-imunogênicas, de vírus atenuado, de forma a induzir uma resposta T_{III} e não T_{III}.	cópia	[16] Se isso for verdade a estratégia correta de vacinação seria o emprego de repetidas inoculações de doses diminutas sub-imunogênicas de vírus atenuado, de forma a induzir { } resposta T_{H1} e não T_{H2}.

Novamente, perspectiva-se um caso de citação. Repare-se que a informante não marca sua transcrição com aspas. A supressão de “uma”, como já se disse, não constitui um caso de apagamento.

Continuemos.

Quadro 5.16 - Emparelhamento 16:

<i>Documento de base: 81</i>		<i>Documento de resumo: 17</i>
[81] Dois tipos de observações aparentemente corroboram a teoria Salk.	cópia/apagamento	[17] Dois tipos de observações corroboram a teoria Salk:

A informante opta por destacar dados intermediários não sublinhados encabeçados por esta sentença. Ressalte-se que optei por desconsiderá-los, uma vez que são retomados pela sentença [92] do documento de base. O apagamento de aparentemente, implica a consideração dos dados posteriores.

Passemos à análise da sentença 18.

O uso de letras “a-”, nesta sentença, e “b-”, na sentença seguinte é coerente porque essas sentenças se comportam como detalhamentos da previsão apontada pela sentença [17] do documento de resumo.

Na primeira linha do quadro, a acadêmica substitui “inúmeros” por “vários” em “inúmeros relatos”.

Quadro 5.17 - Emparelhamento 17:

Documento de base: 82, 83 e 79		Documento de resumo: 18
	alteração discursiva	[18] a -
[82] <i>Existem na literatura especializada inúmeros relatos de pessoas com fortes evidências epidemiológicas de exposição ao HIV (por exemplo, homossexuais com repetidas práticas de alto risco, usuários de drogas endovenosas e filhos de mães soropositivas).</i>	cópia/paráfrase substituição lexical	Existem na literatura especializada vários relatos de {sic} realmente estiveram expostos ao vírus
	paráfrase	
	apagamento	
[*]	alteração sintagmática	
[83] <i>Em um número significativo desses indivíduos foi possível demonstrar que possuíam resposta T_u, específica anti-HIV embora não produzissem, in vivo ou in vitro, anticorpos anti-HIV.</i>	apagamento	
	paráfrase alteração sintática	e desenvolveram uma resposta T _{H1}
	apagamento	
[*que não se infectaram] [79] <i>De se curar da infecção</i>	paráfrase	e se curaram da infecção.

Na segunda linha, marquei com “{sic}” o que considerei um descuido da informante. Nesse espaço ela deveria acrescentar “pessoas que”. De qualquer modo, ela desenvolve uma cláusula adjetiva. Neste mesmo excerto há uma substituição de “HIV” por “vírus”.

Ressalte-se ainda que há uma paráfrase na qual a informante encadeia por coordenação (de efeito consecutivo) que esses indivíduos desenvolveram uma resposta T_{H1}. Nesse caso, ela seleciona “anti-HIV” e substitui “possuíam” por “desenvolveram”. Digno de nota, também, é o ruído causado pela sentença [79], sublinhada, no final desta sentença.

Passemos à sentença seguinte.

Quadro 5.18 - Emparelhamento 18:

Documento de base: 91		Documento de resumo: 19
	alteração discursiva	[19] b -
[91] <i>Em outras palavras,</i>	apagamento	
<i>a vacinação com um vírus atenuado por engenharia genética foi capaz de proteger primatas</i>	cópia	A vacinação com um vírus atenuado por engenharia genética foi capaz de proteger primatas
<i>de infecção pelo vírus da AIDS de símios</i>	cópia/paráfrase acréscimo lexical	de infecção causada pelo vírus da AIDS em símios.

O apagamento de “Em outras palavras” é coerente, tomando-se em conta a continuidade das informações da sentença anterior. O acréscimo de “causada” já ocorreu em ambiente semelhante na sentença [1] do documento de resumo.

Completemos a análise com a sentença 19.

A sentença [92] é evocada praticamente inteira pela informante. Os apagamentos de “infecção por” e de “obtidos” não traduzem falhas interpretativas. A opção por considerar essa sentença garantiu um encerramento seguro para o documento de resumo.

Quadro 5.19 - Emparelhamento 19:

Documento de base 92		Documento de resumo 20
[19] Os recentes avanços da imunologia,	cópia	[20] Os recentes avanços da imunologia,
as evidências de existirem pessoas resistentes à infecção pelo HIV	cópia/apagamento	as evidências de existirem pessoas resistentes ao HIV
e os sucessos obtidos em estudos iniciais de vacinas anti-SIV	cópia/apagamento	e os sucessos em estudos iniciais de vacinas anti-SIV
indicam que o desenvolvimento de uma vacina anti-HIV-AIDS é um objetivo que poderá ser atingido	cópia	indicam que o desenvolvimento de uma vacina anti HIV/AIDS, é um objetivo que poderá ser atingido.

5.1.3 Análise argumentativo-organizacional

O objetivo dessa subseção é demonstrar como o resumo da informante é influenciado pelo sublinhado de base. Todavia, apresento algumas evidências de que a interpretação da informante é diferente da análise que efetuei no capítulo três. Para isso, resolvi amalgamar os dois documentos.

Em primeiro lugar transcrevi todas as sentenças destacadas pelo sublinhado, destacando a organização textual. Nesta transcrição acrescentei as sentenças intermediárias evocadas pela informante, em *itálico*, igualmente destacando as relações intersentenciais.

A partir dessa base, sobrepus as sentenças utilizadas pela informante. Em outras palavras, acrescentei as 7 sentenças intermediárias usadas por ela na elaboração de seu resumo, em *itálico*.

Esse procedimento, é claro, desfaz os processos de parafraseamento. Contudo, o leitor pode seguir os elementos sublinhados e negritados e, dessa forma, praticamente, reconstruir a linearidade do documento de resumo.

Observem-se os efeitos desses procedimentos a seguir.

Agente etiológico da AIDS:

O HIV pertence à subfamília dos lentivírus dos retrovírus humanos.[10]

Alvo de infecção do vírus HIV:

O HIV infecta principalmente porém não exclusivamente, células que apresentam a molécula CD4 em sua superfície (principalmente linfócitos t4-Helper e macrófagos).[13]

Conseqüências da infecção:

A conseqüência final da infecção pelo HIV é uma contínua e previsível deterioração do sistema imune, caracterizada pela diminuição progressiva dos linfócitos CD4+, que de início compromete principalmente a imunidade celular.[16]

Compatibilidade: conseqüências da infecção

Contraste: anterioridade vs posterioridade

Defina AIDS:

A AIDS é definida como sendo **um estágio avançado de infecção pelo HIV, caracterizado pela ocorrência de infecções oportunistas** (assim chamadas porque, em geral, só ocorrem em pacientes imunodeprimidos) **e/ou por determinadas neoplasias**.[18]

Cite tratamentos:

A terapêutica antiretroviral (como o AZT, por exemplo) iniciada no momento correto é capaz de retardar consideravelmente a progressão da imunodeficiência.[24]

Compatibilidade: tratamentos

Contraste: HIV vs AIDS como alvos do tratamento

Já o emprego de quimioprofilaxia consegue impedir o desenvolvimento da infecções oportunistas mais comuns, como por pneumonia por P. Carinii.[25]

Quais são as formas de contágio?

Existem apenas três vias de transmissão do HIV: (1) **via sexual bidirecional**, isto é, da mulher para o homem e do homem para a mulher, nas relações heterossexuais, e do parceiro ativo para o passivo ou do passivo para o ativo, em relações homossexuais; (2) **através de sangue** (ou seus

produtos) contaminado; (3) da mulher para o seu filho (durante a gestação, no trabalho de parto ou pela amamentação).[33]

Dado vs Premissas

Desse modo, conter o avanço da epidemia parece depender de intervenções simples: sexo seguro (isto é, com preservativo, método extremamente eficaz na prevenção da transmissão), fiscalização do sangue (ou derivados) usado em transfusões, e limitação do compartilhamento de seringas e agulhas entre usuários de drogas injetáveis.[34]

Premissa vs Conclusão Adversativa

Tendo em vista que, em termos mundiais, 90% das novas infecções se dão pela via sexual (a vasta maioria por contato heterossexual) a falta de sucesso da maioria dos programas que visavam modificar comportamentos sexuais, a exemplo de tantas outras campanhas educacionais, fez com que o desenvolvimento de uma vacina se tornasse a única esperança de se conter o avanço da epidemia de HIV/AIDS. [36]

DADO DO ARGUMENTO PRINCIPAL

Possivelmente, os principais obstáculos teóricos ao desenvolvimento de uma vacina repousam na falta de conhecimento preciso da patogenia da infecção pelo HIV, na grande variabilidade do vírus e do fato de não se saber que tipo de resposta imune é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV. [37]

Suportes:

Dado 1: “patogenia da infecção”

Inúmeras evidências indicam que o HIV é, por si só, capaz de causar a AIDS, através de mecanismos diretos e indiretos. [38]

Embora existam demonstrações in vivo e/ou in vitro da existência desses vários mecanismos, [39a] ainda não foi possível determinar com precisão a importância relativa de cada um deles. [39b]

Dado 2: “variabilidade do vírus”

Como regra geral, a eficiência de uma vacina antiviral é em grande parte dependente de sua capacidade de induzir a produção de anticorpos neutralizantes, isto é, anticorpos que eliminam o vírus antes de ele ser capaz de infectar as células. [41]

No entanto, existem poucas evidências de que anticorpos sejam realmente essenciais para a eficácia de uma vacina anti-HIV/AIDS. [44]

Essa dúvida decorre do fato de não se saber se uma vacina, para ser eficaz, necessita induzir imunidade estéril, isto é, que seja capaz de destruir o vírus na porta de entrada, antes que ocorra a infecção das células. [46]

Tomando por base modelos de outras infecções para as quais existem vacinas eficazes como, por exemplo, poliomelite, sarampo ou raiva, é bastante provável que a imunidade estéril não seja essencial. [49]

Se o mesmo for verdade em relação ao HIV, então a indução de anticorpos neutralizantes torna-se de menor importância, e a imunidade celular assume um papel de maior destaque. [52]

Dessa forma, a variabilidade do HIV deixaria de ser um grande obstáculo, porque as partes da molécula contra a qual são dirigidos os anticorpos ou a imunidade celular (os determinantes antigênicos) são bem menos variáveis e capazes de induzir respostas de maior amplitude. [53]

Dado 3: “resposta imune”

A resposta imune, grosso modo, pode ser dividida em dois tipos: celular e humoral (isto é: através de anticorpos). [59]

Em ambas, os linfócitos CD4+ exercem papel central. [60]

Há poucos anos foi demonstrado que em camundongos existem duas diferentes subpopulações de linfócitos CD4+, denominadas de T_{H1} e T_{H2} . [61]

A primeira (T_{H1}) está principalmente envolvida na imunidade celular, enquanto que a segunda (T_{H2}), na resposta humoral. [63]

Não se conhecem com precisão os fatores que determinam o desenvolvimento de uma resposta predominantemente T_{H1} ou T_{H2} . [64]

Sabe-se, no entanto, que a forma de apresentação dos antígenos, sua dose, sua via, sua porta de entrada no organismo e sua constituição bioquímica são importantes. [65]

Sabe-se também que em qualquer tipo de resposta imune há o predomínio de um outro tipo de resposta, e ainda que o aumento de T_{H1} leva à diminuição de T_{H2} e vice-versa. [66]

PREMISSA DO ARGUMENTO PRINCIPAL

Há mais ou menos três anos, o médico norte-americano Jonas Salk, descobridor da vacina contra a poliomelite, sugeriu que uma vacina anti-HIV/AIDS só seria eficaz se utilizasse vírus atenuados. [70]

Em modelos experimentais, cepas de camundongos com resposta predominantemente celular (T_H1) são imunes à leishmaniose. [72]

Já as cepas com resposta predominantemente humoral (T_H2) desenvolvem a leishmaniose rapidamente fatal. [73]

Observações desse tipo levaram Salk a sugerir que indivíduos com resposta do tipo T_H2 (isto é, predominantemente humoral, com produção de anticorpos) seriam incapazes de controlar a infecção pelo HIV e desenvolveriam AIDS. [78]

Já os indivíduos com resposta do tipo T_H1 (isto é, predominantemente celular, que não produzem anticorpos anti-HIV) seriam capazes de se curar da infecção. [79]

Se isso for verdade, a estratégia correta de vacinação seria o emprego de repetidas inoculações de doses diminutas, sub-imunogênicas, de vírus atenuado, de forma a induzir uma resposta T_H1 e não T_H2 . [80]

Reforço

Observação 1

Existem na literatura especializada inúmeros relatos de pessoas com fortes evidências epidemiológicas de exposição ao HIV, por exemplo, homossexuais com repetidas práticas de alto risco, usuários de drogas endovenosas, e filhos de mães soropositivas, que não se infectaram. [82]

Em um número significativo desses indivíduos foi possível demonstrar que possuíam resposta T_H1 específica anti-HIV, embora não produzissem in vivo ou in vitro anticorpos anti-HIV. [83]

Observação 2

Em outras palavras, a vacinação com um vírus atenuado por engenharia genética foi capaz de proteger primatas da infecção pelo vírus da AIDS de símos. [91]

CONCLUSÃO DO ARGUMENTO PRINCIPAL

Os recentes avanços da imunologia, as evidências de existirem pessoas resistentes à infecção pelo HIV e os sucessos obtidos em estudos iniciais de vacinas anti-SIV indicam que o desenvolvimento de uma vacina anti-HIV-AIDS é um objetivo que poderá ser atingido. [92]

A informante paraconstrói o documento de base ignorando os dados iniciais considerados pelo sublinhado da versão “A”. Desse modo, ela: 1) não apresenta a caracterização do HIV, como agente etiológico da AIDS; 2) não destaca o alvo de infecção, as moléculas CD4+; e, 3) não considera a consequência inicial da infecção pelo vírus, qual seja, a “continua e previsível deterioração do sistema imune”¹.

Os referidos dados são parcialmente recuperados pela paraconstrução da sentença [18], visto que a AIDS é definida como “estágio avançado de infecção pelo HIV”, isto é, pressupondo-se que houve um estágio “não-avançado” e anterior; e, que o “HIV” é o agente causador da doença. Todavia, repare-se que não se define adequadamente o que seja o “HIV”, nem sequer o que seja esse estágio anterior. O acréscimo de “causado” em “causado pelo vírus HIV” pode ser interpretado como uma tentativa de fechar essa lacuna.

Tomados os dados da sentença [18] como de entrada, a supressão do aposto explicativo de “infecções oportunistas” cria uma lacuna não recuperável. Na sentença [16], o autor pondera que a deterioração do sistema imune é caracterizada pela “diminuição progressiva dos linfócitos CD4+, que de início compromete principalmente a imunidade celular”. Esses dados são pressupostos na sentença [18] e ignorados pela informante.

Mais adiante, percebe-se que os tratamentos, “AZT” e “quimioprofilaxia”, são suprimidos. A informante passa diretamente para as formas de contágio e de prevenção. Nesse caso, apresenta as três formas de contágio; ignora a premissa que fundamenta a conclusão subsequente; e, apagando as cláusulas causais dos dados centrais da sentença [36], destaca a vacina como “única esperança de conter o avanço da [...] AIDS”. Essa última opção considero crítica, uma vez que a importância dada pelo autor para a “falta de sucesso da

¹ Interessante se faz ressaltar que na primeira tentativa de construção do resumo a informante leva em consideração esses dados (recorde-se que na primeira noite a acadêmica elaborou duas versões definitivas). Contudo, julgando estar colocando excessivas informações, opta por apagá-las na segunda versão.

maioria dos programas que visavam [a] modificar comportamentos sexuais” se justifica na medida em que “90% das novas infecções se dão pela via sexual”.

Observe-se ainda que a ponte entre as sentenças [3] e [2] do documento de resumo é feita, sobretudo, por mecanismos de coerência pragmática, uma vez que “modificar comportamentos sexuais” exige um cálculo que pressupõe um conhecimento contextualizado.

O par “HIV/AIDS”, tomados inadequadamente como sinônimos no documento da informante, vem se constituindo como “ilha de confiança”. Agora em diante, acresça-se “vacina”. A acadêmica, apropriadamente, destaca a sentença [37], dado de entrada do argumento central do segundo bloco de sentenças. Entretanto, a supressão de “teóricos”, em “os principais obstáculos teóricos”, implicou falha de generalização indevida.

Dos três obstáculos teóricos, a patogenia de infecção é suprimida, o que gera uma particularização indevida. Tal procedimento contrasta com a atenção destinada à variabilidade do vírus HIV, sentenças [6], [7], [8] e [9] do documento de resumo. A informante deleta o dado da premissa do argumento norteador desse sub-bloco, sentença [46], não provocando perdas maiores. Todavia, a supressão da sentença [53] implica a desconsideração da conclusão do argumento segundo a qual é em função da consideração da “imunidade celular” que a “variabilidade do HIV deixa de ser obstáculo”.

Por fim, o terceiro obstáculo, “tipo da resposta imune”, é paraconstruído a partir de duas sentenças intermediárias, que funcionam como dado e premissa do argumento de suporte do segundo dado da conclusão, uma vez que elas apresentam mais adequadamente as duas “subpopulações de linfócitos CD4+”, que são fundamentais para a interpretação da “teoria Salk”.

A opção da informante, suprime vários dados considerados no sublinhado. As consequências disso já se farão sentir na paraconstrução da sentença [70]. Nesta sentença “Jonas Salk” sugere que uma vacina anti HIV/AIDS só seria eficaz a partir de vírus atenuados, uma vez que “a forma de apresentação dos antígenos, sua dose, sua via, sua porta de entrada no organismo e sua constituição bioquímica são importantes” para a provável determinação de uma resposta predominantemente humoral ou celular, dados esses suprimidos pela acadêmica.

Mais adiante, a informante destaca a diferença entre os dois tipos de resposta imunológica, suprimindo um dado essencial. SALK estabelece a sua teoria sobre o desenvolvimento de uma vacina anti-HIV/AIDS a partir de um raciocínio analógico com base em resultados experimentais com cepas de camundongos infectados por leishmaniose. A informante omite esse dado, prejudicando o desenvolvimento de seu resumo. A sentença [14], “Salk, depois de suas observações, sugeriu que [...]”, permite concluir que o médico trabalhava com cepas de camundongos infectados pelo HIV, o que não corresponde com o original.

Exceto por esse dado, a informante desenvolve adequadamente as conclusões do sub-bloco da teoria Salk. Contudo, reitero que a sentença [16] do resumo seria mais adequada se dados omitidos na conclusão do sub-bloco do tipo da resposta imune tivessem sido contemplados.

As sentenças [17], [18] e [19] do documento de resumo, embora relevantes como suporte da afirmação contida em [16], a partir da sentença [80] do original, são dispensáveis dado que o conteúdo semântico da sentença de base [92] as recobre integralmente.

Como já se disse, a informante paraconstrói a sentença de encerramento, o que lhe permite fechar adequadamente o resumo.

5.1.4 Análise geral

A informante organizou seu documento com 20 sentenças. Essas sentenças continham dados de 24 sentenças do documento de base, das quais duas, [37] e [79], foram utilizadas duas vezes. Tal número equivale a 26,08% da quantidade total de sentenças do artigo, um pouco acima do limite mínimo encontrado em FLÔRES et alii (1994), ou seja, 25%.

Quadro 5.20 - Frequência de sentenças centrais sublinhadas, intermediárias e periféricas não-sublinhadas na versão “A” do documento de base “AIDS” e frequência e percentual de utilização das referidas sentenças no documento de resumo da “informante 3” em sua primeira tarefa:

Tipo de Sentenças	Sentenças Centrais Sublinhadas	Sentenças Intermediárias	Sentenças Periféricas Não-Sublinhadas	Total
Documentos				
Documento de Base	30	32	30	92
Documento de Resumo	17	7	0	24
Percentual de Utilização	56,66	21,87	0,00	26,08

O quadro acima demonstra que o documento de resumo foi expressivamente condicionado pela consideração das sentenças centrais, todas sublinhadas na versão de base. Das 30 sentenças de base centrais e sublinhadas, a informante apresentou dados lingüísticos de 17, perfazendo um percentual de utilização de 56,66. Em contrapartida, nenhuma das sentenças periféricas, na versão em tela não-sublinhadas, foi considerada no documento de resumo. A informante completa seu resumo com 7 das 32 sentenças intermediárias, ou seja, 21,87% de utilização.

Quadro 5.21 - Frequência e percentual das estratégias de paraconstrução utilizadas pela “informante 3” a partir da versão “A” do documento de base “AIDS”:

Estratégia de Paraconstrução	Frequência	Percentual
Citação	2	8,33
Cópia-Apagamento	3	12,50
Cópia-Paráfrase Simples	4	16,66
Cópia- Apagamento-Paráfrase Simples	15	62,50
Paráfrase Complexa	0	0,00
Construção	0	0,00
Desvio	0	0,00
Total	24	100,00

Tomadas as 20 sentenças paraconstruídas como parâmetro, houve uma tendência de compressão linear das sentenças. 16 sentenças, 80%, são menores que suas contrapartes do documento de base. Houve 3 casos de citação e 1 caso de acréscimo de elementos lingüísticos. A informante escreveu seu resumo numa relação sentença-a-sentença, dado que 15 sentenças, 75%, foram paraconstruídas a partir de uma única sentença de base. Houve 1 caso de divisão sentencial e 3 casos de aglutinação (2 casos a partir de 3 sentenças e 1 caso a partir de 2 sentenças).

Todo o documento se organizou por estratégia de cópia das informações. Tomadas as sentenças de base como parâmetro, houve: 2 casos de citação [44] e [80]; 3 casos de cópia acrescida de apagamento(s) [59], [81] e [92]; 4 casos de cópia acrescida de paráfrase [70], [71], [72] e [79]; e, por fim, 15 casos de cópia acrescida de apagamento e paráfrase .

Esses dados apontam para um resumo dependente da organização lingüística do documento de base. A quantidade de sentenças que contém informações sublinhadas revela que a informante observou o sublinhado do documento de base e levou esse sublinhado em conta para construir seu documento.

5.2 Resumos a partir do artigo “AIDS”

5.2.1 Informante 1, tarefa 3, versão “B”

A acadêmica resolve iniciar seu resumo com dados epidemiológicos periféricos.

Em 1981, o Centers for Disease Control and Prevention registrou casos de uma fatal doença conhecida como Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS). [1]

Já em 1993, mais de 1,5 milhão de casos em mais de 150 países. [2]

Mesmo em países desenvolvidos parece ser substancial a subnotificação. [3]

A seqüência de seu documento: 1) caracteriza o vírus HIV, sem tê-lo ambientado antes; 2) destaca as conseqüências iniciais e posteriores da infecção; 3) define AIDS, enfatizando as infecções oportunistas; 4) destaca a terapêutica, excluindo a quimioprofilaxia; e, 5) apresenta os meios de transmissão virótica. Repare-se, a partir da consideração dos elementos negritados, a presença da sentença [9], periférica e sublinhada, no conjunto de sentenças que compõem o documento de resumo.

O HIV infecta principalmente, células que apresentam a molécula CD4 em sua superfície. [4]

A conseqüência da infecção pelo HIV é uma contínua deteriorização do sistema imune. [5]

A Aids é uma manifestação tardia do processo. [6]

Aids é definida como **estágio avançado da infecção pelo HIV**, caracterizada **pela ocorrência de infecções oportunistas e determinadas neoplasias**, essas infecções oportunistas ocorrem a partir de determinados graus de imunodeficiência, sendo raríssimos pacientes atingirem tal limiar nos primeiros anos após infectados. [7]

A terapêutica antiretroviral; iniciada no momento correto é capaz de retardar a progressão da imunodeficiência. [8]

Após o advento das medicações antiretrovirais houve aumento da sobrevida após o diagnóstico da Aids. [9]

A transmissão do HIV ocorre de três maneiras; * via sexual, = bidirecional, * através do sangue, * mulher para seu filho. [10]

A informante ignora as sentenças [34] e [37] de base e destaca os obstáculos para uma vacina anti-HIV/AIDS. Isso implica um documento organizado de maneira difusa (GUIMARÃES, 1991). Observe-se que a supressão de “não” antes de “saber” implica uma falha de contradição, dado que no documento de base o autor destaca justamente que “não se sabe que tipo de resposta imune é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV”. Esta sentença em particular preenche as lacunas entre os itens lexicais sublinhados.

Os **obstáculo teóricos ao desenvolvimento de uma vacina** repousam na **falta de conhecimentos precisos**, na grande **variabilidade do vírus**, no fato de saber que **tipo de resposta imune** é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV. [11]

A questão da “falta de conhecimentos precisos da patogenia”, não-sublinhada no documento de base, não é considerada pela informante. Ela passa diretamente para o tópico da “variabilidade do vírus”, seguindo a seqüência de sentenças centrais sublinhadas. Acrescente-se ainda que o tópico da “resposta imune” é igualmente suprimido do resumo.

Na sentença [12] vê-se a estratégia de substituição lexical por generalização, onde “virais” recobre a série de doenças elencadas pelo autor do artigo. A informante substitui por

“ingeridos” (sic) o que no documento de base se escreve “dirigidos”, sentença [14]. O final do excerto, por sua vez, versa sobre tipos de resposta imune.

Tomando por base modelos de outras infecções virais para as quais existem vacinas eficazes a doença não se desenvolve, embora a vacina não seja capaz de evitar a infecção é capaz de evitar o adoecimento.[12]

Sendo verdade, então em relação ao HIV a imunidade celular assume maior destaque.[13]

Dessa forma a variabilidade do HIV deixaria de ser obstáculo, porque as partes da molécula contra qual são ingeridos os anticorpos ou a imunidade celular, quanto ao tipo de resposta imune pode ser dividida em dois tipos: celular e humoral, através de anticorpos.[14]

No final do documento, destacam-se dados da “teoria Salk”, sem se utilizar as expressões “ T_{H1} ” e “ T_{H2} ”. Contudo, observe-se a desatenção na sentença [15], na qual os indivíduos com resposta humoral, isto é, produtores de anticorpos, também “são capazes de controlar a infecção”.

A acadêmica resolve não terminar seu resumo com a sentença de base [92], optando pela sentença [80]. O problema é que não se destaca qual seria a estratégia de vacinação correta. Isso é particularmente interessante na medida em que a própria sentença [80] permite desvelá-la, a saber, “repetidas inoculações de doses diminutas, sub-imunogênicas, de vírus atenuado, de forma a induzir uma resposta T_{H1} e não T_{H2} ”.

Observações anteriores feitas por Salk (médico) levaram a sugerir que indivíduos predominantemente humoral produtores de anticorpos sejam capaz de controlar a infecção pelo HIV e desenvolveriam AIDS.[15]

Já os indivíduos predominantemente celular seriam capaz de curar da infecção.[16]

Se isso for verdade a estratégia correta de vacinação seria empregada.[17]

5.2.2 Informante 2, tarefa 4, versão “B”

As cinco primeiras sentenças têm sua origem nos dados epidemiológicos periféricos. Vejam-se as sentenças.

No ano de 1991, foi descoberta a fatal doença, chamada de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA-AIDS) nos Estados Unidos.[1]

No final de 1993, mais de 1,5 milhão de casos ocorridos em mais de 150 países notificados.[2]

No parecer da OMS., eles esperam que mais de 2 milhões de casos dessa Imunodeficiência já haviam ocorrido no mundo e que, 13 milhões estariam infectadas pelos vírus (HIV), o agente etiológico da AIDS.[3]

Esperavam também que no ano 2.000, 30 milhões de adultos e de 5 a 10 milhões de crianças estarão infectadas pelo HIV, fora 12 a 18 milhões de casos de AIDS, sendo 4 a 8 milhões em crianças.[4]

Até o final de 1993, cerca de 45 mil casos já foram notificados no Brasil ao Ministério da Saúde, e estima-se que no ano 2000 milhões de brasileiros estejam adquirindo o HIV.[5]

Como o documento anterior, a informante 2 passa a considerar o vírus HIV. Contudo, “agente etiológico da AIDS” em [3] permite a ambientação que faltava naquele documento. Mais adiante a acadêmica apresenta as duas consequências da infecção. A AIDS é devidamente definida.

Repare-se na ausência do sinal “+” após a expressão “CD4”.

O HIV infecta principalmente células que apresentam a molécula CD4 em sua superfície que age como receptor do vírus, mediando a invasão celular.[6]

Como consequência final, ela deterioriza o sistema imune, diminuindo os linfócitos CD4, comprometendo a imunidade celular.[7]

Já a AIDS é um estágio avançado da infecção pelo HIV, ocorrido em pacientes imunodeprimidos que seriam pela ocorrência de infecções oportunistas ou por determinadas neoplasias.[8]

A atenção então é dada à terapêutica da infecção e da AIDS em particular. Na sentença [11] o correto seria “A associação dessas duas formas de tratamento” em vez de

“Essas duas formas de tratamento”. Repare-se o efeito das sentenças periféricas sublinhadas nas informações estatísticas destacadas.

O que pode retardar esta imunodeficiência seria a terapêutica antiretroviral, iniciada no momento correto.[9]

A quimioprofilaxia consegue impedir o desenvolvimento de infecções oportunistas como a pneumonia P. Carinii.[10]

Essas duas formas de tratamento retarda por anos e desenvolvimento da AIDS em pessoas portadoras do HIV.[11]

Enquanto não existia essas medicações 50% dos pacientes com AIDS morriam nos EUA após 11 meses, e 100% após 18 meses, no Brasil era estimada em meses.[12]

Hoje a sobrevida estima-se em 3 anos, com a existência desses tratamentos.[13]

A seguir, a informante destaca as vias de transmissão e os meios de prevenção.

A transmissão dessa doença caracteriza-se em 3 vias: via sexual bidirecional; através do sangue; da mulher para o filho.[14]

Para evitar o contágio pelo HIV seria através de métodos simples como: sexo seguro, fiscalização do sangue e limitação do compartilhamento de seringas e agulhas entre usuários de drogas injetáveis.[15]

Suprimindo a questão do fracasso das campanhas de conscientização, o documento apresenta apenas um dos três obstáculos elencados pelo autor. Isso é plenamente justificável pela influência da sentença periférica [55], sublinhada no documento de base.

O que impede a descoberta da vacina contra a AIDS é não se saber que tipo de resposta imune é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV, pois os indivíduos soropositivos produzam anticorpos neutralizantes, células cito-tóxicas importantes para uma imunidade antiviral efetiva.[16]

Demonstrando problemas interpretativos (este setor do documento de base só continha sentenças periféricas sublinhadas) a informante destaca os dois tipos de resposta imune, encadeando a sentença [18] a partir da sentença periférica [69], na qual o autor pondera que somente em “1992-3 é que se demonstrou a existência de respostas imunes semelhantes [à dos ratos] em seres humanos”, a saber, as ditas respostas T_{H1} e T_{H2} .

A resposta imune, pode ser vista a dois modos: celular e humoral.[17]

Em 1992/93 demonstrou-se a existência imunológica nos seres humanos.[18]

Repare-se a seguir que a partir do sub-bloco da “teoria Salk”, no qual todas as sentenças centrais estão sublinhadas, a informante não deixa de destacar nenhuma delas. Isso posto, salvaguardados alguns descuidos menos relevantes, seu resumo é sensivelmente mais adequado, comparado com os sub-blocos antecedentes.

Certo médico norte-americano Jonas Salk, descobridor da vacina da poliomelite sugeriu que uma vacina anti-HIV/AIDS, só seria eficaz se utilizasse vírus atenuados.[19]

Experimentos com cepas de camundongos com resposta predominantemente celular ($TH1$) são imunes à leishmaniose.[20]

Já as cepas com resposta humoral ($TH2$) desenvolveriam leishmaniose rapidamente fatal.[21]

Isto em seres humanos seria que, os indivíduos com resposta do tipo $TH2$, seriam incapazes de controlar a infecção, desenvolvendo assim a AIDS.[22]

Os com resposta $TH1$ seriam capazes de curar a infecção.[23]

Se isso for correto, a vacinação teria repetidas inoculações de doses diminutas, sub-imunogênicas, de vírus atenuado, de forma a induzir um resposta $TH1$ e não $TH2$. [24]

Com os avanços recentes da imunologia indicam que o desenvolvimento de uma vacina HIV/AIDS é um objetivo que poderá ser atingido.[25]

5.2.3 Informante 4, tarefa 2, versão “C”

Como os demais documentos, este começa com os dados da epidemiologia. Observe-se que na sentença [6] a sequência “difícilmente sendo estimado” como forma de

expressar que os dados são aproximativos. O vírus HIV é dado como pressuposto pela informante e sua definição é fornecida cataforicamente

Os 1^{os} casos de AIDS foram registrados em 1981 no Centers for Disease Control and Prevention dos E. U. A., tida como fatal e sendo suas vítimas geralmente homossexuais que até então eram saudáveis, viriam a falecer por infecções e neoplasias raras até então acometidas por pessoas que já nascessem com essas infecções e neoplasias.[1]

Em mais de 150 países no final de 1993, mais de 1,5 milhões de casos ocorreram, sendo que este número subestimou a real extensão da epidemia.[2]

Peritos estimam que nos EUA 30% dos casos ã são notificados.[3]

Em 1992 a OMS estimava em mais de 2 milhões de casos e de mais de 13 milhões de pessoas infectadas pelo vírus HIV.[4]

A OMS estimava que até o ano 2000 30 milhões de adultos e 5 a 10 milhões de crianças estarão infectadas pelo vírus HIV e terão ocorridos 12 a 18 milhões de casos de AIDS sendo 4 a 8 cça.[5]

No Brasil até o final de 1993 cerca de 45 mil casos já foram notificados dificilmente sendo estimado p/ o ano 2000 alguns milhões de brasileiros infectados.[6]

A seguir, destacam-se o vírus e as conseqüências da infecção, definindo-se a AIDS.

O vírus HIV é pertencente da subfamília dos lentivírus dos retrovírus humanos sendo que todos eles têm material genético composto de ácido ribonucleico e caracteriza-se pela presença de enzimas denominada Transcriptase Reversa.[7]

A conseqüência final da infecção do HIV é a deterioração do sistema imune celular do organismo, sendo que a AIDS é uma manifestação tardia do processo, sendo definida como estágio avançado da infecção pelo HIV e seu diagnóstico só é obtido quando já tenha um certo grau de infecção.[8]

Isso posto, a informante 4 destaca as formas de tratamento e, sob influência do sublinhado, acrescenta dados estatísticos das terapêuticas.

A terapêutica antiretroviral com ex. o AZT qdo. iniciado no momento certo pode retardar a progressão da imunodeficiência e a quimioprevenção impede o desenvolvimento das infecções oportunistas.[9]

dos pacientes com AIDS nos EUA e Europa sobreviveram 11 meses após o diagnóstico e 100% 18 meses, nos países subd. como o Brasil em 1989-90 esse tipo diminui para 6 meses de vida já c/ o caso da medicação aumenta em 22 meses.[10]

Como os demais documentos, a transmissão do HIV merece destaque, assim como as formas de contenção da epidemia. Entretanto a paraconstrução é problemática. Em “p/ o feto na gestação de parto e na amamentação” fica-se com a impressão que há uma “gestação de parto” e que “fetos são amamentados”. O encadeamento dos dados de contenção da epidemia por “, para” é equivocado. Além disso, a informante paraconstrói que a “esperança da vacina não é realidade” o que vai chocar com a sua própria paraconstrução da sentença [92] do documento de base, onde diz que “a vacina é um objetivo que poderá ser alcançado”. Creio que, neste caso, a informante quereria dizer que “a vacina não é realidade”.

A transmissão do HIV se dá a partir de relações sexuais, pelo sangue contaminado, p/ o feto na gestação de parto e na amamentação, para conter essa epidemia se deve usar preservativos nas relações sexuais, agulhas descartáveis e pessoais; já que a esperança da vacina p/ sanar a epidemia ainda ã é realidade.[11]

Observe-se agora que todas as informações que compõem o dado do argumento central do segundo bloco de sentenças é deletado no resumo, isto é, os obstáculos para obtenção da vacina anti-HIV/AIDS. Suponho que a informante, não conseguindo interpretar adequadamente esse setor do documento, resolveu ignorá-lo. Como a “teoria Salk” se apresenta imediatamente após um subtítulo, ela retoma o documento de base a partir da sentença [70]. Todavia, a sentença [12] do resumo está completamente inadequada, dada a ausência de sentenças fundamentais do referido sub-bloco, além de se constituir em flagrante

particularização indevida. A presença da sentença de base [92] , como encerramento do documento, não implica ter a informante compreendido o documento de base.

Há mais ou menos 3 anos o médico norte americano Jonas Salk sugeriu que uma vacina anti-HIV/AIDS que baseia-se na observação de que várias infecções por patógenos intracelulares, a cura dependerá do tipo de resposta imune dada pelo hospedeiro.[12]

Outra observação p/ a teoria Salk decorre de experimentos de vacinação de primatas com o vírus da AIDS em símios (SIV) sendo que a infecção provoca em alguns primatas quadro semelhante a AIDS.[13]

Os avanços da imunologia e a existência de evidências de pessoas resistirem a infecção pelo HIV e sucessos obtidos em estudos iniciais de vacinação anti-SIV mostram que uma vacina anti HIV/AIDS é um objetivo que poderá ser alcançado.[14]

5.2.4 Informante 5, tarefa 3, versão “D”

Como era de se esperar, dados epidemiológicos iniciam o documento.

Os números de casos de AIDS estão avançando em ritmo assustador.[1]

Em 1981, foram registrados os primeiros casos, em 1993, mais de 1,5 milhão de casos declarados, e são poucos os declarantes, estima-se que 30% dos casos não sejam comunicados à OMS.[2]

Em 1992, estimava-se haver mais de dois milhões de casos de AIDS no mundo e até o ano 2000, 30 milhões de adultos e de 5 a 10 milhões de crianças estarão infectadas com o vírus da AIDS.[3]

No Brasil, até o final de 1993, havia 45.000 casos notificados ao Min. da Saúde, no ano 2000 serão milhões.[4]

A informante menciona o vírus (veja-se os dados entre parênteses) e recupera a definição de AIDS. Todavia, repare-se na informação estatística em *itálico* proveniente da sentença [31] do documento de base.

A AIDS é uma doença caracterizada como um estágio avançado da infecção pelo HIV (vírus causador da doença), essa infecção hoje, já pode ser contida *e a pessoa infectada pode sobreviver por até 3 anos* sem avançar o número de linfócitos, ou seja de imunodeficiência do organismo.[5]

De forma coerente, ela destaca as três vias de transmissão do vírus e as campanhas de contenção (embora confunda o sucesso obtido nas transfusões de sangue como se fosse obtido no compartilhamento de seringas entre usuários de droga).

A transmissão de HIV, pode ser de três formas: via sexual bidirecional, através do sangue e através da mulher para seu filho.[6]

Várias campanhas foram feitas para conter o alastramento do número de pessoas portadoras, campanhas estas, sobre sexos seguro e o não compartilhamento de seringas e agulhas, este obtendo sucesso e aquele ainda preocupante.[7]

Dos três obstáculos, a falta de conhecimento da patogenia é suprimida, embora a variabilidade do vírus e o tipo de resposta imune sejam recuperados. Observe-se que do mesmo modo que as alunas anteriores, ela não consegue recuperar as sentenças centrais dos dados do argumento central e, mais complexo, destaca sentenças periféricas sublinhadas.

A vacina contra a AIDS está demorando a ser feita, devido a grande e constante variabilidade do vírus e ainda não foi possível detectar como e porquê isto acontece.[8]

Outro impedimento para a criação de uma vacina, e não se saber que tipo de resposta imune é capaz de proteger contra a infecção pelo HIV.[9]

Busca-se uma vacina que seja capaz de induzir a produção de anticorpos que eliminem o vírus antes de infectar as células.[10]

No início dos estudos sobre a vacina, os cientistas não tinham muita esperança.[11]

O que fê-los voltar a pesquisar, foi o fato de que algumas pessoas tiveram contato com vírus e não desenvolveram a doença.[12]

Outro dado recorrente é a recuperabilidade da sentença [70] do documento de base. Mais adequadamente do que a informante anterior, a acadêmica paraconstrói os dados centrais da “teoria Salk”.

Recentemente, o médico Jonas Salk, está tentando colocar, que há a possibilidade da vacina ser eficaz se ela contiver vírus atenuados.[13]

Sendo diferenciado a grosso modo, há dois tipos de resposta imune à AIDS, a celular (imune) e a humoral (que desenvolve a doença).[14]

A partir daí, pesquisadores acham que é possível fazer a troca dessas respostas e deixar os portadores imunes à doença, evitando a produção de anticorpos, pois a própria resposta imune acabaria com a doença.[15]

No encerramento de seu resumo, a acadêmica destaca somente uma das duas observações que aparentemente corroboram a tese de Salk e fecha o documento com dados da sentença [92].

Experiências feitas em animais corroboram as hipóteses levantadas por Salk.[16]

Portanto, após estes estudos, é possível dizer que a vacina poderá ser descoberta.[17]

5.2.5 Comentário remissivo

Uma das características das paraconstruções a partir do documento Aids é que os dados referentes aos obstáculos para a obtenção da vacina, ou seja, a “falta de conhecimento preciso sobre a patogenia de infecção”; a “variabilidade do vírus”; e, o “tipo de resposta imune” são menos adequados quando o sublinhado não está presente ou está em sentenças periféricas. Percebe-se que as alunas evitam colocar esses dados em seus resumos, demonstrando que, em situações mais complexas de processamento, a ausência de marcas, mais do que sua presença exerce significativa influência.

Um exemplo desse caso ocorreu com o resumo da informante 2. Na medida em que os dados da “teoria Salk” foram melhor sublinhados na versão que a informante tinha em mãos, ela recupera a qualidade de seu resumo. Nos sub-blocos relativos aos obstáculos, seu desempenho é inadequado.

Os dados de entrada, principalmente quando envolvidos com o sublinhado, exerceram influência considerável nessas paraconstruções. Suponho que, neste artigo em particular, duas sejam as causas dessa influência, passíveis de futuras investigações. 1) haver uma tendência de sobrevalorizar os dados de entrada dos documentos; e, 2) haver um fascínio por dados estatísticos. Vejam-se a título de exemplo os casos dos resumos das informantes 2, 4 e 5. Acrescente-se que a mídia reiteradas vezes, reforça a idéia de epidemia, veiculando dados catastróficos sobre a Aids. Na contramão dessa constatação, contudo, a informante 3, de posse da versão “A”, não destaca qualquer dado epidemiológico.

É possível supor, além disso, uma influência do discurso pedagógico. Todos os resumos tendem a recuperar dados definitórios e de classificação. O fato discrepante é que o autor do artigo apresenta os obstáculos à obtenção da vacina de forma didática, num padrão de “Previsão-Detalhes” e esses dados não são recuperados adequadamente nos resumos.

5.3 Resumos a partir do artigo “Estresse”

Analise agora os documentos de resumo a partir do artigo 1: “Estresse”, tomando como base o documento obtido pelo destaque de suas sentenças centrais².

5.3.1 Resumo a partir das sentenças centrais:

CONCEITO DE ESTRESSE DE HANS SEYLE:

1. [...] ele [Hans Seyle] conceituou o estresse como uma síndrome geral de adaptação, ou seja, um conjunto de reações sistêmicas e não-específicas que surgem quando ocorre uma exposição do organismo a agentes agressores.[7]
2. Estudando o fenômeno de modo sistemático, Seyle tentou mostrar a indivisibilidade do indivíduo em seu conjunto e observou várias fases de resposta adaptativa.[8]

Fases do estresse segundo SEYLE

3. A primeira fase, identificada como reação de alarme, corresponde ao estresse agudo, quando há predomínio de uma resposta essencialmente nervosa.[9]
4. A segunda fase foi chamada de período de resistência e corresponde ao estresse crônico, no qual o organismo habitua-se à presença do agente causador do estresse (estressor).[11]
5. O último estágio seria a fase de exaustão, que corresponde ao período pré-agônico, com presença de falência orgânica múltipla.[14]

Refutação:

6. Com o tempo, muitos pesquisadores passaram a questionar a classificação de Seyle.[16]
7. Não se conseguia repetir os mesmos resultados de caráter 'estereotipado' em todos os casos estudados, já que cada indivíduo tem a sua própria maneira de reagir às circunstâncias.[17]

HIPÓTESE DA INTERAÇÃO SISTEMA NERVOSO vs SISTEMA IMUNE:

8. A compreensão da fisiologia dos sistemas nervoso e imune (este responsável pela defesa do organismo) tem demonstrado uma série de semelhanças entre ambos, estabelecendo as bases para os estudos da psiconeuroimunologia.[23]

Formas de modulação do sistema imune (PREVISÃO):

9. Tradicionalmente, são conhecidas duas formas pelas quais o sistema nervoso é capaz de modular a atividade do sistema imune.[26]
10. Uma delas se faz por mecanismos humorais (mediados por hormônios) sobretudo através do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, e outra por mecanismos neuronais, através do sistema nervoso simpático.[27]

(EXEMPLIFICAÇÃO)

Experimento 1:

11. Estudos recentes desenvolvidos por nosso grupo - no Laboratório de Patologia Experimental da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, e no Laboratório de Anatomia Patológica da École Nationale Vétérinaire de Lyon, França - sugerem que os nervos periféricos também podem ter participação na modulação de atividades de células do sistema imune, fora dos órgãos linfóides, através da liberação da substância P.[38]

² Ressalte-se que a apresentação das sentenças elencadas nas versões “A” dos artigos que se seguem sofreu processos inevitáveis de simplificação, uma vez que se julgou extensa a apresentação nos moldes do artigo 3: AIDS. Dessa forma, lamentavelmente, algumas relações foram selecionadas, no sentido de SERAFINI (1986), e outras foram suprimidas.

12. Em nossa experiência, camundongos machos da linhagem NIH foram inoculados com tumor de Ehrlich (um adenocarcinoma mamário específico para essa espécie) no coxim plantar, conhecido popularmente como 'almofadinha' do pé, de ambas as patas posteriores.[43]
13. O resultado revelou a presença de macrófagos e/ou linfócitos (células mononucleares de defesa) marcadas para a substância P no interior da massa tumoral, apenas no lado que não sofreu a secção dos nervos ciático e safeno [...]. [47]
14. Isso sugere que a substância P, secretada pelas terminações nervosas do tecido subcutâneo da pata, poderia influenciar a resposta imune no próprio local de inoculação do tumor, à semelhança do que ocorre nos órgãos linfóides. [48]
15. O próximo passo seria identificar essas células e saber se a atuação da substância P sobre elas é capaz de modular a sua atividade, a ponto de modificar, efetivamente, o crescimento do tumor de Ehrlich [...]. [49]

Experimento(s) 2:

16. Outras experiências desenvolvidas pelo nosso grupo corroboram essa última hipótese, pois o crescimento do tumor de Ehrlich na pata cujos nervos foram seccionados é significativamente maior em relação à pata íntegra. [50]

Experimento(s) 3:

17. Em outra sequência de experimentos, alguns camundongos machos, com aproximadamente 45 dias de idade, eram submetidos durante um mês a um regime de isolamento social antes da inoculação do tumor. [56]
18. Quando comparados com camundongos mantidos em grupo, os camundongos isolados apresentaram um crescimento tumoral menor [...]. [57]
19. Por outro lado, se os animais eram submetidos ao isolamento social após o término de sua atividade reprodutiva, por volta dos cinco meses de idade, o crescimento tumoral era semelhante ao dos animais agrupados. [58]
20. Isso mostra que não é o isolamento em si que determina um maior ou menor crescimento do tumor, mas sim a história prévia da vida do animal e a sua capacidade de adaptar-se às diversas circunstâncias do meio, associada à ativação dos diferentes mecanismos fisiológicos que garantem a estabilidade do meio interno de um organismo. [59]
21. As alterações biológicas da própria célula tumoral interferem nesses mecanismos, o que significa que a 'malignidade' dessas células também pode ser diferente, dependendo do 'perfil global' o hospedeiro. [62]

CONCLUSÕES:

22. Dentro de uma visão de unidade fisiopatológica, o homem é o único ser vivo capaz de ser seu próprio agente estressor, e o faz através do pensamento. [77]
23. Assim, o entendimento do mecanismo do estresse nos animais de experimentação não nos dá o direito de fazer extrapolações diretas para a espécie humana. [78]
24. No entanto a compreensão da dialética biológica permite uma aproximação muito estreita entre os processos patológicos desenvolvidos no homem e aqueles desenvolvidos nos animais, pois todos fazemos parte de um mesmo universo. [79]

Uma vez apresentadas as sentenças que compõem a versão "A", analisemos agora os documentos de resumo.

5.3.2 Informante 2, tarefa 2, versão "A"

A informante inicia seu resumo com dados considerados periféricos. O autor do artigo abre-o apresentando a defesa de uma postura dialética de ciência, dados que são recuperados pelas sentenças [22], [23] e [24] da versão "A". Repare-se em "ciência aberta" como paráfrase de "a ciência têm aberto mais espaço [...]".

Hoje temos uma ciência aberta ao conhecimento, o qual é objeto de novas reflexões com o objetivo de fazer o homem entender melhor a unidade da natureza. [1]

A seguir obtêm-se adequadamente a definição de estresse de Hans Seyle, as fases por ele postuladas e a refutação posterior.

O estress apresenta-se definido por um médico austríaco Hans Seyle como uma síndrome geral de adaptação, ou seja, conjunto de reações sistêmicas e não específicas que surgem quando ocorrem uma exposição do organismo a agentes agressores.[2]

Seyle estudou isto de forma sistemática, onde observou três fases de respostas adaptativa: 1a reação de alarme; 2a período de resistência; 3a fase de exaustão.[3]

Muitos outros pesquisadores fizeram essa tentativa e não conseguiram chegar ao mesmo resultado de Seyle, pois cada indivíduo tem sua capacidade de agir conforme o seu meio, isto sim o controlaria.[4]

A partir desse ponto, a informante revela não confiar mais na seqüência de sublinhados e se perde nos dados que detalham a relação entre os sistemas nervoso e imune.

A interação entre o sistema nervoso e imune nos resultados mais recentes, foi observado que o hormônio glicorticóide diminui a produção de proteínas ativadoras do sistema imune.[5]

Outros hormônios como a insulina, a tiroxina aumentam a síntese de anticorpos.[6]

Essa interação entre o sistema nervoso e imune chama-se de neuroimunomodulação, podendo ser coordenado pelas terminações nervosas existentes nos órgãos linfóides.[7]

A noradrenalina acarretará uma redução da atividade de defesa.[8]

Logo depois, considera dois dos três experimentos destacados.

Muitas experiências feitas sugerindo que os nervos periféricos também podem ter participação da modulação da atividade de células do sistema imune, fora dos órgãos linfóides, através da liberação da substância P que está presente em alguns neurônios sensitivos como função de transmitir os impulsos que vêm da periferia para a raiz dorsal na medula espinal.[9] A experiência com camundongos machos, foi inserido na almofadinha dos pés de ambas as patas o tumor de Erlick.[10]

Através dessa técnica anticorpos reativos contra a substância P (anti-SP) são capazes de tornarem evidentes as células que apresentam essa substância.[11]

O resultado revelou a presença de macrófagos, marcados para a substância P, no interior da massa tumoral, podendo influenciar a resposta imune no próprio local de inoculação do tumor.[12]

Em outra seqüência de experimentos com camundongos machos, eram submetidos durante um mês, a um regime de isolamento social antes da ingestão do tumor.[13]

Apresentavam um crescimento tumoral menor, mas por volta dos 5 meses se assemelhava-se com os camundongos agrupados.[14]

Mostrando assim que não é o isolamento que faz com o meio que se integra.[15]

Optando por sentenças diferentes daquelas sublinhadas, a acadêmica fecha seu resumo considerando dados de conclusão, enfatizando o aspecto dialético. Repare-se, todavia, que a sentença final ficou deslocada de seu ambiente anterior de modo que a coesão e a coerência são obtidas apenas interdocumentalmente, isto é, entre os documentos de base e de resumo.

A integridade entre o sistema nervoso e imune está longe de ser uni ou bidirecional.[16]

Isto se consegue através de um raciocínio mais amplo, de uma visão tridimensional e dialética será possível a compreensão desses fenômenos no geral de sua complexidade.[17]

Há um eixo comum entre o estress; o comportamento e a imunidade, podendo não significar só um caráter do organismo, e sim uma condição harmônica, compostas por todos os constituintes orgânicos.[18]

No entanto a compreensão da dialética biológica permite uma aproximação muito estreita entre os processos patológicos desenvolvidos no homem e aqueles desenvolvidos nos animais, pois todos fazem parte do mesmo universo.[19]

5.3.3 Informante 5, tarefa 1, versão “B”

O primeiro excerto contém dados de introdução, conceito e fases do estresse segundo Hans Seyle, e a refutação, que é feita a partir de uma relação temporal, “hoje” vs “não-hoje”.

Modernamente, a ciência tem se preocupado em analisar os seus fenômenos e renová-los, estudando-os.[1]

O estresse já era estudado em 1936, por Hans Seyle, entretanto, ele via-o dividido em três fases: a do alarme, o do período de resistência e a exaustão, portanto não tinha a mesma visão de hoje.[2]

Hoje o estresse está sendo estudado a partir da interação entre o sistema nervoso e o sistema imune, tendo-se em vista o indivíduo como um todo.[3]

A informante, a partir de “os quais são comprovados pelas experiências feitas em animais”, recuperada da sentença [78] do documento de base, demonstrou perceber o elo de ligação entre os vários experimentos destacados pelo autor.

São conhecidas duas maneiras pelas quais o sistema nervoso se liga ao sistema imune, ou seja, pelos mecanismos humorais e pelos neuronais, os quais são comprovados pelas experiências feitas em animais.[4]

Na questão do sistema nervoso, foram lesadas algumas áreas específicas de seu sistema e detectadas mudanças no sistema imune, portanto quando o sistema nervoso é alterado, também surgem alterações nas emoções.[5]

Os nervos periféricos podem ter participação na modulação de células do sistema imune.[6]

Nas experiências feitas, os cientistas sugeriram a identificação e estudo das células de defesa, quanto a sua atuação sobre a pata do animal que foi seccionada, ocasionando um tumor, que por sua vez aumentou na pata cujos nervos foram seccionados motivando a produção de NGE, que possivelmente as auto-estimulará no combate a lesão.[7]

Nos demais, o isolamento foi testado, ou seja, nas demais experiências, foram isolados camundongos e não detectou-se uma melhora no tumor, ou seja, o isolamento não favorece a diminuição do estresse.[8]

Ignorando o sublinhado, ela consegue recuperar a conclusão do artigo de forma adequada, uma vez que recupera o argumento traduzido pelas sentenças centrais [77], [78] e [79] por intermédio das sentenças [10] e [11] de seu resumo.

Busca-se agora, uma visão total sobre a relação sistema nervoso e o imune, tendo em vista o perfil total do ser vivo.[9]

As experiências realizadas com animais não dão, na opinião dos cientistas, o mesmo resultado do que no ser humano, pois esse é o único ser vivo que causa seu próprio estresse e portanto diferente dos animais.[10]

Então, esses experimentos realizados servem para elucidar a relação estreita entre os processos patológicos desenvolvidos no homem e aqueles desenvolvidos nos animais, pois ambos vivem no mesmo universo e inseridos numa mesma dinâmica de transformações.[11]

5.3.4 Informante 1, tarefa 1, versão “C”

A informante inicia seu resumo com os dados iniciais do artigo.

A ciência tem aberto mais espaço para viver uma tese de síntese, a fim de que o homem entenda melhor a unidade da natureza.[1]

Ao montar a versão “C”, procurei destacar cada fase proposta por Seyle, perspectivando observar se o fato de haver um padrão de “Previsão-Detalhamento” acrescido de posição inicial de documento, provocaria o destaque de sentenças periféricas. As sentenças paraconstruídas são evidentes por si mesmas.

Em 1936, Hans Seyle (médico e cientista) apresentou pela primeira vez o conceito de Stresse.[2]

No tempo de seus estudos notava que seus pacientes antes de mostrarem os sintomas de uma doença, mostravam características muito semelhantes da causa da enfermidade.[3]

Conceituou o stress como síndrome global de adaptação.[4]

Estudando o fenômeno notou várias fases de resposta adaptativa.[5]

A primeira fase corresponde ao Stress agudo, significa uma liberação de grandes quantidades dos hormônios adrenalina e noradrenalina.[6]

Posteriormente corresponde o Stress crônico, o organismo habitua-se a presença do agente causador do Stress, a resposta nervosa dá lugar a resposta hormonal.[7]

O último estágio seria o período pré-agônico, nessa fase o organismo perdeu a capacidade de adaptação frente a situação de Stress intenso.[8]

Na sentença [3] acima, repare-se no efeito da supressão da palavra “independentes” em “características muito semelhantes [...] da causa da enfermidade”.

Ressalte-se que nesta versão não destaquei a refutação da tese de Seyle, propositadamente. Não é por menos que ela não é recuperada. Portanto, uma vez que se entrevê que a tese de “Seyle” ainda está corroborada, toda a sequência é prejudicada enquanto resumo informativo do documento.

No setor dos experimentos, só a sentença [9] recupera os dados de sentenças sublinhadas, [28] e [29], no caso, periféricas. Embora outras três, [43], [47] e [48], de nível central, estivessem sublinhadas, fica patente que sem as pistas do sublinhado, o documento de resumo torna-se sensivelmente inadequado.

A interação entre o sistema nervoso e o sistema imune, nos resultados de vários estudos mostraram que o hormônio “glicorticóide” diminui a produção de proteínas ativadoras do sistema imune, porém há outros hormônios que aumentam a síntese de anticorpos.[9]

Essa interação pode ser coordenada pelas terminações nervosas existentes nos órgãos linfóides.[10]

Estudos recentes em alguns laboratórios, sugerem que os nervos periféricos podem participar na modulação da atividade da célula do sistema imune, fora dos órgãos linfóides, através da liberação da substância P.[11]

A mesma está presente em alguns neurônios sensitivos e sua função é transmitir os impulsos que vêm da periferia para a raiz dorsal da medula espinal.[12]

Através de técnicas utilizadas, anticorpos monoclonais reativos contra a substância P, são capazes de tornar evidente as células que apresentam a substância P.[13]

Após a sentença [48] nenhuma sentença central foi destacada nesta versão. Todas essas sentenças foram desprezadas. Nem por isso recuperou-se o argumento de encerramento destacado na versão “A”, uma vez que se optou por sentenças intermediárias.

A relação sistema nervoso x sistema imune, está longe de ser apenas uni ou bidirecional, conforme descrevem os livros.[14]

O termo feedback é insuficiente para ilustrar a complexidade desse sistema, composto de interações múltiplas.[15]

Através de um raciocínio amplo e uma visão tridimensional será possível compreender esse fenômeno em sua totalidade.[16]

5.3.5 Informante 4, tarefa 4, versão “D”

A versão “D”, mais do que a precedente, enfatizou os dados introdutórios, que são considerados pela informante em seu documento de resumo.

Na era do mecanicismo e do positivismo a ciência passou a ser encarada como uma atividade fundamentalmente analítica.[1]

Dentro de um sistema cartesiano a grande preocupação era oferecer explicações lógicas p/ todos os fenômenos, o conhecimento então verticalizou-se na busca da seriedade da comparação e de critérios de validade p/ qualquer tipo de pesquisa científica.[2]

A ciência evolui e moderniza-se abrindo cada vez + espaço p/ viver uma fase de síntese, ou seja os conhecimentos estão sendo objeto de novas reflexões procurando-se relacioná-los uns c/ os outros para melhor entendimento do homem c/ a unidade da natureza.[3]

Repare-se agora no viesamento causado pelas sentenças periféricas nos dados oriundos da teoria de Hans Seyle, mesmo ausentes as sentenças centrais correspondentes.

O conceito de estresse foi apresentado pela 1ª vez em biologia no ano de 1936 pelo cientista e médico austriaco Hans Seyle que notava anteriormente de seus pacientes apresentarem sintomas de determinada doença mostravam em conjunto de características muito semelhantes independente da causa da enfermidade conceituado o estresse como uma síndrome geral de adaptação surgindo quando ocorre uma exposição do organismo a agentes agressores.[4]

Nos seus estudos Seyle observou a indivisibilidade de cada ser e as fases da resposta adaptativa.[5]

A 1ª fase tida como noção do alarme *dá-se a ativação do chamado sistema nervoso simpático que significa uma liberação de grandes quantidades dos hormônios adrenalina e noradrenalina*. [6]

A 2ª fase período de resistência é tida como estresse crônico no qual o organismo habitua-se à presença do agente causador do estresse, *a resposta nervosa dá lugar à resposta hormonal*. [7]

O último estágio é a fase de exaustão período pré-agônico, a presença da falência orgânica múltipla, *o organismo já perdeu a capacidade de adaptação frente ao estresse muito interno*. [8]

Ao contrário da informante anterior, ela percebe a refutação da teoria de Seyle.

Pesquisadores questionaram a classificação de Seyle pois ã se conseguia repetir os mesmos resultados de caráter estereotipado em todos os casos estudados.[9]

A presença das sentenças a seguir só pode ser explicada pelo sublinhado das sentenças periféricas [20] e [22].

O sistema endócrino e o sistema nervoso tem outros mecanismos de resposta bem estabelecidos. [10]

Sendo que cada neurotransmissor desempenha várias funções que lhes são própria sendo que a resposta do indivíduo perante uma só situação. [11]

Observou que cada hormônio é capaz de provocar diverso efeitos em só tempo o fenômeno torna-se ainda mais complexo. [12]

A partir dessa sentença a informante tem dificuldades em processar o documento. Observe-se que depois da sentença [29] nenhuma sentença destacada por sublinhado é central. Além disso, apenas as sentenças [40] e [41], a primeira levada em conta, recebem sublinhado no setor dos experimentos. Não é por menos a queda de desempenho da informante.

A *interação* entre o sistema nervoso e o sistema imune são capazes de responder a estímulos externos, os dois possuem receptores de membranas comuns e funcionam sob a ação de mecanismos auto regulatórios, essa interação pode ser observada nos *resultados mais recentes* de vários estudos que o *hormônio glicocorticóide* diminui a produção *de proteínas ativadoras do sistema imune*, essa interação pode ser coordenada pelas terminações nervosas que existem nos órgãos linfóides, a diminuição de noradrenalina que é liberada por fibras nervosas simpáticas nos terminais simpáticos acarreta uma redução da atividade de defesa sendo que o sistema nervoso exercerá papel na deflagração da resposta imune. [13]

Na década de 60 descobriu-se que a substância presente em algum neurônios sensitivos e que *quando liberada pela terminações nervosas livres é capaz de agir como mediador químico da inflamação fazendo vasodilatação e aumentando a permeabilidade vascular*. [14]

Evidenciando a necessidade do sublinhado como apoio para a paraconstrução, ela faz uso de várias sentenças periféricas para completar o seu documento.

O estresse, o comportamento e a imunidade devem ter seus mecanismos assentados sobre um eixo comum *muitos tentam encontrá-lo em algum componente orgânico c/ funções integrativas com os peptídeos opióides, subst. analgésicas naturais os nucleotídeos cíclicos que regulam o metabolismo celular frente a estímulos externos, os hormônios, os neurotransmissores e as imunoglobinas*. [15]

A renovação é um fato inerente à vida, sem ela ã há movimento e a estagnação gera falência orgânica. [16]

A eliminação de todos os agentes estressores causa estresse, a adaptação é a coluna dorsal da evolução. [17]

5.3.6 Informante 3, tarefa 3, versão “D”

Ignorando os problemas da teoria de Seyle, a informante destaca as sentenças [19] e [22], a última periférica e sublinhada, como dado de entrada de seu documento de resumo.

O sistema endócrino e o sistema nervoso possuem vários mecanismos de resposta muito bem estabelecidos, sendo que cada hormônio tem várias funções próprias e é capaz de provocar diversos efeitos ao mesmo tempo.[1]

Ainda sob efeito do sublinhado, destaca as sentenças [28] e [29], ignorando os dados centrais das duas sentenças anteriores, [26] e [27].

A interação entre o sistema nervoso e o sistema imune pode ser observada, por exemplo, nos resultados mais recentes de vários estudos que mostram que o hormônio glicorticóide diminui a produção de proteínas ativadoras do sistema imune.[2]

Outros hormônios como a insulina, a ocitocina e a serotonina estimulam a proliferação de linfócitos T (células de defesa do sistema imune) e aumentam a síntese de anticorpos.[3]

Repare-se na dificuldade de se destacarem as experiências e na presença dos dados da sentença [40]. Há sérias dificuldades de interpretação.

As correlações anátomofuncionais entre os dois sistemas podem ser estudadas através de lesão provocada em áreas específicas do SNC.[4]

Lesando-se o hipotálamo de ratos, por exemplo, tem-se várias mudanças na arquitetura dos órgãos do sistema linfático.[5]

A interação entre os dois sistemas pode também ser coordenada pelas terminações nervosas nos órgãos linfóides.[6]

Estudos recentes (Brasil/França) sugerem que os nervos periféricos também podem participar na atividade de células do sistema imune fora dos órgãos linfóides com a liberação da substância P (presente em alguns neurônios sensitivos com a função de transmitir os impulsos da periferia para a raiz dorsal da medula espinal.[7]

Na década de 60, descobriu-se que essa substância, quando liberada pelas terminações nervosas livres, pode agir como mediador químico da inflamação promovendo vasodilatação e aumentando a permeabilidade vascular.[8]

O final do documento de resumo é significativamente extenso. A par da influência notória das sentenças sublinhadas a informante recuperou o argumento final do artigo, destacado como central. Repare-se que a informante apresenta uma falha ao escrever que “segundo a fisiopatologia, o homem é o único ser vivo capaz de ser seu próprio agente estressor [...]” na sentença [12]. No original lê-se “Dentro de uma visão de unidade fisiopatológica, o homem é o único [...]”. Ainda neste excerto, verifique-se a presença da última sentença, completamente acessória como conteúdo informacional do documento de origem.

O estresse, o comportamento e a imunidade devem ter seus mecanismos sobre um eixo comum que pode não significar uma molécula, uma célula, um hormônio ou um único elemento do organismo, mas uma condição harmônica de todos os constituintes orgânicos.[9]

A renovação é um fato inerente à vida; sem ela não há movimento e a estagnação gera a falência orgânica.[10]

A adaptação é a coluna dorsal da evolução.[11]

Segundo a fisiopatologia, o homem é o único ser vivo capaz de ser seu próprio agente estressor e o faz através do pensamento.[12]

O entendimento do estresse nos animais de experimentação não nos dá o direito de fazer extrapolações diretas para a espécie humana.[13]

Entretanto, a compreensão da dialética biológica permite uma aproximação muito estreita entre os processos patológicos desenvolvidos no homem e aqueles desenvolvidos nos animais, pois todos somos do mesmo universo.[14]

Talvez a síntese de conhecimentos nos leve a entender essa dinâmica.[15]

Afinal, como dizia Leonardo da Vinci “La verità solo fu fugliora del tempo” (a verdade não é senão filha do tempo).[16]

5.3.7 Comentário Remissivo

Repetem-se nos documentos paraconstruídos a partir do artigo “Estresse”, dois fenômenos elencados na análise dos resumos paraconstruídos a partir do artigo “Aids”.

No bloco de sentenças que se referem aos experimentos com animais, a ausência, mais do que a presença do sublinhado adequado se fez sentir, dado que as alunas revelaram dificuldades de interpretação e a adequabilidade das paraconstruções não é prejudicada. Além disso, observou-se que as informantes “pularam” o setor em tela e buscaram encerrar seus resumos com as sentenças finais do documento. Isso já havia ocorrido antes, quando as alunas “pulam” os sub-blocos relativos às dificuldades de obtenção da vacina anti-HIV/AIDS. Isso posto, as sentenças finais, principalmente quando parecem fazer sentido, e isso ocorre quando o autor de “Aids” reporta-se à “teoria Salk”, servem de âncora para o documento manter-se íntegro.

Nesse artigo em particular observa-se a influência dos dados iniciais. Bastou que o sublinhado contemplasse as informações de entrada, no caso, a teoria de “Hans Seyle”, que os resumos sobrevalorizam esses dados.

Os dados da teoria de Hans Seyle são, além disso, típicos dos discursos de divulgação acadêmico-pedagógica, na base de padrões de “Previsão-Detalhes”. Bastaram os nexos não serem evidentes, o que ocorre nas sentenças que se reportam aos experimentos, para a recuperabilidade das sentenças do bloco não ocorrer.

5.4 Resumos a partir do artigo “Solo”

Passemos agora a perspectivar o artigo 2: “Solo”. Veja-se o resumo obtido a partir da consideração de suas sentenças centrais.

5.4.1 Resumo a partir das sentenças centrais

DADO DE ENTRADA:

1. Nas zonas úmidas dos velhos escudos estáveis, como o escudo central brasileiro, que inclui grande parte da Amazônia, os solos puderam teoricamente evoluir por um longo tempo sem terem sido submetidos a uma submersão pelo mar, a uma erosão mecânica intensa, ou à ação das geleiras. [5]

TESE:

2. Portanto, esses solos podem apresentar traços herdados dos climas que se sucederam durante sua longa formação. [6]

COMO SE FAZER UMA CRONOLOGIA DA SUCESSÃO CLIMÁTICA?

HIPÓTESE 1: ANÁLISE DO SOLO

3. Sob certas condições, uma cronologia relativa dos diferentes elementos constitutivos do solo pode ser feita por análise petrográfica ou química. [10]

4. No entanto, as extrapolações a partir do solo devem manter-se prudentes. [20]

HIPÓTESE 2: MATÉRIA ORGÂNICA

5. Mesmo sem modificar os sistemas de solos de uma forma visível, as oscilações climáticas recentes podem ter deixado marcas em alguns dos componentes dos solos. [28]

6. Isso acontece, por exemplo, com a matéria orgânica existente nos solos, que provêm quase exclusivamente da vegetação que cobriu ou cobre tais solos.[29]

MÉTODO 1: CARBONO 14

7. As datações da matéria orgânica dos solos, usando o método do carbono 14 radioativo, evidenciam, para grande maioria desses solos, um crescimento regular da idade da matéria orgânica com a profundidade.[31]

8. A matéria orgânica umidificada e estável das camadas profundas é, portanto, uma testemunha da vegetação que recobriu os solos durante os últimos milênios.[34]

MÉTODO 2: CARBONO DELTA ^{13}C

9. Sabe-se, por outro lado, que o carbono 13 (^{13}C), um isótopo estável do carbono, não aparece com a mesma concentração em todos os vegetais.[35]

Dados disponíveis

10. Atualmente, poucos perfis de distribuição dos valores de $\delta^{13}\text{C}$ nos solos da Amazônia são disponíveis.[42]

11. Na maioria deles, os valores obtidos nas camadas superficiais do solo estão próximos de -28 partes por mil e, com o aumento da profundidade, observa-se apenas um aumento de 2 a 3 unidades, como resultado do fracionamento do carbono durante o processo de decomposição da matéria orgânica e não da ocorrência de um tipo diferente de vegetação.[43]

Dado discrepante:

12. Entretanto, um dos solos de florestas, obtido ao norte de Mato Grosso, apresentou uma distribuição bem diferente de $\delta^{13}\text{C}$. [47]

13. A parte superior do perfil apresenta valores e uma evolução parecidos com os dos solos anteriores, mas a partir de uma profundidade de 30 cm o aumento do valor de $\delta^{13}\text{C}$ é acentuado, atingindo -19,9 partes por mil a 1,2m, resultado parecido com os atualmente observados nas camadas superficiais dos solos de campos e de cerrados.[48]

Hipótese de solução

14. A hipótese mais provável, portanto, é a de que os valores de $\delta^{13}\text{C}$ observados em profundidade, nesse solo do Mato Grosso, seriam decorrentes da presença de uma matéria orgânica antiga umidificada e estável, proveniente de uma vegetação anterior de composição isotópica diferente, mais rica em ^{13}C que a vegetação atual, e provavelmente parecida à vegetação atual de campos e cerrados.[51]

HIPÓTESE 3: ESTUDO DOS CARVÕES NOS PERFIS DE SOLO

15. Além da matéria orgânica distribuída nos perfis de solos, o estudo dos carvões encontrados nesses perfis também pode dar informações sobre as mudanças climáticas ocorridas no passado.[52]

16. No decorrer de um mais episódios climáticos mais secos que o atual, a floresta tropical úmida, insuficientemente abastecida de água, teria sido devastada numa grande extensão por incêndios cuja origem pode ter sido diversa (relâmpagos, ação humana ou outras causas).[58]

17. Uma vegetação de savana instalou-se provavelmente em seguida, temporariamente, conforme indicado por certas características físicoquímicas anômalas dos solos desta área.[59]

18. Traços de incêndios das coberturas vegetais acham-se nos sedimentos desde o Devoniano e em todas as latitudes, indicando que eles podem ter desempenhado um papel de grande importância nas modificações das coberturas vegetais passadas e na decomposição da atual floresta amazônica.[65]

Apresentadas as sentenças que compõem a versão “A”, vejamos agora os documentos paraconstruídos.

5.4.2 Informante 1, tarefa 4, versão “A”

A informante destaca a primeira sentença do documento de base, faz uma particularização indevida apresentando um dos três exemplos elencados pelos autores e destaca a sentença [5], esta central. A partir daí sucedem-se sentenças com dados esparsos, sem uma organização subjacente.

Observe-se que na sentença [4] são “modelagens a partir das condições de formação” e não as “condições de formação” que indicam a idade. Além disso, não se completa o SN em função objetiva. Na sentença [7], ver colchetes, há uma particularização indevida quando se suprime a “desnudação do solo” como consequência dos climas.

Os solos no planeta tem idades variadas.[1]

Em zonas de sedimentação fluvial os solos não podem ser mais velhos que os sedimentos quais eles desenvolvem.[2]

Nas zonas úmidas dos velhos escudos estáveis o solo apresenta traços herdados do clima que se sucederam durante a sua formação.[3]

No caso dos latossolos, [] condições de formação indicam 10 e 100 milhões de anos, *não ocorrendo nos últimos 10 milhões de anos* [?].[4]

Nos solos bauxíticos seus constituintes mais antigos são materiais endurecidos pelo ferro.[5]

Posteriormente materiais endurecidos pelo alumínio, *sendo que o solo sob um clima tropical contrastado no início de sua formação.* [6]

No entanto, as linhas de cascalhos ferruginosos foram consideradas nos anos 60 e 70 como indícios de climas que teriam permitido uma erosão [], porém estudos mostraram que essa interpretação era muitas vezes falsas![7]

Na paisagem, os solos são organizados em sistemas.[8]

Perto de Manaus, foi possível mostrar que o sistema de solos são típicos das regiões de florestas tropicais úmidas.[9]

No setor que tematiza a matéria orgânica ela volta a confiar no sublinhado e, evidente, seu resumo cresce em adequabilidade. Há, no entanto, uma série de descuidos. Observe-se que ela considera carbono 14 e o isótopo delta 13C como mesma coisa. Na sentença [11] há outra particularização indevida pois é um “crescimento da idade da matéria orgânica” e não um “crescimento da matéria orgânica” aquilo que se lê no original. O uso de “%” em vez de “partes por mil”, a ausência da unidade após “-19,9”, na sentença [12], e “Minas Gerais”, na sentença [13] são, igualmente, dignos de nota.

As oscilações climáticas recentes podem ter deixado marcas em componentes do solo, um exemplo seria a matéria orgânica.[10]

Usando o método de carbono evidenciam um crescimento regular [] da matéria orgânica com a profundidade.[11]

Nos solos da Amazônia os valores obtidos nas camadas superficiais do solo são próximas de -28% [?] poucos perfis de distribuição de valores de delta 13C, já ao norte de Mato Grosso sua distribuição é diferente de delta 13C e o aumento de valor é acentuado, atingindo 19,9[?].[12]

Tais diferenças tem como hipótese provável a presença de uma matéria orgânica antiga, nesse solo de Minas Gerais [sic].[13]

Tal como na versão “A”, o resumo destaca a hipótese dos carvões, mas a informante prefere outras sentenças como detalhamentos. A sentença de encerramento é a última sentença sublinhada do documento de base.

O estudo de carvões também pode dar informações sobre mudanças climáticas.[14]

Nos anos de 1975 a 1977 (município de Itaituba no Pará) revelou a presença de pedaços de carvão nos horizontes superiores dos latossolos vermelhos.[15]

Um exame desses carvões demonstrou que eram o produto de incêndios de paleocoberturas vegetais.[16]

O resultado deles parece ser paleoclimáticos.[17]

Traços de incêndio das coberturas vegetais acham-se nos sedimentos, desde o Devoniano a latitude, indicando que eles podem ter desempenhado papel de grande importância nas

modificações das coberturas vegetais passada e na decomposição da atual floresta amazônica.[18]

5.4.3 Informante 4, tarefa 3, versão "A"

O mesmo fenômeno de particularização indevida ocorre no início do documento da informante 4. As sentenças centrais [5], [6] e [10] estão presentes, mas não são garantia de adequabilidade para o excerto inicial.

Uma vez que se trata da terceira tarefa, é possível que os demais sublinhados, menos adequados nas tarefas 1 e 2, tenham influenciado na confiança posterior. Repare-se principalmente na sentença [7] desse excerto.

Na sentença [3] não há complementação do SN objeto.

Os solos observados no planeta tem idades muito variadas, as zonas montanhosas geralmente nas submetidas a movimentos rápidos da crosta terrestre, a erosão mecânica arrasta o solo na medida em que este se forma.[1]

Nas zonas úmidas, como os velhos escudos inclui grande parte da Amazônia os solos puderam teoricamente evoluir por muito tempo sem serem submetidas a uma submersão pelo mar, a uma erosão mecânica intensa ou a geleiras, então esses solos apresentam traços herdados dos climas que transcorreram durante a sua longa formação.[2]

A indicação da idade os latossolos e solos podzóicos que são os mais comuns da Amazônia são dados pela espessura e natureza dos minerais; modelagens feitas indicam um tempo de formação entre 10 e 100 milhões de anos não sendo dados precisos, porém os resultados *demonstram que esses solos são muito antigos e ã ocorrem pelo menos nos últimos milhões de anos*. [3]

Uma cronologia em certas condições referente aos diferentes elementos constituintes do solo pode ser feito por análise petrográfica ou química. [4]

Observa-se atualmente que as couraças ferruginosas formam-se nas regiões submetidas a um clima tropical. [5]

As bauxitas forma-se sob um clima muito úmido durante longo tempo. [6]

As linhas de cascalhos ferruginosos ou quartzosos foram consideradas nos anos 60 e 70 como indícios de climas que teriam permitido 1 erosão e 1 desnudação do solo seguido de recobrimento de materiais ã consolidados, porém vários estudos feitos nos últimos 20 anos na África e América do Sul mostram que tal interpretação era falsa pois as linhas de cascalho podem formar-se em profundidade nos solos/ a necessidade de aridez e erosão mecânica. [7]

Atente-se que no setor da matéria orgânica o resumo ganha em qualidade. Contudo, só o isótopo delta 13C foi considerado.

A matéria orgânica é tida como testemunha dos eventos climáticos esta provém exclusivamente da vegetação que cobre os solos.[8]

O carbono 13 (13C) ã aparece em todos os vegetais modificações acontecem nos valores de delta 13C no decorrer do tempo nas camadas do solo seduzindo-se nos últimos milênios ocorreram alterações climáticas devido à ação humana, flutuações climáticas e matéria orgânica antiga conserva tais indícios.[9]

Poucos perfis de distribuição dos valores de delta 13C nos solos da Amazônia são disponíveis os valores estão próximos de -28,5 partes por mil e c/ o aumento da profundidade observa-se apenas um ligeiro aumento de 2 e 3 unidades, resultado do fracionamento de carbono durante o processo de decomposição da matéria orgânica e não da ocorrência de um tipo diferente de vegetação ocupante naquele solo.[10]

Um dos solos, ao norte de Mato Grosso apresentou distribuição bem diferente nos valores de delta 13C.[11]

A hipótese mais provável é que os valores delta 13C observados em profundidade nesse solo do Mato Grosso seriam decorrentes da presença de uma matéria orgânica antiga, umidificada e estável proveniente de uma vegetação anterior de composição isotópica diferente mais rica 13C parecida c/ a vegetação atual de campos e cerrados.[12]

O setor dos traços de incêndios é resumido adequadamente.

No decorrer de um de vários episódios climáticos mais secos do que o atual a floresta tropical úmida insuficientemente abastecida de água teria sido devastada numa gde extensão por incêndios cuja origem pode ter sido diversa.[13]

O estudo palinológico e sedimentológico feito por uma equipe franco-brasileira mostrou ao longo dos últimos 60 mil anos houveram quatro episódios de forte regressão da floresta amazônica oriental, ligada a episódios climáticos mais secos que o atual.[14]

Traços de incêndios das coberturas vegetais acham-se nos sedimentos desde o Devoniano e em todas as latitudes indicados que eles podem ter desempenhado um papel de gde importância nas modificações das coberturas vegetais passadas e na composição da atual floresta amazônica.[15]

5.4.4 Informante 3, tarefa 2, versão "B"

A versão "B" foi marcada pela ausência de dados no primeiro setor do documento, excetuando-se a sentença [5]. Meu interesse foi verificar o efeito disso, principalmente a possibilidade de deletamento da tese, a sentença [6] de base. É exatamente isso o que ocorre neste resumo. A informante inicia-o com dados da sentença [23]. Ela recupera um argumento complexo que antecede a segunda sentença sublinhada, ou seja, a sentença [28]. Repare-se no acréscimo de "Entretanto" no início da sentença [4]

Na paisagem, os solos são geralmente organizados em sistemas, que podem ser entendidos pela escala da unidade de relevo.[1]

Perto de Manaus, foi possível mostrar que o sistema de solos e paisagens locais são típicos das regiões de florestas tropicais úmidas, comandadas por erosão química.[2]

Se oscilações climáticas recentes ocorreram com o desaparecimento da floresta, essas mudanças não forma longas o suficiente para mudar ou induzir à formação de paisagens diferentes.[3]

Entretanto, as oscilações climáticas recentes podem ter deixado marcas em alguns dos componentes dos solos.[4]

Utilizando-se de elementos centrais e intermediários ela recupera as datações (embora não referencie carbono 14) e as questões relativas ao isótopo delta 13C.

As datações da matéria orgânica dos solos evidenciam um crescimento regular da idade com a profundidade.[5]

Por outro lado, o carbono 13 (13C) não aparece com a mesma concentração em todos os vegetais.[6]

A matéria orgânica das camadas superficiais dos solos possui uma relação 13C/12C muito próxima da existente na vegetação que se origina e no decorrer do tempo, observam-se modificações no valor de delta 13C nas camadas do solo.[7]

Pode-se assim deduzir que se nos últimos milênios ocorreram alternâncias de vegetação devidas à ação humana ou as flutuações climáticas, a matéria orgânica antiga das camadas profundas conservou os indícios desta alteração.[8]

O dado de entrada da questão dos carvões é apresentado, mas a autora prefere destacar outras sentenças de nível intermediário.

O estudo dos carvões encontrados nos perfis dos solos, também podem informar sobre mudanças climáticas ocorridas no passado.[9]

Um exame desses carvões, mostrou que eram produtos de incêndios de paleocoberturas vegetais (entre 3 e 6 mil anos no passado).[10]

O estudo palinológico e sedimentológico realizado por uma equipe franco-brasileira, mostrou que nos últimos 60 mil anos, ocorreram quatro episódios mais secos que o atual.[11]

Do mesmo modo que os fósseis nos sedimentos, os carvões nos perfis dos solos podem ser marcadores de paleoambientes.[12]

Traços de incêndios das coberturas vegetais acham-se nos sedimentos desde o Devoniano e em todas as latitudes, indicando que eles podem ter desempenhado papel importante nas modificações das coberturas vegetais passadas e na composição da atual floresta amazônica.[13]

Uma questão interessante nesse documento é a influência da sentença [66] como encerramento do resumo. Além do efeito de ser a última sentença, é possível que sua presença seja fruto da sua pertinência pragmática.

O papel dos paleoincêndios na dinâmica da floresta amazônica ainda é pouco conhecido mas o Ecofit-Brasil (programa de pesquisas franco-brasileiro) poderá, num futuro próximo trazer algumas respostas às indagações dos cientistas.[14]

5.4.5 Informante 5, tarefa 2, versão “C”

A informante abre seu resumo com esta sentença.

Há diferentes tipos de solos na Terra e também com diferentes idades e componentes.[1]

Suprimindo dados da Amazônia, um grave exemplo de falha de compreensão, pois prejudica todo o restante de seu resumo, os dados a seguir são esparsos e com alguns problemas interpretativos.

Na sentença [3] temos a impressão que as “coudas ferruginosas” teriam permitido uma erosão quando no documento de base lê-se que elas foram consideradas como “indícios de climas que teriam permitido uma erosão”.

Em [4] há uma particularização indevida, uma vez que o documento de base apresenta uma “fase de aridez e de erosão mecânica”.

O tempo de formação de um solo varia entre 10 e 100 milhões de anos, portanto não se conseguiu precisar o tempo, já que a variação do tempo é grande de 10 para 100, *mesmo assim pode-se dizer que são antigos*. [2]

Atualmente, foi diagnosticado no solo da Amazônia a presença de umas coudas ferruginosas *que denotam um clima contrastivo, diferentes, por sua vez das encontradas entre os anos 60 e 70 que teriam permitido uma erosão* [?]. [3]

estudos recentes indicam falha nas hipóteses da causa da erosão já que não há necessidade de uma fase de [...] erosão mecânica. [4]

As mudanças que ocorreram na floresta, como os desmatamentos, ainda não interferiram na formação de diferentes paisagens, mas já deixaram marcas no solo, através do clima. [5]

A questão da matéria orgânica é sintetizada apenas por duas sentenças. Na sentença [7], acredita-se que a informante queria dizer “As variações de delta 13C, que foram percebidas [...]”.

O solo gravou todas as mudanças de clima, as quais forma detectadas principalmente por um teste, o método do carbono 14 radioativo. [6]

As variações que foram percebidas no solo de 13C [?], no Mato Grosso seriam decorrentes da presença de uma matéria orgânica antiga, umidificada e estável proveniente de uma vegetação anterior de composição diferente da atual de campos e cerrados. [7]

Repare-se a seguir o destaque dado aos dados a partir dos carvões nos perfis dos solos. Neste excerto é interessante a presença de “Cuiabá” na sentença [10], como uma associação a partir de “Mato Grosso”.

Foram encontrados pelos pesquisadores do solo da Amazônia, carvões (milimétricos) parecidos com os datados de 3 a 6 mil anos no passado, que indicam a época muito seca que viveu a floresta, que não escapou da influência do clima e de suas catástrofes ecológicas naturais que podem modificar o solo. [8]

Nas amostras do solo pesquisados, não há indício da atividade humana, ou seja, ela não é relevante para o estudo, o que ajudou a afirmar que a floresta amazônica, através destes carvões encontradas foi (devastada) possível dizer isso, foi devastada por um incêndio enorme e sua extensão e que uma vegetação de savana instalou-se provavelmente em seguida ao incêndio. [9]

Ao longo dos 60 mil anos, o clima esteve mais seco em Cuiabá [?] do que atualmente o que coincide com a hipótese do incêndio, ou seja a afirma. [10]

A informante 5, tal como a anterior, usa os dados da sentença [66] como encerramento de seu resumo.

Muito ainda se tem a pesquisar neste campo para sanar as indagações que ainda se têm sobre o clima e poucas pessoas conhecem o trabalho dos paleoclimáticos, ou seja, das pessoas que estudam o clima através do solo.[11]

5.4.6 Informante 2, tarefa 1, versão “D”

A informante inicia seu documento de resumo destacando a existência de vários tipos de solo. Considera o solo amazônico como sedimental. Contudo, observe-se que o artigo tematiza os velhos escudos estáveis que compõem os solos da Amazônia.

Na sentença [3] repare-se no item lexical “abusos” como generalização de uma série de catástrofes naturais elencadas nas sentenças iniciais dos artigos. Repare-se também na presença do “mas” como conectivo, dado que o original usa “portanto” no mesmo ambiente.

Em nosso planeta há variadas idades a respeito dos solos que nela existe.[1]

Em se tratando da zona Amazônica, há o solo com uma sistemática mais rápida, mas não podem ser mais velhos que os sedimentos sobre os quais se desenvolvem.[2]

Nas zonas úmidas, os solos puderam evoluir por um longo tempo sem abusos [sic] da natureza, mas [?] podem apresentar traços herdados dos climas que se manifestam durante esse longo tempo de evolução.[3]

O setor do artigo que versa sobre a datação dos solos é truncado, uma vez que a informante apresenta dados esparsos que não sintetizam as proposições do artigo. “Devido a formação de sua espessura” não encontra nexos com o original, prejudicando o resto da sentença. Na sentença [8] observe-se “onde os quais suas consequências e o seu motor fazem a formação da paisagem”, como paraconstrução de “Tais sistemas são ao mesmo tempo as consequências e o motor da formação das paisagens”.

Os latossolos com indicação a sua idade é dada em primeiro lugar, fica sendo entre 10 e 100 milhões de anos devido a formação de sua espessura e pela natureza dos minerais.[4]

Os constituintes mais antigos são materiais endurecidos pelo ferro, e são chamados de couraças ferruginosas.[5]

Nos anos 60 e 70 foi considerado que as linhas de cascalhos ferruginosos ou quartzosos como indícios de climas teriam permitido uma erosão e desnudação do solo.[6]

Em cima disso foram feitos vários estudos nos últimos 20 anos, chegando-se à amostragem que essa interpretação é falsa.[7]

Na paisagem os solos são geralmente organizados em sistemas, onde os quais suas consequências e o seu motor fazem a formação da paisagem.[8]

Apresenta-se então a datação da matéria orgânica.

Mesmo com a existência dessa organização de solos, pode-se haver marcas em alguns componentes dos solos.[9]

Isso acontece com a matéria orgânica existente no solo.[10]

A informante, neste excerto, apresenta dados a partir do método do carbono 14. Repare-se que a sentença [12] poderia ser conectada à anterior, visto que foi organizada com gerúndio.

Usando o método do carbono 14, aparecem um crescimento regular da matéria orgânica com a profundidade em relação à idade.[11]

Variando a idade dependendo de suas camadas: as camadas superficiais, que seriam as jovens fica entre 50 a 100 anos; a um metro de profundidade 3 a 5 mil anos atingindo cerca de 7 a 10 mil a 2 metros de profundidade.[12]

Logo a seguir, destacam-se dados provenientes do isótopo delta 13C. Na sentença [18] repare-se em “instável”, dado que no original se lê “estável”.

Há uma relação de 13C/12C entre a matéria orgânica e a vegetação que se origina.[13]

Podendo ocorrer alternâncias de vegetação devida a ação humana e a flutuações climáticas.[14]

Na Amazônia atualmente existem poucos perfis de distribuição dos valores de delta 13C.[15]

Entretanto, um dos solos de florestas, apresentou uma distribuição bem diferente de delta 13C, isso ao norte de Mato Grosso.[16]

Constatando assim que, mesmo tendo muitos aspectos de seus solos em comum, podem apresentar isótopo 13C muito diferente entre si.[17]

A hipótese mais provável seria a presença de uma matéria antiga umidificada e instável [sic] nesse solo de Mato Grosso.[18]

A informante passa então a perspectivar os carvões nos perfis dos solos.

Os carvões também podem dar informações sobre as mudanças climáticas.[19]

Nos anos de 1975 a 1977 entre os municípios de Itaituba, no Pará e o planalto do Cachimbo, pedaços de carvão nos horizontes superiores dos latossolos vermelho-amarelos, mostram-se ser de incêndios que localizam-se a 3 e 6 mil anos no passado.[20]

Devido a pesquisas, mostra-se que grande parte da floresta amazônica não escapou de constituir marcadores de paleoambientes.[21]

Isso devido a alguma catástrofe ecológica natural, que seria os incêndios.[22]

O final do resumo é, mais uma vez, organizado a partir da sentença [66] do original.

Em se tratando à Amazônia o papel dos paleoincêndios em sua dinâmica ainda permanece pouco conhecido, mas o Ecofit-Brasil, um programa de pesquisas franco-brasileiro lançado recentemente, em um futuro próximo podem trazer respostas à muitas dúvidas dos cientistas.[23]

5.4.7 Comentário remissivo

Dado que a versão “A” desse documento foi apresentada duas vezes, era de se esperar dois resumos adequados. Contudo, como já ressaltai, a presença de sublinhado em sentenças centrais dos documentos de base não foi garantia para construção de documentos de resumo adequados

Com relação aos temas discutidos, nos dois artigos anteriores, este traz algumas conclusões interessantes.

1. A ausência de sublinhado diminuiu a influência das sentenças de abertura do artigo. Isso pode ser constatado no resumo da segunda tarefa da informante três, onde se deleta a tese central do artigo, segundo a qual, “os solos podem apresentar traços herdados dos climas que se sucederam durante sua longa formação”.

2. A presença do sublinhado em setores de processamento mais complexo, melhorou o nível de adequabilidade das paraconstruções.

3. Houve significativa influência da sentença [66], sentença que possui nítida carga pragmática, uma vez que apresenta o “Ecofit-Brasil”, como um programa de pesquisas franco-brasileiro, que pode trazer respostas às indagações dos cientistas.

Finalizando esta seção, façamos a análise dos documentos de resumo que tiveram por base o artigo 4, “Voto”. Para tanto, observe-se o resumo a partir da consideração de suas sentenças centrais.

5.4.8 Resumo a partir das sentenças centrais

TESE
(PREVISÃO):

1. A partir de uma recente pesquisa realizada com os vereadores da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, podemos compreender que, além da troca do voto pelo mandato, a relação entre eleitores e políticos está, em grande parte, fundada num intercâmbio de valores culturais.[2]

(DETALHES)

Cite exemplos:

Exemplo 1: Vereadores Assistencialistas

2. Vejamos, em primeiro lugar, **alguns exemplos de campanha de vereadores que têm votação concentrada** [...]. [14]
3. A propaganda desses candidatos ('santinhos', cartazes etc.) tem em geral **três características básicas: nomes dos bairros** onde costumam obter o maior número de votos, **obra(s)** do candidato na região e **algumas frases de efeito** que funcionam como lema da campanha. [17]
4. **Esse tipo de campanha procura criar uma relação de cumplicidade entre o candidato e o eleitor, de forma que ambos se sintam fazendo parte de um mesmo círculo social.** [18]
5. Justamente por isso, **as obras sociais, capitaneadas pelos políticos, são a peça-chave** desse tipo de campanha. [22]

Exemplo 2: Vereadores Classistas

6. **Os vereadores que se elegem com votos espalhados mais ou menos igualmente por toda a cidade** [...]. [27]
7. **A principal característica** desse tipo de político é ter por bandeira a **defesa de alguma categoria profissional, étnica ou religiosa.** [29]
8. Como no primeiro caso, **a campanha é feita de forma direcionada para o grupo de eleitores que se pretende atingir, observando igualmente o fato de que o candidato também pertence (ou pertenceu) ao mesmo grupo de seus eleitores.** [30]

Exemplo 3: Vereadores "Ideológicos"

9. Já os **candidatos eleitos pelos bairros da zona sul** (onde se concentra a população de maior poder aquisitivo da cidade) e **arredores da Tijuca** (considerado o bairro mais 'zona sul' da zona norte), são aqueles que os próprios vereadores tendem a classificar como **ideológicos.** [37]
10. Mais do que uma identificação com algum grupo ou setor da sociedade, a campanha desses políticos tende a girar em torno de **bandeiras morais e éticas**, sempre procurando **associar o nome do candidato a uma prática de honestidade, independentemente do caráter progressista ou não de sua visão política.** [40]
11. **Está presente nesse tipo de campanha também uma preocupação em esclarecer para o eleitor o significado político do voto.** [43]

CARACTERÍSTICAS COMUNS:

12. Apesar das diferenças nos três padrões de comportamento eleitoral que examinamos acima [...], **a análise dos textos de campanha de todos os candidatos revela a estratégia de convencimento do eleitor é a de construir para o vereador um pertencimento ao grupo (ou grupos) de referência de seus eleitores.** [49]

RELAÇÃO POLÍTICO VS ELEITOR:

13. **O vereador não faz parte necessariamente do mesmo universo cultural de seus eleitores.** [50]
14. **Ao contrário, o seu maior trunfo está no fato de ser alguém de fora, ou que saiu do grupo, que transita por outros universos culturais tendo, ao mesmo tempo, a habilidade de comunicar-se na linguagem do grupo do qual é reconhecido como representante.** [51]
15. **Seu papel é estratégico exatamente por isso; é o papel de alguém que tem acesso a mundos e universos culturais diferentes daqueles que representa.** [63]
16. **Além da explícita tarefa de exercer a mediação política, o parlamentar assume também a tarefa complexa, e simbolicamente muito importante, de ser um mediador cultural entre múltiplos níveis de cultura da sociedade.** [64]
17. **Pelo fato de ocupar uma posição estratégica para os envolvidos, o mediador (o político) pode influenciar diretamente a qualidade da relação.** [66]
18. **É claro que o mau uso dessa posição gera distorções como as que proliferam no quadro caótico da política brasileira.** [68]

SÍNTESE (RETOMADA DA TESE):

19. O que procuramos mostrar é que o político não apenas nasce dos votos de uma sociedade.[72]
20. O mandato depende de um vínculo profundo entre as crenças e valores dessa sociedade e as do político.[73]
21. As eleições cariocas são um bom exemplo para observarmos as conseqüências desse vínculo na prática.[74]
22. Vimos que, de um lado, há um grupo de políticos mais preocupados em manter um contato direto, próximo do eleitor e das suas necessidades imediatas de assistência.[75]
23. A sua votação tende, por isso, a se concentrar em um ou dois bairros da cidade.[76]
24. De outro lado, vimos outro grupo de parlamentares com uma votação abrangente em toda a cidade, interessado em atingir o voto dos cidadãos que compartilhem de seus ideais de mandato e se identifiquem com a sua bandeira de luta política.[77]

ANÁLISE CRÍTICA E CONCLUSÃO:

25. Antes de classificar os 'bandidos' e os 'mocinhos' dessa história, é bom parar para pensar no significado de cada uma das votações.[80]
26. Não há qualidade ou defeito intrínseco a nenhum dos comportamentos eleitorais descritos acima.[81]
27. No entanto, é preciso insistir no óbvio: a boa representação política é aquela que mais aproxima as vontades de representantes e representados; aquela em que ambas as partes têm consciência de que a sua relação é voltada para o bem comum.[85]

Passemos agora à análise dos documentos de resumo.

5.4.9 Informante 5, tarefa 4, versão “A”

O resumo se inicia com os dados introdutórios pertinentes.

Há uma relação muito grande entre o candidato a um cargo político e seus eleitores, ou seja, *além da troca do voto pelo mandato, há uma troca de valores culturais entre ambos*. [1]

Mais adiante a informante elenca os três tipos de candidatos adequadamente, embora a sentença [6] entreveja a existência de um quarto grupo. “Existem três tipos básicos de candidatos eleitos” é uma construção da acadêmica e não faz parte dos dados das sentenças [9] e [10] do documento de base, ambas periféricas.

Existem três tipos básicos de candidatos eleitos, os quais se caracterizam por receberem votos distribuídos por quase todas as zonas eleitorais e os que ganham mais votos das zonas eleitorais de nível sócio-econômico mais baixo. [2]

Os que são eleitos por uma única zona eleitoral, geralmente se identificam e falam do mesmo jeito que seus eleitores, pertencentes a essa zona. [3]

Os que possuem votos distribuídos pelas zonas eleitorais normalmente defendem categorias profissionais, religiosas ou étnica e se incluem dentro dessa categoria. [4]

Os candidatos ideológicos como eles mesmo se classificam, são aqueles que recebem votos da classe baixa, organizada em algum bairro, no caso do Rio de Janeiro, onde foi realizada essa pesquisa, a zona sul e arredores da Tijuca, cujas palavras normalmente utilizadas pelos candidatos, são de ordem, justiça, cidadania e trabalho. [5]

Há também os candidatos que lutam pelo sentido de moralizar a classe política, se diferenciando dos candidatos corruptos, ou seja, se colocando como honestos e confiáveis. [6]

A seguir o resumo perspectiva a relação com o eleitor. O que se destaca são as construções envolvendo grande quantidade de sentenças.

O principal trunfo dos textos de propaganda da maioria dos políticos é o de se fazerem pertencer ao grupo de seus eleitores, entretanto não é necessário fazer parte realmente e sim demonstrar que irá lutar pelos direitos e vontades de seus eleitores, representando-os. [7]

Depois de eleitos, pode-se classificar a grosso modo, dois tipos de vereadores, o assistencialista, que atua diretamente com o povo, representando-o e ajudando-o na solução de seus problemas e o ideológico, que tem uma atitude mais política, ou seja, a de um porta-voz das reivindicações de seus eleitores.[8]

O papel de um vereador é estratégico, já que representa o povo, mas não é "povo", e tem a missão de equilibrar as coisas, as quais em determinados casos faz de acordo com seus interesses.[9]

No final de seu documento, a informante, suprimindo dados da análise, tece comentários pessoais, fugindo ao escopo da tarefa.

Definitivamente, o povo precisa diagnosticar um bom representante e cobrar dele suas promessas, participando ativamente de um processo democrático, voltado ao bem-estar de todos.[10]

5.4.10 Informante 4, tarefa 1, versão "B"

Os dados introdutórios são considerados no início desse documento.

A obtenção de um cargo político se dá a partir da relação existente entre políticos e eleitores e **depende da ligação de valores culturais**.[1]

É essa relação que concretizará à sua candidatura e ao político.[2]

Os dados seguintes separam dois grupos de vereadores, os de votação concentrada e os demais.

A partir das eleições de 1992 para a câmara do Rio de Janeiro *pode se observar que os vereadores eleitos têm votação concentrada ou seja 50% dos seus votos pertencem a zona norte ou oeste da cidade onde se localiza a população com menos poder aquisitivo*.[3]

Poucos têm votação equilibrada.[4]

Repare-se na sentença [5] abaixo. A informante considera em seu documento de resumo uma sentença que interage com um quadro ilustrativo. Além disso, ao apagar o item lexical "não" no espaço entre colchetes, trunca a sentença como um todo.

A seqüência "e que o fará novamente", na sentença [8], é uma criação e revela dados de mundivivência da informante.

Os mapas de votação da campanha de vereadores que têm sua votação concentrada se baseiam no percentual de votos obtidos e [...] na zona eleitoral não no número absoluto de votos.[5]

A propaganda feita por esses mostrou onde receberam mais votos, citam os bairros criando com isto certa relação de cumplicidade entre candidato e eleitor; sendo a imagem criada por este candidato é de que está mais próximo e conhecedor dos problemas existentes em determinado local.[6]

As obras sociais funcionam como **peça chave** para esse tipo de candidato.[7]

O candidato a reeleição usufruem do que já concretizou, tipo calçamentos, urbanização, com a intenção de provar que trabalhou e que o fará novamente.[8]

A informante agrupa os vereadores que receberam votos espalhados em dois grupos: os que representam categorias e os ideológicos. Observe-se que há uma contradição ao se definir os bairros da zona sul e arredores da Tijuca como os de "menor" poder aquisitivo, na sentença [11].

Os vereadores que se elegeram com votos espalhados têm como principal característica a defesa de alguma categoria profissional, religiosa ou étnica, criando a idéia de pertencer e identificar-se com o eleitor, havendo entre esses a cumplicidade de vida comum.[9]

Há preocupação de se mostrar que a conquista do mandato é a conquista legislativa p/ o grupo que este inseriu-se e não benfeitorias gerais.[10]

Os candidatos eleitos pelos bairros de menor poder aquisitivo tem em suas campanhas ênfase no combate a corrupção, a **honestidade**, intencionam mostrar ao povo a falta desta e se diferenciam dos demais.[11]

Seguem-se dados da relação entre políticos e eleitores.

Apesar das diferenças existentes o que pode se citar é que os políticos tentam se infiltrar-se na vida de cada eleitor e colocar-se num mesmo plano que estes, se sobrepondo pois é alguém de fora e habilidosamente se igualará para o grupo reconhecido.[12]

A rotina dos parlamentares é ocupada com atendimento aos eleitores, esses acreditam que os parlamentares possuem a solução dos problemas pessoais de cada qual.[13]

Portanto os vereadores, a classe política ocupam posições estratégicas na sociedade pois o vereador é alguém que participa do mundo do eleitor, mas está fora dele.[14]

Ocupam também um espaço de negociação entre diferentes e separados grupos econômicos, culturais, políticos, sendo capazes de falar inúmeras línguas, manipulando valores, podendo influenciar na qualidade do relacionamento entre grupos, sendo que o mau uso dessa posição maléfica é contribuinte p/ o caos da política do Brasil.[15]

O documento é finalizado com dados da análise final do artigo.

Os políticos não nascem somente dos votos a eles destinados, **mas dependem do vínculo profundo deste com relação as crenças e valores da sociedade.**[16]

A boa representação política é aquela que mais aproxima das vontades do povo com a dos seu representante havendo consciência de que disso acontecerá o bem comum.[17]

5.4.11 Informante 3, tarefa 4, versão “C”

Este documento é o único que se caracteriza por paraconstruir o artigo numa ordem diversa daquela realizada pelo autor. Ela dá início a seu documento com dados da relação político vs eleitores.

Podemos dizer que os vereadores e a classe política, em geral, ocupam uma posição estratégica dentro da sociedade.[1]

Em relação ao eleitor, o vereador é alguém que ao mesmo tempo participa do seu mundo mas não é um igual.[2]

Além de exercer a mediação política, o parlamentar assume também a tarefa complexa e simbolicamente muito importante de ser um mediador cultural entre níveis de cultura da sociedade.[3]

Passa então à retomada da tese, incluindo a sentença [78].

O político não nasce apenas dos votos de uma sociedade.[4]

Seu mandato depende de um vínculo entre as crenças e valores sociais.[5]

As eleições cariocas são um bom exemplo para observarmos as consequências desse vínculo profundo entre crenças e valores da sociedade e do político, na prática: de um lado há um grupo de políticos mais preocupados em manter um contato direto, próximo do eleitor e de suas necessidades imediatas de assistência.[6]

A sua votação tende a se concentrar em um ou dois bairros da cidade.[7]

De outro lado, aparece um grupo, com uma votação abrangente em toda a cidade interessado em atingir o voto dos cidadãos que compartilhem de seus ideais de mandato e se identifiquem com sua bandeira de luta política.[8]

Essa descrição é uma tendência e não é uma classificação absoluta.[9]

Volta ao setor que pondera sobre os candidatos ideológicos. A paraconstrução da sentença [48] é falha no sentido de que omite a questão o “discurso de palanque”. Veja-se o espaço entre colchetes na sentença [11] do documento de resumo.

O que nem sempre está aparente embora seja observado, são as diferenças ideológicas que separam o voto dos políticos conservadores de direita, dos mais progressistas de esquerda. [10]

Muitos eleitores estão preocupados justamente com isso, que pode não estar claro nos textos das campanhas, mas são explícitas na filiação partidária, [...] no contato pessoal e imagem pública do candidato. [11]

Uma vez mais tece comentários das relações entre políticos e eleitores, ressaltando dados da sentença periférica [71].

Os diferentes padrões de votação, mostram que o político, enquanto conquista os eleitores construindo para si próprio a imagem de representante de certos valores, está também mapeando repertórios e códigos culturais não individuais mas constitutivos e internos à própria sociedade.[12]

Por ocupar um posição estratégica, o político pode facilmente adequar a posição das partes à sua própria possibilidade e beneficiar a si próprio.[13]

O mau uso de sua posição gera distorções que proliferam na política brasileira, *como por exemplo, os relatórios das CPIs que abundam nas casas legislativas municipais, estaduais e federais*. [14]

Apagando o conectivo “No entanto”, veja-se [...] na sentença [15], uma vez que outra é a ambientação documental, a informante encerra sua paraconstrução com dados da sentença [85].

[...] É preciso insistir no óbvio: a boa representação política é aquela que mais aproxima as vontades de representantes e representados; onde ambos tenham consciência de que sua relação é voltada para o bem comum.[15]

5.4.12 Informante 2, tarefa 3, versão “C”

Os dados iniciais do artigo de base são todos adequadamente apresentados pela informante.

A conquista de um mandato legislativo é produto da relação entre o político e seus eleitores.[1]

Realizou-se uma pesquisa com vereadores do rio de Janeiro na qual, foi registrado que além da troca do voto pelo mandato, há um intercâmbio de valores culturais.[2]

A relação entre o candidato e o eleitor é a base que dá legitimidade a uma candidatura, e claro o político.[3]

Os vereadores acreditam que um mandato só se justifica se houver um grupo dentro da sociedade que o considere como representante.[4]

Então partirá daí seu dever perante ela, deixando sua vida pessoal para se dedicar ao bem-estar dos que o elegeram.[5]

A informante permite entrever que não associou tipos de campanhas diferentes como de candidatos diferentes, prejudicando a qualidade do restante de seu resumo.

Repare-se que a sentença [13] não poderia estar referenciando os mesmos candidatos. Além disso, esta sentença tem o acréscimo de dados da mundivivência da informante, a saber, “e sim em busca de uma vida mais digna para o povo”, tal a influência desse jargão do discurso político.

A propaganda feita pelos candidatos mostra-se com três características básicas, nome dos bairros onde costumam obter maior número devoto, obras do candidato na região e algumas frases de efeito como lema de campanha.[6]

Isto faz com que o candidato e o eleitor se sintam fazendo parte de um mesmo grupo, de um mesmo círculo social.[7]

As obras sociais é que dão ênfase nas campanhas eleitorais.[8]

A maioria dos vereadores tem um ou mais centros de serviço assistencial à disposição da população local.[9]

O eleitor é importantíssimo para o candidato, que chega a dar em troca do voto, gratidão, amizade, caridade, ajuda e solidariedade.[10]

A campanha é feita de forma direcionada, onde o candidato pertence ao eleitor e o eleitor pertence ao candidato, *podendo existir o candidato dos bancários, dos militares e dos evangélicos*. [11]

Esta idéia de pertencimento cria a identificação entre o candidato e o eleitor.[12]

Ao contrário das listas de obras e nomes de bairros, as campanhas são feitas em torno da cidade, falando de honestidade, justiça, cidadania, trabalho e combate à corrupção, sempre (preocupado) procurando associar o nome do candidato com honestidade, *dando a se entender que ele não está lá para trocar seu voto por um saco de cimento*, e sim em busca de uma vida mais digna para o povo.[13]

Muitos eleitores se preocupam com essas diferenças ideológicas entre conservadores de direita e dos progressistas de esquerda, pela falta de clareza do texto da campanha, mas são explícitas nos palanques, no contato pessoal e na imagem pública do candidato.[14]

Na síntese do setor da relação político vs eleitor, destaca-se a paraconstrução completamente equivocada da sentença de base [68] pela sentença [18] do resumo. No documento de origem “o mau uso dessa posição” é que “gera distorções, como as que

proliferam no quadro caótico da política brasileira”. No documento de resumo lê-se que “com o mau uso dessa posição pode-se gerar um quadro caótico e uma visão distorcida da problemática brasileira”.

Enquanto conquista os eleitores construindo para si próprio, está também mapeando repertório e códigos culturais não individuais, mas construtivos e internos à própria sociedade, ocupando uma posição estratégica dentro dela.[15]

Assume também uma tarefa complexa, - ser um mediador cultural entre múltiplos níveis de cultura e sociedade, podendo influenciar diretamente a qualidade da relação entre os grupos.[16]

Assim, ele pode atender as diversas partes que o rodeia, beneficiando a si próprio ao mesmo tempo.[17]

Com o mau uso dessa posição pode-se gerar um quadro caótico e uma visão distorcida na problemática dessa situação.[18]

Novamente apaga-se “No entanto” da sentença de base [85]. Veja-se o espaço entre colchetes.

O mandato depende de um vínculo entre as crenças e valores dessa sociedade que o apóia e as do político apoiado.[19]

[...] É preciso insistir no óbvio: a boa representação política é aquela que mais aproxima as vontades dos representantes e representados, aquela em que ambas as partes têm consciência de que a sua relação é voltada para o bem comum.[20]

5.4.13 Informante 1, tarefa 2, versão “D”

O resumo contém dados das primeiras sentenças do documento de base que realçam a relação com o eleitor.

A conquista de um mandato legislativo é produto da relação entre o político e seus eleitores.[1]

O político acredita que exercendo o mandato está retribuindo um dever, abrindo mão de sua vida pessoal em nome da dedicação pelo bem estar do que o elegeram.[2]

O vínculo com a comunidade é que garante seu título político.[3]

Sem qualquer menção às eleições para a Câmara do Rio de Janeiro, a informante apresenta os tipos de campanha, começando pelas campanhas dos vereadores assistencialistas.

A propaganda dos candidatos cria uma relação cúmplice entre o candidato e o eleitor, assim o candidato é aquele que “entende” os problemas da região.[4]

Justamente por isso os políticos tem como peça chave as obras sociais, muitos tendo centro assistencial.[5]

Candidatos à reeleição também procuram colocar sua lista de obras aos eleitores, bem como fazer promessas em troca do voto.[6]

A existência da cumplicidade é o apelo das campanhas.[7]

A estudante passa então a considerar os vereadores ideológicos, sem destacar os vereadores que representam segmentos da sociedade. Repare-se no ruído causado pelas sentenças periféricas destacadas.

Os candidatos da Zona Sul (maior poder aquisitivo) tende a classificar como ideológicos associando seu nome a prática de honestidade, moral, ética...[8]

Ou ainda o político que se declara em cruzada, que não é como os outros que dão saco de cimento em troca de votos.[9]

Muitos eleitores estão preocupados com as diferenças ideológicas que separam o voto dos políticos mais conservadores, de direita, dos progressistas, de esquerda [10]

A informante assim sintetiza os dados da relação entre políticos e eleitores.

O vereador é o representante ao eleitor, pois estão próximos de seus eleitores participando de seu mundo, não sendo igual, mas estratégico.[11]

Ao final, comete uma falha de contradição, uma vez que apaga o conectivo “ao contrário”, invertendo a asserção da autora do documento de base.

[...] A boa representação política pode ser garantida pelo padrão de votação dos parlamentares, bastando criar uma nova e rígida lei que a regule.[12]

5.4.14 Comentário remissivo

O artigo “Voto”, foi considerado o mais fácil pelas alunas. Contudo, não se produziram resumos significativamente melhores que os precedentes. Surpreendentemente, as informantes se perderam na organização textual da autora. Neste aspecto são interessantes as paraconstruções que confundem os tipos de candidatos e padrões de votação nas eleições para a Câmara do Rio de Janeiro, informações que chegam a ser omitidas no resumo da informante 1, a partir da versão “D”.

Os comentários pessoais, nos quais se observam dados da mundivivência das alunas, além da tentativa de se construir o resumo numa ordem sintagmática diversa daquela proposta pela autora do artigo (resumo da informante 3), demonstra que as informantes tentaram paraconstruções mais livres, o que não implicou em otimização de seus desempenhos.

Muito pelo contrário, demonstrações de falta de atenção são abundantes nesses resumos. Veja-se o caso mais notório, isto é, a sentença [5] do resumo da informante 4, no qual se destacam dados de interação do artigo principal com os dados dos documentos auxiliares. No caso ela, coloca em seu resumo uma explicação adicional da autora para que os dados da tabela inclusa no artigo sejam lidos adequadamente.

Os mapas de votação da campanha de vereadores que têm sua votação concentrada se baseiam no percentual de votos obtidos e [...] na zona eleitoral não no número absoluto de votos.[5]

Cumpre-se ressaltar que, em função do baixo desempenho obtido a partir desse documento em particular, pesquisas futuras deveriam ser encetadas no sentido de analisar o efeito de temas mais próximos à mundivivência dos alunas na seleção de sentenças para resumo com ou sem a presença dos sublinhados como variável independente.

6. Análise Geral

Este capítulo foi dividido em três seções principais. Na primeira analisa-se a influência do sublinhado e de sua adequabilidade na escolha dos elementos lingüísticos das sentenças de base aproveitados na elaboração das sentenças de resumo. Na seção subsequente, a atenção se volta às estratégias de paraconstrução. Por fim, fecha-se o capítulo observando-se a influência da forma do sublinhado nas estratégias de paraconstrução.

6.1 Influência do sublinhado

Esta seção foi dividida em dois estudos. Em primeiro lugar se perspectiva a hipótese geral que trata da influência do sublinhado. Em seguida, analisa-se a moderação da variável ‘adequabilidade da sentença sublinhada’ na seleção de sentenças para elaboração dos resumos.

6.1.1 Hipótese geral

A hipótese geral pode ser revista a seguir:

“A seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base para a produção das sentenças dos resumos informativos é influenciada pelas sublinhas do primeiro leitor, de tal sorte que os dados lingüísticos das sentenças sublinhadas nos documentos de base serão mais freqüentes nos documentos de resumo do que os dados lingüísticos das sentenças não-sublinhadas”.

A operacionalização dessa hipótese se deu a partir do cálculo da razão obtida entre o percentual de utilização dos dados lingüísticos de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e o percentual de utilização de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas. As possibilidades de resultado, descartadas as terceiras casas decimais, podem ser reconferidas na tabela abaixo¹:

¹ Este sistema de classificação foi utilizado como modelo para as demais relações similares encontradas nesta pesquisa.

Tabela 6.1 - Classificação da influência do sublinhado na escolha dos dados lingüísticos das sentenças de base utilizados na elaboração das sentenças de resumo:

<i>Razão Estabelecida</i>	<i>Classificação</i>
Entre 0,01 e 1,00	ausência de influência
Entre 1,01 e 1,25	fraquíssima influência
Entre 1,26 e 1,50	fraca influência
Entre 1,51 e 2,00	média influência
Entre 2,01 e 3,00	forte influência
Acima de 3,01	fortíssima influência

Uma vez de posse dos parâmetros de análise dos dados, passemos agora a observar os resultados do experimento (vejam-se também as tabelas do anexo 8.8).

Tabela 6.2 - Frequência das sentenças centrais e periféricas sublinhadas, intermediárias e centrais e periféricas não-sublinhadas dos documentos de base e dos documentos de resumo; e, percentual de utilização dos dados lingüísticos das sentenças de base pelas sentenças de resumo:

<i>Tipo de Sentença</i>	<i>Sentenças Centrais e Periféricas Sublinhadas</i>	<i>Sentenças Intermediárias</i>	<i>Sentenças Centrais e Periféricas Não-Sublinhadas</i>	<i>Total</i>
<i>Documento</i>				
Documentos de Base	495	625	495	1615
Documentos de Resumo	222	161	126	509
Percentual de Utilização	44,84	25,76	25,45	31,51

Os documentos de base foram marcados numa relação de uma sentença sublinhada para cada sentença não-sublinhada, ou seja, 495 casos de sentenças centrais e periféricas sublinhadas contra 495 casos de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas. As sentenças intermediárias foram excluídas do sublinhado e, desse modo, excluídas das apreciações analíticas.

As informantes elaboraram 20 documentos de resumo, compostos de 324 sentenças, das quais 2 constituíram-se como desvios². Das 322 sentenças restantes foi possível encontrar nexos com 509 sentenças de base. Destas houve 222 casos de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e 126 casos de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas. Tais resultados equivalem aos percentuais de utilização de 44,84% e 25,45%, respectivamente.

Aplicando-se o cálculo de razão, obteve-se como resultado:

$$R = \frac{\text{Sentenças Sublinhadas}}{\text{Sentenças Não-Sublinhadas}} = \frac{44,84}{25,45} = 1,76$$

A razão obtida entre o percentual de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e o percentual de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas ficou na ordem de 1,76, ou seja, no espaço intervalar entre 1,51 e 2,00 sentenças sublinhadas para cada sentença não-sublinhada. Tal resultado corroborou a hipótese experimental, ou seja,

“houve média influência do sublinhado na escolha de dados lingüísticos das sentenças de base para efeitos de elaboração das sentenças de resumo”.

Passemos agora à questão da ‘adequabilidade do sublinhado’.

² Ressalte-se que o desvio se caracteriza quando uma sentença de resumo não paraconstrói dados lingüísticos dos documentos de base.

6.1.2 Adequabilidade do sublinhado

No que se refere à variável ‘adequabilidade do sublinhado’, elenquei a seguinte hipótese:

“A variável ‘adequabilidade do sublinhado’ modera a seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base, de tal forma que o percentual de utilização de dados lingüísticos das sentenças centrais sublinhadas será maior do que o percentual de utilização de dados lingüísticos de sentenças periféricas sublinhadas.”

Os resultados da pesquisa podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 6.3 - Frequência de todas as categorias de sentenças nos documentos de base e nos documentos de resumo e percentual de utilização das categorias de sentenças dos documentos de base nos documentos de resumo:

<i>Tipos de Sentenças Documentos</i>	<i>Sentenças Centrais Sublinhadas</i>	<i>Sentenças Centrais Não-Sublinhadas</i>	<i>Sentenças Intermediárias</i>	<i>Sentenças Periféricas Sublinhadas</i>	<i>Sentenças Periféricas Não-Sublinhadas</i>	Total
Documentos de Base	245	250	625	250	245	1615
Documentos de Resumo	140	85	161	82	41	509
Percentual de Utilização	57,14	34,00	25,76	32,80	16,73	31,51

Para operacionalizar a hipótese acima aludida, fez-se necessário calcular a razão entre os percentuais de utilização de sentenças centrais marcadas pelas sublinhas e sentenças periféricas igualmente marcadas.

Nos documentos de base houve 245 sentenças centrais destacadas por sublinhado, das quais 140 foram utilizadas pelas sentenças de resumo. Entre as 250 sentenças periféricas sublinhadas, por sua vez, dados lingüísticos de 82 sentenças estão presentes nos documentos de resumo³. Isso posto, os dados obtidos a partir dos percentuais de utilização demonstram que entre as sentenças centrais sublinhadas houve um aproveitamento de 57,14%. Por outro lado, entre as sentenças periféricas sublinhadas, o percentual de utilização ficou na ordem de 32,80%.

De posse desses dados foi possível calcular a seguinte razão:

$$R = \frac{\text{Sentenças Centrais Sublinhadas}}{\text{Sentenças Periféricas Sublinhadas}} = \frac{57,14}{32,80} = 1,74$$

A razão obtida entre o percentual de utilização de sentenças centrais sublinhadas e o percentual de utilização de sentenças periféricas sublinhadas foi de 1,74. Tal razão se comporta no espaço intervalar entre 1,51 e 2,00 sentenças centrais sublinhadas para cada sentença periférica sublinhada. Pôde-se concluir, portanto que

“houve média influência da adequabilidade das sentenças sublinhadas na escolha dos elementos lingüísticos das sentenças de base utilizados na elaboração das sentenças de resumo”.

Ainda com base nos dados acima pode-se aprofundar a análise da influência do sublinhado. Tanto no domínio das sentenças centrais como no domínio das sentenças periféricas, há um aproveitamento maior dos dados das sentenças sublinhadas do que dos dados das sentenças não-sublinhadas.

³ Houve uma discrepância de 5 sentenças nos documentos de base em função do padrão de distribuição de documentos de base para cinco informantes.

Entre as sentenças centrais, uma vez sublinhadas, o percentual de utilização ficou na ordem de 57,14%; por outro lado, uma vez ausentes as marcas, o percentual cai para 34,00%. Esses dados permitem calcular uma razão de 1,68 sentenças centrais sublinhadas para cada sentença central não-sublinhada. Conclui-se, portanto, que *“houve média influência do sublinhado na escolha de dados lingüísticos de sentenças centrais dos documentos de base, aproveitados nos documentos de resumo”*.

No âmbito das sentenças periféricas, o percentual de utilização ficou na ordem de 32,80%, quando o sublinhado se fez presente; uma vez não-sublinhadas, o percentual ficou em 16,73%. Esses dados permitem calcular uma razão de 1,96 sentenças periféricas sublinhadas para cada sentença periférica não-sublinhada. Conclui-se, portanto, que *“houve média influência do sublinhado na escolha de dados lingüísticos de sentenças periféricas dos documentos de base, aproveitados nos documentos de resumo”*.

Observe-se que a razão obtida entre as sentenças periféricas foi ligeiramente superior à razão obtida entre as sentenças centrais, sugerindo que o efeito do sublinhado foi menos sensível quando os dados lingüísticos se configuravam como substanciais para a condensação do documento de partida.

Uma vez que elaborei quatro versões distintas para os documentos de base, verifiquei a possibilidade de se estabelecer relações de dependência entre as versões de sublinhado e o percentual de utilização, tanto de sentenças centrais e periféricas, quanto de sentenças sublinhadas e não-sublinhadas.

Cumpre-se atualizar que as versões foram assim constituídas: 1. Versão “A” - todas as sentenças sublinhadas são centrais; 2. Versão “B” - dois terços das sentenças sublinhadas são centrais e um terço das sentenças sublinhadas é periférico; 3. Versão “C” - um terço das sentenças sublinhadas é central e dois terços das sentenças sublinhadas são periféricos; e, 4. Versão “D” - todas as sentenças sublinhadas são periféricas.

No que se refere à adequabilidade das sentenças, obteve-se a seguinte tabela:

Tabela 6.4 - Média dos percentuais de utilização de dados lingüísticos das sentenças centrais, intermediárias e periféricas dos documentos de base na elaboração das sentenças dos documentos de resumo em função das versões de sublinhado:

<i>Versão de Sublinhado</i>	<i>Sentenças Centrais</i>	<i>Sentenças Intermediárias</i>	<i>Sentenças Periféricas</i>	Total
Versão “A”	59,10	28,51	16,75	34,03
Versão “B”	55,14	23,69	20,12	32,84
Versão “C”	34,62	22,53	27,99	28,03
Versão “D”	33,03	28,99	34,16	32,38
Total	45,45	25,76	24,84	31,51

Como se pode observar, à medida que as versões, em termos de sublinhado, privilegiam sentenças periféricas, há um decréscimo no percentual de utilização de dados lingüísticos de sentenças centrais nos documentos de resumo. Em contrapartida, pode-se observar que, nas mesmas circunstâncias, há um acréscimo no percentual de utilização de sentenças periféricas. Observe-se ainda que os dados da versão “D”, na qual todo o sublinhado se deu em sentenças periféricas, revelam um percentual de utilização de sentenças periféricas maior do que o percentual de sentenças centrais. Essa constatação pode ser reforçada no gráfico seguinte.

Em termos proporcionais, a razão estabelecida entre os percentuais de utilização de sentenças centrais e os de utilização de sentenças periféricas decai, conforme a versão

privilegia sentenças periféricas, alterando a influência ‘da adequabilidade das sentenças’ na escolha dos dados para a elaboração das sentenças dos resumos. Veja-se a tabela pertinente.

Gráfico 6.1 - Percentuais médios de utilização de dados lingüísticos das sentenças centrais e periféricas dos documentos de base na elaboração das sentenças de resumo conforme as versões de sublinhado:

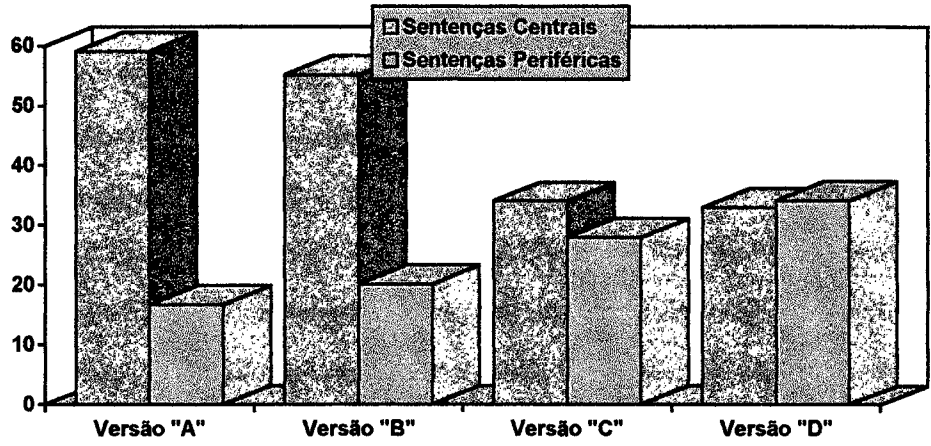


Tabela 6.5 - Razões obtidas entre os percentuais de utilização de sentenças centrais e de sentenças periféricas dos documentos de base na elaboração dos documentos de resumo, conforme as versões de sublinhado, acrescidas de classificação de influência da ‘adequabilidade das sentenças’:

<i>Configuração do Sublinhado</i>	<i>Razão Estabelecida</i>	<i>Classificação</i>
Versão “A”	3,52	fortíssima influência
Versão “B”	2,74	forte influência
Versão “C”	1,23	fraquíssima influência
Versão “D”	0,96	ausência de influência

Nas versões “A” e “B” as sentenças centrais, sublinhadas em maior número, foram significativamente mais utilizadas do que as periféricas. Por outro lado, nas versões “C” e “D”, onde as periféricas foram destacadas em maior número, a influência das sentenças centrais decai, a ponto de ser considerada nula na versão “D”, dado que o percentual de utilização das sentenças centrais foi menor do que o percentual de utilização das sentenças periféricas. Tais constatações permitem concluir que, *“a configuração do sublinhado foi capaz de moderar a influência das sentenças centrais na escolha dos dados lingüísticos das sentenças de base para fins de aproveitamento nas sentenças de resumo”*⁴.

Vejamos agora os efeitos das versões de sublinhado nos percentuais de utilização de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e centrais e periféricas não-sublinhadas.

O percentual de utilização das sentenças centrais e periféricas sublinhadas decaiu conforme privilegiaram-se, por meio de sublinhado, as sentenças periféricas. Por outro lado, em termos de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas, houve um acréscimo nos

⁴ A aplicação do teste de qui-quadrado nos dados da tabela 6.4 revelou um qui-quadrado observado na ordem de 17,73, superior ao qui-quadrado crítico de 7,815, em nível de significância de 0,05 e com 3 graus de liberdade. Esse resultado sugere que houve uma diferença estatisticamente significativa entre as versões de sublinhado e os percentuais de utilização de sentenças centrais e periféricas na elaboração dos documentos de resumo. Nesse resultado não houve influência estatisticamente significativa dos documentos de base ou das informantes.

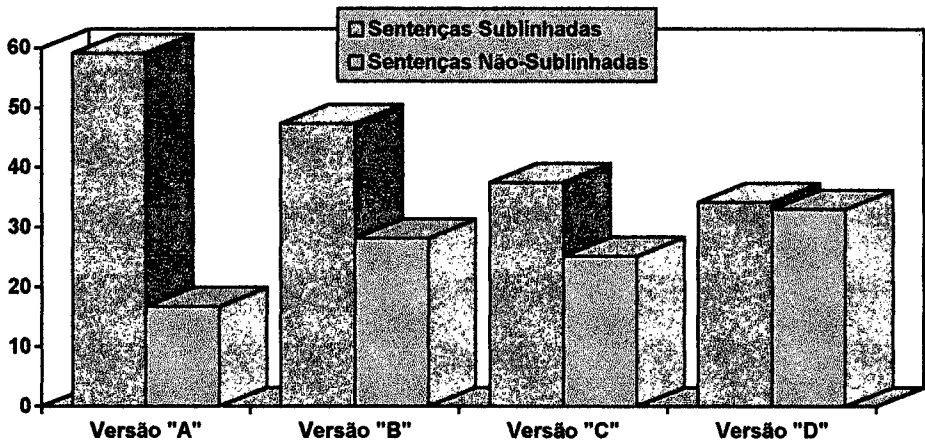
percentuais de utilização, embora o percentual da versão “B” esteja ligeiramente acima e o da versão “C” ligeiramente abaixo de um alinhamento mais homogêneo.

Tabela 6.6 - Média dos percentuais de utilização de dados lingüísticos das sentenças centrais e periféricas sublinhadas, intermediárias e centrais e periféricas não-sublinhadas dos documentos de base na elaboração das sentenças dos documentos de resumo em função das versões de sublinhado:

Versão de Sublinhado	Sentenças Sublinhadas	Sentenças Intermediárias	Sentenças Não-Sublinhadas	Total
Versão “A”	59,10	28,51	16,75	34,03
Versão “B”	47,28	23,69	28,18	32,84
Versão “C”	37,47	22,53	25,14	28,03
Versão “D”	34,16	28,99	33,03	32,38
Total	44,84	25,76	25,45	31,51

Para uma melhor visualização veja-se o gráfico correspondente.

Gráfico 6.2- Percentuais médios de utilização de dados lingüísticos das sentenças centrais e periféricas sublinhadas e de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas dos documentos de base na elaboração das sentenças de resumo conforme as versões de sublinhado:



Em termos proporcionais, a razão estabelecida entre os percentuais de utilização de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e os de utilização de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas decai, conforme a versão privilegia sentenças periféricas, alterando a influência do sublinhado das sentenças de base na escolha dos dados para a elaboração das sentenças dos resumos.

Tabela 6.7 - Razões obtidas entre os percentuais de utilização de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas dos documentos de base na elaboração dos documentos de resumo, conforme as versões de sublinhado, acrescidas de classificação de influência do ‘sublinhado das sentenças’:

Configuração do Sublinhado	Razão Estabelecida	Classificação
Versão “A”	3,52	fortíssima influência
Versão “B”	1,67	média influência
Versão “C”	1,49	fraca influência
Versão “D”	1,03	fraqüíssima influência

Os dados demonstram que na versão “A”, onde a aposição de sublinhas se deu em sentenças centrais, houve fortíssima influência do sublinhado, ou seja, 3,52 sentenças sublinhadas para cada sentença não-sublinhada. Nas versões subseqüentes “B”, “C” e “D”, nas quais se destacam respectivamente 1,67, 1,49 e 1,03 sentenças sublinhadas para cada sentença não-sublinhada, as sentenças sublinhadas exercem cada vez menor influência. Isso posto, foi possível concluir que *“a configuração do sublinhado foi capaz de moderar a influência das sentenças sublinhadas na escolha dos dados lingüísticos das sentenças de base para fins de aproveitamento nas sentenças de resumo”*⁵.

Consideremos agora as estratégias de paraconstrução.

6.2 Estratégias de paraconstrução

Duas subseções compõem esta seção. A primeira subseção apresenta a análise geral das estratégias de paraconstrução encontradas nos vinte documentos de resumo. Na segunda parte são apresentados exemplos de cada estratégia extraídos do “corpus”.

6.2.1 Análise geral

A partir dos emparelhamentos, foi possível quantificar a utilização das várias estratégias de paraconstrução apresentadas no capítulo quatro da presente tese. Neste esforço, em primeiro lugar, quantifiquei os dados obtidos da avaliação da extensão linear das sentenças e das relações de emparelhamento entre as sentenças de base e as sentenças de resumo.

Cumpre-se destacar que para este estudo perspectivado 322 das 324 sentenças que constituem os vinte documentos de resumo. Em outras palavras, excluo os dois casos de desvio observados. São essas 322 sentenças de resumo que interagem com 509 sentenças de base.

No que se refere à relação da extensão linear das sentenças de resumo com a extensão linear das sentenças de base há três possibilidades: a sentença de resumo ser menor do que a sentença de base, caso de “compressão”; a sentença de resumo ser igual à sentença de base, “manutenção”; ou, a sentença de resumo ser maior do que sua contraparte de base, “expansão”.

No que se refere às relações de emparelhamento, podem-se obter: “divisão sentencial” (uma sentença de base é bifurcada em duas sentenças de resumo), “não-marcada” (há uma relação uma-a-uma entre sentença de base e de resumo); e, “aglutinação” (há mais de uma sentença de base para uma sentença de resumo).

A tabela abaixo, que apresenta os dois estudos acima aludidos, foi construída com cinco colunas. Na primeira apresentam-se as relações de extensão das sentenças; nas três colunas subseqüentes apresentam-se as relações de emparelhamento; e, a última coluna se reserva à totalização dos dados de cada linha. A última linha da tabela totaliza os dados de cada coluna.

⁵ Uma vez aplicado o teste de qui-quadrado, obteve-se, a partir dos dados da tabela 6.6, um qui-quadrado observado na ordem de 11,75, superior ao qui-quadrado crítico tabelado de 7,815 para um nível de significância de 0,05 e com 3 graus de liberdade. Os resultados sugerem que houve influência estatisticamente significativa das versões de sublinhado na escolha dos dados lingüísticos das sentenças centrais e periféricas sublinhadas e das sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas. Testes complementares revelam que não houve influência estatisticamente significativa das alunas e dos documentos nesse resultado.

Tabela 6.8 - Frequência das relações de emparelhamento entre as sentenças de resumo e as sentenças de base em função das relações de extensão linear entre as referidas sentenças:

<i>Emparelhamento Extensão</i>	<i>Divisão</i>	<i>Não-marcada</i>	<i>Aglutinação</i>	Total
Compressão	-	175	112	287
Manutenção	2	19	2	23
Expansão	3	9	-	12
Total	5	203	114	322

Em termos de relações da linearidade lingüística, podemos destacar que em 287 casos, 89,10% do total, as sentenças de resumo são de alguma forma menores do que as contrapartes do documento de base; em 23 oportunidades, 7,14% do total, houve manutenção; e, em apenas 12 casos, ou seja, 3,72%, detectaram-se expansões da linearidade lingüística. Esses resultados permitem concluir que *“as estratégias de paraconstrução constituíram-se basicamente por procedimentos de compressão da linearidade lingüística das sentenças dos documentos de base”*.

Por sua vez, os dados obtidos a partir das relações de emparelhamento permitem destacar que em praticamente 2/3 das sentenças paraconstruídas, 63,04% dos casos, há apenas uma sentença de base como contraparte da sentença de resumo. Houve 114 casos de aglutinação, ou seja, 35,40% do total, que envolveram 303 sentenças de base. Isso implica uma média de 2,65 sentenças de base para cada sentença de resumo. A divisão ocorreu em 5 casos, ou seja, 1,55%. Esses dados permitiram concluir que *“os documentos de resumo foram emparelhados em sua maioria por relações uma-a-uma entre sentenças de base e de resumo”*.

Os dados obtidos pelo cruzamento dos dois estudos permitem concluir que as alunas nortearam suas paraconstruções a partir de duas estratégias básicas:

1. A consideração particular de uma sentença de base na construção de uma sentença de resumo, comprimindo a linearidade lingüística, isto é, a sentença de resumo é menor do que a contraparte de base, 175 casos, 54,34%; e,

2. A aglutinação de pelo menos duas sentenças de base em uma sentença de resumo, por meio de compressão da linearidade lingüística das sentenças de base envolvidas na relação, 110 casos, 34,16%.

Passemos então à consideração das estratégias.

A tabela a seguir, composta por três colunas, dedica-se às estratégias de paraconstrução propriamente ditas. Na primeira coluna, elencam-se as estratégias de paraconstrução. Na segunda, apresenta-se a frequência total de cada estratégia nos vinte documentos de resumo elaborados. Na terceira coluna, por sua vez, apresentam-se os percentuais de utilização⁶. Por fim, na última linha, elencam-se os dados totais (vejam-se também as tabelas do anexo 8.9).

A hipótese subjacente é apresentada abaixo.

“Em função da tarefa (documento de base presente) e da característica intrinsecamente seletional das sublinhas (semelhante à estratégia de cópia-apagamento de van Dijk, 1979), as estratégias de paraconstrução organizadas a partir de procedimentos de

⁶ Ressalve-se que esses percentuais equivalem à média de todos os percentuais parciais. Em primeiro lugar, calculou-se a porcentagem que cada estratégia desempenhou em cada documento de resumo. Feito isso, somaram-se os percentuais parciais e dividiram-se pelo número total de documentos de resumo, a relembrar, vinte.

cópia, acrescidos ou não de apagamento(s) e/ou paráfrase(s) simples serão mais freqüentes nos documentos de resumo do que estratégias de parafraseamento complexo (paráfrase complexa e construção)."

Tabela 6.9 - Freqüência e percentual de utilização das estratégias de paraconstrução na elaboração das sentenças de resumo.

<i>Estratégia de Paraconstrução</i>	<i>Freqüência</i>	<i>Percentual</i>
Citação	17	3,49
Cópia acrescida de apagamento	96	19,98
Cópia acrescida de paráfrase	35	7,41
Cópia acrescida de apagamento e paráfrase	248	49,46
Paráfrase complexa	9	1,67
Construção	104	17,63
Desvio	2	0,36
Total	511	100,00

Na tabela seguinte, derivada da anterior, apresento os dados de paraconstrução conforme a dicotomia apresentada na hipótese em tela.

Tabela 6.10 - Freqüência e percentual médio de utilização de estratégias de paraconstrução, agrupadas nas categorias de "cópia acrescida ou não de apagamento(s) e/ou paráfrase(s) simples" e de "parafraseamento complexo (paráfrase complexa e construção)":

<i>Estratégia de Paraconstrução</i>	<i>Freqüência</i>	<i>Percentual</i>
Cópia acrescida ou não de apagamento(s) e/ou paráfrase(s) simples	396	80,34
Parafraseamento complexo (paráfrase complexa e construção)	113	19,30
Total	511	100,00

A estratégia de cópia acrescida ou não de apagamento(s) e/ou paráfrase(s) simples foi detectada em 396 casos, ou seja, 80,34% do total de sentenças de base, incluindo-se os dois casos de desvio. As estratégias de parafraseamento complexo (paráfrase complexa e construção) foram observadas em 113 oportunidades, ou seja, 19,30%.

Isso exposto, os dados foram inequívocos no sentido de corroborar a hipótese levantada. O resultado da aplicação do cálculo da razão entre a utilização de estratégias de cópia acrescidas ou não de apagamento(s) e/ou paráfrase(s) simples e a utilização de parafraseamento complexo (paráfrase complexa e construção) ficou acima de 3,01, ou seja, 4,16 sentenças copiadas nos moldes supracitados para cada sentença parafraseada complexamente. Desse modo,

"houve fortíssima evidência de que as informantes organizaram seus documentos de resumo a partir da cópia de elementos lingüísticos das sentenças de base, acrescentando ou não apagamento(s) de excertos considerados não relevantes, combinados ou não por estratégias de paráfrase simples".

Vejamos agora alguns exemplos de cada estratégia.

6.2.2 Exemplos das estratégias de paraconstrução

Esta subseção foi organizada conforme as estratégias de paraconstrução utilizadas pelas informantes na seguinte seqüência: citação, cópia acrescida de apagamento(s), paráfrase simples, paráfrase complexa, construção e dados de criação.

6.2.2.1 Citação

A citação ocorreu 17 vezes no “corpus”. Um caso interessante de citação foi a transcrição da última sentença do documento “Estresse”, nitidamente periférica para o conteúdo informativo do artigo.

Estresse 81 Afinal, como dizia Leonardo Da Vinci: “La verità solo fu fugliora del Tempo (a verdade não é senão filha do tempo).

3314.16 Afinal, como dizia Leonardo da Vinci “La verità solo fu fugliora del tempo” (a verdade não é senão filha do tempo)⁷.

A citação não se limitou a emparelhamentos um-a-um entre a sentença de base e a sentença de resumo. Em dois casos houve citação de duas sentenças de base em uma única sentença de resumo. No exemplo abaixo repare-se que a vírgula substituiu o ponto final de sentença encontrada no original

Estresse 2 Dentro de um sistema cartesiano, a grande preocupação era oferecer explicações lógicas para todos os fenômenos.

Estresse 3 *O conhecimento então verticalizou-se na busca da 'seriedade' da comprovação e de critérios de 'validade' para qualquer tipo de pesquisa científica.*

4414.02 Dentro de um sistema cartesiano a grande preocupação era oferecer explicações lógicas p/ todos os fenômenos[,] *o conhecimento então verticalizou-se na busca da seriedade da comparação e de critérios de validade p/ qualquer tipo de pesquisa científica.*

6.2.2.2 Cópia acrescida de apagamento(s)

Foram encontradas 96 sentenças paraconstruídas por cópia acrescida de apagamentos nos 20 documentos de resumo. Transcrevi nesta subseção, contudo, exemplos dessa estratégia encontrados igualmente em sentenças diagnosticadas como cópia acrescida de apagamentos e paráfrases, 248 casos.

De um modo geral deletou-se por seleção ou supressão, constituintes apositivos.

Aids 13 O HIV infecta principalmente, *porém não exclusivamente*, células que apresentam a molécula CD4+ em sua superfície (*principalmente linfócitos t4-Helper e macrófagos*).

3132.04 O HIV infecta principalmente, [] células que apresentam a molécula CD4+ em sua superfície [].

No caso acima, as informações entre vírgulas e entre parênteses são ignoradas pela informante, que se limita a copiar os constituintes restantes.

A estratégia de apagamento, qualquer que seja o constituinte, quando mal empregada, gerou uma série de falhas nas paraconstruções, de tal modo que elas não refletem o conteúdo proposicional do documento de base e, portanto, não são adequadas enquanto resumos informativos.

No exemplo abaixo, o apagamento de “da matéria orgânica” implica um crescimento da idade do solo com a profundidade, o que, embora não deixe de fazer sentido, não corresponde ao exposto no documento de base.

Solo 31 As datações da matéria orgânica dos solos, *usando o método do carbono 14 radioativo*, evidenciam, *para grande maioria desses solos*, um crescimento regular da idade *da matéria orgânica* com a profundidade.

⁷ A formalização 3314.16 traduz-se como informante 3, tarefa 3, documento 1 “Estresse”, versão 4 “D”, sentença 16. As demais sentenças dos documentos de resumo recebem o mesmo tratamento.

3222.05 As datações da matéria orgânica dos solos [] evidenciam [] um crescimento regular da idade [] com a profundidade.

Um dos elementos recorrentes nos documentos de resumo foi o apagamento dos conectivos modalizadores, ocasionando alterações discursivas. O apagamento do modalizador “Possivelmente” acaba por matizar todo o restante do documento de resumo de uma certeza não colocada no artigo original.

Aids 37 *Possivelmente*, os principais obstáculos teóricos [...].

3132.11 [] Os obstáculos teóricos [...].

O apagamento de elementos negativos, inverte a informação de base.

Aids 37 e do fato de *não se saber* que tipo de resposta imune [...].

3132.11 no fato de [] *saber* que tipo de resposta imune [...].

No caso abaixo, além das demais alterações, a informante suprime “Ao contrário”, chegando a uma conclusão completamente diversa da conclusão da autora do artigo em pauta.

Voto 82 *Ao contrário*, se a boa representação política pudesse ser garantida pelo padrão de votação dos parlamentares, bastaria criar uma nova e rígida lei que a regulasse.

1244.12 [] A boa representação política pode ser garantida pelo padrão de votação dos parlamentares, bastando criar uma nova e rígida lei que a regule.

No exemplo a seguir observe-se que o apagamento de “independentes” gera uma falha de interpretação dado que as “características semelhantes” passam a ser conectadas com “causa da enfermidade”. No original lê-se justamente que elas são “independentes da causa da enfermidade”.

Estresse 6 [...] mostravam *um conjunto de* características muito semelhantes, *independentes* da causa da enfermidade.

1113.03 [...] mostravam [] características muitos semelhantes [] da causa da enfermidade.

Um caso muito comum em todo o “corpus” foi a particularização indevida originária do corte de determinados elementos de uma enumeração. Observe-se os casos abaixo

Estresse 29 Outros hormônios como a *insulina*, a ocitocina, a *tiroxina*, a ADH (hormônio antidiurético) e a serotonina [...].

2211.06 Outros hormônios como a *insulina*, a *tiroxina* [...].

Solo 21 As linhas de cascalhos ferruginosos ou quatzosos observadas em profundidade nos solos, por exemplo, foram consideradas, nos anos 60 e 70, como indícios de climas que teriam permitido uma erosão *e uma desnudação do solo*, seguidas por um recobrimento de materiais não consolidados.

1421.07 [...]No entanto, as linhas de cascalhos ferruginosos foram consideradas nos anos 60 e 70 como indícios de climas que teriam permitido uma erosão, [] porém estudos mostraram que essa interpretação era muitas vezes falsas!

Voto 25 Quem é candidato à reeleição também procura colocar no seu material de propaganda uma lista de obras de urbanização, *calçamentos*, iluminação, *urbanização* de praças, reforma de escolas realizadas na região e conseguidas através do mandato anterior [...]

4142.08 O candidato a reeleição usufruem do que já concretizou, tipo *calçamentos*, *urbanização*, [...].

Voto 48 Muitos eleitores estão preocupados justamente com *essas diferenças ideológicas*, que podem não estar claras no *texto* da campanha, mas são explicitas na

filiação partidária, *no discurso de palanque*, no contato pessoal e na imagem pública do candidato.

4334.11 Muitos eleitores estão preocupados justamente com *isso*, que pode não estar claro nos textos das campanhas, mas são explícitas na filiação partidária, [] no contato pessoal e imagem pública do candidato

A ausência de “dialética” trunca os dados da sentença apresentada abaixo

Estresse 68 Apenas através de um raciocínio mais amplo e de uma visão 'tridimensional' e dialética será possível compreender esses fenômenos em sua totalidade.

1113.16 Através de um raciocínio amplo e uma visão tridimensional [] será possível compreender esse fenômeno em sua totalidade.

No exemplo abaixo, a supressão de “de respostas” e de “semelhantes” fez com que a sentença perdesse sentido. Todavia, ressalte-se que mesmo que esses itens lexicais tivessem sido contemplados, não fariam sentido, dado que a informante não destaca a analogia entre ratos e seres humanos no que se refere à leishmaniose (ver artigo “Aids”), truncando a seqüência de seu documento.

Aids 69 Apenas em 1992-3 demonstrou-se a existência *de respostas* imunológicas *semelhantes* em seres humanos.

2432.18 Em 1992/93 demonstrou-se a existência [] imunológica [] nos seres humanos.

O apagamento de “candidatos a”, no exemplo seguinte, altera o conteúdo proposicional da sentença de modo a inferir-se que só os “vereadores” teriam centros assistenciais.

Voto 23 São muitos os *candidatos a* vereador que têm um ou mais centros de serviço assistencial à disposição da população local.

2343.09 A maioria dos [] vereadores tem um ou mais centros de serviço assistencial à disposição da população local.

Observe-se a seguir um dos casos de incompletude do verbo transitivo, ocorrida em função do apagamentos do seu complemento.

Voto 53 Assim, os diferentes padrões de votação (figuras 1, 2 e 3) mostram que o político, enquanto conquista os eleitores construindo para si próprio a imagem de representante de certos valores, está também mapeando repertórios e códigos culturais não individuais, mas constitutivos e internos à própria sociedade.

3243.15 [] Enquanto conquista os eleitores construindo para si próprio [?], está também mapeando repertório e códigos culturais não individuais, mas construtivos e internos à própria sociedade, [...].

6.2.2.3 Paráfrase simples

Nesta subseção observarei, em primeiro lugar, as estratégias envolvendo itens lexicais e, posteriormente, estratégias envolvendo questões sintagmáticas.

6.2.2.3.1 Alteração Lexical

Expansão Lexical

De um modo geral, os casos de expansão lexical ocorreram em situações nas quais o documento de base trabalhava itens lexicais por meio de pro-formas, generalização e demais recursos de implicitação de informações. Veja-se um caso.

No exemplo abaixo as alunas explicitam os dois sistemas “nervoso e imune” colocados em questão no documento “Estresse”.

Estresse 28 A interação entre os *dois sistemas* [...].

3314.02 A interação entre *o sistema nervoso e o sistema imune* [...].

1113.09 A interação entre *o sistema nervoso e o sistema imune* [...].

No caso abaixo, a autora do artigo “Atrás do voto”, implícita que “a relação com os eleitores” é uma relação entre “candidato e eleitor”. A informante, contudo, explicita os componentes da relação.

Voto 4 A relação *com os eleitores* é a base que dá legitimidade a uma candidatura *e, conseqüentemente*, ao político.

2343.03 A relação *entre o candidato e o eleitor* é a base que dá legitimidade a uma candidatura, *e claro* o político.

A expansão gerou acréscimo de constituintes, como no caso abaixo, em que há um acréscimo de um sintagma preposicionado ao já existente e privilegiado pela autora do artigo.

Voto 18 Esse tipo de campanha procura criar uma relação de cumplicidade entre o candidato e o eleitor, de forma que ambos se sintam fazendo parte [*] de um mesmo círculo social.

2343.06 Isto faz com que o candidato e o eleitor se sintam fazendo parte *de um mesmo grupo*, de um mesmo círculo social.

Substituição

Os procedimentos de substituição lexical foram abundantes no “corpus”. Não faço aqui senão destacar alguns casos.

Os exemplos abaixo representam substituições típicas encontradas nos documentos.

Voto 77 De outro lado, *vimos outro grupo* de parlamentares [...].

4334.08 De outro lado, *aparece um grupo* [...].

Voto 78 Essa descrição *representa* uma tendência [...].

4334.09 Essa descrição *é* uma tendência [...].

Outras são peculiares, como a que apresento abaixo.

Aids 70 [...], *o* médico norte-americano Jonas Salk [...].

2432.19 *Certo* médico norte-americano Jonas Salk [...].

No exemplo abaixo, a substituição lexical gera alteração sintática e problemas semânticos, dado que os constituintes em itálico passam de SAdv para SN sujeito. Lógico que a imunidade é relativa às “cepas de camundongos” e não aos “experimentos” como quer a informante.

Aids 72 *Em modelos experimentais*, cepas de camundongos [...] são imunes à leishmaniose.

2432.20 *Experimentos com cepas* de camundongos [...] são imunes à leishmaniose.

No caso a seguir, repare-se na troca de papéis entre os itens lexicais envolvidos no sintagma sob destaque.

Aids 92 Os recentes avanços da imunologia, as *evidências de existirem pessoas resistentes* à infecção pelo HIV [...].

4233.14 Os avanços da imunologia e a *existência de evidências de pessoas resistirem* a infecção pelo HIV[...].

Outro dado interessante foram trocas lexicais equivocadas como as que destaco a seguir.

Aids 53 [...] contra a qual são *dirigidos* os anticorpos [...].

3132.14 [...] contra a qual são *ingeridos* os anticorpos [...].

Solo 51 da presença de uma matéria orgânica antiga umidificada e *estável* [...].

2124.18 [...] presença de uma matéria antiga umidificada e *instável* nesse solo de Mato Grosso.

Voto 37 Já os candidatos eleitos pelos bairros da zona sul (onde se concentra a população de *maior* poder aquisitivo da cidade) e arredores da Tijuca (considerado o bairro mais 'zona sul' da zona norte) [...].

4142.11 Os candidatos eleitos pelos bairros de *menor* poder aquisitivo [...].

Observe-se “aberta ao conhecimento” como tentativa de paráfrase da sentença [4] do documento “Estresse”.

Estresse 4 Modernamente, a ciência tem aberto cada vez mais espaço para viver uma fase de síntese, ou seja: os conhecimentos estão sendo objeto de novas reflexões em um movimento que procura relacioná-los uns com os outros, a fim de que o homem possa entender melhor a unidade da natureza.

2211.01 Hoje temos uma ciência *aberta ao conhecimento* [...]

Veja-se como a informante 5 paraconstrói a mesma sentença

5112.01 Modernamente, a ciência tem se preocupado em analisar os seus fenômenos e renová-los, estudando-os.

Esses descuidos foram particularmente complicados quando envolviam conectivos. No exemplo abaixo a substituição de “portanto” por “mas” não foi adequada, truncando o conteúdo proposicional em tela.

Solo 5 [...] puderam teoricamente evoluir por um longo tempo sem terem sido submetidos a uma submersão pelo mar, a uma erosão mecânica intensa, ou à ação das geleiras.

Solo 6 *Portanto*, esses solos podem apresentar traços herdados dos climas que se sucederam durante sua longa formação.

2124.03 Nas zonas úmidas, os solos puderam evoluir por um longo tempo sem abusos (sic) da natureza, *mas* podem apresentar traços herdados dos climas que se manifestam durante esse longo tempo de evolução.

Por outro lado, um exemplo de substituição bem sucedido é o apresentado abaixo no qual se transforma a sentença de base negativa, numa construção positiva.

Estresse 67 *Nem mesmo o termo 'feedback' (retroalimentação) é suficiente* para ilustrar a complexidade desse sistema, composto de interações múltiplas.

1113.15 *O termo feedback é insuficiente* para ilustrar a complexidade desse sistema, composto de interações múltiplas.

Redução

No exemplo abaixo observa-se um caso de redução, completamente inverso do exemplo de expansão, apresentado anteriormente. A informante substitui toda a seqüência do original por “Essa”, dado que as considera implícitas. Frise-se que esta sentença ocorre imediatamente depois da sentença [9], na qual a estratégia foi a de explicitação dos sistemas envolvidos.

Estresse 35 *Mas a interação entre o sistema nervoso central e o sistema imune* [...].

1113. 10 *Essa interação* [...].

Generalização

A generalização ocorreu no seguinte caso, já destacado anteriormente.

Aids 49 Tomando por base modelos de outras infecções para as quais existem vacinas eficazes *como, por exemplo, poliomelite, sarampo ou raiva* [...].

3132.12 Tomando por base modelos de outras infecções *virais* para as quais existem vacinas eficazes [...].

“Virais”, além de se constituir num deslocamento de constituintes, generaliza a enumeração de doenças destacadas pelo autor do artigo.

Transferência

Um caso interessante é a substituição do sujeito por pro-forma e deletamento dessa pro-forma. Veja-se o caso.

Aids 7 Nessa mesma época, a *OMS* estimava que [...].

2432.04 *[eles]* Esperavam também que [...].

Há nesse caso uma operação cognitiva de transferência lexical que substitui “OMS” pelos seus representantes, via o pronome “eles”. Posteriormente a pro-forma foi apagada por seleção, dado que a relação é perfeitamente deduzível.

Transformações Discursivas

Além dos casos já mencionados em que o apagamento, em especial de conectivos, altera o conteúdo proposicional das sentenças, destaquei neste item um caso que considerei significativo.

Solo 28 *Mesmo sem modificar os sistemas de solos de uma forma visível*, as oscilações climáticas recentes podem ter deixado marcas em alguns dos componentes dos solos.

3222.04 [...] *Entretanto*, as oscilações climáticas recentes podem ter deixado marcas em alguns dos componentes dos solos.

3222.03 Se oscilações climáticas recentes ocorreram com o desaparecimento da floresta, essas mudanças não foram longas o suficiente para mudar ou induzir à formação de paisagens diferentes.

Na sentença acima percebemos um acréscimo de conectivo, motivado pela sentença anterior, dado que ao se apagar a primeira cláusula a ligação se dá com a sentença [03] do documento de resumo, uma solução adequada no caso.

6.2.2.3.2 Alteração sintática

Transformação de voz

A paraconstrução por transformação da construção ativa para uma construção passiva pode ser observada nos exemplos abaixo.

Estresse 5 [...] *Hans Seyle apresentou*, pela primeira vez em biologia, *o conceito de estresse*.

4414.04 *O conceito de estresse foi apresentado* pela 1ª vez em biologia no ano de 1936 *pelo cientista e médico austríaco Hans Seyle* [...].

Nem sempre a transformação é tão cristalina.

Aids 1 Em 1981, *o Center for Disease Control and Prevention* (CDC) dos Estados Unidos *registrou os primeiros casos de uma nova e fatal doença*, que se tornou conhecida como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS).

2432.01 No ano de 1991, *foi descoberta a fatal doença*, chamada de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA-AIDS) nos Estados Unidos.

Nesse caso o sintagma nominal sujeito passa a sintagma adverbial locativo e a construção ativa é substituída pela construção passiva. Em paralelo, “que se tornou conhecida” é substituída por “chamada de”.

Transformação clausal

No exemplo abaixo, os determinantes do SN sujeito são expandidas para uma construção clausal adjetiva, reduzida de participípio.

Voto 17 A propaganda *desses candidatos* ('santinhos', cartazes etc.) *tem em geral* três características básicas:[...].

2343.07 A propaganda *feita pelos candidatos* [] *mostra-se com* três características básicas, [...].

Eis um exemplo com várias alterações sintáticas

Aids 16 A consequência final da infecção pelo HIV é uma contínua e previsível deterioração do sistema imune, caracterizada pela diminuição progressiva dos linfócitos CD4+ que de início compromete principalmente a imunidade celular.

2432.07 Como consequência final, ela deterioriza os sistema imune, diminuindo os linfócitos CD4+ comprometendo a imunidade celular.

Veja-se que a primeira cláusula, à base de copulativo é paraconstruída com SN objetivo, deslocando “consequência final” para SAdv. As duas clausulas adjetivas são reduzidas por meio de gerúndio, permitindo o deletamento de alguns constituintes.

No caso a seguir paraconstrói-se um verbo transitivo numa construção com copulativo e sintagma adjetival.

Aids 11 O HIV *pertence* à subfamília dos lentivírus dos retrovírus humanos.

4233.07 O vírus HIV *é pertencente* da subfamília dos lentivírus os retrovírus humanos.

No exemplo abaixo, por sua vez, há um processo de transformação de cláusula para constituintes menores

Aids 1 [...] uma nova e fatal doença *que se tornou conhecida* como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS).

1332.01 [...] de uma fatal doença *conhecida* como Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

No caso a seguir, a redução lexical permitiu que a construção como copulativo + sintagma adjetival + cláusula de finalidade fosse transformada numa cláusula absoluta com verbo transitivo + SN objetivo e, desse modo, houve uma compressão da sentença de base.

Voto 32 A idéia de pertencimento, como no grupo comunitário, *é fundamental para criar* a identificação entre candidato e eleitor.

2343.12 Esta idéia de pertencimento [] *cria* a identificação entre o candidato e o eleitor.

Caso assemelhado ocorreu no exemplo seguinte.

Voto 48 Muitos eleitores *estão preocupados* justamente com essas diferenças ideológicas [...].

2343.14 Muitos eleitores *se preocupam* [] com essas diferenças ideológicas [...].

Como dado final, vejamos as paraconstruções do início da sentença [33] do artigo “Aids”, nas quais o SN sujeito, nos três casos, é expandido numa cláusula completa.

Aids 33 Existem apenas três vias de transmissão do HIV: [...].

2432.14 A transmissão dessa doença caracteriza-se em 3 vias: [...].

3132.10 A transmissão do HIV ocorre de três maneiras: [...].

5334.06 A transmissão de HIV pode ser de três formas: [...].

Inversão sintagmática entre cláusulas

Um dado interessante é a paraconstrução das sentenças [78] e [79] do artigo “Estresse”, cuja ordem foi invertida pela informante.

Estresse 77 Dentro de uma visão de unidade fisiopatológica, *o homem é o único ser vivo capaz de ser seu próprio agente estressor*, e o faz através do pensamento.

Estresse 78 Assim, o entendimento do mecanismo do estresse nos animais de experimentação não nos dá o direito de fazer extrapolações diretas para a espécie humana.

5112.10 As experiências realizadas com animais não dão, na opinião dos cientistas o mesmo resultado do que no ser humano, [pois] *esse é o único ser vivo que causa seu próprio estresse* e portanto diferente dos animais.

No caso a relação clausal de causa e consequência é substituída por uma relação em que a consequência antecede a causa. Repare-se na excelência do uso do conectivo “pois” no exemplo.

Inversão entre constituintes de cláusulas

O “corpus” possui abundantes exemplos de deslocamentos de constituintes. No exemplo temos deslocamentos de SAdv locativo

Aids 8 *No Brasil*, até o final de 1993, cerca de 45 mil casos já foram oficialmente notificados [...].

2432.05 Até o final de 1993, cerca de 45 mil casos já foram notificados *no Brasil* [...].

No exemplo abaixo há um deslocamento de SAdv temporal, transformado numa espécie de circunstância de companhia.

Aids 31 *Após o advento daqueles tipos de tratamento*, houve aumento significativo da sobrevida após o diagnóstico da AIDS, e hoje nos países desenvolvidos, a sobrevida média fica em torno de 3 anos.

2432.13 Hoje a sobrevida estima-se em 3 anos, *com a existência desses tratamentos*.

Vejam-se abaixo os deslocamentos de “então”, de “assim” e de “apenas”.

Aids 52 Se o mesmo for verdade em relação ao HIV, *então* [...].

3132. 13 Sendo verdade, *então* em relação ao HIV [...].

Solo 41 *Assim*, pode-se deduzir que, [...].

3222.08 Pode-se *assim* deduzir que [...].

Voto 72 O que procuramos mostrar é que o político não *apenas* nasce dos votos de uma sociedade.

4334.04 [] O político não nasce *apenas* dos votos de uma sociedade.

No exemplo a seguir, além da transformação ativa/passiva e da redução lexical “Estados Unidos” para “EUA”, há uma série de deslocamentos.

Aids 1 *Em 1981*, o Center for Disease Control and Prevention (CDC) dos Estados Unidos registrou os *primeiros casos* de uma nova e *fatal* doença que se tornou conhecida como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS).

2433.01 Os *1^{os} casos* de AIDS foram registrados *em 1981* no Centers for Disease Control and Prevention dos EUA, *tida como fatal* [...].

Conexões Intersentenciais

Um procedimento recorrente nas paraconstruções foi a utilização de gerúndio como conector intersentencial, em especial em casos de aglutinação, de onde provém meus destaques neste item. Observe-se abaixo as aglutinações de sentenças pela construção à base de “sendo que”

Aids 11 O HIV *pertence* à subfamília dos lentivírus dos retrovírus humanos.

Aids 12 Como todos os retrovírus, tem material genético [...].

4233.07 O vírus HIV *é pertencente* da subfamília dos lentivírus os retrovírus humanos [sendo que] todos eles têm material genético.

Aids 86 O outro tipo de observação que aparentemente corrobora teoria Salk decorre de experimentos de vacinação de primatas com o vírus da AIDS de símios (SIV).

Aids 87 A infecção pelo SIV provoca em algumas espécies de primatas quadro semelhante à AIDS, sendo fatal em relativamente curto espaço de tempo.

4233.13 Outra observação p/ a teoria Salk decorre de experimentos de vacinação de primatas com o vírus da AIDS em símios (SIV) [sendo que] a infecção provoca em alguns primatas quadro semelhante a AIDS.

Veja-se a aglutinação de 4 sentenças de base via “sendo que”, “sendo” e “e”.

Aids 16 A consequência final da infecção é uma contínua e previsível deteriorização do sistema imune caracterizada pela diminuição progressiva de linfócitos CD4+, que de início compromete principalmente a imunidade celular.

Aids 17 A Aids é uma manifestação tardia do processo.

Aids 18 A AIDS é definida como sendo um estágio avançado de infecção pelo HIV, caracterizado pela ocorrência de infecções oportunistas (assim chamadas porque, em geral, só ocorrem em pacientes imunodeprimidos) e/ou por determinadas neoplasias.

Aids 19 Assim, seu diagnóstico fica restrito aos pacientes cuja imunodepressão ocasionada pela infecção do HIV já tenha atingido determinado limiar, tornando-os susceptíveis a doenças que normalmente não ocorrem em indivíduos imunocompetentes.

4233.08 A consequência final da infecção do HIV é a deterioração do sistema imune celular do organismo, [sendo que] a AIDS é uma manifestação tardia do processo, [sendo] definida como estágio avançado da infecção pelo HIV [e] seu diagnóstico só é obtido quando já tenha um certo grau de infecção.

No exemplo a seguir o verbo utilizado é “ter”.

Voto 22 Justamente por isso, as obras sociais, capitaneadas pelos políticos, são a peça-chave desse tipo de campanha.

Voto 23 São muitos os candidatos a vereador que têm um ou mais centros de serviço assistencial à disposição da população local.

1244.05 Justamente por isso os políticos tem como peça chave as obras sociais, muitos [tendo] centro assistencial.

Observe-se mais um caso, envolvendo os verbos “criar” e “haver”.

Voto 27 Os vereadores que se elegem com votos espalhados mais ou menos igualmente por toda a cidade têm votações seguindo o padrão mostrado na figura 2.

Voto 29 A principal característica desse tipo de político é ter por bandeira a defesa de alguma categoria profissional, étnica ou religiosa.

Voto 30 Como no primeiro caso, a campanha é feita de forma direcionada para o grupo de eleitores que se pretende atingir, observando igualmente o fato de que o candidato também pertence (ou pertenceu) ao mesmo grupo de seus eleitores.

Voto 33 Como observamos, a existência de uma cumplicidade via experiência de vida em comum é o grande apelo que as campanhas vão utilizar para conquistar o eleitor.

4142.09 Os vereadores que se elegeram com votos espalhados têm como principal característica a defesa de alguma categoria profissional, religiosa ou étnica, [criando] a idéia de pertencer e identificar-se com o eleitor, [havendo] entre esses a cumplicidade de vida comum.

No exemplo abaixo, observe-se que a ligação é feita por “e”. Além disso, pode-se perspectivar o deslocamento do SAdv temporal “no decorrer do tempo”.

Solo 40 Por isso, quando duas coberturas vegetais compostas de ciclos fotossintéticos diferentes se sucedem, observam-se, *no decorrer do tempo* modificações os valores de $\delta^{13}\text{C}$ nas camadas dos solos.

3222.03 A matéria orgânica das camadas superficiais dos solos possui uma relação $^{13}\text{C}/^{12}\text{C}$ muito próxima da existente na vegetação que se origina [e] *no decorrer do tempo*, observam-se modificações no valor de $\delta^{13}\text{C}$ nas camadas do solo.

Observe-se a seguir “onde os quais” como elementos de ligação intersentencial.

Solo 23 Na paisagem, os solos são geralmente organizados em sistemas que podem ser entendidos na escala da unidade de relevo.

Solo 25 Tais sistemas são ao mesmo tempo as conseqüências e o motor da formação de paisagens.

2124.08 Na paisagem os solos são geralmente organizados em sistemas, [onde os quais] suas conseqüências e o seu motor fazem a formação da paisagem.

Veja-se abaixo um exemplo de aglutinação bem sucedida.

Estresse 8 Estudando o fenômeno de modo sistemático, Seyle tentou mostrar a indivisibilidade do indivíduo em seu conjunto e observou várias fases de resposta adaptativa.

Estresse 9 A primeira fase, identificada como reação de alarme, corresponde ao estresse agudo, quando há predomínio de uma resposta essencialmente nervosa.

Estresse 11 A segunda fase foi chamada de período de resistência e corresponde ao estresse crônico, no qual o organismo habitua-se à presença do agente causador do estresse (estressor).

Estresse 14 O último estágio seria a fase de exaustão, que corresponde ao período pré-agônico, com presença de falência orgânica múltipla.

2211.03 Seyle estudou isto de forma sistemática, [onde] observou três fases de respostas adaptativa: 1a reação de alarme; 2a período de resistência; 3a fase de exaustão.

6.2.2.4 Paráfrase complexa

Como já se disse, a paráfrase complexa se configura quando os procedimentos de paráfrase são superiores aos de cópia. No âmbito da paráfrase complexa, entretanto, dimensionei as construções cujos limites se fixassem no âmbito de uma única sentença de base.

Veja-se um caso.

Voto 18 Esse tipo de campanha procura criar uma relação de cumplicidade entre o candidato e o eleitor, de forma que ambos se sintam fazendo parte de um mesmo círculo social.

1244.07 A existência da cumplicidade é o apelo das campanhas.

No caso acima, os procedimentos de paráfrase são mais relevantes do que os de cópia. “Existência de cumplicidade” retoma “relação de cumplicidade entre o candidato e o eleitor, de forma que ambos se sintam parte de um mesmo círculo social”; “é o apelo” retoma “procura criar”; e campanha recupera “este tipo de campanha”. Além disso, percebe-se uma inversão sintagmática entre os constituintes, configurando-se uma cláusula absoluta em vez de cláusulas que configuram uma sentença complexa.

Esse procedimento pode ser observado em excertos de sentenças. Observe-se a paráfrase abaixo na qual os resultados de experimentos em camundongos, são transferidos para seres humanos no artigo “Aids”, o que está implicado no corpo da sentença de base em destaque.

Aids 78 *Observações desse tipo levaram Salk a sugerir que [...].*

2432.21 *Isto em seres humanos seria que [...].*

Vejam-se outros casos de paráfrase.

Voto 6 Em contrapartida, o político acredita que, exercendo o mandato, está retribuindo a escolha e cumprindo um dever que o fará abrir mão de sua vida pessoal em nome da dedicação e do esforço pelo bem-estar dos que o elegeram.

2343.05 Então partirá daí seu dever perante ela, deixando sua vida pessoal para se dedicar ao bem-estar dos que o elegeram.

Voto 67 Assim, pode facilmente adequar a posição das partes à sua própria possibilidade de atendê-las e, com isso, beneficiar a si próprio, pois nem sempre há uma sintonia entre as vontades dos representantes e representados.

2343.17 Assim, ele pode atender as diversas partes que o rodeia, beneficiando a si próprio ao mesmo tempo.

Como todos os procedimentos perspectivados, houve paráfrases malsucedidas.

Voto 68 É claro que o mau uso dessa posição gera distorções como as que proliferam no quadro caótico da política brasileira.

2343.18 Com o mau uso dessa posição pode-se gerar um quadro caótico e uma visão distorcida na problemática dessa situação.

No caso acima a sentença produzida pela informante não corresponde ao conteúdo proposicional de base, distorcendo-o.

6.2.2.5 Construção

No exemplo abaixo a informante 5 parafraseia a concentração de votos da sentença [14] como “eleitos por uma única zona eleitoral”. Por intermédio de “falam do mesmo jeito” apresenta os dados da sentença [18].

Voto 14 Vejamos, em primeiro lugar, alguns exemplos de campanha de vereadores que têm votação concentrada, visualizada na figura 1, que reproduz os resultados do boletim eleitoral de um vereador pelas zonas eleitorais.

Voto 18 Esse tipo de campanha procura criar uma relação de cumplicidade entre o candidato e o eleitor, de forma que ambos se sintam fazendo parte de um mesmo círculo social.

5141.03 Os que são eleitos por uma única zona eleitoral, geralmente se identificam e falam do mesmo jeito que seus eleitores, pertencentes a essa zona.

Repare-se abaixo o esforço de parafrasear as sentenças [39] e [40] como um todo.

Voto 39 Ao contrário das listas de obras e nomes de bairros, a campanha típica desse grupo fala genericamente em cidade, Rio de Janeiro, e traz sempre uma ênfase em palavras de ordem, como ética, honestidade, justiça, cidadania, trabalho e combate à corrupção.

Voto 40 Mais do que uma identificação com algum grupo ou setor da sociedade, a campanha desses políticos tende a girar em torno de bandeiras morais e éticas, sempre procurando associar o nome do candidato a uma prática de honestidade, independentemente do caráter progressista ou não de sua visão política.

5141.06 Há também os candidatos que lutam pelo sentido de moralizar a classe política, se diferenciando dos candidatos corruptos, ou seja, se colocando como honestos e confiáveis.

Do mesmo modo, veja-se a construção abaixo.

Voto 49 Apesar das diferenças nos três padrões de comportamento eleitoral que examinamos acima (figuras 1, 2 e 3), a análise dos textos de campanha de todos os

candidatos revela a estratégia de convencimento do eleitor é a de construir para o vereador um pertencimento ao grupo (ou grupos) de referência de seus eleitores.

Voto 50 O vereador não faz parte necessariamente do mesmo universo cultural de seus eleitores.

Voto 51 Ao contrário, o seu maior trunfo está no fato de ser alguém de fora, ou que saiu do grupo, que transita por outros universos culturais tendo, ao mesmo tempo, a habilidade de comunicar-se na linguagem do grupo do qual é reconhecido como representante.

5141.07 O principal trunfo dos textos de propaganda da maioria dos políticos é o de se fazerem pertencer ao grupo de seus eleitores, entretanto não é necessário fazer parte realmente e sim demonstrar que irá lutar pelos direitos e vontades de seus eleitores, representando-os.

No exemplo a seguir, organizado pela informante 4, “obtenção” parafraseia “conquista”; “cargo político” substitui “mandato legislativo”; “se dá a partir” está em lugar de “é produto da”; e, por fim, “depende da ligação de valores culturais” parafraseia “está, em grande parte, fundada num intercâmbio de valores culturais”. A ligação se dá pelo conectivo “e”.

Voto 1 *A conquista de um mandato legislativo, seja na esfera municipal, estadual ou federal, é produto da relação entre o político e seus eleitores.*

Voto 2 A partir de uma recente pesquisa realizada com os vereadores da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, podemos compreender que, além da troca do voto pelo mandato, *a relação entre eleitores e políticos está, em grande parte, fundada num intercâmbio de valores culturais.*

4142.01 A obtenção de um cargo político se dá a partir da relação existente entre políticos e eleitores [e] e depende da ligação de valores culturais.

6.2.2.6 Criação

A influência da mundivivência das alunas e do conhecimento dos padrões textuais podem ser visualizados numa série de exemplos que transcrevo nesta subseção.

Um caso onde o conhecimento textual é relevante pode ser visto abaixo.

5334.01 Os números de casos de AIDS estão avançando em ritmo assustador.

Observe-se que não há qualquer sentença no documento de base “Aids” em que o autor coloque os dados dessa sentença. Contudo, percebe-se que a par da necessidade de colocar a sua opinião, a informante cria um dado de entrada para o seu resumo que se manifesta como “Previsão”, nos moldes do padrão “Previsão/Detalhes”.

No caso abaixo, a informante ultrapassa as demandas da tarefa e organiza uma sentença com argumentos críticos.

Voto 85 No entanto, é preciso insistir no óbvio: a boa representação política é aquela que mais aproxima as vontades de representantes e representados; aquela em que ambas as partes têm consciência de que a sua relação é voltada para o bem comum.

5141.10 Definitivamente, o povo precisa diagnosticar um bom representante e cobrar dele suas promessas, participando ativamente de um processo democrático, voltado ao bem-estar de todos.

Essa sentença, embora apresente amarras com a sentença de base, não se configura como adequada num resumo informativo.

Os mesmos fenômenos de interferência pessoal podem ser vistos a seguir. Não há no artigo de base os dados em *itálico* nas três sentenças de resumo abaixo.

2343.13 Ao contrário das listas de obras e nomes de bairros, as campanhas são feitas em torno da cidade, falando de honestidade, justiça, cidadania, trabalho e combate à

corrupção [39], sempre (preocupado) procurando associar o nome do candidato com honestidade [42], dando a se entender que ele não está lá para trocar seu voto por um saco de cimento [43], e *sim em busca de uma vida mais digna para o povo* [?].

Voto 30 Como no primeiro caso, a campanha é feita de forma direcionada para o grupo de eleitores que se pretende atingir, observando igualmente o fato de que o candidato também pertence (ou pertenceu) ao mesmo grupo de seus eleitores.

2343.11 A campanha é feita de forma direcionada, *onde o candidato pertence ao eleitor e o eleitor pertence ao candidato*, [...].

Voto 25 Quem é candidato a reeleição [...]no intuito de provar que já vem trabalhando em prol da comunidade há muitos anos.

4142.08 O candidato a reeleição [...] com a intenção de provar que trabalhou *e que o fará novamente*.

No exemplo abaixo, a questão do desmatamento provocado pelo homem não é posta em questão pelos autores do documento de origem.

Solo 27 Se oscilações climáticas recentes ocorreram, com desaparecimento da floresta, essas mudanças não foram intensas ou longas o suficiente para modificar ou para induzir a formação de formas de paisagem diferentes.

5233.05 As mudanças que ocorreram na floresta, como os **desmatamentos**, ainda não interferiram na formação de diferentes paisagens, mas já deixaram marcas no solo, através do clima.

“Cuiabá” a seguir, só pode ser entendido como uma associação feita com o estado do Mato Grosso, estado da federação de onde se originam os dados do isótopo delta 13C em jogo no setor do artigo em destaque.

Solo 61 O estudo palinológico e sedimentológico realizado por uma equipe franco-brasileira mostrou que, ao longo dos últimos 60 mil anos, ocorreram quatro episódios climáticos mais secos que o atual.

5323.10 Ao longo dos 60 mil anos, o clima esteve mais seco em **Cuiabá** do que atualmente o que coincide com a hipótese do incêndio, ou seja, a afirma.

6.3 Influência da forma do sublinhado

O objetivo desta seção foi verificar a possibilidade de influência de ‘formas específicas de sublinhado’ nas parconstruções das alunas. Em função dessa variável, as sentenças de base foram sublinhadas de forma integral, de forma a se destacar(em) cláusula(s) específica(s) e de forma a se destacarem itens lexicais específicos.

A hipótese subjacente pode ser revista a seguir.

“A forma do sublinhado influencia as estratégias de paraconstrução, de tal modo que:

a) Sentenças sublinhadas integralmente nos documentos de base sofrerão processos de compressão da sua linearidade lingüística;

b) Sentenças sublinhadas em cláusula(s) específica(s) nos documentos de base sofrerão processos de cópia dos excertos sublinhados e apagamento dos excertos não-sublinhados; e,

c) Sentenças sublinhadas em itens lexicais específicos nos documentos de base sofrerão processos de preenchimento das lacunas interlexicais não sublinhadas, de tal sorte

que, tomando-se em conta os elementos sublinhados, ocorreria uma expansão (aumento de elementos lingüísticos)."

Com base no enunciado acima, vejamos os resultados obtidos a partir de cada 'forma de sublinhado' em particular.

6.3.1 Sublinhado integral

Na tabela a seguir, apresentam-se os resultados da análise da linearidade lingüística das sentenças de resumo em função da linearidade lingüística das sentenças de base sublinhadas. A tabela contém quatro colunas. Na primeira apresentam-se as 'formas de sublinhado'. Nas três colunas subseqüentes apresentam-se as categorias de "compressão", "manutenção" e "expansão, conforme as sentenças de resumo diminuam, mantenham ou ampliem a linearidade lingüística das sentenças de base.

Tabela 6.11 - Frequência das categorias de "compressão", "manutenção" e "expansão" da linearidade lingüística das sentenças de base sublinhadas pelas sentenças de resumo, conforme as formas de sublinhado, "integral", "clausal" e "lexical":

<i>Categorias</i> <i>Formas de Sublinhado</i>	<i>Compressão</i>	<i>Manutenção</i>	<i>Expansão</i>	<i>Total</i>
Sublinhado Integral	108	10	2	120
Sublinhado Clausal	48	1	0	49
Sublinhado Lexical	49	2	2	53
Total	205	13	4	222

Não apenas em sentenças de base sublinhadas integralmente, mas também em sentenças sublinhadas em cláusula(s) específica(s) e em itens lexicais específicos, a paraconstrução comprime a linearidade lingüística, isto é, as sentenças de resumo apresentam as sentenças de base linearmente menores que suas contrapartes do documento de base.

No caso específico das sentenças sublinhadas em sua totalidade, constatou-se que em 108 dos 120 casos observados, houve compressão da linearidade, ou seja, 90% dos casos. A manutenção dessa linearidade, ou seja, a citação integral da sentença de base ocorreu em 10 oportunidades, o que equivale a 8,33% dos casos. Houve ainda duas sentenças enquadradas como expansão, ou seja, 1,67% dos casos.

Dado que a razão entre a utilização de estratégias de compressão e as duas estratégias restantes, foi de 9 casos de compressão para cada caso de manutenção e ampliação, portanto, acima de 3,01, pôde-se corroborar a alternativa "1" da hipótese em tela, ou seja,

"houve fortíssima evidência de que sentenças sublinhadas integralmente nos documentos de base sofreram processos de compressão da linearidade lingüística".

6.3.2 Sublinhado clausal

O levantamento estatístico das sentenças paraconstruídas a partir de sentenças de base com sublinhado clausal pode ser visualizado na tabela abaixo. Esta tabela contém três colunas nas quais apresentam-se as frequências e os percentuais de "consideração/desconsideração" dos constituintes sentenciais não-sublinhados na elaboração das sentenças de resumo (coluna da esquerda).

Tabela 6.12 - Frequência e percentual de sentenças paraconstruídas a partir da consideração ou desconconsideração de constituintes não sublinhados de sentenças com sublinhado clausal:

<i>Consideração/desconconsideração de constituintes não-sublinhados</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
A paraconstrução apaga constituintes não-sublinhados	36	73,46
A paraconstrução não apaga os constituintes não-sublinhados	13	26,54
Total	49	100,00

Das 49 sentenças sublinhadas em cláusula(s) específica(s), 36 casos (73,46%) apagaram os constituintes não-sublinhados, ou seja, desconsideraram do resumo justamente a(s) cláusula(s) não-sublinhadas. Nos 13 casos restantes (26,54%) tal procedimento não ocorreu, ou melhor, houve consideração das informações excluídas do sublinhado para efeitos de elaboração dos resumos.

A aplicação do cálculo de razão, permite observar que o resultado se comportou no espaço entre 2,01 e 3,00 casos por um, ou seja, 2,76 casos onde a paraconstrução apaga os constituintes não-sublinhados para cada um dos casos onde isso não ocorre. Dessa forma, corroborou-se o exposto na alternativa “2” da hipótese. Isso posto,

“houve forte evidência de que o sublinhado de cláusula(s) específica(s) de sentenças fez com que se destacassem as cláusulas sublinhadas e se apagassem as cláusulas não-sublinhadas”.

Vejamos alguns exemplos do “corpus”.

No caso abaixo a informante 2 desconsidera justamente os dados não-sublinhados.

Estresse 38 Estudos recentes desenvolvidos por nosso grupo - no Laboratório de Patologia Experimental da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, e no Laboratório de Anatomia Patológica da École Nationale Vétérinaire de Lyon, França - sugerem que [...].

2211.09 Muitas experiências feitas [] sugerindo que [...].

Mas no caso abaixo, com base na mesma sentença, a informante 1 considera as informações não sublinhadas substituindo-as por “em alguns laboratórios.

1113.11 Estudos recentes em alguns laboratórios, sugerem que [...].

O exemplo abaixo é particularmente interessante porque deixei sem sublinhado justamente a conexão que dava a devida orientação argumentativa. A informante, em função desse conectivo não estar sublinhado, desconsidera-o e não resume adequadamente o documento de base.

Voto 82 Ao contrário, se a boa representação política pudesse ser garantida pelo padrão de votação dos parlamentares, bastaria criar uma nova e rígida lei que a regulasse.

1244.12 [] A boa representação política pode ser garantida pelo padrão de votação dos parlamentares, bastando criar uma nova e rígida lei que a regule.

Informações entre parênteses foram desconsideradas em grande número de sentenças paraconstruídas, em especial em sentenças de base com sublinhado clausal.

Aids 24 A terapêutica antiretroviral (como o AZT, por exemplo) iniciada no momento correto é capaz de retardar consideravelmente a progressão da imunodeficiência.

1332.08 A terapêutica antiretroviral [] iniciada no momento correto é capaz de retardar a progressão da imunodeficiência.

Entretanto, um caso notável, em situações similares, foi justamente a opção pelo apostro em vez da informação principal, como a que ocorre no exemplo abaixo.

Aids 79 Já os indivíduos com resposta do tipo T_{H1} (isto é, predominantemente celular, que não produzem anticorpos anti-HIV) seriam capazes de se curar da infecção.

1332.10 Já os indivíduos predominantemente celular seriam capaz de curar da infecção.

Observe-se abaixo a desconsideração da informação apositiva, implicando a consideração da totalidade dos solos, quando no documento de origem essa asserção vale apenas para a “maioria dos solos” estudados por meio do método do carbono 14 radioativo.

Solo 31 As datações da matéria orgânica dos solos, usando o método do carbono 14 radioativo, evidenciam, para grande maioria desses solos, um crescimento regular da idade da matéria orgânica com a profundidade.

3222.05 As datações da matéria orgânica dos solos evidenciam [] um crescimento regular da idade com a profundidade.

6.3.3 Sublinhado lexical

A análise estatística das paraconstruções com base em sentenças sublinhadas lexicalmente permitiu-me elaborar a tabela abaixo. Esta tabela apresenta os dados de frequência e de percentuais em função da possibilidade de preenchimento das lacunas interlexicais não contempladas pelo sublinhado nas sentenças de base.

Tabela 6.13 - Frequência e percentual de sentenças paraconstruídas a partir do preenchimento ou não das lacunas interlexicais não-sublinhadas de sentenças com sublinhado lexical:

<i>Preenchimento das lacunas interlexicais não sublinhadas</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
A paraconstrução complementa as lacunas interlexicais não-sublinhadas	35	66,03
A paraconstrução não complementa as lacunas interlexicais não-sublinhadas	18	33,97
Total	53	100,00

As informantes destacaram 53 sentenças marcadas por sublinhado lexical nos documentos de base. Dentre elas, 35 sentenças (66,03% dos casos) sofreram processos de preenchimento das lacunas interlexicais não-sublinhadas, isto é, as informantes transcreveram em seus resumos informativos os itens lexicais que foram desconsiderados pelo sublinhado. Por outro lado, em 18 oportunidades (33,97% dos casos) essas lacunas não-sublinhadas foram mantidas nos documentos de resumo.

A aplicação do cálculo de razão entre os casos de complementação de lacunas interlexicais não-sublinhadas e os casos onde isso não ocorre permitiu observar que houve 1,94 casos de preenchimento para cada caso de não-preenchimento (média evidência). Isso posto, os dados demonstraram que a alternativa “3” da hipótese norteadora desse estudo foi corroborada, ou seja,

“houve média evidência de que as sentenças sublinhadas em itens lexicais específicos nos documentos de base sofreram processos de preenchimento das lacunas interlexicais não-sublinhadas, de tal sorte que, tomando-se em conta os elementos sublinhados, ocorreu uma expansão (aumento de elementos lingüísticos)”.

Vejam agora alguns casos destacados do “corpus”.

Voto 47 O que não está aparente na figura 3 são as diferenças de fato ideológicas que separam o voto dos políticos mais conservadores, de direita, dos mais progressistas, de esquerda.

3443.10 O que *nem sempre está aparente* embora seja observado, são as *diferenças ideológicas* que separam o *voto dos políticos conservadores* de direita, *dos* mais *progressistas* de esquerda.

Na sentença acima percebemos que a informante 3 considera a necessidade de recuperar a sentença como um todo, não se preocupando apenas com os dados sublinhados, mas também com os dados que, embora não-sublinhados, são pertinentes para que a sentença seja considerada adequadamente construída.

Na sequência do documento de resumo, a informante adota o mesmo procedimento, salvaguardando-se a substituição de “diferenças ideológicas” por “isso”.

Voto 48 Muitos eleitores estão preocupados justamente com essas diferenças ideológicas, que podem não estar claras no texto da campanha, mas são explícitas na filiação partidária, no discurso de palanque, no contato pessoal e na imagem pública do candidato.
3443.11 Muitos eleitores estão preocupados justamente com *isso*, que pode *não* estar *claro nos textos* das campanhas, *mas* são *explícitas* na *filiação partidária*, *no contato pessoal* e *imagem pública* do candidato.

No exemplo abaixo, retirado de uma paraconstrução do artigo “Aids”, mais uma vez as lacunas são preenchidas. Repare-se que tal estratégia consegue evitar a particularização indevida em função do destaque no documento de base deixar entrever que a informação não tivesse sido dada no “final do ano”.

Aids 8 No Brasil, até o final de 1993, cerca de 45 mil casos já foram oficialmente notificados ao Ministério da Saúde, calculando-se a subnotificação em até 50%.
4233.06 *No Brasil* até o final de *1993* cerca de *45 mil casos* já foram notificados dificilmente [...].

A estratégia de considerar a totalidade da sentença pode ser vista a seguir.

Estresse 1 Quando o mundo entrou na era do mecanicismo e do positivismo, a ciência passou a ser encarada como uma atividade fundamentalmente analítica.
4414.01 Na *era* do *mecanicismo* e do *positivismo* a *ciência* passou a ser encarada como uma *atividade* fundamentalmente *analítica*.

Eis outro exemplo desse procedimento

Aids 18 A AIDS é definida como sendo um estágio avançado de infecção pelo HIV, caracterizado pela ocorrência de infecções oportunistas (assim chamadas porque, em geral, só ocorrem em pacientes imunodeprimidos) e/ou por determinadas neoplasias.
2432.08 Já a *AIDS* é um *estágio avançado da infecção pelo HIV*, ocorrido em pacientes imunodeprimidos que seriam pela *ocorrência de infecções oportunistas ou por determinadas neoplasias*.

Todavia, nem sempre as paraconstruções ocorreram da forma supramencionada. No exemplo abaixo, somente os dados sublinhados foram considerados. Repare-se que se trata de uma enumeração, daí se explicar o uso de “*” na sentença paraconstruída. O viesamento do sublinhado é tanto que a informante deixa de organizar sua sentença como um resumo e opta por um padrão textual coerente com um esquema.

Aids 33 Existem apenas três vias de transmissão do HIV: (1) via sexual bidirecional, isto é, da mulher para o homem e do homem para a mulher, nas relações heterossexuais, e do parceiro ativo para o passivo ou do passivo para o ativo, em relações homossexuais; (2) através de sangue (ou seus produtos) contaminado; (3) da mulher para o seu filho (durante a gestação, no trabalho de parto ou pela amamentação).
1332.16 *A transmissão do HIV* ocorre de *três maneiras*; * *via sexual*, = *bidirecional*, * *através do sangue*, * *mulher para seu filho*.

Como forma de se destacar esse viesamento, veja-se a paraconstrução da mesma sentença pela informante 2 que, diferentemente da anterior, mantém a organização sentencial adequada para um resumo.

2432.14 *A transmissão dessa doença caracteriza-se em 3 vias: via sexual bidirecional; através do sangue; da mulher para o filho.*

A questão da enumeração como fator de não preenchimento das lacunas sentenciasais pode também ser observada na sentença seguinte da mesma informante.

Aids 34 Desse modo, conter o avanço da epidemia parece depender de intervenções simples: sexo seguro (isto é, com preservativo, método extremamente eficaz na prevenção da transmissão), fiscalização do sangue (ou derivados) usado em transfusões, e limitação do compartilhamento de seringas e agulhas entre usuários de drogas injetáveis.

2432.15 Para *evitar o contágio pelo HIV* seria através de *métodos simples* como: *sexo seguro, fiscalização do sangue e limitação do compartilhamento de seringas e agulhas* entre *usuários de drogas injetáveis*.

Embora existam algumas complementações de lacunas, das quais as últimas, por exemplo, são inevitáveis, a informante, no ambiente da enumeração, limita-se a destacar os dados sublinhados. No que se refere à fiscalização do sangue, ela considera selecionável “usado em transfusões” embora fosse relativamente interessante sua manutenção no resumo.

Veja-se agora a sequência de paraconstruções envolvendo dados enumerativos em conjunto com sublinhados integrais.

Estresse 9 *A primeira fase, identificada como reação de alarme, corresponde ao estresse agudo, quando há predomínio de uma resposta essencialmente nervosa.*

Estresse 10 *Nessa fase dá-se a ativação do chamado, o que significa uma liberação de grandes quantidades dos hormônios adrenalina e noradrenalina.*

1113.06 *A primeira fase corresponde ao Stresse agudo, significa uma liberação de grandes quantidades dos hormônios adrenalina e noradrenalina.*

Estresse 11 *A segunda fase foi chamada de período de resistência e corresponde ao estresse crônico, no qual o organismo habitua-se à presença do agente causador do estresse (estressor).*

Estresse 12 *A resposta nervosa dá lugar à resposta hormonal.*

1113.07 *Posteriormente corresponde o Stresse crônico, o organismo habitua-se a presença do agente causador do Stresse, a resposta nervosa dá lugar a resposta hormonal.*

Estresse 14 *O último estágio seria a fase de exaustão, que corresponde ao período pré-agônico, com presença de falência orgânica múltipla.*

Estresse 15 *Nesta fase, o organismo já perdeu a capacidade de adaptação frente a uma situação de estresse muito intensa ou prolongada.*

1113.08 *O último estágio seria o período pré-agônico, nessa fase o organismo perdeu a capacidade de adaptação frente a situação de Stresse intenso.*

Nos exemplos acima, mesmo fazendo parte de uma enumeração, há preenchimento das lacunas, além é claro, de apagamentos de dados. Embora os dados do “corpus” não sejam suficientes para apoiar uma conclusão dessas, creio que tais opções têm a ver com as sentenças com sublinhado integral imediatamente posterior.

7. Conclusões e Recomendações

7.1 A pesquisa

Dada a constante necessidade de usarmos materiais bibliográficos de outras pessoas, uma questão em aberto é a possibilidade de influência das marcas da leitura anterior no processamento posterior, em especial, entre leitores menos proficientes.

Tendo observado, em muitos casos, que alunos de graduação pareciam seguir cegamente o sublinhado anterior, uma vez que acreditavam aprioristicamente em sua pertinência como condensação das informações do documento, elaborei esta pesquisa na tentativa de colher evidências dessa influência, salvaguardadas as condições de um teste laboratorial, sabidamente diferentes das condições reais da tarefa em meios acadêmicos.

Isso posto, o objetivo geral desse estudo de casos foi:

VERIFICAR a influência das sublinhas do material fotocopiado, a partir de artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje”, na seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base utilizados na elaboração das sentenças de resumos informativos produzidos por acadêmicas de Pedagogia.

Com a meta de aprofundar a questão acima levantada, elenquei cinco objetivos em nível específico, a saber:

1. **APRESENTAR** parâmetros para seleção de sentenças centrais e periféricas de um artigo de divulgação científica de “Ciência Hoje”.

2. **ANALISAR** a moderação da variável ‘adequabilidade das sentenças sublinhadas’ na seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base para a elaboração das sentenças dos documentos de resumo.

3. **ESTABELECE**R parâmetros para descrição da paraconstrução das sentenças dos documentos de base em sentenças dos documentos de resumo.

4. **ANALISAR** estratégias de paraconstrução presentes nos resumos informativos.

5. **ANALISAR** a moderação da variável ‘forma de sublinhado’ (sentença integral, cláusula(s) de sentença ou itens lexicais de sentença) nas estratégias de paraconstrução.

Para que essas ações fossem levadas a efeito, procedeu-se uma revisão da bibliografia, cujos resultados basilares podem ser analisados remissivamente a seguir.

1. Texto, a partir de uma analogia com o programa de edição de textos “Microsoft Word”, foi dicotomizado em dois níveis. Em nível cognitivo, corresponde aos padrões de organização de sentenças internalizados (cf. HOEY, 1991), não se limitando às relações intersentenciais e incluindo os fenômenos considerados sob o rótulo de coesão. Em nível da materialidade lingüística, ou seja, em nível de documento, corresponde à soma dos “padrões de organização” com os “elementos discursivos”, aqui considerados numa perspectiva que engloba o ato comunicativo, que relaciona enunciador-enunciatário, documento produzido às condições de produção e a tudo o que possa interferir no ato enunciativo (CORACINI, 1991).

2. Neste trabalho, toda leitura foi considerada como interpretação, no sentido de que se mobilizam signos em lugar de outros signos. Toda interpretação é uma “paraconstrução discursiva”, entendida como o processo de transformação dos dados concretos do documento em variáveis discursivas, na mente do enunciatário. Nesse sentido, todo documento é possibilidade de paradiscurso.

3. A análise textual foi concebida como esforço válido de detecção de padrões de cristalização do discurso em documento no qual há, por parte do analista, uma abstração idealística dos processos discursivos em prol de uma perspectiva reificatória.

4. A noção de objetividade foi reinterpretada em função da noção de consensualidade. Isso posto, uma asserção é objetiva se e tão somente se, numa dada conjuntura científica, sócio-historicamente determinável, for um dado consensual. Os graus de consensualidade obstam a possibilidade de interpretações ilimitadas, permitindo a compreensão.

5. Propôs-se que a própria língua deveria ser reinterpretada em função de padrões de organização, rompendo-se assim com a noção de sistema. Um padrão não é uma estrutura, na medida em que pressupõe a flexibilização de si mesmo. Uma estrutura é algo inflexível.

6. Os padrões podem sofrer processos centrípedos de estandarização, tornando-se consensualmente estáveis. Contudo, ao lado dessa força de agregação, há uma força centrífuga de desagregação, de instabilização. Os níveis lexical e textual estão mais propensos à instabilização.

7. Entendeu-se, como HOEY (1991), a coesão como propriedade dos padrões de organização textuais e, desse modo, passível de maior objetivação, e a coerência como propriedade do discurso paraconstruído pelo enunciatário a partir das pistas documentais, inclusive os padrões de organização depreensíveis e, dessa maneira, contrapartida dos enunciatários.

8. Um documento apresenta um padrão coeso e seu discurso é coerente se se puder, tal como CHAROLLES (1978), atribuir-lhe quatro requisitos - a repetição, a progressão, a não-contradição e a relação - vistos sob três aspectos - o formal, o semântico-conceptual e o pragmático.

9. O discurso científico foi entendido como aquele que veicula a descoberta e a exposição de saberes obtidos, sob o crivo dos cânones da atividade científica. Dado que deve ser caracterizado pela clareza, precisão e objetividade, implica interpretações virtuais consensuais (caráter de reificação conforme OLSON, 1977). Paradoxalmente, as formas

canônicas dos padrões organizacionais usadas pelo discurso científico, nada mais são do que “instrumentos válidos, socialmente aceitos (e impostos pela comunidade científica), de persuasão e, nessa medida, índices de subjetividade” (CORACINI, 1989: 356-7). Isso posto, reconsiderarei a reificação como variável dentro de um dial que comporta dois extremos, não-reificação e reificação absolutas, cujas existências têm caráter abstrato. Dessa forma, a documentação científica se caracteriza por uma tentativa humana de otimizar a reificação discursiva, destacando-se aspectos semântico-pragmáticos consensuais e debruçando-se aspectos não-consensuais.

10. O documento científico foi caracterizado como expositivo-argumentativo (cf. KOCH & FÁVERO, 1987). Reconheceu-se contudo que, ao ser necessário fazer o outro saber, esse constructo envolve o discurso da descoberta, padronizável pelas categorias da narrativa (SILVEIRA, 1990a, e 1990b). É por meio desta estratégia que se obtém a ilusão de imparcialidade, de objetividade e de rigor metodológico.

11. Os critérios formais de objetivação científica matizam a descoberta de tal sorte que “o que se escreve é o que se deve escrever sobre aquilo que se descobriu”. Logo, todo discurso científico é um discurso de divulgação científica, na medida em que pretende promover os enunciatórios à condição de saber. Considerando esse enunciatório, esse discurso foi dividido em três categorias: de divulgação científica primária, de divulgação científica “stricto sensu” e de divulgação pedagógica. Os artigos de divulgação científica “stricto sensu”, publicados pelo periódico “Ciência Hoje”, calculam um enunciatório com conhecimentos prévios mais elaborados, e estão, portanto, mais próximos do discurso de divulgação primária.

12. Com relação às marcas de leitura, agrupei-as em três grupos conforme a sua função no documento: as marcas de supressão, de substituição e de anotação. A sublinha foi definida como “formalmente caracterizada pela aposição de linha(s) subscrita(s) à linearidade lingüística de um documento e funcionalmente caracterizada pela supressão de excertos não-destacados”.

13. O esquema é um tipo de padronização textual que se caracteriza pela explicitação, em linhas descontínuas, da linha diretriz seguida pelo autor de um documento de base. Esse tipo de escrito pressupõe a subordinação de idéias, a seleção de fatos e argumentos. Sua funcionalidade está na capacidade de definição do tema, de hierarquização das partes componentes em função de uma linha-diretriz, permitindo ao usuário uma visão global do documento de origem.

14. Resumo, por sua vez, foi definido como apresentação concisa, uma espécie de compressão do documento de base, freqüentemente seletiva, permitindo o destaque das informações mais relevantes. Difere do esquema ou do sumário porque é formado por sentenças em sentido completo, encadeadas por padrões de coesão textual, escritas em linhas contínuas que formam parágrafos.

15. Há quatro espécies de resumo (cf. ABNT/P-NB-88): indicativo; informativo; informativo/indicativo; e, crítico ou recensão. O resumo informativo ou analítico caracteriza-se por sintetizar o conteúdo do documento de base; dispensar sua leitura; e, não conter análise crítica.

16. O resumo foi considerado, além disso, como manifestação material privilegiada da paraconstrução do discurso do enunciador. Destacou-se, todavia, o caráter palimpsesto de sua construção, permitindo entrever que essa paraconstrução não ocorre de forma tão simplificada.

17. No que se refere a sua elaboração, destaquei duas perspectivas. Tradicionalmente, trata-se de um documento que pressupõe a compreensão; percepção da hierarquia das informações e dos argumentos; e, domínio da língua formal (em especial, dos padrões textuais, acrescente-se). PORTINE (1983), por sua vez, afirma que é a paráfrase que conduz ao resumo, definido como “l’articulation de morceaux de texte paraphrasés”. A diferença básica das duas abordagens é a ênfase dada pelo autor aos elementos discursivos presentes nos documentos a serem resumidos. O “paraconstrutor” deve levar em conta enunciadores e enunciatários, as condições de produção tanto do documento de base como do documento de resumo.

18. A leitura foi considerada como atividade ideovisual complexa de cunho pessoal e secreto (BARBOSA, 1991). Isso posto, inseri este trabalho dentro do modelo interativo-compensatório. Esse processo envolve tanto estratégia cognitivas, de nível inconsciente, como metacognitivas, passíveis de verbalização, dado que são operações de cunho consciente, encetadas com um objetivo subjacente.

19. Tomei “interpretação” como o “esforço de colocar um signo em lugar de outro signo”. A interpretação de um documento escrito é função da interação entre a informação prévia armazenada pelo leitor, organizada dentro de uma configuração de representação mental em nível declarativo ou procedimental, com a informação “nova” apresentada no documento.

20. O termo “compreensão”, por sua vez, correspondeu a toda interpretação consensualizada numa dada conjuntura de construção ou paraconstrução de um documento. Para o enunciador corresponde ao cálculo interpretativo de seu enunciatário-modelo. Na perspectiva do enunciatário engloba suas expectativas do que seria essa consensualidade.

21. Nos documentos de resumo, a repetição, apagamento ou paráfrase de construções do documento de base são apenas pistas do que o informante teria compreendido. Essas pistas são tão mais convincentes quanto mais o indivíduo construir parafraseamentos mais complexos e abrangentes.

22. A manifestação documental de falhas de compreensão foi útil como instrumento de aferição da adequabilidade dos documentos paraconstruídos. Utilizei, para esse fim, três pistas (AMARAL & ANTÔNIO, s.d.): a extrapolação, quando o documento paraconstruído apresenta informações que não estão no documento de base; a redução, quando o indivíduo se prende em aspectos menos relevantes do documento de base, de tal sorte que sua paraconstrução é insuficiente para refletir o conjunto; e, a contradição, quando a paraconstrução apresenta sentidos contraditórios.

23. A adequabilidade foi entendida como o conjunto comum de significados que se relacionam logicamente e que se determinam pragmaticamente. Logo, leitura adequada é leitura negociada, na qual “nem só e todo significado pretendido pelo autor será recuperado, nem qualquer significado imposto pelo leitor, mas a intersecção entre o conjunto cognitivo do leitor e o conjunto conceitual e estrutural nuclear proposto pelo autor do [documento]” (BARROS & ROJO, 1984).

24. A passagem da linearidade lingüística a um nível mais alto se dá por intermédio de regras de projecção semântica, encetadas por macro-estratégias. Se um dado documento é coerente, em se aplicando regras que projetem em níveis mais altos seu conteúdo semântico, ele será globalmente coerente. Cumprem essa função quatro macro-estratégias: a supressão, eliminação de itens lexicais ou sintagmas maiores quando não são necessários à compreensão do documento; a generalização, substituição de elementos lingüísticos por outros mais gerais que os incluam; a construção, criação de proposições, de sorte que esse constructo substitua elementos do documento de base; e, a seleção, supressão

de todos os elementos óbvios em determinados contextos (van DIJK, 1986 e SERAFINI, 1986).

25. As regras de supressão e de seleção operam através de apagamento de informações; as de generalização e de construção exigem do usuário a habilidade de criação de elementos substituidores. Por outro lado, enquanto a supressão e a generalização não permitem a recuperação dos elementos envolvidos na redução semântica, uma vez que não se pode aplicá-las ao revés, as regras de seleção e de construção, por seus turnos, uma vez que operam com a mundivivência do informante, permitem entrever parte desses elementos.

Uma vez conhecidos os elementos teóricos do trabalho, partiu-se para a tarefa de seleção das sentenças sublinhadas.

Definiu-se como elemento de segmentação dos documentos a sentença cujo conceito abarcou: 1. aspecto gráfico: divisão ortográfica que se inicia com caractere maiúsculo e que termina com pontuação final; 2. aspecto sintático-gramatical: domínio da sentença “S”, raiz da representação arbórea no modelo padrão da gramática gerativa; e, 3. aspecto textual-cognitivo: elemento constitutivo da organização textual contendo um pacote separado e interrelacionado de informação, embora incompleto e em miniatura (cf. HOEY, 1991). Subjacentemente, aceitou-se a tese de que é possível produzirem-se resumos de documentos expositivos a partir da consideração/desconsideração de determinadas sentenças, tomadas em sua totalidade.

O destaque das sentenças centrais foi elaborado a partir de cinco critérios: 1. vínculos coesivos (HOEY, 1991); 2. ilhas de confiança lexical, (CAVALCANTI, 1984); 3. padronização textual dos artigos de divulgação científica de “Ciência Hoje” (SILVEIRA, 1990a); 4. Relações clausais (WINTER, 1971); e, 5. padrão argumentativo (TOULMIN, 1958). Escolhidas as sentenças centrais, procedeu-se a eliminação de sentenças periféricas, ou seja, não-essenciais para a interpretação do documento. Excluíram-se do sublinhado todas as sentenças consideradas como intermediárias.

De posse das sentenças centrais e periféricas, organizaram-se quatro versões para cada documento original, denominadas pelas letras “A”, “B”, “C” e “D”. A versão “A” constituiu-se qualitativamente de uma seqüência de sentenças que resumisse o documento original e quantitativamente compreendesse um número múltiplo de três, entre 1/4 e 1/3 da quantidade total de sentenças do documento original; na versão “B”, 2/3 das sentenças sublinhadas eram centrais e 1/3 das sentenças era periférica; na versão “C”, 1/3 das sentenças sublinhadas eram centrais e 2/3 das sentenças eram periféricas; por fim, na versão “D”, todas as sentenças sublinhadas eram periféricas.

Os quatro artigos de divulgação amostrados foram: “**O estresse e as doenças**” de Leoni Villano Bonamin (USP); “**Estudos do solo revelam alterações climáticas da Amazônia**” de Yves Lucas, François Soubiès, Armand Chauvel e Thierry Desjardins (INPA-Orston); “**Perspectivas para o desenvolvimento de vacinas contra a AIDS**” de Mauro Schechter (UFRJ); e, “**Atrás do voto**” de Karina Kuschnir (PUC-RJ).

O “design” experimental deste trabalho teve por cuidado fazer com que cada informante processasse os quatro documentos e tivesse contato com cada uma das configurações de sublinhado em ordem diferenciada, objetivando minimizar os efeitos de uma repetição de seqüências de documento ou de configuração.

O experimento ocorreu entre os dias 12 e 15 de dezembro de 1994, em salas de aula do Campus de Mafra, durante a noite, a partir das 19 horas. Escolhi como informantes de pesquisa cinco acadêmicas da segunda fase do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, turma PED-1994, do Campus de Mafra-SC da Universidade do Contestado.

Na primeira noite, explicitar o experimento de forma a destacar a espécie de documento e objetivos fictícios da pesquisa. Cada informante elaborou quatro resumos, perfazendo 20 documentos. Na quarta noite, fiz uma avaliação em conjunto, questionando sobre: a compreensão dos textos; as estratégias de resumo; reações diante do sublinhado; e, pertinência do experimento enquanto simulação de atividades vivenciadas na escola.

O resultado foi unânime em apontar o documento “Voto” e o documento “Estresse” como o de mais fácil e o de mais difícil compreensão, respectivamente. Em nível intermediário, ficaram o documento “Aids”, segundo em média, e o documento “Solo”, terceiro em média.

As alunas elaboram os rascunhos no ato da primeira leitura, o que não permitiu uma reflexão maior do conteúdo e implicou uma dependência maior da linearidade do documento. Estratégias mais acuradas, desenvolvidas por algumas informantes na primeira noite, dada a lentidão da tarefa, foram abandonadas nas noites subseqüentes.

Os documentos “Estresse” e “Solo” foram os que demonstraram maiores dificuldades de compreensão, uma vez que o primeiro apresenta uma série de experimentos com camundongos cujos limites e relações exigem uma leitura atenta; e o segundo tematiza áreas como geologia, paleologia, clima, geografia e química. Os textos “Voto” e “Aids”, cujos temas são mais próximos da mundivivência das informantes, foram considerados unanimemente como compreendidos. Todavia, houve claros indícios de que elas elaboraram resumos sem a compreensão integral dos documentos de base.

Por fim, a análise das reações diante do sublinhado permitiu-me inferir que houve percepção de inadequabilidades.

Obtidos os documentos de resumo, passei então à análise. Minha primeira providência foi a de transcrevê-los em quadros, nos quais efetuei emparelhamentos confrontando as sentenças de resumo com as sentenças de base. Para que se pudesse analisar a moderação do sublinhamento na elaboração dos documentos de resumo, fez-se necessário organizar uma tipologia de comparação entre os dois documentos.

Isso posto, lancei como primeiro critério de avaliação a extensão formal das sentenças. Logo, houve estratégias de expansão, de manutenção e de compressão, conforme ampliassem, mantivessem ou diminuíssem a extensão formal das sentenças do documento de base.

O segundo critério foram as estratégias de emparelhamento. Estabeleci como não-marcado todo emparelhamento no qual uma sentença de base fosse paraconstruída por uma sentença de resumo. Se para uma sentença do documento de base tivessem sido produzidas duas ou mais sentenças no documento de resumo, classifiquei a estratégia como divisão sentencial. Se, por outro lado, uma sentença do documento de resumo paraconstruísse duas ou mais sentenças do documento de base, a estratégia usada foi a de aglutinação sentencial.

Duas estratégias de paraconstrução foram consideradas básicas: cópia e paráfrase. As estratégias de cópia caracterizaram-se como transcrição de qualquer extensividade de trechos das sentenças do documento de base. As estratégias de paráfrase consistiram num amplo sistema de substituição.

Entre as estratégias de cópia, destaquei: 1. citação, transcrição fiel da sentença de base; 2 cópia/apagamento, na qual suprimem-se ou selecionam-se elementos do documento.

Entre as Estratégias de paráfrase, destaquei a paráfrase simples, paráfrase complexa e construção. As estratégias de paráfrase simples podem ser subdivididas como: 1. equivalência lexical (expansão lexical, substituição lexical, redução lexical, generalização e transferência lexical); e, 2. alteração sintática (transformação de voz, transformação clausal,

transformações sintáticas, inversão sintagmática entre cláusulas, inversão sintagmática entre constituintes de cláusulas). A paráfrase complexa ocorre quando existir dentro de uma sentença facilmente delimitável, um conjunto complexo de parafraseamentos simples, de tal modo que a paráfrase prepondere sobre a estratégia de cópia. A construção consiste numa sentença que procure abarcar o tópico do documento ou que substitua largos trechos do documento.

Passemos agora aos resultados do experimento.

7.2 Os resultados

7.2.1 Análise descritiva

Os dados obtidos a partir da análise descritiva dos resumos revelaram que em setores dos artigos onde o processamento se tornou mais complexo a ausência de sublinhado, mais do que a sua presença, demonstrou a influência dessas marcas na elaboração dos resumos informativos.

No artigo “Aids” isso foi observado nos sub-blocos em que o autor perspectivou os obstáculos para a obtenção da vacina anti-HIV/AIDS. Os documentos de resumo foram menos adequados quando o sublinhado não estava presente ou estava em sentenças periféricas.

No bloco de sentenças que se referem aos experimentos com animais, no artigo “Estresse”, as alunas revelaram dificuldades de interpretação. Notou-se que as alunas deletaram dados dos experimentos e encerraram seus resumos com as sentenças finais do documento.

A presença do sublinhado em sentenças centrais dos documentos de base em setores de processamento mais complexo, melhorou o nível de adequabilidade das paraconstruções, revelando que as informantes perceberam a pertinência de determinadas sentenças como centrais.

Contudo, a presença de sublinhado adequado, revejam-se os resultados das versões “A”, por exemplo, não foi garantia de adequabilidade em todos os segmentos dos documentos.

O “design” do experimento pode ter exercido significativa influência nesses resultados, uma vez que as informantes, em especial aquelas cuja ordem de documentos de base se iniciaram pelas versões cujas sublinhas se encontravam em maior proporção em sentenças periféricas, não se sentiram confiantes diante das pistas oferecidas. Reitere-se, entretanto, que essa influência poderia ter funcionado às avessas, dado que essa desconfiança poderia induzir a uma reflexão maior sobre a pertinência de cada destaque.

Os dados de entrada, principalmente quando sublinhados nos documentos de base, exerceram influência nas paraconstruções. Nos documentos paraconstruídos a partir do artigo “Aids”, os dados epidemiológicos iniciais foram amplamente destacados. A teoria de Hans Seyle é sobrevalorizada nos resumos paraconstruídos a partir do documento “Estresse”. Isso ocorreu de tal forma que a refutação da referida teoria, fundamental no artigo, chega a ser deletada em dois resumos. Mesmo o sublinhado contemplando partes periféricas desses dados, eles foram recuperados integralmente.

A ausência de sublinhas, contudo, diminuiu consideravelmente a influência das sentenças de abertura dos artigos, a tal ponto que a tese central do artigo “Solo”, exposta nas sentenças [5] e [6], chegou a ser deletada.

Outro dado significativo foi a necessidade de se destacar dados estatísticos, mesmo que eles se reportassem a questões periféricas dos documentos de base. Isso foi particularmente percebido no destaque dos dados epidemiológicos e de terapêutica no artigo “Aids”.

Todos os resumos tendem a recuperar dados definitórios e de classificação. Tal constatação pode ser explicada pela reiteração dos padrões textuais tipicamente utilizados no discurso didático, entre os quais o padrão de “previsão-detahes”. Todavia, esse padrão não se configurou como garantia de destaque das sentenças envolvidas na relação, veja-se o caso dos obstáculos para obtenção da vacina anti HIV/AIDS.

Outra conclusão interessante, especialmente sentida nos documentos de resumo oriundos do artigo “Voto”, foi o fato de que temas mais próximos da mundivivência das alunas não implicaram sintetizações mais adequadas. No caso, há documentos que confundem e até omitem os tipos de candidatos e padrões de votação nas eleições para a Câmara do Rio de Janeiro. Se por um lado essa proximidade permitiu uma segurança maior na elaboração dos documentos, são esses resumos os que revelaram maiores desatenções e dados de mundivivência.

Todos os resumos reproduzem o discurso envolvente da divulgação científica. As categorias da narração só se fizeram sentir nas rápidas descrições dos experimentos nos resumos paraconstruídos a partir do artigo “Estresse”. Observe-se ainda que as três falhas de compreensão estiveram presentes nos documentos.

7.2.2 As hipóteses

HIPÓTESE GERAL

A hipótese geral pode ser revista a seguir:

“A seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base para a produção das sentenças dos resumos informativos é influenciada pelas sublinhas do primeiro leitor, de tal sorte que os dados lingüísticos das sentenças sublinhadas nos documentos de base são mais freqüentes nos documentos de resumo do que os dados lingüísticos das sentenças não-sublinhadas”.

As alunas, nos 20 documentos de resumo, produziram 324 sentenças, das quais 2 constituíram-se como desvios. As 322 sentenças restantes encontraram nexos com 509 sentenças de base. Dessas 509 sentenças houve 222 casos de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e 126 casos de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas. Tais resultados equivalem aos percentuais de utilização de 44,84% e 25,45%, respectivamente.

A razão obtida entre o percentual de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e o percentual de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas ficou, portanto, na ordem de 1,76, ou seja, no espaço intervalar entre 1,51 e 2,00 sentenças sublinhadas para cada sentença não-sublinhada.

Tal resultado corroborou a hipótese experimental, ou seja, *“houve média influência do sublinhado na escolha de dados lingüísticos das sentenças de base para efeitos de elaboração das sentenças de resumo”.*

ADEQUABILIDADE DO SUBLINHADO

No que se refere à variável ‘adequabilidade do sublinhado’, elenquei a seguinte hipótese:

“A variável ‘adequabilidade do sublinhado’ modera a seleção de dados lingüísticos das sentenças dos documentos de base, de tal forma que o percentual de utilização de dados lingüísticos das sentenças centrais sublinhadas será maior do que o percentual de utilização de dados lingüísticos de sentenças periféricas sublinhadas.”

O percentual de utilização das sentenças centrais sublinhadas foi de 57,14%, ao passo que o de utilização de sentenças periféricas foi de 32,80%. Esses resultados apontam uma razão de 1,74 sentenças centrais sublinhadas para cada sentença periférica sublinhada, permitindo concluir que *“houve média influência da adequabilidade das sentenças sublinhadas na escolha dos elementos lingüísticos das sentenças de base utilizados na elaboração das sentenças de resumo”*.

Os dados permitiram tirar algumas conclusões adicionais.

Como se disse, entre as sentenças centrais sublinhadas, o percentual de utilização foi de 57,14%. Esse percentual caiu para 34% entre as sentenças centrais não-sublinhadas, ou seja, houve 1,68 sentenças centrais sublinhadas para cada sentença central não-sublinhada. Pôde-se então concluir que *“houve média influência do sublinhado na escolha de dados lingüísticos de sentenças centrais dos documentos de base, aproveitados nos documentos de resumo”*.

Entre as sentenças periféricas, o percentual de utilização foi de 32,80%, quando sublinhadas, e de 16,73%, quando não-sublinhadas, ou seja, uma razão de 1,96 sentenças periféricas sublinhadas para cada sentença periférica não-sublinhada. Conclui-se, portanto, que *“houve média influência do sublinhado na escolha de dados lingüísticos de sentenças periféricas dos documentos de base, aproveitados nos documentos de resumo”*.

Dado que a razão obtida entre as sentenças periféricas foi ligeiramente superior à razão obtida entre as sentenças centrais, sugere-se que o efeito do sublinhado foi menos sensível quando os dados lingüísticos se configuravam como substanciais para a condensação do documento de partida.

Ao verificar a possibilidade de se estabelecer relações de dependência entre as versões de sublinhado e o percentual de utilização, tanto de sentenças centrais e periféricas, quanto de sentenças sublinhadas e não-sublinhadas, constatou-se que:

1. A razão estabelecida entre os percentuais de utilização de sentenças centrais e os de utilização de sentenças periféricas decaiu, conforme a versão privilegiou sentenças periféricas (3,52:1 na versão “A”; 2,74:1 na versão “B”; 1,23:1 na versão “C”; e, 0,96:1 na versão “D”). Repare-se que na versão “D” o percentual de utilização de sentenças centrais foi menor do que o de utilização de sentenças periféricas. Tais constatações permitiram concluir que, *“a configuração do sublinhado foi capaz de moderar a influência das sentenças centrais na escolha dos dados lingüísticos das sentenças de base para fins de aproveitamento nas sentenças de resumo”*.

2. A razão estabelecida entre os percentuais de utilização de sentenças centrais e periféricas sublinhadas e os de utilização de sentenças centrais e periféricas não-sublinhadas decai, conforme a versão privilegiou sentenças periféricas. Na versão “A”, onde a aposição de sublinhas se deu em sentenças centrais, houve fortíssima influência do sublinhado, ou seja, 3,52 sentenças sublinhadas para cada sentença não-sublinhada. Nas versões subsequentes “B” e “C” e “D”, nas quais se destacam respectivamente 1,67, 1,49 e 1,03 sentenças sublinhadas para cada sentença não-sublinhada, as sentenças sublinhadas exerceram cada vez menor

influência. Isso posto foi possível concluir que *“a configuração do sublinhado foi capaz de moderar a influência das sentenças sublinhadas na escolha dos dados lingüísticos das sentenças de base para fins de aproveitamento nas sentenças de resumo”*.

ESTRATÉGIAS DE PARACONSTRUÇÃO

No que tange às estratégias de paraconstrução, elenquei a seguinte hipótese.

“Em função da tarefa (documento de base presente) e da característica intrinsecamente seletional das sublinhas (semelhante à estratégia de cópia-apagamento de van Dijk, 1979), as estratégias de paraconstrução organizadas a partir de procedimentos de cópia, acrescidos ou não de apagamento(s) e/ou paráfrase(s) simples são mais frequentes nos documentos de resumo do que estratégias de parafraseamento complexo (paráfrase complexa e construção).”

Tomadas as 322 sentenças de resumo passíveis de identificação nos documentos de base, 287 sentenças, 89,10% do total, são de alguma forma menores do que as contrapartes do documento de base, contra 23 (7,14%) e 12 (3,72%) casos de manutenção e de expansão. Esses resultados permitem concluir que *“as estratégias de paraconstrução constituíram-se basicamente por procedimentos de compressão da linearidade lingüística das sentenças dos documentos de base”*.

No que diz respeito às relações de emparelhamento, em 203 oportunidades (63,04% dos casos) havia apenas uma sentença de base como contraparte da sentença de resumo. 114 casos foram classificados como aglutinação (35,40%), envolvendo 303 sentenças de base (2,65 sentenças de base por sentença de resumo). Houve ainda 5 casos de divisão (1,55% do total). Esses dados permitiram concluir que *“os documentos de resumo foram emparelhados em sua maioria por relações uma-a-uma entre sentenças de base e de resumo”*.

Isso posto, duas foram as estratégias básicas: 1. A sentença de resumo paraconstrói uma única sentença de base, comprimindo a sua linearidade lingüística, 175 casos, 54,34%; e, 2. A sentença de resumo aglutina pelo menos duas sentenças de base, por meio de compressão da linearidade lingüística das sentenças de base envolvidas na relação, 110 casos, 34,16%.

Em termos das estratégias de paraconstrução propriamente ditas, houve, a partir da consideração das sentenças de base envolvidas nas paraconstruções: 3,49% casos de citação; 19,98% casos de cópia acrescida de apagamento(s); 7,41% casos de cópia acrescida de paráfrase(s) simples; 49,46% de cópia acrescida de apagamento(s) e paráfrase(s) simples; 1,67% de casos de paráfrase complexa; 17,63% de casos de construção; e, 0,36% de casos de desvio.

Isso posto, em 80,34% dos casos, a estratégia foi a de copiar constituintes lineares das sentenças de base, acrescentando ou não apagamento(s) de dados considerados não-relevantes e/ou acrescentando adaptação(ões) na linearidade lingüística por meio de uma ou mais estratégias de paráfrase simples. A paráfrase complexa e a construção foram encontradas em 19,30% dos casos.

Tais resultados demonstram que houve 4,16 sentenças copiadas nos moldes supracitados para cada sentença parafraseada complexamente. Dessa maneira, *“houve fortíssima evidência de que as informantes organizaram seus documentos de resumo a partir da cópia de elementos lingüísticos das sentenças de base, acrescentando ou não apagamento(s) de excertos considerados não relevantes, combinados ou não com estratégias de paráfrase simples”*.

FORMA DO SUBLINHADO

Em função da possibilidade de influência de ‘formas específicas de sublinhado’ nas paraconstruções das alunas, as sentenças de base foram sublinhadas de forma integral, de forma a se destacarem cláusula(s) específicas e de forma a se destacarem itens lexicais específicos. Para tanto, elaborei a hipótese que se segue:

“A forma do sublinhado influencia as estratégias de paraconstrução, de tal modo que:

1. Sentenças sublinhadas integralmente sofrem processos de compressão, em especial por cópia acrescida de apagamentos e/ou paráfrases;

2. Sentenças com sublinhado clausal sofrem processos de cópia dos excertos sublinhados e apagamento dos excertos não-sublinhados;

3. Sentenças sublinhadas lexicalmente sofrem processos de preenchimento das lacunas interlexicais não-sublinhadas, de tal sorte que, tomando-se em conta os elementos sublinhados, ocorreria uma expansão (aumento de elementos lingüísticos)”.

Os dados evidenciaram que nos três casos acima descritos a paraconstrução comprime a linearidade lingüística, isto é, as sentenças de resumo apresentam as sentenças de base linearmente menores que suas contrapartes do documento de base. Em 108 dos 120 casos observados de sentenças sublinhadas integralmente, houve compressão da linearidade (90% dos casos), ou seja, uma razão de 9 casos de compressão para 1 caso de manutenção ou expansão. Isso posto, *“houve fortíssima evidência de que sentenças sublinhadas integralmente nos documentos de base sofreram processos de compressão da linearidade lingüística”.*

Das 49 sentenças sublinhadas em cláusula(s) específica(s), 36 casos (73,46%) apagaram os constituintes não-sublinhados. Nos demais 13 casos (26,54%) essa estratégia não ocorreu. Uma vez que esses resultados indicam uma razão de 2,76 casos de apagamento para cada caso em contrário, conclui-se que *“houve forte evidência de que o sublinhado de cláusula(s) específica(s) de sentenças fez com que se destacassem as cláusulas sublinhadas e se apagassem as cláusulas não-sublinhadas”.*

Por fim, em termos de sublinhado lexical, As alunas destacaram 53 sentenças marcadas. 35 sentenças (66,03% dos casos) preencheram as lacunas interlexicais não-sublinhadas e 18 (33,97% dos casos) essas lacunas não-sublinhadas se repetiram nos documentos de resumo. Uma vez que houve 1,94 casos de preenchimento para cada caso em contrário, pode-se concluir *“houve média evidência de que as sentenças sublinhadas em itens lexicais específicos nos documentos de base sofrem processos de preenchimento das lacunas interlexicais não-sublinhadas, de tal sorte que, tomando-se em conta os elementos sublinhados, ocorre uma expansão (aumento de elementos lingüísticos)”.*

7.3 Discussão

Os resultados apresentados na seção antecedente devem ser considerados a partir das condições e das limitações deste experimento. Nesse sentido, devem ser analisados como produtos de um laboratório. Sabidamente a escola não reproduziria as variáveis de controle aqui consideradas.

Por exemplo, na tentativa de observar várias paraconstruções de uma mesma informante o experimento acabou por criar uma variável interveniente considerável, qual seja, a influência da sequência das versões na relação sublinhado e resumo. Minha tentativa de não

repetir seqüências não foi capaz de eliminar essa variável. Não é por menos que a versão “A” não induziu a resumos mais adequados, a não ser justamente na primeira tarefa da informante 3.

Contudo, trabalho anterior (RAUEN et alii, 1993) já demonstrara que havia uma relação estatisticamente relevante entre a adequabilidade do sublinhado e sua recuperabilidade nos documentos de resumo, quando o experimento fora feito numa única tarefa por 39 acadêmicos de letras, sugerindo que, salvaguardada a interveniência acima aludida, os resultados seriam similares.

Contudo, acredito que a questão não se esgotou. Mais do que encerrá-la, essa pesquisa lança mais questionamentos e recomenda estudos que avancem sobre temas que perspectivem, entre outros, as peculiaridades de paraconstrução, tais como a influência de dados estatísticos sublinhados; de dados introdutórios; da ausência de marcação em pontos de processamento mais complexos; do tipo de padronagem textual encetada e, nesse particular, o padrão de “previsão-detalhamentos”; da enumeração em sentenças sublinhadas lexicalmente; etc..

Outra vertente para futuros trabalhos seria o estudo das características dos três tipos de documentos de divulgação científica que propus no capítulo dois. Faz-se necessário verificar que dados lingüísticos são característicos e diferenciadores de cada um dos tipos de documentos.

Por outro lado, pesquisas que envolvam sublinhado e resumos indicativos, indicativo-informativos ou críticos, poderiam ser levadas a efeito para fins de comparação dos vieses do sublinhado nesses tipos de paraconstruções.

Em situações de cópia, nenhuma informante se utilizou das aspas de referência. A prática recorrente de copiar segmentos dos documentos de origem como estratégia de produção de trabalhos escolares induz a uma desconsideração do outro como “proprietário” do documento.

Frise-se que estas acadêmicas receberam instruções na cadeira de introdução à metodologia científica sobre os procedimentos canonizados, e até legais, de pesquisa bibliográfica. Isso posto, elas deveriam utilizar as aspas em citações. Todavia, o fato de se produzir um resumo parece pressupor que os dados pertençam ao documento de base. Ora, ou as instruções dadas pela bibliografia são no mínimo desfocadas, uma vez que não explicitam, mas pressupõem o resumo como conjunto de excertos parafraseados; ou a prática escolar criou um tipo de resumo ignorado pela bibliografia.

Como o aluno de 1º e 2º grau (e até de 3º) faz pesquisa? Ele se dirige às fontes, em casa, bibliotecas, etc., e passa ao exercício diligente (ou seria displicente?) de copiar largos excertos de documentos. Observe-se que as fontes privilegiadas são justamente a bibliografia de ensino e as enciclopédias, ou documentos similares. Todos esses documentos, de uma maneira geral, caracterizam-se pelo desrespeito às fontes de informação. Sabidamente, a sintetização, ou mesmo o parafraseamento de documentos pode ser feita sem as aspas de referência. Todavia, não se incluem na linearidade lingüística expressões do tipo “resumindo-se fulano”, “parafraseando ciclano”, recorrentes num documento científico primário.

Nesse contexto qual é o papel do docente? Sem as mínimas condições materiais, limita-se a “passar o visto”, anuindo os procedimentos dos alunos. Logo, resumir ou fazer um trabalho é copiar ou, pelo menos, disfarçar a cópia. Não é por menos que as estratégias de cópia, acrescidas de apagamento(s) e paráfrase(s) simples foram amplamente utilizadas neste experimento, uma vez que é preciso diminuir a linearidade do documento de base (e por que

não por apagamentos?) e é preciso “disfarçar a cópia” (e por que não com alguma alteração “inocente” dessa linearidade?).

Urge, portanto, uma conduta pedagógica que rompa com essa prática na escola. Neste sentido, faz-se necessário que a formação do docente inclua essa discussão e permita que ele possa orientar seus alunos a uma paraconstrução que elimine o círculo vicioso de cópia e disfarce. No ensino superior é fundamental que o respeito às fontes de pesquisa não seja tarefa isolada dos docentes de metodologia científica, quando e se o fazem; nem tarefa isolada do professor de língua portuguesa, afinal que português instrumental é esse que insiste em perspectivar regras gramaticais para um aluno que provou (provou?) no vestibular que já as sabia?

Além disso, é fundamental que se discutam os padrões textuais que se amalgamam no discurso didático-pedagógico, no sentido de que eles incluam os padrões de respeito aos documentos já construídos ou mesmo paraconstruídos. É lamentável, quando meus alunos de metodologia científica constatarem em várias fontes de dados sobre um mesmo tema, cópias de excertos publicados.

Os documentos de resumo demonstraram novamente que a constatação de KLEIMAN (1984) continua atual. As demandas da tarefa, incluindo-se o tipo de documento a ser paraconstruído, implicaram uma constante recorrência ao documento de origem, induzindo a uma dependência da linearidade lingüística das sentenças de base. Exceto um caso, quarta tarefa da informante 3, todos os documentos de resumo seguiram a ordem das sentenças e processaram o documento de base na base de consideração/desconsideração de segmentos.

O que os dados deste trabalho põem em cheque é se essas paraconstruções refletem compreensão ou pelo menos uma interpretação alternativa adequada para o documento. Uma vez que a construção foi relativamente pouco utilizada e, pior, apenas três alunas assim o fizeram, minha asserção de que as pistas de compreensão seriam tão mais confiáveis quanto mais complexos fossem os parafraseamentos se coloca. Pode-se dizer que as informantes não paraconstruíram os documentos compreendendo-os como um todo.

Isso posto, temos que repensar a questão do resumo como documento demonstrativo de compreensão e, quem sabe, organizar instrumentos de análise, tais como questionários, entrevistas, auto-avaliação, que, junto com o resumo, possam ser meios mais adequados de aferição.

Tenho de reconhecer que a influência da presença do documento de base durante a tarefa sempre será sentida em algum grau. Todavia, faz-se necessário que a prática escolar se encaminhe para uma postura que perspetive a linguagem como ação entre sujeitos sócio-historicamente situados. Nesse sentido, urge que a proposta apresentada por PORTINE (1983) seja alvo de reflexões e pesquisas possam ser encetadas no sentido de analisar os efeitos de uma perspectiva discursiva em resumos escolares.

O que parece cristalino é que o ensino de português deve ultrapassar a concepção que tem como objeto a teoria da língua ou mesmo de suas estruturas. Neste trabalho, concebi a própria língua como um conjunto de padrões sócio-historicamente configurados. Essa perspectiva implica romper com a noção de estrutura e com a noção de língua como algo asséptico, a-histórico, a-social, algo que parece prescindir do elemento humano. Ela implica considerar os documentos como uma soma de elementos discursivos e de padrões textuais, na qual o segundo constituinte é produto da efervescência dialética da linguagem.

Precisamos encarar os elementos centrípetos de estabilização como formas socialmente configuradas de consenso, como tentativas humanas de objetivação desse

componente humano. Assim, a escola deve ser capaz de ser motriz desse esforço. Todavia, ela deve também reconhecer os movimentos de instabilização e, nesse sentido, a noção de certo e errado não é produtiva.

O que fiz neste trabalho, quando precisei estabelecer critérios de adequabilidade, foi aproximar algumas abordagens de perspectivação desses padrões textuais. Sempre pressupondo que a partir da consideração/desconsideração de sentenças pode-se elaborar um resumo informativo adequado de um artigo de “Ciência Hoje”, percebi que as propostas de coesão lexical (HOEY, 1991); relações clausais (WINTER, 1971); padronização dos artigos de “Ciência Hoje” (SILVEIRA, 1990a); ilhas de confiança lexical (CAVALCANTI, 1984); e, padrão argumentativo (TOULMIN, 1958), quando isoladas, não permitiam resultados satisfatórios. Contudo, trabalhando-as em conjunto, houve um incremento considerável na qualidade das escolhas das sentenças.

Não julgo que as minhas opções foram as mais adequadas ou mesmo que elas sejam infalíveis. Todavia, uma assunção que deve ser posta em prova é a confluência dinâmica de vários pontos de vista num mesmo espectro de perspectivação analítica de um documento. Esta pesquisa alerta que essa postura é não apenas possível, mas desejável. Suponho que é a combinação de várias estratégias que faz a diferença de uma leitura/escritura mais proficiente.

Se isso for verdade, cabe à lingüística de texto, fornecer esse arsenal de perspectivas e de que forma agrupá-las para uma otimização das tarefas de construção ou paraconstrução documentais. De posse desse conhecimento, acredito ser possível à escola encetar propostas de didatização desse conhecimento, rompendo com a postura engessadora na qual ainda se encontra.

Essa postura não está alheia aos movimentos de ensino. Na Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1991:19), sugere-se que o trabalho didático do professor deva acontecer com os documentos dos alunos ou de terceiros. Neste esforço,

“o professor deverá ‘desmontar’ o [documento], mostrando as estratégias utilizadas na sua elaboração; julgando o nível de clareza, a partir da coerência e argumentação das idéias”.

Nesse trabalho, propõe-se justamente que

“é interessante, no trabalho com o conteúdo do [documento] propor exercícios de identificação de idéias principais e acessórias e, a partir disso, elaborar sínteses”.

Ora, tais tarefas, implicam o entendimento de como os documentos se configuram. A tarefa do docente, dessa forma, será tão mais produtiva quanto mais ele tenha acesso às várias estratégias possíveis.

Meu trabalho foi um passo nesse esforço.

8. Anexos

8.1 “O estresse e as doenças”

Fonte Times New Roman, 10 pontos, Caixa Alta, Negrito: sentenças centrais

Fonte Times New Roman, 10 pontos, Itálico: sentenças periféricas

Fonte Times New Roman, 10 pontos: sentenças intermediárias

1. Quando o mundo entrou na era do mecanicismo e do positivismo, a ciência passou a ser encarada como uma atividade fundamentalmente analítica.
2. Dentro de um sistema cartesiano, a grande preocupação era oferecer explicações lógicas para todos os fenômenos.
3. O conhecimento então verticalizou-se na busca da 'seriedade', da comprovação e de critérios de 'validade' para qualquer tipo de pesquisa científica.
4. Modernamente, a ciência tem aberto cada vez mais espaço para viver uma fase de síntese, ou seja: os conhecimentos estão sendo objeto de novas reflexões, em um movimento que procura relacioná-los uns com os outros, a fim de que o homem possa entender melhor a unidade da natureza.
5. Em 1936 o cientista e médico austríaco Hans Seyle apresentou, pela primeira vez em biologia, o conceito de estresse.
6. Já no tempo de estudante, Seyle notava que seus pacientes, antes de apresentarem os sintomas típicos de uma determinada doença, mostravam um conjunto de características muito semelhantes, independentes da causa da enfermidade.
7. A PARTIR DESSE FATO, ELE [HANS SEYLE] CONCEITUOU O ESTRESSE COMO UMA SÍNDROME GERAL DE ADAPTAÇÃO, OU SEJA, UM CONJUNTO DE REAÇÕES SISTÊMICAS E NÃO-ESPECÍFICAS QUE SURGEM QUANDO OCORRE UMA EXPOSIÇÃO DO ORGANISMO A AGENTES AGRESSORES.
8. ESTUDANDO O FENÔMENO DE MODO SISTEMÁTICO, SEYLE TENTOU MOSTRAR A INDIVISIBILIDADE DO INDIVÍDUO EM SEU CONJUNTO E OBSERVOU VÁRIAS FASES DE RESPOSTA ADAPTATIVA.
9. A PRIMEIRA FASE, IDENTIFICADA COMO REAÇÃO DE ALARME, CORRESPONDE AO ESTRESSE AGUDO, QUANDO HÁ PREDOMÍNIO DE UMA RESPOSTA ESSENCIALMENTE NERVOSA.
10. Nessa fase dá-se a ativação do chamado Sistema Nervoso Simpático, o que significa uma liberação de grandes quantidades dos hormônios adrenalina e noradrenalina.
11. A SEGUNDA FASE FOI CHAMADA DE PERÍODO DE RESISTÊNCIA E CORRESPONDE AO ESTRESSE CRÔNICO, NO QUAL O ORGANISMO HABITUA-SE À PRESENÇA DO AGENTE CAUSADOR DO ESTRESSE (ESTRESSOR).
12. A resposta nervosa dá lugar à resposta hormonal.
13. O carro-chefe dessa resposta é a glândula adrenal que passa a secretar o hormônio glicocorticóide (cortisol ou corticosterona, dependendo da espécie animal) a partir de estímulos vindos da

glândula hipófise e do hipotálamo, no Sistema Nervoso Central (SNC) (ver 'A ação do hormônio glicocorticóide no Sistema Nervoso Central').

14. O ÚLTIMO ESTÁGIO SERIA A FASE DE EXAUSTÃO, QUE CORRESPONDE AO PERÍODO PRÉ-AGÔNICO, COM PRESENÇA DE FALÊNCIA ORGÂNICA MÚLTIPLA.

15. Nesta fase, o organismo já perdeu a capacidade de adaptação frente a uma situação de estresse muito intensa ou prolongada.

16. COM O TEMPO, MUITOS PESQUISADORES PASSARAM A QUESTIONAR A CLASSIFICAÇÃO DE SEYLE.

17. NÃO SE CONSEGUIA REPETIR OS MESMOS RESULTADOS DE CARÁTER 'ESTEREOTIPADO' EM TODOS OS CASOS ESTUDADOS, JÁ QUE CADA INDIVÍDUO TEM A SUA PRÓPRIA MANEIRA DE REAGIR ÀS CIRCUNSTÂNCIAS.

18. O que controlaria essas diferentes respostas seria, então, a capacidade desse indivíduo em adaptar-se às alterações do meio, através de padrões psiconeurohormonais próprios - que poderiam ser comparados a uma impressão digital - e não apenas a ativação do Sistema Nervoso Simpático e do eixo formado pelo hipotálamo e pelas glândulas hipófise e adrenal.

19. Na verdade o sistema endócrino (das glândulas secretoras de hormônios) e o sistema nervoso possuem vários outros mecanismos de resposta muito bem estabelecidos, sendo que cada hormônio (ou neurotransmissor, em se tratando do sistema nervoso) desempenha uma série de funções que lhe são próprias.

20. Porém o modo e a intensidade com que o indivíduo, como um todo, responde ao meio depende da atividade integrada de todos esses fatores.

21. Isso explica as reações diferenciadas entre os indivíduos diante de uma mesma situação.

22. O fenômeno se torna ainda mais complexo, quando observamos que cada hormônio é capaz de provocar diversos efeitos ao mesmo tempo (ver 'A complexidade dos efeitos hormonais').

A interação entre o sistema nervoso e o sistema imune

23. A COMPREENSÃO DA FISIOLOGIA DOS SISTEMAS NERVOSO E IMUNE (ESTE RESPONSÁVEL PELA DEFESA DO ORGANISMO) TEM DEMONSTRADO UMA SÉRIE DE SEMELHANÇAS ENTRE AMBOS, ESTABELECENDO AS BASES PARA OS ESTUDOS DA PSICONEUROIMUNOLOGIA.

24. Esses dois importantes sistemas são tidos como capazes de responder a estímulos externos (apesar do conceito de estímulo/resposta estar sendo, atualmente, muito questionado).

25. O comportamento adaptativo dos dois casos está baseado na capacidade de memorização, os dois possuem receptores de membrana comuns e funcionam sob a adaptação de mecanismos auto-regulatórios.

26. TRADICIONALMENTE, SÃO CONHECIDAS DUAS FORMAS PELAS QUAIS O SISTEMA NERVOSO É CAPAZ DE MODULAR A ATIVIDADE DO SISTEMA IMUNE.

27. UMA DELAS SE FAZ POR MECANISMOS HUMORAIS (MEDIADOS POR HORMÔNIOS) SOBRETUDO ATRAVÉS DO EIXO HIPOTÁLAMO-HIPÓFISE-ADRENAL, E OUTRA POR MECANISMOS NEURONAIS, ATRAVÉS DO SISTEMA NERVOSO SIMPÁTICO.

28. A interação entre os dois sistemas pode ser observada, por exemplo, nos resultados mais recentes de vários estudos que mostram que o hormônio glicocorticóide diminui a produção de proteínas ativadoras do sistema imune.

29. Outros hormônios como a insulina, a ocitocina, a tiroxina, a ADH (hormônio antidiurético) e a serotonina estimulam a proliferação de linfócitos T (células de defesa do sistema imune) e aumentam a síntese de anticorpos.

30. As correlações funcionais entre os sistemas imune e nervoso podem ser estudadas através de lesão provocada em áreas específicas do SNC.

31. Lesando-se o hipotálamo de ratos, por exemplo, tem-se uma série de mudanças na arquitetura dos órgãos do sistema linfático - onde se encontram as células do sistema imune, como o baço, por exemplo - nas reações de hipersensibilidade, também chamadas alergias, nas respostas a transplantes e na população de linfócitos, células que efetuam a resposta imunológica.

32. Quando porções do SNC responsáveis pelas emoções (sistema límbico) são lesadas, há aumento de células do timo: órgão linfóide primário, responsável pela maturação dos linfócitos T.

33. A glândula pineal, no SNC, é responsável pela secreção do hormônio melatonina, o qual regula a secreção de outros hormônios da reprodução e o próprio glicocorticóide.

34. Quando essa glândula é retirada, a síntese de anticorpos e a atividade linfocitária diminui, provavelmente pela alteração desse hormônio.

35. Mas a interação entre o sistema nervoso central e o sistema imune, chamada de neuroimunomodulação, também pode ser coordenada diretamente pelas terminações nervosas existentes nos órgãos linfóides.

36. O timo é innervado por fibras nervosa simpáticas, as quais liberam noradrenalina.

37. A diminuição dos níveis de noradrenalina nos terminais simpáticos acarreta uma redução da atividade de defesa, sugerindo que o sistema nervoso exerce algum papel na deflagração da resposta imune.

38. ESTUDOS RECENTES DESENVOLVIDOS POR NOSSO GRUPO - NO LABORATÓRIO DE PATOLOGIA EXPERIMENTAL DA FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, E NO LABORATÓRIO DE ANATOMIA PATOLÓGICA DA ÉCOLE NATIONALE VÉTÉRINAIRE DE LYON, FRANÇA - SUGEREM QUE OS NERVOS PERIFÉRICOS TAMBÉM PODEM TER PARTICIPAÇÃO NA MODULAÇÃO DE ATIVIDADES DE CÉLULAS DO SISTEMA IMUNE, FORA DOS ÓRGÃOS LINFÓIDES, ATRAVÉS DA LIBERAÇÃO DA SUBSTÂNCIA P.

39. A substância P (SP) está presente em alguns neurônios sensitivos e sua função é transmitir os impulsos que vêm da periferia para a raiz dorsal da medula espinal.

40. Na década de 60, descobriu-se que essa substância, quando liberada pelas terminações nervosas livres, também é capaz de agir como mediador químico da inflamação, promovendo vasodilatação, a permeabilidade vascular.

41. Esse fenômeno é chamado de 'inflamação neurogênica'.

42. Segundo nossa hipótese, a substância P pode ser considerada também como um agente imunomodulador nesses mesmos tecidos (figura 2).

43. EM NOSSA EXPERIÊNCIA, CAMUNDONGOS MACHOS DA LINHAGEM NIH FORAM INOCULADOS COM TUMOR DE EHRLICH (UM ADENOCARCINOMA MAMÁRIO ESPECÍFICO PARA ESSA ESPÉCIE) NO COXIM PLANTAR, CONHECIDO POPULARMENTE COMO 'ALMOFADINHA' DO PÉ, DE AMBAS AS PATAS POSTERIORES.

44. Porém, em apenas uma das patas, foram seccionados dois importantes nervos: o ciático e o safeno (figura 3).

45. Em seguida, fragmentos desses coxins plantares foram coletados, processados para análise microscópica e corados pela técnica imunohistoquímica Peroxidase-anti-Peroxidase (PAP).

46. Através dessa técnica, anticorpos monoclonais reativos contra a substância P (anti-SP) são capazes de tornar evidentes as células que apresentam essa substância.

47. O RESULTADO REVELOU A PRESENÇA DE MACRÓFAGOS E/OU LINFÓCITOS (CÉLULAS MONONUCLEARES DE DEFESA) MARCADAS PARA A SUBSTÂNCIA P NO INTERIOR DA MASSA TUMORAL, APENAS NO LADO QUE NÃO SOFREU A SECÇÃO DOS NERVOS CIÁTICO E SAFENO (FIGURA 4).

48. ISSO SUGERE QUE A SUBSTÂNCIA P, SECRETADA PELAS TERMINAÇÕES NERVOSAS DO TECIDO SUBCUTÂNEO DA PATA, PODERIA INFLUENCIAR A RESPOSTA IMUNE NO PRÓPRIO LOCAL DE INOCULAÇÃO DO TUMOR, À SEMELHANÇA DO QUE OCORRE NOS ÓRGÃOS LINFÓIDES.

49. O PRÓXIMO PASSO SERIA IDENTIFICAR ESSAS CÉLULAS E SABER SE A ATUAÇÃO DA SUBSTÂNCIA P SOBRE ELAS É CAPAZ DE MODULAR A SUA ATIVIDADE, A PONTO DE MODIFICAR, EFETIVAMENTE, O CRESCIMENTO DO TUMOR DE EHRLICH (FIGURA 5).

50. OUTRAS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS PELO NOSSO GRUPO CORROBORAM ESSA ÚLTIMA HIPÓTESE, POIS O CRESCIMENTO DO TUMOR DE EHRLICH NA PATA CUJOS NERVOS FORAM SECCIONADOS É SIGNIFICATIVAMENTE MAIOR EM RELAÇÃO À PATA ÍNTEGRA.

51. A secção dos nervos também estimula a secreção de substâncias que promovem o crescimento celular, e por isso são chamadas de fatores de crescimento neural (NGF, do inglês Nerve Growth Factor) de particular importância para o desenvolvimento embrionário e para a manutenção dos neurônios, unidades funcionais básicas do sistema nervoso (ver Ciência Hoje, no 94 especial 'As Ciências do Cérebro', 1993).

52. O NGF liberado pelo nervo seccionado poderia, teoricamente, interferir no crescimento do tumor, estimulando diretamente a mitose (reprodução por divisão do núcleo celular) nas células tumorais, através de proteínas existentes na superfície das células que se ligariam ao NGF como um sistema de chave e fechadura.

53. Porém, a continuidade dos estudos mostrou que as terminações nervosas próximas à massa tumoral são negativas para NGF (não revelam a presença desse fator) o que nos faz abandonar essa hipótese.

54. Contudo, algumas células tumorais apresentaram positividade para NGF, marcando-se intranuclearmente, mas sem estar próximas das estruturas nervosas.

55. Esse achado pode indicar uma possível secreção e atividade autócrinas (de auto-estimulação) de NGF pelo tumor, ou seja: as células tumorais secretariam o NGF e se auto-estimulariam com ele.

56. EM OUTRA SEQUÊNCIA DE EXPERIMENTOS, ALGUNS CAMUNDONGOS MACHOS, COM APROXIMADAMENTE 45 DIAS DE IDADE, ERAM SUBMETIDOS DURANTE UM MÊS A UM REGIME DE ISOLAMENTO SOCIAL ANTES DA INOCULAÇÃO DO TUMOR.

57. QUANDO COMPARADOS COM CAMUNDONGOS MANTIDOS EM GRUPO, OS CAMUNDONGOS ISOLADOS APRESENTARAM UM CRESCIMENTO TUMORAL MENOR (FIGURA 6).

58. POR OUTRO LADO, SE OS ANIMAIS ERAM SUBMETIDOS AO ISOLAMENTO SOCIAL APÓS O TÉRMINO DE SUA ATIVIDADE REPRODUTIVA, POR VOLTA DOS CINCO MESES DE IDADE, O CRESCIMENTO TUMORAL ERA SEMELHANTE AO DOS ANIMAIS AGRUPADOS.

59. ISSO MOSTRA QUE NÃO É O ISOLAMENTO EM SI QUE DETERMINA UM MAIOR OU MENOR CRESCIMENTO DO TUMOR, MAS SIM A HISTÓRIA PRÉVIA DA VIDA DO ANIMAL E A SUA CAPACIDADE DE ADAPTAR-SE ÀS DIVERSAS CIRCUNSTÂNCIAS DO MEIO, ASSOCIADA À ATIVAÇÃO DOS DIFERENTES MECANISMOS FISIOLÓGICOS QUE GARANTEM A ESTABILIDADE DO MEIO INTERNO DE UM ORGANISMO.

60. O transplante de tumor de animais isolados para animais agrupados não reverte o seu padrão de crescimento mais lento, pelo menos nos sete dias após a inoculação (ou seja, o tumor continua a crescer mais lentamente, apesar de estar implantado num animal agrupado socialmente).

61. Esse último dado indica que, provavelmente, os mecanismos de regulação do crescimento tumoral não se restringem à resposta imune diferenciada por parte do hospedeiro.

62. AS ALTERAÇÕES BIOLÓGICAS DA PRÓPRIA CÉLULA TUMORAL INTERFEREM NESSES MECANISMOS, O QUE SIGNIFICA QUE A 'MALIGNIDADE' DESSAS CÉLULAS TAMBÉM PODE SER DIFERENTE, DEPENDENDO DO 'PERFIL GLOBAL' O HOSPEDEIRO.

63. Ainda não há dados suficientes para se propor um mecanismo que explique essa última afirmação.

64. Quando falamos de perfil global, não estamos falando apenas do perfil imunológico, ou do hormonal, ou ainda do nervoso ou do comportamental.

65. Referimo-nos a todos eles em conjunto.

66. A relação sistema nervoso x sistema imune está longe de ser uni ou bidirecional, conforme descrevem até agora os livros.

67. Nem mesmo o termo 'feedback' (retroalimentação) é suficiente para ilustrar a complexidade desse sistema, composto de interações múltiplas.

68. Apenas através de um raciocínio mais amplo e de uma visão 'tridimensional' e dialética será possível compreender esses fenômenos em sua totalidade.

a dialética biológica do organismo

69. O estresse, o comportamento e a imunidade devem ter seus mecanismos assentados sobre um eixo comum.

70. Muitos tentam encontrá-lo em algum componente orgânico com funções integrativas, como os peptídeos opióides (substâncias analgésicas naturais), os nucleotídeos cíclicos, que regulam o metabolismo celular frente a estímulos externos, os hormônios, os neurotransmissores e as imunoglobulinas.

71. Na verdade, esse eixo comum pode não significar uma molécula, uma célula, um hormônio ou um único elemento do organismo, mas uma condição harmônica, composta por todos os constituintes orgânicos.

72. Afinal, os efeitos do estresse não ocorrem de forma sucessiva ou linear, mas sim de uma forma simultânea e dinâmica.

73. Se essa reação se dá de forma equilibrada, adaptando-se o animal às circunstâncias do meio, o animal preserva a sua vida, caso isso não ocorra, sua sobrevivência fica ameaçada.

74. A renovação é um fato inerente à vida; sem ela não há movimento e a estagnação gera falência orgânica.

75. No entanto, a eliminação de todos os agentes estressores, por sua vez, causa estresse.

76. A adaptação é a coluna dorsal da evolução.

77. DENTRO DE UMA VISÃO DE UNIDADE FISIOPATOLÓGICA, O HOMEM É O ÚNICO SER VIVO CAPAZ DE SER SEU PRÓPRIO AGENTE ESTRESSOR, E O FAZ ATRAVÉS DO PENSAMENTO.

78. ASSIM, O ENTENDIMENTO DO MECANISMO DO ESTRESSE NOS ANIMAIS DE EXPERIMENTAÇÃO NÃO NOS DÁ O DIREITO DE FAZER EXTRAPOLAÇÕES DIRETAS PARA A ESPÉCIE HUMANA.

79. NO ENTANTO A COMPREENSÃO DA DIALÉTICA BIOLÓGICA PERMITE UMA APROXIMAÇÃO MUITO ESTREITA ENTRE OS PROCESSOS PATOLÓGICOS DESENVOLVIDOS NO HOMEM E AQUELES DESENVOLVIDOS NOS ANIMAIS, POIS TODOS FAZEMOS PARTE DE UM MESMO UNIVERSO.

80. Talvez a síntese de conhecimentos venha nos levar a entender essa dinâmica.

81. Afinal, como dizia Leonardo Da Vinci: "La verità solo fu figliora del Tempo" (a verdade não é senão filha do tempo).

8.2 “Estudos do solo revelam alterações climáticas da Amazônia”

Fonte Times New Roman, 10 pontos, Caixa Alta, Negrito: sentenças centrais

Fonte Times New Roman, 10 pontos, Itálico: sentenças periféricas

Fonte Times New Roman, 10 pontos: sentenças intermediárias

1. Os solos observados no planeta têm idades muito variadas.

2. Nas zonas montanhosas ou mais geralmente nas zonas submetidas a movimentos rápidos da crosta terrestre, a erosão mecânica arrasta o solo à medida que ele se forma.

3. Em zonas de sedimentação fluvial ou marinha, os solos não podem ser mais velhos que os sedimentos sobre os quais eles se desenvolvem.

4. Nas zonas temperadas da Europa ou da América do Norte, as geleiras, que ocupavam essas regiões até uma época relativamente recente, eliminaram os solos preexistentes, e os solos atuais, portanto, são relativamente jovens.

5. NAS ZONAS ÚMIDAS DOS VELHOS ESCUDOS ESTÁVEIS, COMO O ESCUDO CENTRAL BRASILEIRO, QUE INCLUI GRANDE PARTE DA AMAZÔNIA, OS SOLOS PUDEAM TEORICAMENTE EVOLUIR POR UM LONGO TEMPO SEM TEREM SIDO SUBMETIDOS A UMA SUBMERSÃO PELO MAR, A UMA EROSÃO MECÂNICA INTENSA, OU À AÇÃO DAS GELEIRAS

6. PORTANTO, ESSES SOLOS PODEM APRESENTAR TRAÇOS HERDADOS DOS CLIMAS QUE SE SUCEDERAM DURANTE SUA LONGA FORMAÇÃO.

7. No caso dos latossolos, que junto com os solos podzólicos são os solos mais comuns da Amazônia, a indicação da idade é dada, em primeiro lugar, pela sua espessura e pela natureza dos minerais que o compõem.

8. Modelagens realizadas a partir das condições atuais de formação indicam um tempo de formação entre 10 e 100 milhões de anos, em função das hipóteses iniciais.

9. *Apesar da imprecisão, tais resultados indicam que esses solos são muito antigos: não ocorreram, pelo menos nos últimos 10 milhões de anos, episódios climáticos que permitissem a ablação da cobertura de solos, como geleiras ou desertos quentes (nestes, na ausência de vegetação, há erosão, principalmente eólica, que leva as partículas finas e só deixa no local os elementos grosseiros).*

10. SOB CERTAS CONDIÇÕES, UMA CRONOLOGIA RELATIVA DOS DIFERENTES ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO SOLO PODE SER FEITA POR ANÁLISE PETROGRÁFICA OU QUÍMICA.

11. Nos solos bauxíticos das regiões de Juriti ou de Trombetas (2° S, 57' W), foi possível estabelecer uma sucessão de eventos.

12. Os constituintes mais antigos são materiais endurecidos pelo ferro, chamados couraças ferruginosas, que apresentam características de rocha-mãe pouco alterada.

13. Posteriormente, formam-se materiais endurecidos pelo alumínio, chamados bauxitas, nas quais as características da rocha-mãe quase desaparecem.

14. *Enfim, esses materiais estão em vias de substituição por um material argiloso não-consolidado.*

15. Essa sucessão nos dá indicações paleoclimáticas.

16. *Observa-se atualmente que as couraças ferruginosas submetidas a um clima tropical contrastado, como na África sudano-guineense.*

17. *Pode-se supor que o solo evoluiu sob um clima desse tipo no início de sua formação, pelo menos 10 milhões de anos atrás.*

18. *As bauxitas, entretanto, formam-se sob um clima muito úmido.*

19. Como elas estão agora em fase de substituição por um material argiloso característico do clima atual, pode-se concluir que esses solos evoluíram sob um clima mais úmido durante um tempo longo, o suficiente para formar os espessos horizontes bauxíticos, hoje residuais.

20. NO ENTANTO, AS EXTRAPOLAÇÕES A PARTIR DO SOLO DEVEM MANTER-SE PRUDENTES.

21. *As linhas de cascalhos ferruginosos ou quartzosos observadas em profundidade nos solos, por exemplo, foram consideradas, nos anos 60 e 70, como indícios de climas que teriam permitido uma erosão e uma desnudação do solo, seguidas por um recobrimento de materiais não consolidados.*

22. *Mas vários estudos, realizados nos últimos 20 anos, tanto na África como na América do Sul, mostraram que essa interpretação era muitas vezes falsa, já que essas linhas de cascalho podem formar-se em profundidade nos solos, sem a necessidade de uma fase de aridez e de erosão mecânica.*

23. Na paisagem, os solos são geralmente organizados em sistema que podem ser entendidos na escala da unidade de relevo.

24. *Os solos de platô ou dos cumes de colinas são diferentes dos solos das vertentes, e esses diferentes dos solos dos baixios.*

25. Tais sistemas são ao mesmo tempo as conseqüências e o motor da formação de paisagens.

26. *Perto de Manaus, foi possível mostrar que o sistema de solos e as formas da paisagem locais são típicos das regiões de florestas tropicais úmidas, comandadas pela erosão química.*

27. Se oscilações climáticas recentes ocorreram, com desaparecimento da floresta, essas mudanças não foram intensas ou longas o suficiente para modificar ou para induzir a formação de formas de paisagem diferentes.

PISTAS NA MATÉRIA ORGÂNICA

28. MESMO SEM MODIFICAR OS SISTEMAS DE SOLOS DE UMA FORMA VISÍVEL, AS OSCILAÇÕES CLIMÁTICAS RECENTES PODEM TER DEIXADO MARCAS EM ALGUNS DOS COMPONENTES DOS SOLOS.

29. ISSO ACONTECE, POR EXEMPLO, COM A MATÉRIA ORGÂNICA EXISTENTE NOS SOLOS, QUE PROVÊM QUASE EXCLUSIVAMENTE DA VEGETAÇÃO QUE COBRIU OU COBRE TAIS SOLOS.

30. Essa matéria orgânica aparece como uma testemunha dos eventos climáticos que ocorreram nos últimos milhares de anos.

31. AS DATAÇÕES DA MATÉRIA ORGÂNICA DOS SOLOS, USANDO O MÉTODO DO CARBONO 14 RADIOATIVO, EVIDENCIAM, PARA GRANDE MAIORIA DESSES SOLOS, UM CRESCIMENTO REGULAR DA IDADE DA MATÉRIA ORGÂNICA COM A PROFUNDIDADE.

32. Assim nas camadas mais superficiais, a matéria orgânica é geralmente jovem, entre 50 e 100 anos.

33. A um metro de profundidade, a idade média dessa matéria varia de 3 a 5 mil anos, atingindo 7 a 10 mil anos a 2 metros de profundidade.

34. A MATÉRIA ORGÂNICA UMIDIFICADA E ESTÁVEL DAS CAMADAS PROFUNDAS É, PORTANTO, UMA TESTEMUNHA DA VEGETAÇÃO QUE RECOBRIU OS SOLOS DURANTE OS ÚLTIMOS MILÊNIOS.

35. SABE-SE, POR OUTRO LADO, QUE O CARBONO 13 (^{13}C), UM ISÓTOPO ESTÁVEL DO CARBONO, NÃO APARECE COM A MESMA CONCENTRAÇÃO EM TODOS OS VEGETAIS.

36. *Os valores de $\delta^{13}\text{C}$ das espécies vegetais (obtidos após a combustão das amostras de solo a 800°C , com um espectômetro de massa) são determinadas em relação a um padrão internacional.*

37. *Tais valores variam em função do ciclo fotossintético C_4 (no qual o primeiro composto orgânico do CO_2 , é uma molécula com quatro átomos de carbono, com a grande maioria das gramíneas tropicais, dos campos e dos cerrados) são menos empobrecidas em ^{13}C do que as plantas com um ciclo fotossintético C_3 (primeiro composto orgânico formado a partir de CO_2 , é uma molécula com 3 átomos de carbono) e que é encontrado em todas as árvores.*

38. *Para as primeiras, os valores de $\delta^{13}\text{C}$ situam-se entre -10 partes por mil e -20 partes por mil, e para as últimas entre -22 partes por mil e -33 partes por mil.*

39. A matéria orgânica das camadas superficiais dos solos possui uma relação $^{13}\text{C}/^{12}\text{C}$ muito próxima da existente na vegetação que se origina.

40. Por isso, quando duas coberturas vegetais compostas de ciclos fotossintéticos diferentes se sucedem, observam-se, no decorrer do tempo, modificações nos valores de $\delta^{13}\text{C}$ nas camadas dos solos.

41. Assim, pode-se deduzir que, se no curso dos últimos milênios ocorreram alternâncias de vegetação devidas à ação humana ou a flutuações climáticas, a matéria orgânica antiga das camadas profundas conservou indícios dessas alternâncias.

42. ATUALMENTE, POUCOS PERFIS DE DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES DE $\delta^{13}\text{C}$ NOS SOLOS DA AMAZÔNIA SÃO DISPONÍVEIS.

43. NA MAIORIA DELES, OS VALORES OBTIDOS NAS CAMADAS SUPERFICIAIS DO SOLO ESTÃO PRÓXIMOS DE -28 PARTES POR MIL E, COM O AUMENTO DA PROFUNDIDADE, OBSERVA-SE APENAS UM AUMENTO DE 2 A 3 UNIDADES, COMO RESULTADO DO FRACIONAMENTO DO CARBONO DURANTE O PROCESSO DE DECOMPOSIÇÃO DA MATÉRIA ORGÂNICA E NÃO DA OCORRÊNCIA DE UM TIPO DIFERENTE DE VEGETAÇÃO.

44. *Esse aumento pode mascarar pequenas variações na razão isotópica.*

45. *Variações maiores (em torno de 10 partes por mil ou mais) provavelmente indicarão que diferentes tipos de vegetação ocuparam aquele solo.*

46. *A presença de uma vegetação florestal sobre esses solos desde uma época antiga parece então muito provável.*

47. ENTRETANTO, UM DOS SOLOS DE FLORESTAS, OBTIDO AO NORTE DE MATO GROSSO, APRESENTOU UMA DISTRIBUIÇÃO BEM DIFERENTE DE $\delta^{13}\text{C}$.

48. A PARTE SUPERIOR DO PERFIL APRESENTA VALORES E UMA EVOLUÇÃO PARECIDOS COM OS DOS SOLOS ANTERIORES, MAS A PARTIR DE UMA PROFUNDIDADE DE 30 CM O AUMENTO DO VALOR DE $\delta^{13}\text{C}$ É ACENTUADO, ATINGINDO -19,9 PARTES POR MIL A 1,2M, RESULTADO PARECIDO COM OS ATUALMENTE OBSERVADOS NAS CAMADAS SUPERFICIAIS DOS SOLOS DE CAMPOS E DE CERRADOS.

49. Isso mostra que a Amazônia, sob um mesmo tipo de vegetação, a floresta densa e úmida, e sob o mesmo clima atual, tropical úmido, solos parecidos do ponto de vista pedogenético podem apresentar distribuições do isótopo ^{13}C muito diferentes entre si.

50. *Tais diferenças não podem ser explicadas pelo processo de fracionamento isotópico decorrente da decomposição da matéria orgânica.*

51. A HIPÓTESE MAIS PROVÁVEL, PORTANTO, É A DE QUE OS VALORES DE $\delta^{13}\text{C}$ OBSERVADOS EM PROFUNDIDADE, NESSE SOLO DO MATO GROSSO, SERIAM DECORRENTES DA PRESENÇA DE UMA MATÉRIA ORGÂNICA ANTIGA UMIDIFICADA E ESTÁVEL, PROVENIENTE DE UMA VEGETAÇÃO ANTERIOR DE COMPOSIÇÃO ISOTÓPICA DIFERENTE, MAIS RICA EM ^{13}C QUE A VEGETAÇÃO ATUAL, E PROVAVELMENTE PARECIDA À VEGETAÇÃO ATUAL DE CAMPOS E CERRADOS.

FÓSSEIS DE ANTIGOS VEGETAIS

52. ALÉM DA MATÉRIA ORGÂNICA DISTRIBUÍDA NOS PERFIS DE SOLOS, O ESTUDO DOS CARVÕES ENCONTRADOS NESSES PERFIS TAMBÉM PODE DAR INFORMAÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS OCORRIDAS NO PASSADO.

53. Nos anos de 1975 a 1977, o exame atento de 800 km de cortes do terreno, às margens da rodovia Santarém-Cuiabá, que acabava de ser aberta, revelou a presença freqüente, principalmente entre os

municípios de Itaituba, no Pará, e o planalto do Cachimbo, de pedaços de carvão nos horizontes superiores dos latossolos vermelho-amarelos, situados sobre granitos e riolitos encobrendo essa área.

54. *De tamanho centimétrico a milimétrico, os fragmentos de carvão concentram-se frequentemente em profundidades que variam de 50 cm a 1m, formando uma verdadeira linha, que em geral acompanha as descontinuidades texturais e estruturais dos perfis.*

55. Um exame minucioso desses carvões (através de técnicas como a espectrometria infravermelha, a reflectância e o estudo das paredes celulares) mostrou que eram o produto de incêndios de paleocoberturas vegetais, e que tais eventos localizaram-se entre 3 e 6 mil anos no passado.

56. *Outros traços de paleoincêndios da floresta amazônica forma indentificados depois em diversos setores da bacia.*

57. Tendo em vista que nenhum traço da atividade humana (ferramentas, cerâmica ou outros) está associado a esses indícios do Alto Tapajós, entre Jamanxim e Curuá, o significado deles parece muito provavelmente paleoclimático.

58. **NO DECORRER DE UM MAIS EPISÓDIOS CLIMÁTICOS MAIS SECOS QUE O ATUAL, A FLORESTA TROPICAL ÚMIDA, INSUFICIENTEMENTE ABASTECIDA DE ÁGUA, TERIA SIDO DEVASTADA NUMA GRANDE EXTENSÃO POR INCÊNDIOS CUJA ORIGEM PODE TER SIDO DIVERSA (RELÂMPAGOS, AÇÃO HUMANA OU OUTRAS CAUSAS).**

59. **UMA VEGETAÇÃO DE SAVANA INSTALOU-SE PROVAVELMENTE EM SEGUIDA, TEMPORARIAMENTE, CONFORME INDICADO POR CERTAS CARACTERÍSTICAS FISICOQUÍMICAS ANÔMALAS DOS SOLOS DESTA ÁREA.**

60. Essa interpretação paleoclimática das camadas de carvões encontradas nos solos do sul do Pará foi muito reforçada por informações recentemente recolhidas ao curso do estudo dos sedimentos dos lagos da serra sul de Carajás (ver 'Paleoclimas e Geologia', neste número).

61. O estudo palinológico e sedimentológico realizado por uma equipe franco-brasileira mostrou que, ao longo dos últimos 60 mil anos, ocorreram quatro episódios climáticos mais secos que o atual.

62. Os fatos importantes são que: 1) a última fase seca registrada em Carajás situa-se entre 7 e 4 mil anos no passado, ou seja, aproximadamente na mesma época em que a floresta incendiou-se no Alto Tapajós; 2) em Carajás, também existem traços de paleoincêndios nessa época.

63. Do mesmo modo que os fósseis nos sedimentos, os carvões conservados nos perfis do solo podem constituir marcadores de paleoambientes.

64. Os da estrada Santarém-Cuiabá mostram que a grande floresta amazônica não escapou, provavelmente num passado relativamente recente, dessas catástrofes ecológicas naturais que são os incêndios.

65. **TRAÇOS DE INCÊNDIOS DAS COBERTURAS VEGETAIS ACHAM-SE NOS SEDIMENTOS DESDE O DEVONIANO E EM TODAS AS LATITUDES, INDICANDO QUE ELES PODEM TER DESEMPENHADO UM PAPEL DE GRANDE IMPORTÂNCIA NAS MODIFICAÇÕES DAS COBERTURAS VEGETAIS PASSADAS E NA DECOMPOSIÇÃO DA ATUAL FLORESTA AMAZÔNICA.**

66. No que diz respeito à Amazônia, o papel dos paleoincêndios na dinâmica da floresta amazônica ainda permanece pouco conhecido, mas o Ecofit-Brasil, um programa de pesquisas franco-brasileiro lançado recentemente, poderá, num futuro próximo, trazer algumas respostas às indagações dos cientistas.

8.3 “Perspectivas para o desenvolvimento de vacinas contra a AIDS”

Fonte Times New Roman, 10 pontos, Caixa Alta, Negrito: sentenças centrais

Fonte Times New Roman, 10 pontos, Itálico: sentenças periféricas

Fonte Times New Roman, 10 pontos: sentenças intermediárias

1. *Em 1981, o Center for Disease Control and Prevention (CDC) dos Estados Unidos registrou os primeiros casos de uma nova e fatal doença, que se tornou conhecida como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS).*

2. *Suas vítimas, a maioria homossexuais previamente saudáveis, faleciam de infecções e neoplasias raras que, até então, só acometiam pessoas nascidas com certas deficiências imunológicas ou pacientes cujo sistema imune havia sido enfraquecido pelo uso de agentes imunossupressores.*

3. *No final de 1993, mais de 1,5 milhão de casos, ocorridos em mais de 150 países, já haviam sido oficialmente notificados à Organização Mundial de Saúde (OMS).*

4. *Tal número subestima a real extensão dessa pandemia (epidemia generalizada), já que considerável proporção de casos não é notificada, especialmente em países em desenvolvimento, carentes de infra-estrutura adequada para diagnóstico e vigilância epidemiológica.*

5. Mesmo em países desenvolvidos parece ser substancial a subnotificação, e alguns peritos estimam que, nos EUA, até 30% dos casos não são notificados.

6. Em 1992, a OMS estimava que mais de 2 milhões de casos de AIDS já haviam ocorrido no mundo e que mais de 13 milhões de pessoas encontravam-se infectadas pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o agente etiológico da AIDS.

7. Nessa mesma época, a OMS estimava que até o ano 2000, 30 milhões de adultos e de 5 a 10 milhões de crianças estarão infectados pelo HIV, e terão ocorrido 12 a 18 milhões de casos de AIDS sendo 4 a 8 milhões em crianças.

8. No Brasil, até o final de 1993, cerca de 45 mil casos já foram oficialmente notificados ao Ministério da Saúde, calculando-se a subnotificação em até 50%.

9. Há estimativas que indicam que até o ano 2000 alguns milhões de brasileiros estarão infectados pelo HIV.

10. O HIV PERTENCE À SUBFAMÍLIA DOS LENTIVÍRUS DOS RETROVÍRUS HUMANOS.

11. Como todos os retrovírus, tem material genético composto de ácido ribonucleico (ARN), e caracteriza-se pela presença de uma enzima denominada Transcriptase Reversa, que permite a transcrição do ARN viral em ácido desoxirribonucleico (ADN).

12. Tal cópia de ADN é, então, capaz de integrar-se ao genoma da célula hospedeira, passando a fazer parte de seu patrimônio genético.

13. O HIV INFECTA PRINCIPALMENTE PORÉM NÃO EXCLUSIVAMENTE, CÉLULAS QUE APRESENTAM A MOLÉCULA CD4 EM SUA SUPERFÍCIE (PRINCIPALMENTE LINFÓCITOS T4-HELPER E MACRÓFAGOS).

14. Essa molécula, que normalmente participa como estrutura estabilizadora do contato entre células do sistema imune no processo de apresentação de antígenos, age como receptor do vírus, mediando a invasão celular.

15. Existem mecanismos CD4-independentes de invasão celular por HIV, que, provavelmente, têm papel mais relevante na infecção de macrófagos e de outras células que não linfócitos.

16. A CONSEQUÊNCIA FINAL DA INFECÇÃO PELO HIV É UMA CONTÍNUA E PREVISÍVEL DETERIORAÇÃO DO SISTEMA IMUNE, CARACTERIZADA PELA DIMINUIÇÃO PROGRESSIVA DOS LINFÓCITOS CD4+, QUE DE INÍCIO COMPROMETE PRINCIPALMENTE A IMUNIDADE CELULAR.

17. A AIDS é uma manifestação tardia do processo

O que é AIDS?

18. A AIDS É DEFINIDA COMO SENDO UM ESTÁGIO AVANÇADO DE INFECÇÃO PELO HIV, CARACTERIZADO PELA OCORRÊNCIA DE INFECÇÕES OPORTUNISTAS (ASSIM CHAMADAS PORQUE, EM GERAL, SÓ OCORREM EM PACIENTES IMUNODEPRIMIDOS) E/OU POR DETERMINADAS NEOPLASIAS.

19. Assim, o seu diagnóstico fica restrito aos pacientes cuja imunodepressão ocasionada pela infecção do HIV já tenha atingido determinado limiar, tornando-os susceptíveis a doenças que normalmente não ocorre em indivíduos imunocompetentes.

20. Infecções oportunistas só ocorrem a partir de determinado grau de imunodeficiência, o que geralmente corresponde a contagem de linfócitos CD4+ menores que 200 células/mm³ (o valor normal situa-se entre 700 e 1000).

21. Como regra geral, pode-se afirmar que raríssimos pacientes atingem tal limiar nos primeiros dois anos após a infecção.

22. A partir do terceiro, aproximadamente 4% dos pacientes ao ano atingirão contagens inferiores a 200 linfócitos CD4+/mm³.

23. estudos demonstraram que, sem tratamento, são necessários 10 anos, em média, para que esse limiar seja atingido, a contar do momento da infecção.

24. A TERAPÊUTICA ANTIRETROVIRAL (COMO O AZT, POR EXEMPLO) INICIADA NO MOMENTO CORRETO É CAPAZ DE RETARDAR CONSIDERAVELMENTE A PROGRESSÃO DA IMUNODEFICIÊNCIA.

25. JÁ O EMPREGO DE QUIMIOPROFILAXIA CONSEGUE IMPEDIR O DESENVOLVIMENTO DA INFECÇÕES OPORTUNISTAS MAIS COMUNS, COMO POR PNEUMONIA POR P. CARINII.

26. Assim, a associação dessas duas formas de tratamento (antiretroviral e quimioprofilaxia) permite retardar por vários anos o desenvolvimento de AIDS nos indivíduos infectados pelo HIV.

27. Dessa forma, é essencial diferenciar-se AIDS de infecção pelo HIV por serem diagnósticos com enorme diferença prognóstica.

28. Antes do advento das medicações antiretrovirais e do uso rotineiro de quimioprofilaxia para infecções oportunistas, 50% dos pacientes com AIDS nos Estados Unidos e na Europa morriam após 11 meses do diagnóstico e 100%, após 18 meses.

29. Em países em desenvolvimento a sobrevivência era ainda menor.

30. No Brasil, no período 1982-1989, ela era estimada em aproximadamente 6 meses.

31. Após o advento daqueles tipos de tratamento, houve aumento significativo da sobrevivência após o diagnóstico da AIDS, e hoje, nos países desenvolvidos, a sobrevivência média fica em torno de 3 anos.

32. *Estudo realizados no Rio de Janeiro mostrou que no caso de AIDS diagnosticados em 1989-90, a sobrevida dos pacientes, muitos dos quais beneficiados pelo uso de antiretrovirais, foi de aproximadamente 22 meses.*

Transmissão do HIV

33. **EXISTEM APENAS TRÊS VIAS DE TRANSMISSÃO DO HIV:** (1) **VIA SEXUAL BIDIRECIONAL**, ISTO É, DA MULHER PARA O HOMEM E DO HOMEM PARA A MULHER, NAS RELAÇÕES HETEROSSEXUAIS, E DO PARCEIRO ATIVO PARA O PASSIVO OU DO PASSIVO PARA O ATIVO, EM RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS; (2) **ATRAVÉS DE SANGUE (OU SEUS PRODUTOS) CONTAMINADO**; (3) **DA MULHER PARA O SEU FILHO** (DURANTE A GESTAÇÃO, NO TRABALHO DE PARTO OU PELA AMAMENTAÇÃO).

34. **DESSE MODO, CONTER O AVANÇO DA EPIDEMIA PARECE DEPENDER DE INTERVENÇÕES SIMPLES:** **SEXO SEGURO** (ISTO É, COM PRESERVATIVO, MÉTODO EXTREMAMENTE EFICAZ NA PREVENÇÃO DA TRANSMISSÃO), **FISCALIZAÇÃO DO SANGUE (OU DERIVADOS)** USADO EM TRANSFUSÕES, E **LIMITAÇÃO DO COMPARTILHAMENTO DE SERINGAS E AGULHAS ENTRE USUÁRIOS DE DROGAS INJETÁVEIS.**

35. Nos países desenvolvidos, bem como em vários países em desenvolvimento (incluindo os principais centros urbanos no Brasil), a instalação de programas de triagem dos doadores e do sangue doado foi capaz de, praticamente, interromper a transmissão do HIV por essa via.

36. **TENDO EM VISTA QUE, EM TERMOS MUNDIAIS, 90% DAS NOVAS INFECÇÕES SE DÃO PELA VIA SEXUAL (A VASTA MAIORIA POR CONTATO HETEROSSEXUAL) A FALTA DE SUCESSO DA MAIORIA DOS PROGRAMAS QUE VISAVAM MODIFICAR COMPORTAMENTOS SEXUAIS, A EXEMPLO DE TANTAS OUTRAS CAMPANHAS EDUCACIONAIS, FEZ COM QUE O DESENVOLVIMENTO DE UMA VACINA SE TORNASSE A ÚNICA ESPERANÇA DE SE CONTER O AVANÇO DA EPIDEMIA DE HIV/AIDS.**

Obstáculos ao desenvolvimento de uma vacina contra a AIDS

37. **POSSIVELMENTE, OS PRINCIPAIS OBSTÁCULOS TEÓRICOS AO DESENVOLVIMENTO DE UMA VACINA REPOUSAM NA FALTA DE CONHECIMENTO PRECISO DA PATOGENIA DA INFECÇÃO PELO HIV, NA GRANDE VARIABILIDADE DO VÍRUS E DO FATO DE NÃO SE SABER QUE TIPO DE RESPOSTA IMUNE É CAPAZ DE PROTEGER CONTRA A INFECÇÃO PELO HIV.**

38. **INÚMERAS EVIDÊNCIAS INDICAM QUE O HIV É, POR SI SÓ, CAPAZ DE CAUSAR A AIDS, ATRAVÉS DE MECANISMOS DIRETOS E INDIRETOS.**

39. **EMBORA EXISTAM DEMONSTRAÇÕES IN VIVO E/OU IN VITRO DA EXISTÊNCIA DESSES VÁRIOS MECANISMOS, AINDA NÃO FOI POSSÍVEL DETERMINAR COM PRECISÃO A IMPORTÂNCIA RELATIVA DE CADA UM DELES,**

40. A variabilidade do HIV talvez seja o obstáculo que maior destaque recebeu até o momento.

41. **COMO REGRA GERAL, A EFICIÊNCIA DE UMA VACINA ANTIVIRAL É EM GRANDE PARTE DEPENDENTE DE SUA CAPACIDADE DE INDUZIR A PRODUÇÃO DE ANTICORPOS NEUTRALIZANTES, ISTO É, ANTICORPOS QUE ELIMINAM O VÍRUS ANTES DE ELE SER CAPAZ DE INFECTAR AS CÉLULAS.**

42. *No caso do HIV, os principais anticorpos neutralizantes são dirigidos a uma região altamente variável da glicoproteína de superfície do vírus, denominada alça V3.*

43. *Em estudos in vitro, os anticorpos neutralizantes têm atividade quase restrita à cepa que os induziu, isto é, são incapazes de neutralizar o vírus de cepas divergentes, sugerindo que uma vacina produzida a partir de uma determinada cepa (por exemplo uma cepa norte-americana) poderia ser ineficaz contra outra diferente (por exemplo, uma cepa brasileira).*

44. **NO ENTANTO, EXISTEM POUCAS EVIDÊNCIAS DE QUE ANTICORPOS SEJAM REALMENTE ESSENCIAIS PARA A EFICÁCIA DE UMA VACINA ANTI-HIV/AIDS.**

45. Pelo contrário, muitos investigadores acreditam que a indução desse tipo de anticorpos seja de pouca importância.

46. **ESSA DÚVIDA DECORRE DO FATO DE NÃO SE SABER SE UMA VACINA, PARA SER EFICAZ, NECESSITA INDUZIR IMUNIDADE ESTÉRIL, ISTO É, QUE SEJA CAPAZ DE DESTRUIR O VÍRUS NA PORTA DE ENTRADA, ANTES QUE OCORRA A INFECÇÃO DAS CÉLULAS.**

47. Se esse tipo de imunidade for realmente essencial para evitar o desenvolvimento de AIDS, então a presença de anticorpos nas mucosas e de anticorpos neutralizantes no sangue é essencial.

48. Caso contrário, a presença de imunidade celular seria mais relevante.

49. **TOMANDO POR BASE MODELOS DE OUTRAS INFECÇÕES PARA AS QUAIS EXISTEM VACINAS EFICAZES COMO, POR EXEMPLO, POLIOMELITE, SARAMPO OU RAIVA, É BASTANTE PROVÁVEL QUE A IMUNIDADE ESTÉRIL NÃO SEJA ESSENCIAL.**

50. Nessas e em outras viroses para as quais existem vacinas, embora os vírus penetrem o organismo e invadam as células, a doença não se desenvolve.

51. Em outras palavras, embora a vacinação não seja capaz de evitar a infecção (isto é, não induz imunidade estéril), ela é capaz de evitar o adoecimento.

52. **SE O MESMO FOR VERDADE EM RELAÇÃO AO HIV, ENTÃO A INDUÇÃO DE ANTICORPOS NEUTRALIZANTES TORNA-SE DE MENOR IMPORTÂNCIA, E A IMUNIDADE CELULAR ASSUME UM PAPEL DE MAIOR DESTAQUE.**

53. DESSA FORMA, A VARIABILIDADE DO HIV DEIXARIA DE SER UM GRANDE OBSTÁCULO, PORQUE AS PARTES DA MOLÉCULA CONTRA A QUAL SÃO DIRIGIDOS OS ANTICORPOS OU A IMUNIDADE CELULAR (OS DETERMINANTES ANTIGÊNICOS) SÃO BEM MENOS VARIÁVEIS E CAPAZES DE INDUZIR RESPOSTAS DE MAIOR AMPLITUDE.

54. À diferença dos anticorpos neutralizantes, a imunidade celular não tem atividade restrita apenas contra a cepa que os induziu.

55. *Quanto ao tipo de resposta imune capaz de proteger contra a infecção pelo HIV, sabe-se que os indivíduos soropositivos (infectados pelo vírus) produzem anticorpos neutralizantes, células citotóxicas e todos os demais componentes para imunidade antiviral efetiva.*

56. *No entanto, ainda assim, parecem ser incapazes de erradicar a infecção.*

57. *A aparente incapacidade de erradicar a infecção, associada à falta de um modelo natural ou experimental de cura da infecção pelo HIV, por muitos anos fez com que a possibilidade do desenvolvimento de uma vacina fosse encarada com ceticismo por muitos.*

58. *No entanto, avanços recentes no campo da imunologia, bem como a demonstração da existência de pessoas que estiveram expostas ao HIV, mas não se infectaram, começam a reverter esse quadro pessimista.*

59. A resposta imune, grosso modo, pode ser dividida em dois tipos: celular e humoral (isto é: através de anticorpos).

60. Em ambas, os linfócitos CD4+ exercem papel central.

61. HÁ POUCOS ANOS FOI DEMONSTRADO QUE EM CAMUNDONGOS EXISTEM DUAS DIFERENTES SUBPOPULAÇÕES DE LINFÓCITOS CD4+, DENOMINADAS DE T_{H1} E T_{H2} .

62. *Essas subpopulações se diferenciam pelas citocinas que secretam em respostas a estímulos antigênicos.*

63. A PRIMEIRA (T_{H1}) ESTÁ PRINCIPALMENTE ENVOLVIDA NA IMUNIDADE CELULAR, ENQUANTO QUE A SEGUNDA (T_{H2}), NA RESPOSTA HUMORAL.

64. NÃO SE CONHECEM COM PRECISÃO OS FATORES QUE DETERMINAM O DESENVOLVIMENTO DE UMA RESPOSTA PREDOMINANTEMENTE T_{H1} OU T_{H2} .

65. **SABE-SE, NO ENTANTO, QUE A FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS ANTÍGENOS, SUA DOSE, SUA VIA, SUA PORTA DE ENTRADA NO ORGANISMO E SUA CONSTITUIÇÃO BIOQUÍMICA SÃO IMPORTANTES.**

66. SABE-SE TAMBÉM QUE EM QUALQUER TIPO DE RESPOSTA IMUNE HÁ O PREDOMÍNIO DE UM OUTRO TIPO DE RESPOSTA, E AINDA QUE O AUMENTO DE T_{H1} LEVA À DIMINUIÇÃO DE T_{H2} E VICE-VERSA.

67. Em outras palavras, face a um agente infeccioso, o organismo seria obrigado a optar por ter uma resposta de um tipo ou de outro.

68. Além disso, fatores que levem a diminuição de um tipo de resposta indiretamente aumentariam o outro tipo.

69. *Apenas em 1992-3 demonstrou-se a existência de respostas imunológicas semelhantes em seres humanos.*

A teoria Salk

70. HÁ MAIS OU MENOS TRÊS ANOS, O MÉDICO NORTE-AMERICANO JONAS SALK, DESCOBRIDOR DA VACINA CONTRA A POLIOMIELITE, SUGERIU QUE UMA VACINA ANTI-HIV/AIDS SÓ SERIA EFICAZ SE UTILIZASSE VÍRUS ATENUADOS.

71. A teoria Salk baseia-se na observação de que, em várias infecções por patógenos intracelulares (como por exemplo, M. tuberculosis ou Leishmania spp.), o desfecho final (doença ou cura) dependerá do tipo de resposta imune (celular ou humoral) desencadeada pelo hospedeiro.

72. EM MODELOS EXPERIMENTAIS, CEPAS DE CAMUNDONGOS COM RESPOSTA PREDOMINANTEMENTE CELULAR (T_{H1}) SÃO IMUNES À LEISHMANIOSE.

73. JÁ AS CEPAS COM RESPOSTA PREDOMINANTEMENTE HUMORAL (T_{H2}) DESENVOLVEM A LEISHMANIOSE RAPIDAMENTE FATAL.

74. A manipulação dessas respostas é capaz de alterar radicalmente o desfecho da infecção.

75. Camundongos com resposta T_{H1} (imunes, portanto) quando manipulados para terem resposta T_{H2} tornam-se altamente susceptíveis à leishmaniose.

76. Já os camundongos com resposta do tipo T_{H2} (susceptíveis) quando manipulados para terem resposta do tipo T_{H1} tornam-se altamente resistentes à leishmaniose.

77. Além disso, camundongos susceptíveis à infecção por Leishmania se vacinados com doses repetidas e subimunogênicas de Leishmania, desenvolvem resposta do tipo T_{H1} (celular, sem produção de anticorpos anti-Leishmania) e tornam-se resistentes à infecção por esse parasita.

78. OBSERVAÇÕES DESSE TIPO LEVARAM SALK A SUGERIR QUE INDIVÍDUOS COM RESPOSTA DO TIPO T_{H2} (ISTO É, PREDOMINANTEMENTE HUMORAL, COM PRODUÇÃO DE ANTICORPOS) SERIAM INCAPAZES DE CONTROLAR A INFECÇÃO PELO HIV E DESENVOLVERIAM AIDS.

79. JÁ OS INDIVÍDUOS COM RESPOSTA DO TIPO T_{H1} (ISTO É, PREDOMINANTEMENTE CELULAR, QUE NÃO PRODUZEM ANTICORPOS ANTI-HIV) SERIAM CAPAZES DE SE CURAR DA INFECÇÃO.

80. SE ISSO FOR VERDADE, A ESTRATÉGIA CORRETA DE VACINAÇÃO SERIA O EMPREGO DE REPETIDAS INOCULAÇÕES DE DOSES DIMINUTAS, SUB-IMUNOGÊNICAS, DE VÍRUS ATENUADO, DE FORMA A INDUZIR UMA RESPOSTA T_{H1} E NÃO T_{H2} .

81. Dois tipos de observações aparentemente corroboram a teoria Salk.

82. Existem na literatura especializada inúmeros relatos de pessoas com fortes evidências epidemiológicas de exposição ao HIV (por exemplo, homossexuais com repetidas práticas de alto risco, usuários de drogas endovenosas e filhos de mães soropositivas) que não se infectaram.

83. Em um número significativo desses indivíduos foi possível demonstrar que possuíam resposta T_{H1} específica anti-HIV, embora não produzissem, in vivo ou in vitro, anticorpos anti-HIV.

84. *Em muitos deles também demonstrou-se a presença de ADN viral integrado às suas células, embora não houvesse produção de ARN viral.*

85. O conjunto dessas observações indica que esses indivíduos estiveram expostos ao vírus, desenvolveram uma resposta do tipo T_{H1} , mas não do tipo T_{H2} (humoral) e foram capazes de se curar da infecção.

Modelos animais de vacinação eficaz

86. O outro tipo de observação que aparentemente corrobora a teoria Salk decorre de experimentos de vacinação de primatas com o vírus da AIDS de símios (SIV).

87. A infecção pelo SIV provoca em algumas espécies de primatas quadro semelhante à AIDS, sendo fatal em relativamente curto espaço de tempo.

88. *Em um experimento, SIV 'atenuados' por engenharia genética - isto é, que tiveram o gene Nef retirado - foram injetados em primatas.*

89. *Por serem defeituosos, tais vírus provocaram apenas uma infecção auto-limitada.*

90. *No entanto, os primatas pré-infectados com esses vírus atenuados tornaram-se imunes à infecção com SIV, seja por via venosa ou retal.*

91. Em outras palavras, a vacinação com um vírus atenuado por engenharia genética foi capaz de proteger primatas de infecção pelo vírus da AIDS de símios.

92. OS RECENTES AVANÇOS DA IMUNOLOGIA, AS EVIDÊNCIAS DE EXISTIREM PESSOAS RESISTENTES À INFECÇÃO PELO HIV E OS SUCESSOS OBTIDOS EM ESTUDOS INICIAIS DE VACINAS ANTI-SIV INDICAM QUE O DESENVOLVIMENTO DE UMA VACINA ANTI-HIV-AIDS É UM OBJETIVO QUE PODERÁ SER ATINGIDO.

8.4 “Atrás do voto”

Fonte Times New Roman, 10 pontos, Caixa Alta, Negrito: sentenças centrais

Fonte Times New Roman, 10 pontos, Itálico: sentenças periféricas

Fonte Times New Roman, 10 pontos: sentenças intermediárias

1. A conquista de um mandato legislativo, seja na esfera municipal, estadual ou federal, é produto da relação entre o político e seus eleitores.

2. A PARTIR DE UMA RECENTE PESQUISA REALIZADA COM OS VEREADORES DA CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO, PODEMOS COMPREENDER QUE, ALÉM DA TROCA DO VOTO PELO MANDATO, A RELAÇÃO ENTRE ELEITORES E POLÍTICOS ESTÁ, EM GRANDE PARTE, FUNDADA NUM INTERCÂMBIO DE VALORES CULTURAIS.

3. (E aqui é bom lembrar que a noção de cultura, na perspectiva antropológica, não se refere ao conjunto de hábitos, costumes e práticas de uma sociedade, mas sim aos seus códigos e valores de interpretação da realidade.)

4. A relação com os eleitores é a base que dá legitimidade a uma candidatura e, conseqüentemente, ao político.

5. Na visão dos vereadores, um mandato só se justifica se houver um grupo dentro da sociedade que o considere seu representante natural no poder legislativo.

6. Em contrapartida, o político acredita que, exercendo o mandato, está retribuindo a escolha e cumprindo um dever que o fará abrir mão de sua vida pessoal em nome da dedicação e do esforço pelo bem-estar dos que o elegeram.

7. Do ponto de vista dos vereadores, portanto, é o seu vínculo a uma determinada comunidade, seja ela uma comunidade local ou um grupo cuja identidade se dá através de valores comuns, que garante a legitimidade de seu título político, e não ao contrário.

8. *Tomemos como exemplo as eleições de 1992 para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro.*

9. *Através dos boletins de apuração do TRE, observamos que, entre os vereadores eleitos, pouco mais de um terço deles, ou mais precisamente, dezesseis vereadores tem votação concentrada, do tipo*

comunitário/distritais (como são chamadas às vezes pelos próprios vereadores), já que têm mais de 50% dos seus votos obtidos em uma zona eleitoral ou em duas muito próximas, geralmente nas zonas norte ou oeste da cidade (onde reside, em geral, a população com menor poder aquisitivo).

10. Apenas oito vereadores têm uma votação muito equilibrada por toda a cidade.

11. Outros 8 têm pequenas concentrações em três ou mais zonas, mas conseguem manter um bom índice em todo o município.

12. Os 10 restantes são eleitos pela zona sul e pela Tijuca que, juntas, somam nove zonas eleitorais na Câmara.

13. São os chamados vereadores 'ideológicos'.

14. VEJAMOS, EM PRIMEIRO LUGAR, ALGUNS EXEMPLOS DE CAMPANHA DE VEREADORES QUE TÊM VOTAÇÃO CONCENTRADA, VISUALIZADA NA FIGURA 1, QUE REPRODUZ OS RESULTADOS DO BOLETIM ELEITORAL DE UM VEREADOR PELAS ZONAS ELEITORAIS.

15. Os mapas de votação se baseiam no percentual dos votos obtidos pelo candidato em cada zona eleitoral e não no número absoluto de votos.

16. Essa é uma forma de minorar a margem de distorção causada pela diferença no número de votantes de cada zona.

17. A PROPAGANDA DESSES CANDIDATOS ('SANTINHOS', CARTAZES ETC) TEM EM GERAL TRÊS CARACTERÍSTICAS BÁSICAS: NOMES DOS BAIRROS ONDE COSTUMAM OBTER O MAIOR NÚMERO DE VOTOS, OBRA(S) DO CANDIDATO NA REGIÃO E ALGUMAS FRASES DE EFEITO QUE FUNCIONAM COMO LEMA DA CAMPANHA.

18. ESSE TIPO DE CAMPANHA PROCURA CRIAR UMA RELAÇÃO DE CUMPLICIDADE ENTRE O CANDIDATO E O ELEITOR, DE FORMA QUE AMBOS SE SINTAM FAZENDO PARTE DE UM MESMO CÍRCULO SOCIAL.

19. Em geral, a menção de um bairro cria um vínculo fundamental que, em muitos casos, significa uma origem e/ou residência comum entre político e eleitores.

20. Não se trata meramente de uma situação geográfica, mas de todo um universo de experiências culturais compartilhado a partir de um mesmo espaço de coabitação e sociabilidade,

21. Assim, o candidato é aquele que entende os problemas da região, porque vive junto e vê no dia-a-dia o sofrimento da comunidade.

22. JUSTAMENTE POR ISSO, AS OBRAS SOCIAIS, CAPITANEADAS PELOS POLÍTICOS, SÃO A PEÇA-CHAVE DESSE TIPO DE CAMPANHA.

23. São muitos os candidatos a vereador que têm um ou mais centros de serviço assistencial à disposição da população local.

24. Em geral, tais centros dão atendimento médico, odontológico, legal e assistencial gratuito, além de creches e outros auxílios.

25. Quem é candidato à reeleição também procura colocar no seu material de propaganda uma lista de obras de urbanização, calçamentos, iluminação, urbanização de praças, reforma de escolas realizadas na região e conseguidas através do mandato anterior, no intuito de provar que já vem trabalhando em prol da comunidade há muitos anos.

26. Durante a campanha, existe a idéia de que o eleitor é pessoalmente importante para o candidato, que chega a prometer, em troca do voto, coisas como gratidão, amizade, ajuda, carinho e solidariedade.

27. OS VEREADORES QUE SE ELEGEM COM VOTOS ESPALHADOS MAIS OU MENOS IGUALMENTE POR TODA A CIDADE TÊM VOTAÇÕES SEGUINDO O PADRÃO MOSTRADO NA FIGURA 2.

28. Foram pelo menos 8 os eleitos dessa forma no pleito de 1992 para a Câmara carioca.

29. A PRINCIPAL CARACTERÍSTICA DESSE TIPO DE POLÍTICO É TER POR BANDEIRA A DEFESA DE ALGUMA CATEGORIA PROFISSIONAL, ÉTNICA OU RELIGIOSA.

30. COMO NO PRIMEIRO CASO, A CAMPANHA É FEITA DE FORMA DIRECIONADA PARA O GRUPO DE ELEITORES QUE SE PRETENDE ATINGIR, OBSERVANDO IGUALMENTE O FATO DE QUE O CANDIDATO TAMBÉM PERTENCE (OU PERTENCEU) AO MESMO GRUPO DE SEUS ELEITORES.

31. Assim, pode existir o candidato dos bancários, o candidato dos evangélicos, o candidato dos militares.

32. A idéia de pertencimento, como no grupo comunitário, é fundamental para criar a identificação entre candidato e eleitor.

33. Como observamos, a existência de uma cumplicidade via experiência de vida em comum é o grande apelo que as campanhas vão utilizar para conquistar o eleitor.

34. A frase típica desse movimento é aquela que diz que o candidato esteve sempre ao lado, sempre presente, sempre acompanhando a categoria tal e tal.

35. podemos perceber, no entanto, que nesse grupo já existe uma preocupação maior em mostrar que a conquista do mandato pode significar conquistas legislativas em defesa da categoria profissional ou do

grupo de identidade em jogo, e não benfeitorias materiais, como as obras de urbanização e assistência social gratuita do primeiro grupo.

36. Um modelo desse tipo de preocupação é o oferecido pelas campanhas que apresentam projetos de lei e mesmo leis já aprovadas (nos casos de candidatos à reeleição) que beneficiam a categoria representada.

37. JÁ OS CANDIDATOS ELEITOS PELOS BAIRROS DA ZONA SUL (ONDE SE CONCENTRA A POPULAÇÃO DE MAIOR PODER AQUISITIVO DA CIDADE) E ARREDORES DA TIJUCA (CONSIDERADO O BAIRRO MAIS 'ZONA SUL' DA ZONA NORTE), SÃO AQUELES QUE OS PRÓPRIOS VEREADORES TENDEM A CLASSIFICAR COMO IDEOLÓGICOS.

38. Vemos na figura 3 um exemplo desse tipo de comportamento eleitoral.

39. Ao contrário das listas de obras e nomes de bairros, a campanha típica desse grupo fala genericamente em cidade, Rio de Janeiro, e traz sempre uma ênfase em palavras de ordem, como ética, honestidade, justiça, cidadania, trabalho e combate à corrupção.

40. MAIS DO QUE UMA IDENTIFICAÇÃO COM ALGUM GRUPO OU SETOR DA SOCIEDADE, A CAMPANHA DESSES POLÍTICOS TENDE A GIRAR EM TORNO DE BANDEIRAS MORAIS E ÉTICAS, SEMPRE PROCURANDO ASSOCIAR O NOME DO CANDIDATO A UMA PRÁTICA DE HONESTIDADE, INDEPENDENTEMENTE DO CARÁTER PROGRESSISTA OU NÃO DE SUA VISÃO POLÍTICA.

41. A intenção clara desse tipo de campanha é se apropriar do senso comum da população quanto à falta de honestidade da classe política e tentar se diferenciar dessa imagem através da apresentação de um perfil de retidão, dignidade e honradez; ou, como diz um candidato, fazendo um pedido para que o eleitor separe o joio do trigo.

42. Ou, ainda mais radical, como o político que se declara em cruzada pelo soerguimento moral da política brasileira, ou daquele que avisa que não é como outros que dão saco de cimento em troca de voto.

43. ESTÁ PRESENTE NESSE TIPO DE CAMPANHA TAMBÉM UMA PREOCUPAÇÃO EM ESCLARECER PARA O ELEITOR O SIGNIFICADO POLÍTICO DO VOTO.

44. Vai se falar em direitos e garantias individuais, bem comum, democratização e cumprimento de leis, além de um recorrente didatismo sobre a função do vereador e do Legislativo municipal.

45. Procura-se, na medida do possível, estabelecer uma relação mais política com o eleitor.

46. Podemos observar através do mapa de votação dos chamados vereadores ideológicos que existe, especialmente na zona sul da cidade, um grupo de eleitores muito sensível a esse tipo de discurso.

47. O que não está aparente na figura 3 são as diferenças de fato ideológicas que separam o voto dos políticos mais conservadores, de direita, dos mais progressistas, de esquerda.

48. Muitos eleitores estão preocupados justamente com essas diferenças ideológicas, que podem não estar claras no texto da campanha, mas são explícitas na filiação partidária, no discurso de palanque, no contato pessoal e na imagem pública do candidato.

49. APESAR DAS DIFERENÇAS NOS TRÊS PADRÕES DE COMPORTAMENTO ELEITORAL QUE EXAMINAMOS ACIMA (FIGURAS 1, 2 E 3), A ANÁLISE DOS TEXTOS DE CAMPANHA DE TODOS OS CANDIDATOS REVELA A ESTRATÉGIA DE CONVENCIMENTO DO ELEITOR É A DE CONSTRUIR PARA O VEREADOR UM PERTENCIMENTO AO GRUPO (OU GRUPOS) DE REFERÊNCIA DE SEUS ELEITORES.

50. O VEREADOR NÃO FAZ PARTE NECESSARIAMENTE DO MESMO UNIVERSO CULTURAL DE SEUS ELEITORES.

51. AO CONTRÁRIO, O SEU MAIOR TRUNFO ESTÁ NO FATO DE SER ALGUÉM DE FORA, OU QUE SAIU DO GRUPO, QUE TRANSITA POR OUTROS UNIVERSOS CULTURAIS TENDO, AO MESMO TEMPO, A HABILIDADE DE COMUNICAR-SE NA LINGUAGEM DO GRUPO DO QUAL É RECONHECIDO COMO REPRESENTANTE.

52. No caso específico de uma metrópole como o Rio de Janeiro, a sua complexidade tem sido caracterizada justamente pela convivência de múltiplos universos culturais que, em determinadas circunstâncias (como a do exercício da política local), revelam as suas distintas concepções de existência, aquilo que costumamos chamar em linguagem antropológica de visões de mundo.

53. Assim, os diferentes padrões de votação (figuras 1, 2 e 3) mostram que o político, enquanto conquista os eleitores construindo para si próprio a imagem de representante de certos valores, está também mapeando repertórios e códigos culturais não individuais, mas constitutivos e internos à própria sociedade.

54. Boa parte da rotina dos parlamentares já eleitos é ocupada com o atendimento aos eleitores.

55. estes os solicitam como alguém que seja capaz de entender o significado de seus problemas.

56. O vereador tem um papel crucial para essas pessoas porque, como dizia na campanha, o político é alguém que conhece de perto, compreende as suas necessidades e anseios, e tem, ao mesmo tempo, os meios para traduzi-los em soluções.

57. Não está em jogo apenas o bem trocado, mas a interpretação de sua importância simbólica, tanto para o vereador quanto para o eleitor que vai ao seu encontro.

58. Existem muitas maneiras de atender os eleitores, saldando o que se costuma chamar de 'débito de campanha'.

59. A tendência daquele que muitas vezes é classificado pelos próprios companheiros de assistencialista é manter relações mais pessoais com os eleitores, procurando, como um benfeitor, atender às suas necessidades imediatas em troca de gratidão.

60. Já o chamado vereador ideológico busca manter uma relação mais política, de preferência com eleitores de movimentos organizados, como associações e sindicatos, em que possa ser um porta-voz das reivindicações.

61. Podemos dizer, portanto, que os vereadores e a classe política em geral (que, de certa forma, reproduz e amplia esse quadro), ocupam uma posição estratégica dentro da sociedade.

62. Em relação ao eleitor, o vereador é alguém que ao mesmo tempo participa do seu mundo mas não é um igual.

63. SEU PAPEL É ESTRATÉGICO EXATAMENTE POR ISSO; É O PAPEL DE ALGUÉM QUE TEM ACESSO A MUNDOS E UNIVERSOS CULTURAIS DIFERENTES DAQUELES QUE REPRESENTA.

64. ALÉM DA EXPLÍCITA TAREFA DE EXERCER A MEDIAÇÃO POLÍTICA, O PARLAMENTAR ASSUME TAMBÉM A TAREFA COMPLEXA, E SIMBOLICAMENTE MUITO IMPORTANTE, DE SER UM MEDIADOR CULTURAL ENTRE MÚLTIPLOS NÍVEIS DE CULTURA DA SOCIEDADE.

65. O político ocupa um espaço de negociação entre grupos separados por fronteiras sociais, econômicas, políticas e culturais, muitas vezes atuando como um ator capaz de falar diversas línguas manipulando diferentes códigos e valores culturais presentes na mediação.

66. PELO FATO DE OCUPAR UMA POSIÇÃO ESTRATÉGICA PARA OS ENVOLVIDOS, O MEDIADOR (O POLÍTICO) PODE INFLUENCIAR DIRETAMENTE A QUALIDADE DA RELAÇÃO.

67. Assim, pode facilmente adequar a posição das partes à sua própria possibilidade de atendê-las e, com isso, beneficiar a si próprio, pois nem sempre há uma sintonia entre as vontades dos representantes e representados.

68. É CLARO QUE O MAU USO DESSA POSIÇÃO GERA DISTORÇÕES COMO AS QUE PROLIFERAM NO QUADRO CAÓTICO DA POLÍTICA BRASILEIRA.

69. A mediação voltada apenas para os interesses de quem medeia (ou de uma das partes) é por definição uma mediação distorcida.

70. Por outro lado, deve-se lembrar que a conquista do mandato requer que a sociedade se reconheça e apoie pelo voto, o discurso e o projeto do candidato a político.

71. Dessa relação têm resultado as consequências funestas cruamente expostas nos relatórios das CPIs que abundam nas Casas Legislativas municipais, estaduais e federais.

72. O QUE PROCURAMOS MOSTRAR É QUE O POLÍTICO NÃO APENAS NASCE DOS VOTOS DE UMA SOCIEDADE.

73. O MANDATO DEPENDE DE UM VÍNCULO PROFUNDO ENTRE AS CRENÇAS E VALORES DESSA SOCIEDADE E AS DO POLÍTICO.

74. AS ELEIÇÕES CARIOCAS SÃO UM BOM EXEMPLO PARA OBSERVARMOS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE VÍNCULO NA PRÁTICA.

75. VIMOS QUE, DE UM LADO, HÁ UM GRUPO DE POLÍTICOS MAIS PREOCUPADOS EM MANTER UM CONTATO DIRETO, PRÓXIMO DO ELEITOR E DAS SUAS NECESSIDADES IMEDIATAS DE ASSISTÊNCIA.

76. A SUA VOTAÇÃO TENDE, POR ISSO, A SE CONCENTRAR EM UM OU DOIS BAIRROS DA CIDADE.

77. DE OUTRO LADO, VIMOS OUTRO GRUPO DE PARLAMENTARES COM UMA VOTAÇÃO ABRANGENTE EM TODA A CIDADE, INTERESSADO EM ATINGIR O VOTO DOS CIDADÃOS QUE COMPARTILHEM DE SEUS IDEAIS DE MANDATO E SE IDENTIFIQUEM COM A SUA BANDEIRA DE LUTA POLÍTICA.

78. Essa descrição representa uma tendência e não uma classificação absoluta.

79. Existem, nos três grupos, políticos que não se encaixam nos padrões mais gerais.

80. ANTES DE CLASSIFICAR OS 'BANDIDOS' E OS 'MOCINHOS' DESSA HISTÓRIA, É BOM PARAR PARA PENSAR NO SIGNIFICADO DE CADA UMA DAS VOTAÇÕES.

81. NÃO HÁ QUALIDADE OU DEFEITO INTRÍNSECO A NENHUM DOS COMPORTAMENTOS ELEITORAIS DESCRITOS ACIMA.

82. Ao contrário, se a boa representação política pudesse ser garantida pelo padrão de votação dos parlamentares, bastaria criar uma nova e rígida lei que a regulasse.

83. No Brasil, é comum acreditar-se nos poderes mágicos das leis, como acreditam agora os defensores do voto distrital (que levaria todos os políticos a ter votações concentradas em pequenas regiões) e mesmo os defensores do chamado voto distrital-misto (que, no fundo, seria apenas a formalização do que acontece na prática, isto é, votação distribuída e concentrada juntas).

84. É claro também que o debate não se restringe a esses dois pontos.

85. NO ENTANTO, É PRECISO INSISTIR NO ÓBVIO: A BOA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA É AQUELA QUE MAIS APROXIMA AS VONTADES DE REPRESENTANTES E REPRESENTADOS; AQUELA EM QUE AMBAS AS PARTES TÊM CONSCIÊNCIA DE QUE A SUA RELAÇÃO É VOLTADA PARA O BEM COMUM.

8.5 Documento de transcrição dos resumos
feito pelas informantes

NOME:		No:	
TAREFA:	TEXTO:	TIPO:	Título do Documento de base:

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
[...]	
48	
49	
50	
51	
52	
53	
54	
55	
56	
57	
58	
59	
60	

8.6 Tipos de resumo

Segundo o documento ABNT/ P-NB-88 da Associação Brasileira de Normas Técnicas, há 4 espécies de resumo:

- 1) **RESUMO INDICATIVO**, que é um sumário narrativo, que exclui dados qualitativos e quantitativos e não dispensa a leitura do texto.
- 2) **RESUMO INFORMATIVO**, é uma condensação do conteúdo e dispensa a leitura do texto.
- 3) **RESUMO INDICATIVO/INFORMATIVO**, é a combinação dos dois tipos acima.
- 4) **RESUMO CRÍTICO** ou **RECENSÃO**, é uma análise interpretativa do documento.

O que nós estamos solicitando é um **RESUMO INFORMATIVO**

Para que o trabalho seja otimizado, faz-se mister cuidar para que:

- 1) Você transcreva apenas aquilo que é relevante para se ter uma idéia do todo. Observe que seu resumo busca dispensar a leitura do artigo. Ou, em outras palavras, ler seu resumo é ler o artigo com menos palavras;
- 2) Você deve evitar quaisquer juízos de valor, quer elogios, quer críticas. Se você fizer isso, nós teremos uma recensão crítica. Tente ser objetiva e impessoal;
- 3) Não use expressões como "o autor disse", "o trabalho fala", etc. Lembre-se de que o texto deve ser inteligível por si mesmo.

O trabalho tem por objetivo analisar quais as estratégias de resumo que um aluno de graduação se utiliza quando se depara com textos científicos que não são específicos da sua especialização. Dessa forma, todos os textos não pertencem diretamente ao campo da pedagogia.

Para que esse trabalho de resumo fosse o mais fiel a situações reais, não se fez qualquer limpeza nos originais. Dessa forma, vocês estão recebendo textos da mesma forma que alunos da graduação da UFSC receberam em cada um dos cursos em que coletamos material a partir da Revista Ciência Hoje.

Durante todo o trabalho, estaremos à disposição para auxiliá-las, porque as suas dúvidas fazem parte da nossa avaliação.

Não se preocupem com CERTOS ou ERRADOS, porque isso não é relevante.

O que pedimos é apenas que vocês dêem o melhor de si.

Nunca é demais repetir:

MUITO OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO!

8.7 Documento de avaliação do experimento

MAFRA, 15 DE DEZEMBRO DE 1994
INFORMANTE Nº 5

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA
TEXTOS	ESTRESSE	SOLO	AIDS	VOTO
DIFICULDADE				
TIPO				
TEMPO				

1. Você compreendeu o texto?
ESTRESSE
SOLO
AIDS
VOTO

2. Quais foram as suas estratégias de resumo? Elas variaram conforme o documento?
ESTRESSE
SOLO
AIDS
VOTO

3. Como você se sentiu com relação ao sublinhado?

ESTRESSE

SOLO

AIDS

VOTO

4. O experimento simulou situações que vocês já vivenciaram na escola?

OBSERVAÇÕES

8.8 Tabelas do experimento: sublinhado

Tabela 8.1: Distribuição das categorias de sentenças nos documentos de base:

Inf	Tar	Doc	Ver	CS	CN	I	PS	PN	C	I	P	S	N	T
1	1	1	C	8	16	32	16	8	24	32	24	24	56	80
1	2	4	D	0	27	31	27	0	27	31	27	27	58	85
1	3	3	B	20	10	32	10	20	30	32	30	30	62	92
1	4	2	A	18	0	30	0	18	18	30	18	18	48	66
2	1	2	D	0	18	30	18	0	18	30	18	18	48	66
2	2	1	A	24	0	32	0	24	24	32	24	24	56	80
2	3	4	C	9	18	31	18	9	27	31	27	27	58	85
2	4	3	B	20	10	32	10	20	30	32	30	30	62	92
3	1	3	A	30	0	32	0	30	30	32	30	30	62	92
3	2	2	B	12	6	30	6	12	18	30	18	18	48	66
3	3	1	D	0	24	32	24	0	24	32	24	24	56	80
3	4	4	C	9	18	31	18	9	27	31	27	27	58	85
4	1	4	B	18	9	31	9	18	27	31	27	27	58	85
4	2	3	C	10	20	32	20	10	30	32	30	30	62	92
4	3	2	A	18	0	30	0	18	18	30	18	18	48	66
4	4	1	D	0	24	32	24	0	24	32	24	24	56	80
5	1	1	B	16	8	32	8	16	24	32	24	24	56	80
5	2	2	C	6	12	30	12	6	18	30	18	18	48	66
5	3	3	D	0	30	32	30	0	30	32	30	30	62	92
5	4	4	A	27	0	31	0	27	27	31	27	27	58	85
-	-	-	-	245	250	625	250	245	495	625	495	495	1120	1615

LEGENDA

Inf	Informante	CS	Central Sublinhada	C	Central (CS+CN)	S	Sublinhadas (CS+PS)
Tar	Tarefa	CN	Central não-sublinhada	I	Intermediária	N	Não-sublinhadas (I+CN+PN)
Doc	Documento de base	I	Intermediária	P	Periférica (PS + PN)	T	Total de Sentenças
Ver	Versão	PS	Periférica Sublinhada				
		PN	Periférica não-sublinhada				

Tabela 8.2: Distribuição das categorias de sentenças nos documentos de resumo:

Inf	Tar	Doc	Ver	CS	CN	I	PS	PN	C	I	P	S	N	T
1	1	1	C	5	1	6	7	1	6	6	8	12	8	20
1	2	4	D	0	8	6	6	0	8	6	6	6	14	20
1	3	3	B	10	2	5	2	4	12	5	6	12	11	23
1	4	2	A	11	0	11	0	5	11	11	5	11	16	27
2	1	2	D	0	10	18	2	0	10	18	2	2	28	30
2	2	1	A	16	0	8	0	5	16	8	5	16	13	29
2	3	4	C	3	8	10	5	0	11	10	5	8	18	26
2	4	3	B	13	3	2	3	8	16	2	11	16	13	29
3	1	3	A	17	0	7	0	0	17	7	0	17	7	24
3	2	2	B	5	0	9	0	1	5	9	1	5	10	15
3	3	1	D	0	1	10	8	0	1	10	8	8	11	19
3	4	4	C	7	4	4	2	2	11	4	4	9	10	19
4	1	4	B	10	7	10	4	3	17	10	7	14	20	34
4	2	3	C	4	6	6	10	2	10	6	12	14	14	28
4	3	2	A	10	0	9	0	5	10	9	5	10	14	24
4	4	1	D	0	7	7	17	0	7	7	17	17	14	31
5	1	1	B	13	9	11	2	1	22	11	3	15	21	36
5	2	2	C	1	5	9	4	2	6	9	6	5	16	21
5	3	3	D	0	14	4	10	0	14	4	10	10	18	28
5	4	4	A	15	0	9	0	2	15	9	12	15	11	26
-	-	-	-	140	85	161	82	41	225	161	123	222	287	509

LEGENDA

Inf	Informante	CS	Central Sublinhada	C	Central (CS+CN)	S	Sublinhadas (CS+PS)
Tar	Tarefa	CN	Central não-sublinhada	I	Intermediária	N	Não-sublinhadas (I+CN+PN)
Doc	Documento de base	I	Intermediária	P	Periférica (PS + PN)	T	Total de Sentenças
Ver	Versão	PS	Periférica Sublinhada				
		PN	Periférica não-sublinhada				

Tabela 8.3: Percentual de utilização das categorias de sentenças dos documentos de base na elaboração dos documentos de resumo*:

Inf	Tar	Doc	Ver	CS	CN	I	PS	PN	C	I	P	S	N	T
1	1	1	C	62,50	6,25	18,75	43,75	12,50	25,00	18,75	33,33	50,00	14,28	25,00
1	2	4	D	0,00	29,62	19,35	22,22	0,00	29,62	19,35	22,22	22,22	24,13	23,52
1	3	3	B	50,00	20,00	15,62	20,00	20,00	40,00	15,62	20,00	40,00	17,74	25,00
1	4	2	A	61,11	0,00	36,66	0,00	27,77	61,11	36,66	27,77	61,11	33,33	40,90
2	1	2	D	0,00	55,55	60,00	11,11	0,00	55,55	60,00	11,11	11,11	58,33	45,45
2	2	1	A	66,66	0,00	25,00	0,00	20,83	66,66	25,00	20,83	66,66	23,21	36,25
2	3	4	C	33,33	44,44	32,25	27,77	0,00	40,74	32,25	18,51	29,62	31,03	30,58
2	4	3	B	65,00	30,00	6,25	30,00	40,00	53,33	6,25	36,66	53,33	20,96	31,52
3	1	3	A	56,66	0,00	21,87	0,00	0,00	56,66	21,87	0,00	56,66	11,29	26,08
3	2	2	B	41,66	0,00	30,00	0,00	8,33	27,77	30,00	5,55	27,77	20,83	22,72
3	3	1	D	0,00	4,16	31,25	33,33	0,00	4,16	31,25	33,33	33,33	19,64	23,75
3	4	4	C	77,77	22,22	12,90	11,11	22,22	40,74	12,90	14,81	33,33	17,24	22,35
4	1	4	B	55,55	77,77	32,25	44,44	16,66	62,96	32,25	25,92	52,81	34,48	40,00
4	2	3	C	40,00	30,00	18,75	50,00	20,00	33,33	18,75	40,00	46,66	22,58	30,43
4	3	2	A	55,55	0,00	30,00	0,00	27,77	55,55	30,00	27,77	55,55	29,16	36,36
4	4	1	D	0,00	29,16	21,87	70,83	0,00	29,16	21,87	70,83	70,83	25,00	38,75
5	1	1	B	81,25	112,5	34,37	25,00	6,25	91,66	34,37	12,50	62,50	37,50	45,00
5	2	2	C	16,66	41,66	30,00	33,33	33,33	33,33	30,00	33,33	27,77	33,33	31,81
5	3	3	D	0,00	46,66	12,50	33,33	0,00	46,66	12,50	33,33	33,33	29,03	30,43
5	4	4	A	55,55	0,00	29,03	0,00	7,40	55,55	29,03	7,40	55,55	18,96	30,58
-	-	-	-	57,14	34,00	25,76	32,80	16,73	45,45	25,76	24,84	44,84	25,62	31,51

LEGENDA

Inf	Informante	CS	Central Sublinhada	C	Central (CS+CN)	S	Sublinhadas (CS+PS)
Tar	Tarefa	CN	Central não-sublinhada	I	Intermediária	N	Não-sublinhadas (I+CN+PN)
Doc	Documento de base	I	Intermediária	P	Periférica (PS + PN)	T	Total de Sentenças
Ver	Versão	PS	Periférica Sublinhada				
		PN	Periférica não-sublinhada				

* Fórmula: (Frequência da categoria no documento de resumo). (100)/(Frequência da categoria no documento de base)

8.9 Tabelas do experimento: estratégias

Tabela 8.4: Frequência das estratégias de paraconstrução nos documentos de resumo:

Inf	Tar	Doc	Ver	Citação	Cópia- Apagamento	Cópia- Apagamento- Paráfrase Simples	Paráfrase Complexa	Construção	Desvio
1	1	1	C	1	5	1	13	-	-
1	2	4	D	-	6	1	8	4	-
1	3	3	B	1	10	-	12	-	-
1	4	2	A	-	15	1	11	-	-
2	1	2	D	-	3	4	23	-	-
2	2	1	A	1	9	1	18	-	-
2	3	4	C	-	4	4	16	-	-
2	4	3	B	-	6	2	21	-	-
3	1	3	A	2	3	4	15	-	-
3	2	2	B	-	5	2	8	-	-
3	3	1	D	3	6	5	5	-	-
3	4	4	C	1	4	2	12	-	-
4	1	4	B	-	1	-	20	13	-
4	2	3	C	-	4	2	11	11	-
4	3	2	A	2	3	1	18	-	-
4	4	1	D	6	9	2	14	-	-
5	1	1	B	-	1	-	-	33	-
5	2	2	C	-	1	-	-	33	-
5	3	3	D	-	-	1	7	17	1
5	4	4	A	-	1	2	5	18	1
-	-	-	-	17	96	35	248	104	2

LEGENDA

- Inf Informante
- Tar Tarefa
- Doc Documento de base
- Ver Versão

Tabela 8.5: Percentuais das estratégias de paraconstrução nos documentos de resumo:

Inf	T	Doc	Ver	Citação	Cópia- Apagamento	Cópia- Apagamento- Paráfrase Simples	Paráfrase Complexa	Construção	Desvio
1	1	1	C	5,00	25,00	65,00	-	-	-
1	2	4	D	-	30,00	40,00	5,00	20,00	-
1	3	3	B	4,34	43,48	52,17	-	-	-
1	4	2	A	-	55,55	40,74	-	-	-
2	1	2	D	-	10,00	76,67	-	-	-
2	2	1	A	3,45	31,03	62,06	-	-	-
2	3	4	C	-	15,38	61,54	7,68	-	-
2	4	3	B	-	20,69	72,41	-	-	-
3	1	3	A	8,33	12,50	62,50	-	-	-
3	2	2	B	-	33,33	53,34	-	-	-
3	3	1	D	15,79	31,58	26,31	-	-	-
3	4	4	C	5,26	21,05	63,15	-	-	-
4	1	4	B	-	2,94	58,82	-	38,23	-
4	2	3	C	-	14,28	39,28	-	39,28	-
4	3	2	A	8,33	12,50	75,00	-	-	-
4	4	1	D	19,35	29,03	45,16	-	-	-
5	1	1	B	-	2,77	-	5,55	91,66	-
5	2	2	C	-	4,76	52,38	4,76	38,09	-
5	3	3	D	-	-	24,13	10,34	58,62	4,45
5	4	4	A	-	3,70	18,52	-	66,66	3,70
-	-	-	-	3,49	19,98	49,46	1,67	17,40	0,36

LEGENDA

Inf Informante
Tar Tarefa
Doc Documento de base
Ver Versão

9. Referências Bibliográficas

- ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. *ABNT/P-NB-87*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas/ Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, [1964].
- ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. *ABNT/P-NB-88*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas/ Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, [1975].
- AMARAL, Emília & ANTÔNIO, Severino. *Interpretação de texto*. Novíssimo curso vestibular. Nova Cultural. [São Paulo]: Nova Cultural, s. d..
- ANDERSON, R. C. & PEARSON, P. D.. A schema-theoretic view of basic processes in reading comprehension. *Handbook of reading research*. New York: Longman, s. d..
- BAKER, Linda & BROWN, Anne L.. Metacognitive skills and reading. referência não recuperada: 353-394.
- BAKER, Linda & BROWN, Anne L.. Cognitive monitoring in reading in: *Understanding reading comprehension*. Newark, Delaware: International Reading Association, 1984.
- BARBOSA, José J.. *Alfabetização e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1991. Coleção magistério: 2º grau. Série formação do professor: vol. 16.
- BARROS, A. R. M. P. & ROJO, R. H. R.. Convergência e divergência em leitura: reflexões sobre uma análise de resumos. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, 4, 1984.
- BARTH, Elaine L.. Abordagem textual como atividade instrucional em leitura: análise de caso. *Fragmentos*, 3(2), 84-97, Florianópolis, UFSC, s. d..
- BREMOND, C. A mensagem narrativa. in: BREMOND, C. et alii. *Literatura e Semiologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972 [1964].
- BROWN, A. L. & DAY, J. D.. *Macrorules for summarizing texts: the developement of expertise*. Technical Report 270, Urbana III, Center of Study of Reading, 1983.
- CARREL, P. & EISTERHOLD, J. C.. Schema theory and ESL reading pedagogy. *Tesol Quarterly*, 17, 553-73, 1983.

- CAVALCANTI, Marilda C. *Itens lexicais chaves como fios condutores senântico-pragmáticos na interação leitor-texto*. Trabalho apresentado no IX Encontro Nacional de Linguística, PUC-RJ em 1984.
- CERVO, Amado L. & BERVIAN, Pedro A.. *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. 2. ed.. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- CHAROLLES, M.. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes. *Langue Française* 38, Larousse, Paris, 1978.
- CICOUREL, A. *Cognitive sociology: language meaning in social interaction*. S. l. : Free Press, 1974.
- COLLERSON, J. W.. *Syntax and semantic project: approaches to the study of text*. S. l.: University of Lancaster, 1973-4. Fotocopiado.
- CORACINI, Maria J. R. F.. A organização macrodiscursiva no discurso científico primário: uma estratégia subjetiva. *XVII Anais de Seminários do GEL*. São Paulo: USP, 1989.
- CORACINI, Maria J. R. F.. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: EDUC/ Campinas-SP: Pontes, 1991.
- COSTA VAL, Maria da G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- DEYES, A. Discourse, science and scientific discourse. *Working Paper*, 6. São Paulo, Educ. 1(1/2): 79-94, 1982.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ECO, Umberto. *Conceito de texto*. São Paulo: T. A. Queirós/ EDUSP, 1984.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ELIAS, Margarethe S.. Considerações sobre a autorização de inferências na compreensão textual. Trabalho apresentado por ocasião do II Colóquio sobre Compreensão e Leitura, PUC-SP, jun. de 1984.
- ESTADO DE SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Ensino. *Proposta Curricular: uma contribuição para a escola pública do pré-escolar, 1º grau, 2º grau e educação de adultos*. Florianópolis, SC: IOESC, 1991.
- FÁVERO, Leonor L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
- FÁVERO, Leonor L. & KOCH, Ingedore G. V.. *Linguística textual: introdução*. 2. ed.. São Paulo: Cortez, 1988.
- FERREIRA, Aurélio B. de H.. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 10. Ed.. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- FLÔRES, Lúcia L.; OLÍMPIO, Lúcia M. N.; CANCELIER, Natália L.. *Redação: o texto técnico/científico e o texto literário, dissertação, descrição, narração, resumo, relatório*. 2. ed. revis.. Florianópolis: UFSC, 1994. Série Didática.
- GARCIA, Othon M.. *Comunicação em prosa moderna*. 11. ed.. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- GERALDI, João W.. *O texto na sala de aula*. Cascavel, PR: Assoeste, 1987.
- GRIMM-CABRAL, Loni. Por que um laboratório de leitura? *Ilha do Desterro*, 19: 78-87, UFSC, Florianópolis, 1988.
- GRIMM-CABRAL, Loni. *The role of metaphor in informative texts*. Florianópolis, SC: maio de 1994. Tese de doutoramento. Versão apresentada à banca. Inédito.
- GRIMM-CABRAL, Loni. Metacognição e Esquemas. *Fragmentos* 3(2), 67-83, Florianópolis, UFSC, s. d..

- GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- HARLOW, Eric & COMPTON, Henry. *Comunicação: processo, técnicas e práticas*. São Paulo: Atlas, 1980.
- HARRÉ, R. *An introduction to the logic of science*. 2. ed.. S. l. : Macmillan, 1983 [1960].
- HOEY, Michael. *On the surface of discourse*. London: George Allen & Unwin, 1983.
- HOEY, Michael. *Patterns of lexis in text*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- INDURSKY, Freda & ZINN, Maria A.. Leitura como suporte para a produção textual. *Trabalhos de lingüística Aplicada*, 5-6, 77-96, 1985.
- KINTSCH, Walter & van DIJK, Teun A.. Comment on se rapelle et on résume des histories. *Langage*, 40, 99-116, 1975.
- KLEIMAN, Ângela. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2. ed.. Campinas, SP: Pontes, 1989. Coleção linguagem e ensino.
- KOCH, Ingedore G. V. & FÁVERO, Leonor L.. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*, 3(1), 3-10, Uberlândia, jun. 1987.
- KOCH, Ingedore G. V. & TRAVAGLIA, Luís C.. *A coerência textual*. 2. ed.. São Paulo: Contexto, 1991.
- KOCH, Ingedore G. V. & TRAVAGLIA, Luís C.. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- KOCH, Ingedore G. V.. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1991.
- KOPFSTEIN, R. W.. Book review of Chall, J. S.. Stages of reading development. *Harvard Educational Review*, 54 (4), 468-72, nov.1984.
- La BERGE, David & SAMUELS, S. J.. Toward a theory of automatic information processing in reading. *Cognitive Psychology*, 6, 293-323, 1974.
- LAKATOS, Eva M. & MARCONI, Marina de A.. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1988b.
- LAKATOS, Eva M. & MARCONI, Marina de A.. *Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis*. São Paulo: Atlas, 1988a.
- LEVIN, Jack. *Estatística aplicada a ciências humanas*. 2. ed.. São Paulo: Harbra, 1987.
- LOBATO, Lúcia M. P.. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, s. d..
- LUZ, Araci A. F. da; LUZ, Gastão O. F. da; MELLO, José F. de.. *Manual de metodologia científica*. Curitiba, 1987. Apostila. Fotocopiado.
- MARQUETTI, Etajana et alii. Uso do texto-base na elaboração de resumos. *Iniciação*, 2 (2): 132-8, Mafra, jul./dez. 1991.
- MEURER, José L.. Efeitos dos organizadores antecipatórios na leitura em língua estrangeira e língua materna. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 10, 9-36, Campinas, 1987.
- MORAL, Ireneo G.. *Metodologia*. Santander: Sal Terrae, 1955.
- OLSON, David R.. From utterance to text: the bias of language in speech and writing. *Harvard Educational Review*, 47(3), 257-21, august 1977.

- PEITRUKA, Ângela M. et alii. O uso de regras de redução semântica. *Iniciação*, 2 (2): 139-46, Mafra, jul./dez. 1991.
- PORTINE, Henri. *L'argumentation écrite: expression et communication*. Paris: Hachette/Larousse, 1983. Collection: le français dans le monde.
- RAUEN, Fábio J. et alii. *Viesamento de sublinhas de um primeiro leitor em resumos de um texto por acadêmicos de letras: um experimento*. Mafra-SC: UnC, 1993. Trabalho de término de curso. Fotocopiado.
- RAUEN, Fábio J.. A fluidez significativa: estudo de um caso. *Iniciação*, Mafra, 3(2): 139-46, Mafra, jul./dez. 1991.
- RAUEN, Fábio J.. *Os componentes mínimos do texto científico: um experimento para a melhoria da produção de resumos em trabalhos de iniciação à pesquisa*. Florianópolis, SC: nov. 1990. Dissertação de mestrado. Inédito.
- RAUEN, Fábio J.. Perscrutando um texto de divulgação científica. *Ágora Universitária*: 1(2), 111-30, Caçador-SC, jul-dez de 1994.
- RIBAS, Luciane. Ausência do texto-base e elaboração de resumos: análise das proposições derivadas. *Iniciação*: 4(1): 4-22, Caçador/Canoinhas/Concórdia/Curitibanos/Mafra, jan./jun. 1995.
- RUIZ, João A.. *Metodologia científica: guia para a eficiência nos estudos*. 2. ed.. São Paulo: Atlas, 1991.
- SALOMON, Dêlcio V. *Como fazer uma monografia*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. 2. ed.. Porto Alegre: Sulina, 1970.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. Automatic and creative skills in reading. referência não recuperada.
- SERAFINI, Maria T.. *Como se faz um trabalho escolar: da escolha de um tema à composição do texto*. Lisboa: Presença, 1986.
- SILVEIRA, Regina C. P. da. *A organização textual de artigos de divulgação científica*. São Paulo, 1990a. Apostila. Fotocopiado.
- SILVEIRA, Regina C. P. da. *Esquemas do texto científico: artigos científicos e de divulgação científica*. Campinas: ALFAL, 1990b. Apostila. Fotocopiado.
- SOARES, Magda B. & CAMPOS, Edson N.. *Técnica de redação: as articulações lingüísticas como técnicas do pensamento*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- SOUZA e SILVA, Marília C. P. de. *Estratégias de leitura de texto em língua materna: uma investigação preliminar*. Trabalho apresentado no V Congresso de Leitura (COLE), em setembro de 1985.
- SPRENGER-CHAROLLES, L. *Le résumé de texte*. Paris: Pratiques (13), 1980.
- STANOVICH, K. E.. Toward an interactive-compensatory model of individual differences in the development of reading fluency. *Reading Research Quarterly*, 16, 32-71, 1980.
- TAVARES, Roseanne R.. The connection between reading and writing: theoretical foundations and some techniques. *Fragmentos*, 3(2), 57-66, Florianópolis, UFSC, s. d..
- TOMITCH, Leda B.. Schema activation and text comprehension. *Fragmentos*, 3(2), 29-43. Florianópolis, UFSC, s. d..
- TOULMIN, S. E.. *The uses of argument*. New York: Cambridge University Press, 1958.
- TRUJILLO FERRARI, Alfonso. *Metodologia da ciência*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.
- UFPR, Universidade Federal do Paraná. Comissão Central do Vestibular. *Como fica a prova de redação para o vestibular 96 da UFPR*. Curitiba: UFPR, 1995. Documento. Fotocopiado.

- van DIJK, Teun A. & KINTSCH, Walter. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.
- van DIJK, Teun A.. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992. Coleção Caminhos da Lingüística. Ingedore V. Koch (org. e apres.).
- van DIJK, Teun A.. *Estructuras y funciones del discurso*. 3. ed. em espanhol. México: Siglo XXI, 1986 [©1977].
- van DIJK, Teun A.. *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Barcelona: Paidós, [1979].
- van DIJK, Teun A.. *Texto y contexto: semántica y pragmática del discurso*. Madrid: Cátedra, 1980.